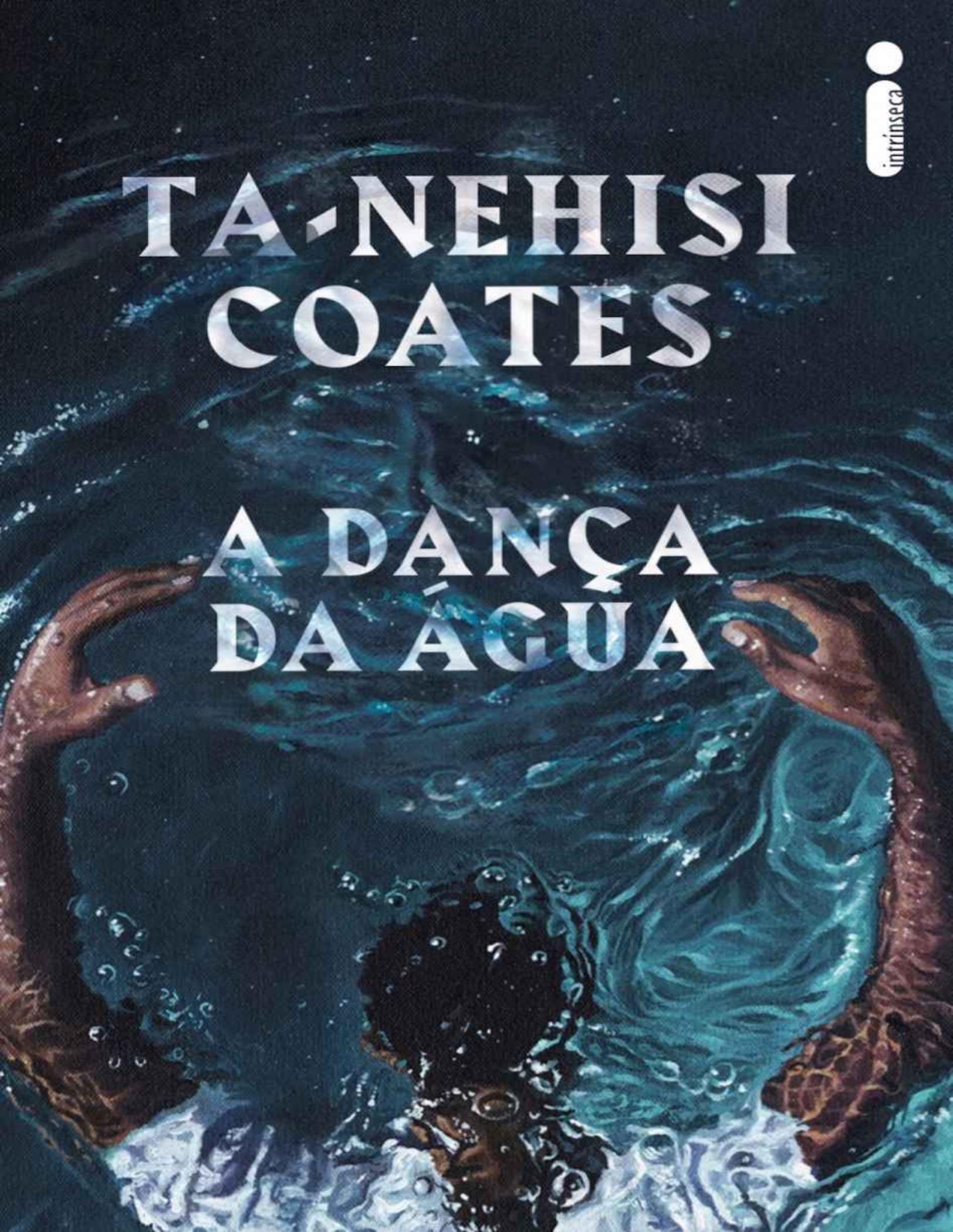


TA-NEHISI COATES

A DANÇA DA ÁGUA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A dança da água

Ta-Nehisi Coates

Tradução de José Rubens Siqueira



Copyright © 2019 by BCP Literary, Inc.

Tradução publicada mediante acordo com One World, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

T

The Water Dancer

R

Carolina Rodrigues

Ulisses Teixeira

D

Greg Mollica

I

© Calida Rawles 2019

A

Túlio Cerquize

R

Carolina Andrade

G

Joana De Conti

E-

978-85-510-0674-0

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

E I L .

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Sumário

Dedicatória

Epígrafe

Parte I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Parte II

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Parte III

Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Nota do autor

Sobre o autor

Leia também

Para Chana

Meu papel foi contar a história do escravo. Para a história do senhor não faltam narradores.

F D

I

Perdemos três esta manhã, saltaram gargalhando
para os tubarões à espera, cantavam ao afundar.

R H

♦ I ♦

EU SÓ PODIA tê-la visto ali na ponte de pedra, uma dançarina envolta em um azul fantasmagórico, porque foi assim que a levaram embora quando eu era menino, quando a terra da Virgínia ainda era vermelha que nem tijolo, vermelha de vida, e, embora houvesse outras pontes sobre o rio Goose, devem tê-lo cruzado por essa, com ela amarrada, porque era a ponte que levava à estrada que serpeava pelas colinas verdes e pelo vale antes da curva em uma direção, e essa direção era o sul.

Eu sempre evitava aquela ponte, manchada com a lembrança das mães, dos tios e dos primos que tinham ido para Natchez. Mas conhecendo agora o incrível poder da memória, capaz de abrir uma porta azul de um mundo para o outro, capaz de nos transportar de montanhas para vales, de florestas verdes para campos cobertos de neve, sabendo que a memória pode dobrar a terra como um pano, e também que eu tinha empurrado as minhas lembranças dela para o “lá no fundo” da mente, que eu esqueci, mas que não esqueço, agora sei que essa história, essa Condução, tinha que começar ali naquela ponte fantástica entre a terra dos vivos e a terra dos perdidos.

E ela dançava *juba* na ponte, com um jarro de barro na cabeça e uma grande névoa subindo do rio abaixo beliscando seus calcanhares nus, que martelavam os paralelepípedos, fazendo seu colar de conchas tremer. O jarro de barro não oscilava; parecia ser quase parte dela, de modo que, mesmo erguendo os joelhos bem alto, mesmo com os mergulhos e as viradas, os braços abertos, o jarro continuava fixo na sua cabeça, como uma coroa. E, vendo esse feito incrível, eu sabia que a mulher que dançava *juba*, envolta em um azul fantasmagórico, era a minha mãe.

Ninguém mais a viu, nem Maynard, que estava na parte de trás da nova carruagem Millenium, nem a garota extravagante que o mantinha extasiado com as suas artimanhas, e, mais estranho ainda, nem o cavalo, embora tivessem me dito que cavalos tinham faro para coisas que saem de outros mundos e caem

no nosso. Não, ali do banco de cocheiro da carruagem, só eu a vi, e ela estava exatamente como a descreveram, exatamente como disseram que fora nos velhos tempos, quando pulava para o meio da roda de toda a minha gente, a tia Emma, Young P, Honas e o tio John, e todo mundo batia palmas, batia no peito, batia nos joelhos, animando-a com o tempo dobrado, e ela pisava forte no chão de terra, como se esmagasse algo rastejante com o calcanhar, dobrava o corpo e se curvava, depois se torcia e rodava com as mãos unidas nos joelhos flexionados, com o pote de barro sempre na cabeça. Minha mãe era a melhor dançarina de Lockless, foi o que me disseram, e me lembrei disso porque não herdei esse dom dela, porém eu lembrava que tinha sido a dança que chamou a atenção do meu pai e, assim, me fez existir. E, mais do que isso, eu lembrava porque me lembrava de tudo, tudo, menos dela, ao que parecia.

Era outono, estação em que as corridas vinham para o sul. Naquela tarde, Maynard ganhara uma aposta arriscada em um puro-sangue e achou que isso, enfim, poderia fazer com que conquistasse a tão sonhada estima da gente da qualidade da Virgínia. Mas, quando fez o circuito ao redor da grande praça da cidade, quase deitado no banco e com um sorriso largo, os homens de sociedade viraram as costas para ele e fumaram os seus charutos. Não houve vivas. Ele era o que sempre seria: Maynard, o idiota; Maynard, o manco; Maynard, o bobo; a maçã podre que havia caído a muitos quilômetros da árvore. Ele se irritou e me fez dirigir até Starfall, a velha casa nos arredores da cidade, onde pagou por uma noite com uma extravagante e teve a brilhante ideia de levá-la para a casa grande em Lockless e, pior ainda, em um súbito ataque de vergonha, insistiu em sair da cidade pela estrada Dumb Silk, até dar naquela velha rotatória que nos levou de volta à margem do rio Goose.

Caía uma chuva fria e constante enquanto eu conduzia, a água pingava da borda do chapéu, encharcando a minha calça. Dava para ouvir Maynard atrás, com todos os seus joguinhos, se vangloriando dos seus feitos carnisais para a garota. Eu forçava o cavalo o máximo que podia, porque só queria chegar em casa e me livrar da voz de Maynard, embora nunca nesta vida eu poderia me livrar dele de verdade. Maynard, que me prendia por uma corrente. Maynard, meu irmão que se tornou o meu senhor. E eu fazia de tudo para não ouvir, procurando uma distração: recordações da festa da colheita do milho ou das velhas brincadeiras de cabra-cega. Lembro que essas distrações não vieram nunca, e, no lugar delas, fez-se um súbito silêncio, que apagou não apenas a voz de Maynard, mas todos os barulhinhos do mundo ao redor. E então, ao espiar

dentro da minha cabeça, o que encontrei foram as memórias dos perdidos, homens que aguentavam firme a noite de vigília, mulheres que percorriam uma última vez os pomares de maçã, solteironas que entregavam os próprios jardins para outras pessoas, velhos rabugentos que xingavam a casa grande de Lockless. Legiões de perdidos, levados por aquela ponte sinistra, legiões encarnadas na minha mãe dançando.

Puxei as rédeas, mas era tarde. Passamos direto e o que aconteceu em seguida abalou para sempre a minha noção de uma ordem cósmica. Mas eu estava lá, vi acontecer e, desde então, vi muitas coisas que expõem as fronteiras do nosso conhecimento e tudo o que está além dele.

A estrada sob as rodas desapareceu, a ponte inteira caiu e, por um momento, me senti flutuando sobre a luz azul ou talvez dentro dela. Era quente, me lembro daquele leve calor, porque, ao mesmo tempo que flutuava para fora, eu estava na água, submerso, e ao dizer isso, mesmo agora, sinto que estou de novo naquele lugar, sinto a mordida fria do rio Goose, a água correndo para dentro de mim e aquela agonia ardente que só vem com o afogamento.

Não há sensação que se compare, porque no afogamento não há só agonia, mas perplexidade diante de uma circunstância tão estranha. A mente acredita que deveria haver ar, já que sempre há ar para ser consumido, e a urgência de respirar é algo tão instintivo que exige uma espécie de foco para ser ignorada. Se tivesse pulado da ponte, eu conseguiria explicar a nova situação em que me encontrava. Se tivesse caído pela lateral, teria entendido, porque isso ao menos era imaginável. Mas foi como se eu tivesse sido empurrado de uma janela para as profundezas do rio sem aviso. Continuei tentando respirar. Eu me lembro de gritar por fôlego e me lembro ainda mais da agonia da resposta, da agonia da água entrando em mim e de como eu respondia a isso ofegando, o que só puxava mais água.

De alguma forma, acalmei meus pensamentos; de alguma forma, cheguei a entender que toda aquela agitação só apressaria a morte. E, uma vez entendido isso, notei que havia luz em uma direção e escuridão em outra e deduzi que a escuridão era as profundezas e a luz, seu oposto. Bati as pernas e estendi os braços na direção clara, empurrei a água até que, finalmente, tossindo e vomitando, emergi.

E, ao romper as águas escuras, subi para o diorama do mundo — nuvens de tempestade que pendiam de fios invisíveis, um sol vermelho e poente afixado

contra elas e, debaixo daquele sol, colinas salpicadas de grama — e vi a ponte de pedra, que devia estar, meu Deus, a oitocentos metros.

Como a correnteza me levava, a ponte parecia quase correr para longe de mim. Quando me inclinei para nadar em direção à margem, foi ainda essa corrente, ou talvez algum redemoinho submerso invisível, que me puxou para o fundo. Não havia sinal da moça cujo tempo Maynard comprara de forma tão impensada. Mas qualquer pensamento meu a respeito dela foi interrompido por Maynard querendo chamar a atenção, como tantas vezes, com gritos e protestos, decidido a deixar este mundo do mesmo jeito que passara por ele. Estava perto de mim, puxado pela mesma correnteza. Debateu-se nas ondas, gritou, nadou um pouco, então desapareceu, apenas para reaparecer segundos depois, gritando, meio que avançando, se debatendo.

— Socorro, Hi!

Lá estava eu, com a vida pendurada sobre o poço negro sendo chamado para salvar outra pessoa. Em muitas ocasiões, tentei ensinar Maynard a nadar, e ele acatava as instruções do mesmo jeito que acatava qualquer instrução: descuidado e negligente, depois magoado e intolerante quando a negligência não dava frutos. Agora posso dizer que a escravidão o matou, que a escravidão fez dele uma criança, e, agora, caído em um mundo que não mais se sujeitava à escravidão, Maynard morrera no minuto em que tocou a água. Eu sempre fui a proteção dele. Fui eu que, apenas sendo bem-humorado e me rebaixando, impedi que Charles Lee lhe desse um tiro; fui eu que, com pedidos especiais ao nosso pai, o salvei inúmeras vezes da sua ira; fui eu que o vesti todas as manhãs; fui eu que o pus na cama todas as noites; e era eu que estava cansado, tanto no corpo quanto na alma; e era eu, ali, que lutava contra a força da correnteza, contra os eventos fantásticos que me haviam lançado naquela situação, que lutava com a exigência de que eu, mais uma vez, salvasse outra pessoa, quando não conseguia reunir energia nem para salvar a mim mesmo.

— Socorro! — bradou ele novamente, e então gritou: — Por favor!

Disse aquelas palavras como a criança que sempre foi, em tom de súplica. E notei que, ainda que pouco generoso, que mesmo diante da minha própria morte ali no Goose, não me lembrava de já tê-lo ouvido falar de um jeito que refletisse a verdadeira natureza das nossas posições.

— Por favor!

— Não consigo — gritei por cima da água. — Estamos prestes a morrer!

Com essa admissão de morte iminente, vieram a mim as lembranças de uma vida, e a mesma luz azul que eu tinha visto na ponte estava de volta e me envolvia. Lembrei-me de Lockless e de todos os meus entes queridos e, bem no meio da névoa, vi Thena, no dia de lavar roupa, uma idosa que levantava grandes panelas de água fumegante e, com o restante das suas forças, torcia as roupas encharcadas até ficarem úmidas e suas mãos, em carne viva. E vi Sophia com suas luvas e touca, como uma senhora, porque era isso que a sua tarefa exigia, e observei, como tantas outras vezes, que ela subia a barra do vestido até os tornozelos e descia um caminho para encontrar o homem que a mantinha acorrentada. Senti os meus membros cederem, o mistério e a confusão dos acontecimentos que me haviam jogado nas profundezas não me incomodavam mais, e, desta vez, quando afundei, não havia queimação nem esforço para respirar. Eu me senti sem peso, de modo que, mesmo que afundasse, era como se eu subisse para alguma outra coisa. A água me deixou e eu estava sozinho em um cálido bolsão azul com ela do lado de fora e em torno de mim. E entendi então que enfim ia para a minha recompensa.

Minha mente retrocedeu ainda mais, até aqueles que tinham sido levados para além desta Virgínia, para além de Natchez, e me perguntei quantos poderiam ter ido mais longe, o suficiente para me receber naquele outro mundo do qual eu agora me aproximava. E vi a minha tia Emma, que trabalhara na cozinha todos aqueles anos, passando com uma bandeja de biscoitos de gengibre que servia para os Walker reunidos, mas nenhum para ela ou qualquer um dos seus parentes. Talvez a minha mãe estivesse lá, e, então, na velocidade do pensamento, eu a vi brilhando diante dos meus olhos, dançando na água. E pensando em tudo isso, em todas as histórias, eu estava tranquilo e até feliz por subir na escuridão para cair na luz. Havia paz naquele brilho azul, mais paz do que no sono, e, mais do que isso, havia liberdade, e eu sabia que os mais velhos não tinham mentido, que realmente havia um lar nosso, uma vida além da Tarefa, onde cada momento é como o amanhecer sobre as montanhas. E tão grande foi essa liberdade, que tomei consciência de um peso incômodo que sempre assumira como imutável, um peso que agora se propunha a me acompanhar para sempre. Quando me virei, vi esse peso no meu rastro, e esse peso era o meu irmão, que uivava, se debatia e gritava, implorando pela vida.

Sempre estive sujeito aos caprichos dele. Eu era o seu braço direito e, portanto, não tinha um braço meu. Mas agora estava tudo acabado. Porque eu subia, subia para além desse mundo de utilidade e Tarefeiro. Minha última

visão de Maynard foi ele se debatendo na água e lutando por aquilo que não podia mais segurar, até que a sua imagem começou a se turvar diante de mim, como a luz que tremula em uma onda, e os seus gritos diminuíram sob aquele nada sonoro ao redor. E então ele se foi. Gostaria de dizer que lamentei ou que fiz algum tipo de registro, mas não fiz. Eu estava indo para o meu final. Ele ia para o dele.

Então, as aparições se aquietaram diante de mim, e me concentrei na minha mãe, que não estava mais dançando, mas ajoelhada diante de um menino. Ela tocou o rosto dele, beijou sua cabeça, colocou o colar de conchas na sua mão e a fechou, então se levantou, com as mãos sobre a boca, virou-se, caminhou para longe, e o menino que observava chorou por ela e tentou segui-la, correu atrás dela, até que caiu e ali ficou, chorando sobre os braços, até que se levantou e virou-se dessa vez para mim, chegou perto, abriu a mão, me ofereceu o colar, e eu vi, enfim, a minha recompensa.

DURANTE A MINHA vida inteira, eu quis ir embora. Não era nada original nisso, todos os Tarefeiros sentiam o mesmo. Mas, diferente deles, diferente de toda Lockless, eu tinha os meios para fazer isso.

Fui uma criança estranha. Falei antes de andar, embora nunca tenha falado muito, porque, mais do que tudo, eu observava e guardava na memória. Ouvia os outros falarem, mas ouvia menos do que via, suas palavras tomavam forma como imagens, correntes de cores, linhas, texturas e formatos que eu podia guardar dentro de mim. E o meu dom era recuperar essas imagens a qualquer momento e traduzi-las de volta com as palavras exatas com que foram evocadas.

Quando eu tinha cinco anos, conseguia, tendo ouvido só uma vez, cantar uma música de trabalho, seus chamados e suas respostas, e a isso acrescentar as minhas próprias improvisações, para o deleite dos mais velhos com os olhos arregalados. Eu tinha nomes individuais para bichos específicos, determinados por lugar e hora do dia onde os tinha visto e o que o animal estava fazendo, de modo que um cervo era Grama na Primavera, outro era Ramo de Carvalho Partido, e assim também foi com a matilha de cães a respeito da qual os mais velhos me alertaram tantas vezes, mas que, para mim, não era uma matilha, e, sim, cada cão um cão único, mesmo que eu nunca mais os visse, único como qualquer dama ou cavalheiro que eu nunca mais encontrasse, pois também me lembrava deles.

Nunca tiveram que me contar uma história duas vezes, porque, se me diziam que Hank Powers chorou por três horas quando a sua filha nasceu, eu lembrava, e, se me diziam que Lucille Simms fez para o Natal um vestido novo com o uniforme de trabalho da mãe dela, eu lembrava, e, se me falavam daquela vez que Johnny Blackwell sacou uma faca para o seu irmão, eu lembrava, e, se me contavam todos os ancestrais de Horace Collins e onde eles haviam nascido no condado de Elm, eu lembrava, e, se Jane Jackson recitava todas as gerações dela, a mãe dela, a mãe da mãe dela e todas as mães que existiram até o limiar do

Atlântico, eu lembrava. Por isso, era natural que lembrasse, mesmo nas entranhas do rio Goose, mesmo depois que a ponte caiu e que vi o meu próprio desterro, que aquela não era a minha primeira peregrinação à porta azul.

Tinha acontecido antes. Quando eu tinha nove anos, um dia depois que a minha mãe foi levada e vendida. Acordei naquela manhã fria de inverno sabendo que ela de fato fora embora. Mas eu não tinha nenhuma foto, nem lembrança de nenhum adeus — na verdade, nenhuma imagem dela. Em vez disso, lembrava dela indiretamente: sabia que a minha mãe fora levada, assim como sabia que havia leões na África, embora nunca tivesse visto um. Quando procurei uma lembrança mais sólida, encontrei apenas retalhos. Gritos. Súplicas, alguém suplicando a mim. O cheiro forte de cavalos. E, em meio a toda essa névoa, uma imagem tremulava, entrava e saía de foco: uma longa calha de água. Eu estava apavorado, não só porque havia perdido a minha mãe, mas porque era um garoto que se lembrava de todos os objetos com as cores tão vivas e as texturas tão ricas que dava até para bebê-las. E lá estava eu, despertando em um sobressalto para nada além de coisas efêmeras, sombras e gritos.

Preciso ir embora. Isso também veio a mim mais como sentimento do que como pensamento. Havia uma dor, uma brecha, um despir-me de mim mesmo que eu sabia ser incapaz de evitar. Minha mãe se fora e eu devia segui-la. Naquela manhã de inverno, vesti camisa e calça de algodão, enfiei os braços no casaco preto e amarrei as botinas. Saí para a Rua, a área comum entre duas longas fileiras de cabanas de troncos de madeira, onde aqueles de nós que trabalhavam no campo de tabaco tínhamos morada. Um vento gelado raspou o chão empoeirado entre as habitações e cortou o meu rosto. Era domingo, duas semanas depois das Festas, de madrugada, pouco antes do nascer do sol. Ao luar, eu podia ver a fumaça subindo em baforadas escuras das chaminés das cabanas e, atrás delas, árvores negras e nuas, balançando bêbadas ao zunido do vento. Se fosse verão, a Rua, mesmo àquela hora, estaria viva com o comércio da terra: repolhos e cenouras recém-colhidos, ovos de galinha para serem trocados ou até mesmo levados para a casa grande e vendidos. Lem e os meninos mais velhos estariam ali fora com varas de pescar nos ombros, sorrindo, e acenariam para mim, gritando “Vamos lá, Hi!” a caminho do rio Goose. Eu veria Arabella e o seu irmão Jack com os olhos sonolentos, mas que logo estaria jogando bolas de gude em um círculo de terra desenhado entre duas cabanas. E Thena, a mulher mais malvada da Rua, talvez varresse o jardim, batesse um tapete velho ou revirasse os olhos e sugasse os dentes diante da tolice de alguém. Mas era inverno

na Virgínia, e toda pessoa com a cabeça no lugar estava encolhida dentro de casa junto ao fogo. Assim, quando eu saí, não havia ninguém na Rua, ninguém olhando pela porta da sua morada, ninguém para me pegar pelo braço, dar dois tapas na minha bunda e gritar: “Hi, esse frio vai acabar matando você! Cadê a sua mãe, menino?”

Subi o caminho sinuoso e entrei no bosque escuro. Parei pouco antes de avistar a cabana do chefe Harlan. Ele era parte daquilo? Ele era o capataz de Lockless, um branco de classe baixa que aplicava “corretivos” quando achava apropriado. O chefe Harlan era a mão física da escravidão, dominando os campos, enquanto a sua esposa, Desi, governava a casa. Mas, quando consegui organizar os fragmentos de memória, não encontrei o chefe Harlan. Vi a calha de água. Senti o cheiro dos cavalos. Tinha que ir aos estábulos. Com certeza algo cujo nome eu desconhecia estava à minha espera lá, algo crucial sobre a minha mãe, algum caminho secreto, talvez, que me levaria até ela. Ao entrar naquela floresta com o vento cortante do inverno, ouvi de novo as vozes aparentemente aleatórias que agora se multiplicavam e que, na minha cabeça, se transformaram outra vez em uma visão: a calha de água.

Quando dei por mim estava correndo, com a maior velocidade que minhas pernas curtas podiam me carregar. Precisava chegar ao estábulo. Meu mundo inteiro parecia depender disso. Cheguei às portas brancas de madeira e empurrei até que se abrissem, o que me fez cair no chão. Levantei depressa e corri para dentro, onde encontrei os elementos da minha visão matinal espalhados diante de mim: cavalos e a longa calha de água. Me aproximei de cada cavalo e olhei nos seus olhos. Os bichos só olhavam de volta, bobos. Fui até a calha de água e olhei para a escuridão negra. As vozes voltaram. Alguém implorando algo para mim. E então as visões tomaram forma na escuridão da água. Vi os Tarefairos que um dia moraram na Rua, agora perdidos. Uma névoa azul começou a emergir do negrume da água, iluminada por dentro. Senti a luz me puxando cada vez mais na direção da calha. Então olhei em volta e vi o estábulo desaparecer, igual à ponte tantos anos depois, e pensei que era esse o sentido do sonho: um caminho secreto que me libertaria de Lockless para que eu me juntasse à minha mãe. Quando a luz azul se dissipou, no entanto, não foi ela que vi, mas um teto triangular de madeira, que reconheci como sendo o da cabana da qual havia saído minutos antes.

Eu estava no chão, de costas. Tentei ficar em pé, mas os braços e as pernas pareciam pesados, acorrentados. Consegui me levantar e cambalear até a cama de

corda que dividia com a minha mãe. O cheiro forte dela ainda estava no nosso quarto, na nossa cama, então tentei segui-lo pelas velas da minha cabeça, mas, enquanto todas as voltas e reviravoltas que marcaram a minha curta vida estavam claras diante de mim, minha mãe era apenas neblina e fumaça. Tentei lembrar o rosto dela, mas, quando a lembrança não me veio, pensei em seus braços, suas mãos, mas só havia fumaça e, quando procurei me lembrar das suas correções, dos seus sentimentos, encontrei apenas fumaça. Ela havia passado da colcha quente da memória para a fria biblioteca dos fatos.

Adormeci. E quando acordei, no final da mesma tarde, foi com plena consciência de que estava sozinho. Já vi muitas crianças no mesmo lugar em que me encontrei naquele dia, órfãs, se sentindo abandonadas e expostas a todos os elementos do mundo, e sei que algumas explodem em acessos de birra, outras ficam andando em um quase estupor, outras choram durante dias e outras ainda se movem com um foco estranho, atentas apenas ao momento presente. Uma parte delas morreu e, como os cirurgiões, essas crianças sabem que a amputação deve ser imediata. Então aquele era eu, naquela tarde de domingo, quando me levantei ainda com as mesmas botinas e o mesmo casaco, e saí de novo, dessa vez a caminho do armazém onde pegaria a porção semanal de fubá e meio quilo de carne de porco dados à minha família. Levei tudo para casa, mas não fiquei lá. Peguei as minhas bolas de gude, única coisa que eu possuía além do saco de mantimentos e da roupa do corpo, e voltei até a última construção na Rua, uma cabana grande afastada das demais. A casa de Thena.

A Rua era um lugar coletivo, mas Thena se isolava, nunca se juntava às fofocas, à conversa fiada ou às cantorias. Trabalhava com o tabaco e voltava para casa. Costumava ralar conosco, as crianças, por causa das brincadeiras barulhentas ao alcance do seu ouvido ou, às vezes, saía quase perturbada da cabana, de olhos arregalados, e sacudia a vassoura para nós. Para qualquer outra pessoa isso teria causado algum tipo de conflito. Mas eu tinha ouvido dizer que Thena nem sempre fora assim, que, em outra vida, vivida ali mesmo na Rua, tinha sido mãe não só de cinco filhos, mas de todas as crianças que havia ali.

Havia sido em outra época, uma da qual eu não me lembrava. Mas sabia que os seus filhos tinham ido embora. No que eu estava pensando diante da porta dela, com o meu saco de carne de porco e fubá? Sem dúvida havia outras pessoas que me aceitariam, outras que realmente gostam da companhia de crianças. Mas eu sabia que só uma pessoa na Rua entenderia o sofrimento que tomava forma dentro de mim. Mesmo quando Thena sacudia a vassoura para nós, eu sentia a

profundidade da perda, a dor, a raiva que ela, ao contrário do restante de nós, se recusava a esconder, e achei essa raiva verdadeira, correta. Ela não era a mulher mais malvada de Lockless, era a mais sincera.

Bati na porta e ninguém atendeu. Como estava com frio, entrei. Deixei a ração do lado de dentro, subi a escada até o mezanino, deitei e fiquei olhando para baixo, esperando ela voltar. Ela entrou minutos depois, olhou para cima e fechou a cara, como sempre. Mas então foi até a lareira, acendeu o fogo, puxou uma panela da prateleira acima e, minutos depois, o cheiro familiar de carne de porco e pão de milho encheu a cabana. Ela olhou para mim de novo e disse:

— Se quiser comer, tem que descer.

★ ★ ★

Meu ano e meio até chegar à raiz exata da sua raiva. Em uma noite quente de verão, um gemido alto me acordou no estradinho em que eu dormia no mezanino da cabana. Era Thena falando enquanto dormia.

— Tudo bem, John. Tudo bem.

E aquilo foi dito com tanta clareza que, quando ouvi pela primeira vez, achei que ela se dirigia a alguém presente. Mas, quando olhei para baixo, vi que ela ainda estava dormindo. Eu já tinha me acostumado a deixar Thena com os seus fantasmas, mas, quanto mais ela falava, mais me parecia que, dessa vez, estava em perigo. Desci para despertá-la. Quando cheguei mais perto, em meio aos seus gemidos, ouvi:

— Tudo bem, tudo bem, eu falei. Tudo bem, John.

Estendi a mão, segurei o seu ombro e sacudi até ela acordar sobressaltada.

Ela olhou para mim, depois em torno da cabana escura, sem saber onde estava. Então semicerrou os olhos e se concentrou de novo em mim. Durante o ano e meio anterior eu havia ficado praticamente imune à fúria de Thena. De fato, para o alívio da Rua, os acessos dela tinham diminuído, como se talvez a minha presença tivesse começado a curar uma ferida antiga. Algo estava errado e eu soube disso assim que a vi focada em mim.

— Que diabo você tá fazendo aqui? — perguntou ela. — Seu ratinho, cai fora daqui! Cai fora!

Eu me arrastei para fora e vi que estava quase amanhecendo. O borrifar amarelo do sol logo estaria espiando de cima das árvores. Voltei para a velha

cabana que eu ocupava com a minha mãe e fiquei sentado nos degraus até a hora da Tarefa.

Eu tinha onze anos. Era um menino pequeno para a idade, mas não havia exceções, e me puseram para trabalhar como um homem. Eu fazia rebocos e consertava as cabanas. Carpia os campos no verão e varria folhas no outono como todo mundo. Armava armadilhas e pescava. Cuidava do jardim, mesmo depois de a minha mãe ter ido embora. Mas, em um dia quente como aquele que começava, eles mandavam todas as crianças, inclusive eu, levar água para os Tarefairos nos campos. Então, durante todo aquele dia ocupei meu lugar em um grupo de crianças que ia do poço perto da casa grande da propriedade até os campos de tabaco. Quando o sinal tocou e todos pararam para jantar, não voltei para Thena. Em vez disso, escolhi um ponto de observação seguro na floresta e fiquei olhando. A Rua estava animada, mas os meus olhos miravam a cabana de Thena. A cada vinte minutos, mais ou menos, ela saía e olhava para os dois lados como se esperasse um convidado, depois voltava para dentro. Quando enfim voltei para a cabana, já era tarde e ela estava sentada em uma cadeira ao lado da cama. Eu sabia, pelas duas tigelas vazias no aparador, que ainda não tinha comido.

Jantamos e, quando chegou a hora de me recolher, ela se virou para mim e disse em um sussurro entrecortado:

— O John, o Big John, era meu marido. Ele morreu. Febre. Acho que você precisa saber disso. Acho que você precisa saber umas coisas de mim, de você, deste lugar.

Ela parou e olhou para a lareira, onde as últimas brasas usadas para o preparo do jantar morriam.

— Tento não ficar muito aflita. A morte é natural, mais natural que este lugar. Mas a morte que veio *desta* morte, do meu Big John, não foi nada natural. Foi assassinato.

O ruído e a algazarra da Rua tinham diminuído e agora só havia o lamento baixo e ritmado dos insetos noturnos. Nossa porta estava aberta para deixar entrar a brisa calma de julho. Thena pegou o cachimbo em cima da lareira, acendeu e começou a baforar.

— Big John era o controle. Você sabe o que isso quer dizer, não sabe?

— Quer dizer que ele era chefe dos campos daqui.

— Isso — disse ela. — Escolheram ele pra supervisionar todas as turmas do tabaco. Mas Big John não era o controle por ser o mais malvado, que nem o

Harlan. Ele era o controle porque era o mais sábio, mais do que qualquer branco, e a vida de todo mundo dependia dele. Os campos não são só campos, sabe, Hi? São o coração da coisa. Você rodou por aí. Conhece este lugar e todos os negócios chiques, você sabe o que eles têm.

Eu sabia. Lockless era enorme, milhares de hectares arrancados das montanhas. Eu adorava passar o tempo nos campos, explorar esses hectares, seus pomares cheios de pêssegos dourados, os campos de trigo ondulando ao vento de verão, pés de milho coroados de uma esperança amarela como seda, uma granja de laticínios, uma fundição, uma carpintaria, uma casa de gelo, jardins cheios de lilases e lírios-do-vale, tudo projetado com geometria exata, em esplendorosa simetria, uma matemática que eu era jovem demais para compreender.

— Bacana, né? — continuou Thena. — Mas tudo começa com o que tem bem aqui nos campos e com o que tem aqui neste cachimbo. O chefe de tudo era o meu homem, Big John. Não tinha ninguém que soubesse mais dos jeitos e macetes da folha dourada do que o meu homem. Ele sabia a melhor maneira de desenterrar as lagartas, qual folha descartar e qual deixar. Então, com isso, ele ganhou uma vantagem com os brancos. Foi assim que eu consegui esta casa grande aqui. E a gente aproveitou bem. Dava a nossa dose extra de mantimento pra quem não tinha. Era John que insistia.

Ela parou para dar mais algumas baforadas no cachimbo. Fiquei olhando os vagalumes com o seu brilho amarelo contra as sombras.

— Eu amava aquele homem, mas ele morreu e, depois disso, tudo ficou ruim. A primeira colheita péssima que eu lembro veio depois que John se foi. Então teve outra. E mais outra. O pessoal pode falar pra você que nem John poderia ter salvado a gente. Era a terra amaldiçoando esses brancos pelo que eles fizeram, pelo quanto exploraram. Ainda assim sobrou alguma terra vermelha da Virgínia vermelha, mas logo vai ser tudo areia da Virgínia. E eles sabem disso. Então ficou um inferno desde que John se foi. Inferno pra mim. Inferno pra você.

“Penso na sua tia Emma. Penso na sua mãe. Eu me lembro das duas, Rose e Emma. Puxa, eram uma dupla e tanto. Elas se adoravam. Adoravam dançar. Eu me lembro delas, ah, se lembro. Mesmo doendo de vez em quando, não dá pra esquecer, Hi. Não dá pra esquecer.”

Fiquei calado observando ela falar enquanto todo o peso de já ter esquecido caía sobre mim.

— Eu sei que não vou esquecer os meus filhinhos — retomou Thena. — Eles levaram todos os cinco pra pista, botaram em um lote junto com os outros e venderam, igual como vendem essas barricas de tabaco.

Then a baixou a cabeça e levou as mãos à testa. Quando olhou de novo para mim, vi as lágrimas correndo pelo seu rosto.

— Quando aconteceu, o tempo todo eu amaldiçoava John, porque, na minha cabeça, se ele estivesse vivo, meus bebês ainda estariam aqui comigo. Não era apenas o conhecimento que só ele tinha, mas porque eu sentia que John ia fazer o que eu não tive coragem de fazer, John ia impedir eles.

“Você sabe como eu sou. Já ouviu o que falam de mim. Mas você também sabe que tem alguma coisa machucada na velha Thena, e, quando eu vi você ali em cima, senti que a mesma coisa estava machucada em você. E você me escolheu, seja lá porque razão de menino, você me escolheu.”

Ela se levantou e começou a sua rotina noturna de arrumar a casa. Eu subi para o mezanino.

— Hi — chamou ela.

Quando olhei para trás, ela estava me observando.

— Sim, senhora? — respondi.

— Eu não posso ser sua mãe. Eu não posso ser Rose. Ela era uma mulher linda, com o coração muito bom. Eu gostava dela e não gosto de muita gente. Ela não era de fazer fofoca, era reservada. Eu não posso ser o que ela era pra você. Mas você me escolheu e eu entendo isso. Quero que saiba que eu entendo.

Fiquei acordado até tarde naquela noite, olhando as vigas do teto, pensando nas palavras de Thena. *Uma mulher linda, coração muito bom, não era de fazer fofoca, era reservada.* Somei isso às lembranças dela que recolhi das pessoas na Rua. Thena não tinha como imaginar o quanto eu precisava dessas pecinhas do quebra-cabeças da minha mãe que, ao longo dos anos, juntei para forjar o retrato da mulher que vivia nos sonhos como Big John, mas apenas como fumaça.

★ ★ ★

E ? E o senhor de Lockless? Desde muito cedo eu sabia quem ele era, porque a minha mãe não fazia segredo do fato, nem ele. De vez em quando, eu o via a cavalo, fazendo seu giro pela propriedade, e quando os nossos olhares se encontravam, ele parava e tocava na aba do chapéu para mim. Eu sabia que ele

tinha vendido a minha mãe, porque Thena não parava de me lembrar disso. Mas eu era um menino que via nele o que meninos não podem deixar de ver nos pais, um modelo no qual podem formar a própria masculinidade. E mais: eu começava a entender o grande abismo que separava a qualidade e Tarefeiros — que o Tarefeiro, curvado nos campos, carregava o tabaco do morro para a barrica, levava uma vida sacrificada; diferente da que levavam os da qualidade, que viviam na casa lá em cima, na sede de Lockless. E, sabendo disso, era natural que eu admirasse o meu pai, porque eu via nele um emblema de outra vida, uma vida de esplendor e prazer. E sabia que tinha um irmão lá em cima, um menino que experimentava prazeres enquanto eu trabalhava, me perguntando que direito ele tinha a uma vida ociosa e que lei me atribuía à Tarefa. Eu precisava apenas de algum método para elevar minha posição, para me colocar em algum posto onde pudesse mostrar minha qualidade. Esse era o meu sentimento naquele domingo, quando o meu pai fez sua fatídica aparição na Rua.

Thena estava com um humor melhor do que o habitual, sentada na varanda, sem fazer cara feia nem espantar nenhuma criança mais nova quando passavam correndo. Eu estava na parte de trás da casa, entre os campos e a Rua, cantando uma música:

Oh, Senhor, tão duro sofrimento

Oh, Senhor, tão duro sofrimento

Ninguém sabe o quanto eu sofro, só o meu Deus

Ninguém sabe nada, só o meu Deus

Continuei verso após verso, levei a música do sofrimento para o trabalho, do sofrimento para a esperança, do sofrimento para a liberdade. Verso após verso continuava. Quando cantava o chamado, mudava a minha voz para o som do líder no campo, ousada, exagerada. Quando cantava a resposta, usava a voz das pessoas à minha volta, imitava uma a uma. Ficavam encantadas as pessoas mais velhas, e seu prazer crescia à medida que a música se estendia, verso após verso, até que tive a chance de imitar a todos. Mas nesse dia eu não estava observando os mais velhos. Observava o homem branco montado no marchador do Tennessee, com o chapéu enfiado na cabeça, que se aproximou, sorriu e aprovou a minha apresentação. Era o meu pai. Tirou o chapéu, pegou um lenço do bolso e enxugou a testa. Aí, colocou o chapéu de volta, enfiou a mão no bolso, tirou alguma coisa e jogou na minha direção, e eu, sem tirar os olhos dele, peguei o

objeto no ar. Ali fiquei um longo momento com o olhar travado com o dele. Dava para sentir a tensão atrás de mim: os mais velhos temiam que a minha imprudência pudesse despertar a ira de Harlan. Mas o meu pai continuou sorrindo, então acenou para mim e se afastou.

A tensão diminuiu e voltei para a cabana de Thena, subi para o meu espaço no mezanino. Puxei do bolso a moeda que ele jogou para mim pouco antes de se afastar e vi que era de cobre, com bordas irregulares e ásperas, a imagem de um homem branco na frente e um bode na parte de trás. Ali no meu canto, toquei suas bordas ásperas, senti que tinha encontrado o meu método, a minha marca, o meu passe para longe dos campos e para fora da Rua.

★ ★ ★

E seguinte, depois do nosso jantar. Olhei para baixo e vi que Desi e o chefe Harlan conversavam com Thena em voz baixa. Temi por ela. Eu nunca tinha visto a ira de Desi ou de Harlan, mas as histórias que ouvira já bastavam. Diziam que o chefe Harlan uma vez atirou em um homem porque ele tinha usado a enxada errada, e Desi uma vez açoitou uma garota no estábulo com um chicote de carruagem. Thena olhava para baixo, balançando a cabeça de vez em quando. Quando Desi e Harlan saíram, Thena me chamou.

Em silêncio, ela me levou para os campos, onde ninguém ia escutar. Já era tarde da noite. Senti o ar parado do verão se dissolvendo na noite. Eu estava muito nervoso, achava que sabia o que estava por vir, então, quando ouvi os sons noturnos da natureza ressoando em coro ao nosso redor, acreditei que cantavam para um futuro grandioso.

— Hiram, eu sei que você vê muito. E sei que, mesmo que todo mundo tenha que lidar com a brutalidade deste mundo, você se virou melhor do que muita gente mais velha. Mas agora vai ficar mais brutal — disse ela.

— Sim, senhora.

— Os brancos vieram dizer que seus dias no campo acabaram, que você vai subir lá pra cima. Mas eles não são a sua família, Hiram, quero que você veja bem isso. Você não pode relaxar lá em cima e a gente não pode esquecer um do outro. Estão chamando a gente agora, tá ouvindo? *Nós dois*. Esse seu truque, eu vi bem, todo mundo viu, me pegou também. Eu tenho que ir lá pra cima, cuidar

de você, e você pode achar que me salvou de alguma coisa, mas o que você fez mesmo foi me botar debaixo das vistas deles.

“A gente aqui tem um mundo nosso, um jeito nosso de ser, de conversar, de rir, mesmo que você não me veja fazendo nenhuma dessas coisas. Mas aqui eu tenho escolha. Não é uma maravilha, mas é nossa. Lá no alto, com eles em cima de você... bom, é diferente.

“Então você vai ter que tomar conta de você mesmo, filho. Tome cuidado. Lembre-se do que eu falei. Eles não são a sua família, filho. Eu sou mais sua mãe aqui na sua frente do que aquele homem branco naquele cavalo é seu pai.”

Ela tentava me dizer, tentava me avisar sobre o que estava por vir. Mas o meu dom era a memória, não a sabedoria. E no dia seguinte, quando Roscoe, o mordomo bochechudo e afável do meu pai, veio até nós, tive que me esforçar para esconder a empolgação. Subimos dos campos de tabaco, passamos pelos trabalhadores braçais com o ressoar de sua música:

*Quando chegar ao céu, diga que lembra de mim
Lembra de mim e da minha alma caída
Lembra da minha pobre alma caída*

E então passamos pelos campos de trigo, atravessamos o gramado verde, cruzamos o jardim de flores, até que eu vi, elevada sobre uma pequena colina, a grande casa de Lockless brilhando como o próprio sol. Quando chegamos mais perto, vi as colunas de pedra, o pórtico e a claraboia sobre a entrada. Tudo muito magnífico. Com um arrepio repentino, senti que aquela casa pertencia a mim. Por direito de sangue. Eu estava certo, mas não no sentido que pensava.

Roscoe olhou para mim e acho que fez uma careta ao ver aquele brilho nos meus olhos.

— Nós vamos por aqui — disse ele.

Então fomos andando para longe da porta, para a base da pequena colina em que ficava a casa, e ali eu vi a entrada de um túnel. Enquanto avançávamos, trabalhadores saíam de cômodos laterais para cumprimentar Thena e Roscoe no seu caminho para túneis adjacentes menores. Estávamos em um labirinto, um submundo debaixo da grande casa.

Paramos na frente de um dos quartos laterais e claro que ali era o meu lugar. Havia uma cama, uma mesa, um lavatório, um vaso e um pano. Não havia piso superior. Não havia espaço inferior. Não havia janela. Fiquei parado ao lado de

Roscoe junto à porta enquanto Thena largava a bolsa com suas coisas. Ela não tirava os olhos de mim e eu sentia suas palavras naquele olhar: *eles não são a sua família*. Mas, depois de um momento, ela desviou o olhar e tudo que disse foi:

— Pode levar ele pra cima agora.

Roscoe pôs a mão no meu ombro, me levou de volta para o Labirinto, então subimos uma escada e demos de cara com uma parede. Roscoe tocou algo que eu não vi e a parede deslizou. Saímos da escuridão para uma ampla sala inundada de luz e cheia de livros.

Fiquei parado na porta, desnortado: a luz que inundava a sala, o cheiro de terebintina, os tapetes persas dourados e azuis, o brilho do piso de madeira... mas eram os livros que atraíam o meu olhar. Eu já tinha visto livros antes, havia sempre um ou dois de nós na Rua que sabiam ler e que guardavam velhos diários ou livros de canções nas suas cabanas, mas nunca tantos como via ali, estantes que iam do chão ao teto em todas as paredes. Fiz o possível para não olhar. Sabia o que acontecia com gente de cor curiosa demais sobre o mundo além da Virgínia.

Desviei o olhar e vi o meu pai, de colete e de camisa, sentado em um canto da sala, observando a mim e a Roscoe. Virei a cabeça e vi no outro canto um menino mais velho do que eu, branco. Por algum truque do sangue, soube na hora que era o meu irmão. Meu pai acenou de leve, sem esforço, e vi que Roscoe reconheceu nesse movimento que devia sair. Roscoe então se virou como se executasse uma manobra militar e desapareceu atrás da parede corrediça. Ali estava eu, sozinho com o meu pai, Howell Walker, e com o meu irmão, os dois me encarando em curioso silêncio. Enfiei a mão no bolso, encontrei a moeda de cobre e toquei as suas bordas ásperas e irregulares.

MINHA ATRIBUIÇÃO PARTIU do meu pai para Desi, dele para Thena e dela para mim: fazer-me útil. Então, todos os dias eu levantava antes do sol, como todos os Tarefeiros, andava pela casa, me encaixava onde podia, atiçava o fogo da cozinha para Ella, a chefe das cozinheiras, buscava o leite no estábulo, recolhia as bandejas depois do café da manhã, ou então fazia o trabalho externo ao lado de Roscoe, lavava e escovava os cavalos, ou no pomar de maçãs com Pete, enxertando mudas. Havia sempre trabalho a ser feito, porque, embora as necessidades da casa não tivessem aumentado, o número de Tarefeiros tinha diminuído, e essa foi minha primeira suspeita de que, mesmo ali na casa, os Tarefeiros podiam ser mandados para Natchez. Eu trabalhava com vigor, principalmente quando, às vezes, pegava meu pai olhando para mim com um sorrisinho de canto. Ele tinha achado uma serventia para mim.

Era o outono dos meus doze anos, quatro meses depois de me instalar na casa grande. Meu pai tinha convocado um evento social para comemorar a estação. Durante todo o dia, uma espécie de fadiga individual envolvia os encarregados das tarefas da casa. Bem cedo naquela manhã levei os ovos para Ella, cujo sorriso grande e acolhedor eu passara a ver como uma parte da rotina matinal. Mas a natureza estava fora de si naquele dia, de modo que, quando encontrei Ella com minha cesta de ovos, ela apenas sacudiu a cabeça e fez sinal para que eu a colocasse na mesa onde Pete separava um alqueire de maçãs.

Ella então se colocou ao lado dele, quebrou e separou seis ovos e bateu as claras em neve. E aí, em um quase sussurro e sem expor totalmente seus sentimentos, soltou:

— Eles não pensam em nada nem em ninguém. Tá errado, Pete. E você sabe que tá.

— Tudo bem, Ella — disse ele. — Tem coisa pior pra gente se zangar.

— Não é zanga. Só queria um pouco de consideração. É pedir muito? Era pra ser um jantar pequeno hoje. Como é que espalhou para o condado inteiro?

— Você sabe como é — retrucou Pete. — Sabe o que tá acontecendo com eles.

— Não sei, não — disse Ella. — Hi, me passa esse rolo. E atíça o fogo, por favor?

— Você tem olhos, você sabe. Não é como era antes. A folha dourada não é mais o que era. Todas as famílias antigas foram para o oeste. Tennessee. Baton Rouge. Natchez. Esses lugares. Não sobrou muita gente. E os que ainda tão aqui ficaram nervosos uns com os outros. Mas tão se segurando. Jantar pequeno é maior pra eles agora. Ninguém sabe quem que é o próximo que vai embora. Essa despedida pode ser a última.

Então Ella riu baixinho para si mesma, mas parecia impetuosa e zombeteira, amistosa a ponto de eu querer me juntar a ela, embora não houvesse nada engraçado acontecendo.

— Hi, essa coisa aí, filho — pediu ela, apontando as prateleiras.

Senti um calor por dentro ao ser chamado de filho. Deixei o fogo, tirei o cortador de massa da prateleira e levei para ela. Ella ainda ria sozinha. Ergueu o olhar e deu aquele sorriso grande e acolhedor. Mas o sorriso logo encolheu, ela olhou direto para mim, um olhar que quase me atravessou, e virou-se para Pete, dizendo:

— Eu não ligo a mínima para o que eles sentem. Esse moleque aqui sabe mais de despedidas do que eles todos juntos. E não passa de um menino.

Durante esse dia inteiro, houve entre os Tarefairos a mesma tensão que eu vi em Ella. Mas nem meu pai nem Desi notavam ou se importavam, e naquela noite, quando as carruagens começaram a chegar, todos nós éramos sorrisos e cortesias. Fui designado ao posto de garçom. Eu tinha aprendido a me lavar e me arrumar até ficar brilhando, a segurar a bandeja de prata com a mão esquerda e servir com a direita, a desaparecer nos cantos, emergir para recolher as migalhas e voltar para a sombra. Quando o jantar terminou, retiramos os pratos e ficamos na sala de estar vermelho-cereja, à disposição, enquanto os convidados se acomodavam em poltronas e divãs confortáveis.

De lados opostos da sala, eu e outros três encarregados de atender qualquer necessidade dos nossos hóspedes nos entreolhávamos. Então observei os convidados, tentando me adiantar a qualquer necessidade que pudesse lhes ocorrer. Notei o professor de Maynard, o sr. Fields, um rapaz muito sério, com olhos fundos, recostado na poltrona. Foi difícil manter o foco. Admirei as roupas das mulheres, suas toucas brancas, os leques cor-de-rosa, os cachos caindo

pelas laterais do rosto, os arranjos de margaridas e mosquitinhos-brancos no cabelo. Havia menos para ver nos homens, que se vestiam todos de preto. Mas mesmo assim achei que eram bonitos, pois andavam com distinção, havia elegância mesmo nos seus menores gestos, como quando abriam as janelas e dirigiam-se para fora, quando se inclinavam para que um dos Tarefeiros acendesse seus charutos e falavam de coisas de cavalheiros. Eu me imaginei entre eles, acomodado em uma poltrona ou sussurrando no ouvido de uma senhora.

Os convidados jogaram dezessete partidas de baralho. Beberam oito garrafas de sidra. Comeram bolos brancos até mal conseguirem ficar de pé. Então, pouco depois da meia-noite, uma mulher com o chapéu colocado ao contrário começou a gargalhar histericamente. Um dos homens de preto repreendeu a esposa. Outro cochilou no canto. Os Tarefeiros que ali estavam de garçons ficaram tensos, uma tensão sutil que tenho certeza que os convidados não perceberam. Meu pai olhava para o fogo e o sr. Fields estava recostado na cadeira, com ar de tédio. A mulher parou de gargalhar, baixou o chapéu e seu rosto era uma máscara desfeita com a pintura facial escorrida.

Era uma Caulley, Alice Caulley, família que, muitos anos antes, se dividira em duas. Metade tinha ido para Kentucky e metade ficara. Eu me lembro dela porque os Caulley que tinham ido embora levaram aqueles que trabalhavam para eles e, no meio desse pessoal, estava a irmã de Pete, Maddie. Eu não a conheci, mas ele vivia falando dela, e sempre que notícias se infiltravam do Kentucky através da videira dos trabalhadores que se moviam entre os braços da família Caulley — notícias de que ela estava viva e inteira, ao lado dos remanescentes da família que viajaram com ela — o rosto de Pete se iluminava e ficava assim o resto da semana.

— Uma música pra gente! — exclamou Alice, e, como ninguém respondeu, ela chegou perto de Cassius, um dos garçons, e lhe deu uma bofetada. Então gritou de novo: — Cante, desgraçado!

Era sempre assim, pelo que me disseram. Brancos entediados são brancos bárbaros. Eles encenavam o papel de aristocratas, e nós, seus serviçais bem escolhidos e estoicos. Só que, quando se cansavam dessa dignidade, a máscara caía. Ungiam novos jogos e éramos apenas peças no tabuleiro. Dava muito medo porque não havia limite para o que podiam fazer nesse extremo, nem para o que meu pai permitia que fizessem.

O tapa o despertou. Meu pai se levantou e olhou em volta, nervoso.

— Por favor, Alice. Temos coisa melhor do que qualquer música de preto — disse ele, virando-se para mim e, embora não tenha dito mais nada, eu sabia o que ele queria.

Olhei a sala e vi um baralho de cartas enormes empilhadas em uma das mesinhas de café. Reconheci as cartas do mesmo tipo que Maynard usava nas suas aulas de leitura. De um lado eram todas iguais, um mapa do mundo conhecido. Do outro, cada carta trazia um acrobata contorcido no formato de uma letra, com uma rima curta embaixo. Eu tinha ouvido Maynard ler essas cartas com seu tutor. Olhando de esguelha e com alguns minutinhos de estudo aqui e ali, memorizei todas, sem nenhuma outra razão além do fato de gostar das rimas bobas. Então peguei as cartas da mesa e me virei para Alice Caulley.

— Sra. Caulley, a senhora embaralha?

Ela se inclinou, instável, pegou as cartas da minha mão e embaralhou. Então perguntei se ela faria a gentileza de me deixar inspecionar as cartas. Feito isso, devolvi o baralho a ela e pedi que colocasse as cartas na mesa, com a face para baixo em qualquer ordem. Observei suas mãos moverem-se até a mesinha de café estar coberta com mapas em miniatura.

— E agora, rapaz? — perguntou ela, cautelosa.

Pedi que pegasse uma carta e mostrasse a qualquer um, menos eu. Depois de fazer isso, virou-se para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Com o resto ele concordará e os ajudará com uma letra A — falei.

Então as sobrancelhas dela voltaram um pouco à posição natural, enquanto o ceticismo se transformava em ressentimento.

— De novo — ordenou ela, e pegou outra carta, que mostrou para mais pessoas.

— Aqui está ele, torcido e retorcido, para fazer um S conforme seu pedido — recitei.

Então o ressentimento se transformou em um leve sorriso. Senti a tensão na sala diminuir levemente. Ela pegou outra carta, mostrou aos outros e eu disse:

— A duro treino ele é obrigado, para o C não ser frustrado.

Então Alice Caulley riu, e, quando olhei, vi meu pai com um sorriso discreto, e, embora os outros que trabalhavam como eu naquela noite ainda estivessem de prontidão, senti o medo sumir de seus rostos estoicos. Alice Caulley continuou pegando cartas, que agora virava mais rápido. Eu, no entanto, acompanhei a velocidade.

— Aqui uma letra V se notar de fato. E pode-se encontrar novo formato. Com as mãos ao ar, a letra H quero declarar.

Quando o baralho terminou, estavam todos rindo e aplaudiram. O homem no canto não roncava mais e ergueu os olhos tentando entender a súbita comoção. Quando o aplauso cessou, Alice Caulley, o sorriso carregado com uma nota de ameaça, olhou para mim e perguntou:

— E o que mais, garoto?

Olhei para ela um momento, por mais tempo do que qualquer Tarefairo deveria, e assenti. Eu tinha apenas onze anos, mas estava totalmente confiante do que vinha a seguir, um truque que havia praticado por muito tempo na Rua. Contando com a confiança dos convidados, pedi que se enfileirassem junto à parede da sala de visitas. Fui primeiro até Edward Mackley, que prendia os cachos loiros em um penteado feminino, e pedi que me contasse o instante em que descobriu que amava sua esposa. Depois perguntei a Armatine Caulley, prima de Alice, qual era seu lugar favorito em todo o mundo, então fui até Morris Beacham e pedi que me contasse sobre a primeira vez que caçou um faisão. E assim fui seguindo pela fila até juntar um punhado de histórias na cabeça, tantas que ninguém mais conseguiria lembrar quem tinha dito o quê e quais os detalhes particulares. Apenas o sr. Fields, o áspero tutor de Maynard, se recusou a contar algo. E então, quando voltei para o começo da fila e repeti para cada participante sua própria história, com todos os detalhes, porém de modo mais dramático e embelezado, vi o tutor chegar mais para a beirada da poltrona. Seus olhos reluziam tal e qual os dos demais, brilhando como brilhavam os dos meus anciãos Tarefairos, lá na Rua distante.

Então até os garçons tiveram de abandonar a expressão solene e sorrir. De fato, em todo o grupo, só o sr. Fields foi capaz de manter o aspecto rude de sempre, a não ser pelo brilho nos olhos semicerrados. Já era tarde. Meu pai então convidou cada um deles a seus aposentos espalhados por toda a velha casa e nos despacharam para cuidar que estivessem todos confortáveis. Depois que os hóspedes se instalaram, voltamos exaustos para o Labirinto, sabendo que os nossos deveres recomeçariam dentro de poucas horas, já que os convidados esperariam o desjejum devidamente pronto e servido quando se levantassem.

Na manhã da segunda-feira depois dessa festa, eu estava ajudando Thena a preparar a roupa para lavar quando fui chamado por Roscoe, que me mandou ver meu pai na sala ao lado. Fui primeiro até meu quarto, me lavei, vesti uma roupa de ficar em casa, depois subi a escada dos fundos até o corredor central e,

seguindo por ele, encontrei meu pai de pé, como se estivesse à minha espera. Atrás dele, vi Maynard sentado a uma mesa, escrevendo, e um cavalheiro parado ao seu lado. O cavalheiro era o sr. Fields, que dava aulas a Maynard três vezes por semana. Seu rosto estava marcado, com uma expressão dolorida de frustração.

Meu pai sorriu para mim, mas isso não descreve o olhar que me lançou, porque meu pai tinha vários tipos de sorriso: de desagrado, desinteresse, choque e surpresa. De fato, ele sorria tanto que era difícil entender, mas eu sabia qual era o sorriso daquela manhã porque era o mesmo que tinha visto, poucos meses antes, perto da Rua, no campo onde ele me jogou a moeda de cobre.

— Bom dia, Hiram — disse ele. — Como vai?

— Tudo bem, sim, senhor — respondi.

— Bom. Hiram, quero que você passe um tempo com o sr. Fields. Faria isso por mim?

— Sim, senhor — respondi.

— Obrigado, Hiram — agradeceu e depois, ainda sorrindo, meu pai olhou para Maynard e disse: — Vamos, filho.

Vi um imediato ar de alívio se espalhar no rosto de Maynard ao deixar sua tarefa. Ele não olhou na minha direção quando saiu da sala com meu pai. Naquela época, Maynard e eu mantínhamos distância. Falávamos apenas banalidades, sem reconhecer o que éramos um para o outro.

O sr. Fields falava com um sotaque que eu nunca tinha ouvido e imediatamente imaginei que poderia ser daquela Natchez de que os anciãos falavam tanto.

— Aquele dia foi um truque e tanto — elogiou.

Afirmei com a cabeça calado, ainda sem saber muito bem quais eram as suas intenções. Havia castigos para os Tarefeiros que aprendiam a ler e me ocorreu que o meu “truque” poderia ter despertado algum tipo de ira. Mas meu truque não tinha nada a ver com leitura, porque eu não sabia ler. Eu tinha simplesmente memorizado o que ouvira nas tentativas de Maynard e combinei com as cartas que estavam espalhadas na mesa. Só que o sr. Fields não conhecia essa técnica, e eu não sabia bem como, ou se, deveria explicar.

Ele me olhou por um momento, depois pegou um baralho de cartas comuns e entregou para mim.

— Dê uma olhada.

Puxei carta por carta, analisando cada uma devagar, a testa franzida, mais para impressionar do que por esforço. Quando terminei, o sr. Fields disse:

— Agora coloque todas na mesa, viradas para baixo.

Fiz isso colocando as cartas em quatro fileiras regulares de treze cartas. Então o sr. Fields pegou uma de cada vez de modo que só ele pudesse ver qual era e pediu que eu confirmasse o naipe. Fiz isso com cada uma. O rosto do sr. Fields não se iluminou.

Ele então vasculhou na sua pasta e tirou dela uma caixa. Quando a abriu, vi que continha uma coleção de pequenos discos de marfim, com um rosto, animal ou símbolo esculpido em cada um. Ele colocou essas fichas na mesa com a face para cima, pediu que eu olhasse por um minuto e então virou as fichas de modo que a parte branca do outro lado ficasse visível. E quando me pediu que encontrasse a ficha com o retrato de um velho de nariz comprido, ou de uma garota bonita com longas madeixas, ou a ficha com um pássaro empoleirado no galho, era como se ele nunca as tivesse virado, e ali estavam elas, olhando para mim.

Por fim, o sr. Fields tirou da pasta uma folha de papel e pegou um livro cheio de desenhos. Abriu no desenho de uma ponte, mandou que eu observasse, que me concentrasse nela e, depois de um minuto, fechou o livro, me entregou uma caneta e me disse para desenhar a ponte. Eu nunca tinha feito nada parecido e, em dúvida sobre as intenções do sr. Fields, mas sabendo que a qualidade se ressentia do orgulho dos Tarefairos, a menos que esse orgulho pudesse ser a favor deles, lancei a ele um olhar intrigado e fingi que não tinha entendido muito bem. Ele repetiu a ordem e observou quando peguei a caneta, cauteloso a princípio, e comecei o meu esboço. Para impressionar, eu olhava para cima, como se me esforçasse para me lembrar da imagem. Só que na verdade eu não precisava porque parecia que a ponte estava ali mesmo, no papel em branco, e tudo que eu tinha que fazer era traçar as linhas para revelá-la. Então tracei o arco de pedra, a pequena abertura na extremidade direita, a parte superior do arco, o solo rochoso ao fundo e a ravina cheia de árvores sobre a qual a ponte se estendia. Ao ver isso, os olhos do sr. Fields se arregalaram. Ele se levantou e ajeitou o paletó. Aí pegou o papel, mandou que eu esperasse e saiu.

O sr. Fields voltou com meu pai, que puxou de sua coleção de sorrisos um que falava da própria satisfação.

— Hiram — disse o meu pai —, você gostaria de trabalhar com o sr. Fields com regularidade?

Olhei para o chão e fingi revirar a pergunta. Tinha que fazer isso, porque o que eu senti era que uma avenida se abria diante de mim, iluminada por uma luz. Eu não queria que me achassem ansioso demais. Lockless ainda era a Virgínia, até mesmo seu epítome. Eu ainda não conseguia compreender tudo o que aquele momento pressagiava.

— Acha que eu devo, senhor? — perguntei.

— Deve, sim, Hiram — respondeu meu pai. — Eu acho que deve.

— Então, sim, senhor. Aceito.

★ ★ ★

A — leitura, aritmética, um pouco de oratória — e logo o meu mundo floresceu. Minha memória voraz se enchia de imagens e palavras que eram muito mais do que eu um dia tinha acreditado, palavras com forma, ritmo e cor próprios, palavras que eram imagens em si. Nós nos encontrávamos três vezes por semana durante uma hora, minha aula sempre depois da de Maynard, e, embora eu soubesse que ele tentava ao máximo não demonstrar, sempre via o alívio nos olhos do sr. Fields quando Maynard saía e eu entrava. Esse momento passou a ser uma fonte não só de orgulho, mas de silencioso menosprezo: eu era melhor que Maynard, tendo recebido muito menos, porém aproveitado muito mais.

Maynard era desajeitado. Apertava os olhos constantemente, como se procurasse sempre o próximo ponto de apoio. Era negligente e rude. Meu pai recebia convidados para o chá e Maynard não hesitava em entrar e falar qualquer coisa que lhe ocorresse. Adorava uma gozação, e essa era a melhor parte dele, mas mesmo essa qualidade o traía quando contava piadas grosseiras às jovens damas da qualidade. No jantar, estendia a mão até o outro lado da mesa para pegar os pãezinhos e falava com a boca cheia.

Eu tinha certeza de que meu pai tinha a mesma opinião que eu e me perguntava o quanto devia ser errada a sensação de ver a sua melhor parte surgir assim, de um lugar que você não esperava, do único lugar que colocaria em xeque todo o seu mundo.

Tentei me lembrar do conselho dado pela Rua e por Thena: *eles não são a sua família*. Mas vendo a propriedade como eu via agora, colinas verdes ondulantes no verão, a floresta explodindo em vermelho e dourado no outono, no inverno

tudo manchado de neve, e embora vivesse sob ela, vendo a casa grande de Lockless, suas grandes colunas do pórtico, o sol poente entrando pela claraboia, seus corredores sinuosos, os retratos enormes de meu avô e minha avó, com meus olhos nos olhos deles, comecei, nos meus momentos de reflexão, a me imaginar nas suas fileiras. E lá estava meu pai, que me puxava de lado e contava sobre a linhagem que se estendia de seu pai, John Walker, até o progenitor Archibald Walker, que ali chegara com uma mula, dois cavalos, a esposa, Judith, dois rapazes e dez Tarefeiros. Ele me contava essas histórias como se nesses apartes me concedesse um gostinho do quinhão da minha herança. E eu nunca esqueci.

Havia noites em que, completada a Tarefa, eu vagava para o extremo leste da propriedade, passava pela vegetação de capim e trevo e parava, reverente, no monumento de pedra que marcava o local onde foram abertos os primeiros terrenos que vieram a ser Lockless. E quando meu pai me contava as histórias que remontavam ao seu avô, sobre como caçavam gatos-do-mato ou ursos usando apenas uma faca Bowie, a derrubada de grandes árvores, o transporte de pedras e desvio de riachos, e como desse modo, com as próprias mãos, deram origem à propriedade que eu via então, como eu poderia não querer reivindicar tudo aquilo como minha herança? A coragem, a inteligência e toda a glória construída com seus braços fortes?

Mas também, ao lado de todas essas imagens, os fatos de Lockless começaram a se manifestar. Havia, é claro, as histórias de Pete e Ella, suas evocações de Natchez e Baton Rouge. Havia a tragédia de Big John, da minha mãe. E a tudo isso comecei a acrescentar, sempre que ficava no escritório do meu pai, as minhas próprias leituras esparsas de *De Bow's Review*, que constantemente abordava a queda do preço do tabaco, e, por fim, o próprio dia a dia da qualidade. O tabaco tinha construído a grandeza de Lockless, na verdade, a grandeza do condado de Elm. E a cada ano a produção diminuía, encolhendo junto a fortuna daquelas altas famílias da Virgínia. O tempo das folhas de tabaco grandes como orelhas de elefante havia passado, pelo menos no condado de Elm, onde colheita após colheita havia exaurido a terra. Mas para o oeste, além do vale e das montanhas, nas margens do Mississippi, descendo para Natchez, havia terra que precisava de melhorias, de capatazes para a superintendência e de homens para colher e carpir, homens como os que estavam nos campos em declínio de Lockless.

— Antes, eles tinham vergonha de vender um homem — ouvi Pete dizer uma vez, enquanto eu trabalhava na cozinha.

— Fácil ter vergonha quando se tem a colheita — retrucou Ella. — Experimenta ter vergonha quando você trabalha na terra.

Foram as últimas palavras que ouvi de Ella. Uma semana depois, ela se foi.

No meu entendimento de jovem, tudo isso era singular, uma sensação de que aquilo que realmente condenara Lockless não era a terra, mas os homens que a administravam. Comecei a ver Maynard como um exemplo ultrajante de toda a sua classe. Eu tinha inveja deles. Tinha horror deles.

Ao entender a casa, começar a ler e começar a estar mais com o pessoal da ualidade, vi que, assim como os campos e seus trabalhadores eram o motor de tudo, a casa em si ficaria perdida sem seus trabalhadores. Meu pai, como todos os senhores, construiu todo um aparato para disfarçar essa fraqueza, para esconder o quão prostrados eles realmente eram, os da ualidade. O túnel por onde acessei pela primeira vez a casa era a única entrada que os Tarefeiros podiam usar, e isso não era apenas para a exaltação dos senhores, mas para nos esconder. O túnel era apenas uma das muitas maravilhas da engenharia construídas em Lockless para fazê-la parecer alimentada por alguma energia imperceptível. Havia elevadores de carga que faziam o suntuoso jantar aparecer do nada, alavancas que pareciam escolher magicamente a garrafa certa de vinho escondida nas profundezas da mansão, catres nos quartos de dormir enfiados por baixo das camas de dossel, já que os encarregados de esvaziar os urinóis deviam ficar ainda mais escondidos do que o próprio urinol. A parede mágica, a mesma que deslizou diante de mim naquele primeiro dia e que se abria para o reluzente mundo da casa, escondia uma escada que descia para os quartos do Labirinto, a casa de máquinas de Lockless, local que nenhum hóspede visitava. Quando aparecíamos nas áreas polidas da casa, como fazíamos nas *soirées*, éramos obrigados a trajar roupas e enfeites tão atraentes que levavam a imaginar que não éramos escravos, mas ornamentos místicos, parte do charme da mansão. Só que eu agora sabia a verdade, que a loucura de Maynard, embora mais profana, não era original. Os senhores não podiam pôr água para ferver, arrear um cavalo nem arrumar as próprias gavetas sem a gente. Nós éramos melhores que eles, tínhamos de ser. A preguiça era, literalmente, a morte para nós, enquanto para eles era toda a ambição de suas vidas.

Ocorreu-me então que até minha própria inteligência não era excepcional, pois não se podia olhar para nada em Lockless sem que se visse o gênio de seus criadores: genialidade nas mãos que esculpiram as colunas do pórtico; nas canções que evocavam, mesmo nos brancos, as mais profundas alegrias e

tristezas; nos homens que faziam gemer e vibrar as cordas do violino em seus bailes; no buquê de sabores servido da cozinha; em todas as nossas perdas; em Big John. Genialidade em minha mãe.

Eu imaginei que minha própria qualidade poderia um dia ser reconhecida e então talvez eu, que entendia o funcionamento da casa e do campo e o alcance do grande mundo, poderia ser considerado o verdadeiro herdeiro, *o legítimo herdeiro*, de Lockless. Com esse vasto conhecimento, eu faria os campos florescerem de novo e, assim, salvaria a todos nós dos leilões e da separação, da descida às trevas de Natchez, que era o caixão, que era tudo que nos aguardava, eu sabia, sob o domínio de Maynard.

U , escada dos fundos até o escritório para minha aula com o sr. Fields, empolgado porque tínhamos começado a estudar astronomia e mapas estelares, começando com a Ursa Menor e outras coisas, e mais coisas viriam em nossa próxima sessão. uando entrei no escritório, no entanto, encontrei não o sr. Fields, mas meu pai, sentado lá, sozinho.

— Hiram — disse ele. — Chegou a hora.

Um medo mortal tomou conta de mim com aquelas palavras. Eu vinha estudando com o sr. Fields havia um ano. De repente, me ocorreu que talvez aquilo fosse só o período de engorda, que talvez eu seguisse o rumo de Ella. Talvez tivessem ouvido meus pensamentos de alguma forma ou visto o nebuloso sonho de usurpação nos meus olhos. Talvez tivessem feito as contas e percebido que meu aprendizado só poderia terminar em um golpe.

— Sim, senhor.

Mas eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Cerrei os dentes na tentativa de esconder o medo que pulsava nas minhas entranhas.

— uando vi você naquele campo, vi seus truques de salão, entendi que havia alguma coisa em você, meu rapaz, uma coisa que os outros não conseguem ver. Você tem um talento especial, um que achei que pode ser útil, porque não estamos em um momento próspero e precisamos de todo o talento que pudermos arranjar aqui na casa.

Olhei para ele sem expressão, sem revelar que estava confuso. Simplesmente balancei a cabeça e esperei que a coisa se esclarecesse.

— É hora de você se encarregar de Maynard. Eu não vou durar para sempre e ele vai precisar de um bom criado, alguém como você, que conheça alguma coisa dos campos e alguma coisa da casa, até alguma coisa do mundo em geral. Observei você, meu rapaz, e o que eu sei é que nunca se esquece de nada. Diga uma coisa ao meu Hiram uma única vez e pronto. Não existem muitos como você, com essa qualidade.

Ele então olhou para mim e seus olhos brilhavam levemente.

— A maioria das pessoas aqui levaria um garoto como você e poria à venda. Ganharia uma fortuna, sabe. Nada mais valioso do que uma pessoa de cor com um pouco de cérebro. Mas eu não sou assim. Eu acredito em Lockless. Acredito no condado de Elm. Acredito na Virgínia. Temos o dever de salvar nosso país: o país que seu bisavô arrancou do deserto não vai voltar para a natureza. Você entende?

— Sim, senhor.

— É nosso dever. De todos nós, Hiram. E começa aqui e agora. Eu preciso de você, rapaz. Maynard precisa de você ao lado dele, e é uma grande honra para você estar lá.

— Obrigado, senhor.

— Muito bem — disse ele. — Começamos amanhã.

E desse jeito minhas lições chegaram ao fim, assim que foi revelado o propósito delas. Fiquei encarregado como criado pessoal de Maynard pelos sete anos seguintes da minha vida. Pode parecer estranho agora, mas o insulto disso tudo não me ocorreu de imediato, porém foi se acumulando lenta e inexoravelmente ao longo do tempo, enquanto eu observava Maynard em ação. Havia tanta coisa em jogo: as vidas de todos aqueles que eu tinha deixado na Rua e mesmo os que viviam agora naquele palácio reluzente e em decadência, tudo dependia que Maynard amadurecesse como um administrador competente de tudo aquilo, por mais injusta que fosse a coisa toda. Mas Maynard não era esse homem.

★ ★ ★

T sobre mim na noite anterior àquele fatídico dia da corrida. Eu tinha dezenove anos. Estava no escritório do meu pai no segundo andar, tinha arquivado sua correspondência nos escaninhos da escrivaninha de

mogno e, sob os braços de prata da lâmpada de Argand, me vi absorto no último volume de *De Bow's Review*. Fiquei maravilhado com a apresentação que o volume fazia do Oregon, uma região que eu conhecia dos mapas espalhados ao léu pela casa, mas que naquelas páginas ganhava vida como uma espécie de paraíso, uma terra tão rica que podia conter toda a Virgínia, uma terra de colinas, vales, florestas, repleta de caça e com um solo preto tão fértil, que quase explodia da terra.

Ainda me lembro das palavras que me despertaram: “Aqui, mais que em qualquer outro, deve ser o lugar da liberdade, da prosperidade e da riqueza.” Me pus de pé. Fechei o livro. Andei de um lado para o outro. Pela janela, vi o rio Goose e as Três Colinas ao sul, gigantes escuros ao longe. Eu me virei e passei alguns minutos olhando uma gravura na parede. Um Cupido acorrentado e uma Afrodite sorridente.

E então pensei em Maynard, meu irmão. Seu cabelo loiro tinha crescido, rebelde. A barba era uma série de manchas como musgo. O instinto social e a elegância não tinham ido ao encontro dele em sua juventude. Ele jogava e bebia em excesso, porque podia. Arrumava briga na rua, porque, por mais abalado que estivesse, não podia ser abalado do seu trono. Perdeu fortunas nos braços das fantasias, porque o trabalho dos Tarefeiros, e, às vezes, a venda deles, cobria todos os seus prejuízos. Familiares que ainda estavam em Elm muitas vezes abordavam o destino de Lockless ao visitar a casa e, quando Maynard não estava perto, eu os ouvia amaldiçoarem seu nome e discutirem todo tipo de esquema para encontrar outro herdeiro que administrasse a propriedade da família. Na verdade, não havia nenhum herdeiro presente porque, quando esses primos repassavam a linhagem Walker, o que descobriam era que todos da geração de Maynard tinham ido para onde a terra era rica e florida. A Virgínia era velha. A Virgínia era o passado. A Virgínia era onde a terra morria e o tabaco diminuía. Assim, sem um herdeiro adequado, os Walker olhavam para Lockless com preocupação.

Meu pai tinha os próprios planos: encontrar para Maynard uma parceira talentosa e adequada e assim envolver outra família na luta para salvar Lockless. E incrivelmente encontrou essa pessoa em Corrine Quinn, talvez a mulher mais rica do condado de Elm, herdeira da fortuna dos seus finados pais. Entre os Tarefeiros, havia rumores quanto à natureza dessa herança, rumores sobre o modo como os pais de Corrine tinham encontrado seu fim. Entre os da qualidade, no entanto, ela era considerada superior a Maynard em todos os

sentidos. Só que precisava de um marido porque na Virgínia ainda imperava o código de cavalheiros e isso significava que havia coisas fora do alcance dela, lugares aonde não podia ir, negócios dos quais não podia participar. E, assim, um precisava do outro, Maynard, de uma parceira inteligente para salvar sua terra e seus bens, Corrine, de um cavalheiro para representar seus interesses.

Naquela noite, saí do escritório perturbado, abalado, e vaguei pela casa até parar na porta da sala de visitas, de onde via o brilho da lareira e ouvia Maynard e meu pai conversando. Falavam de Edwin Cox, patriarca de uma das famílias mais antigas e célebres da região. No inverno anterior, Edwin havia saído de casa e fora surpreendido por uma grande nevasca que tinha se formado sobre as montanhas durante a manhã e coberto o condado. De alguma forma, havia se perdido e, no dia seguinte, fora encontrado congelado, a poucos metros da mansão de seus antepassados. Permaneci à sombra do lado de fora da sala, escutando.

— Dizem que ele saiu para conferir o cavalo — disse meu pai. — Ele adorava o maldito bicho, mas, quando saiu, não conseguiu distinguir o estábulo do fumeiro. Nesse mesmo dia, eu saí na varanda e aquele vento, nossa! Não dava para ver nem a minha mão estendida.

— Por que ele não mandou o filho? — perguntou Maynard.

— Ele deixou quase todos à própria sorte no verão anterior. Levou os filhos para Baltimore, porque tem parentes lá, e deixou todos soltos. Pobres idiotas. Duvido que tenham durado uma semana.

Nesse momento, Maynard me viu do lado de fora da porta.

— O que está fazendo aí fora, Hi? — questionou. — Venha aqui regular o fogo.

Entrei e me volvei para o meu pai, que me olhou como sempre me olhava nessa época, como se estivesse entre dois conceitos e não conseguisse resolver a qual dar voz. Ele havia escolhido um sorriso especial para mim, um meio sorriso congelado em um ricto macabro. Duvido que quisesse parecer tão sinistro. Não acho que ele tenha pensado muito a respeito. Howell Walker não era um homem tão reflexivo quanto pensava que devia ser, nascido em uma geração que tinha por modelo os pensadores revolucionários da era dos seus avós: Franklin, Adams, Jefferson e Madison. Por toda a casa de Lockless havia instrumentos de ciência e descobertas, grandes mapas do mundo, geradores eletrostáticos e a biblioteca, que tantas vezes fora meu refúgio. Mas os mapas quase nunca eram consultados, os dispositivos usados principalmente para truques de salão e, se os

livros eram usados de alguma forma, isso se devia à minha mão. A leitura de meu pai restringia-se a coisas úteis: *De Bow's Review*, *The Christian Intelligence*, *The Register*. Para ele, os livros eram moda, sinais de pedigree e status que o distinguiam dos brancos inferiores do condado, em suas miseráveis fazendas de milho e trigo com suas choupanas de chão de terra batida. Mas o que significava eu, um escravo, me encontrar em meio àqueles livros?

Meu pai havia formado família mais tarde do que a maioria. Estava agora com setenta anos e perdendo o vigor. Os olhos azuis, sempre intensos e observadores, eram dominados por bolsas e pés de galinha. Olhos contêm tanta coisa, o lampejo da raiva, o calor da alegria, o charco da tristeza, e tudo isso meu pai tinha perdido. Suponho que tenha sido um homem bonito. Talvez eu simplesmente goste de pensar nele desse jeito. Mas o que eu me lembro desse dia, além daqueles olhos perdidos, são as rugas de preocupação esculpidas no seu rosto, o cabelo descuidado e puxado para trás, a barba hirsuta cobrindo todo o rosto. Ele ainda usava trajes dignos de um cavalheiro da qualidade, com muitas camadas: camisa, colete, colete brilhante, paletó preto, meias de seda. Mas era o último de uma espécie em particular, e a morte estava escrita nele.

— Temos corridas amanhã, papai — disse Maynard. — Dessa vez, eu vou mostrar para eles. Vou apostar tudo em Diamond e trazer os louros para casa.

— Você não precisa mostrar nada para eles, May — argumentou meu pai. — Eles não importam. Tudo o que importa está bem aqui.

— Nada disso — retrucou Maynard, raivoso. — Aquele homem me chutou para fora do jôquei e depois apontou um revólver para mim. Eu vou mostrar a eles. Vou pilotar a carruagem Millenium nova e lembrar a eles que...

— Você talvez não devesse. Talvez nem devesse ir.

— Eu vou. E eles que se danem. Alguém tem que defender o nome Walker.

Meu pai voltou-se para o fogo e deu um suspiro quase imperceptível.

— É verdade — disse ele. — Acho que amanhã vai ser uma coisa e tanto.

Em meio às sombras vi meu pai, exausto pela carência de seu primogênito, lançar um dolorido olhar de solaiio para mim e depois alisou a barba, um gesto que eu entendia. *Proteja seu irmão*, dizia, e eu sabia disso porque era algo que tinha visto durante metade da minha vida.

— Melhor começar a me preparar para amanhã — disse Maynard. — Hi, vá cuidar dos cavalos.

Desci a escada para o Labirinto, depois para o túnel. Inspeicionei os cavalos e voltei para a casa grande por onde tinha vindo. Maynard não estava, mas vi meu

pai ainda sentado diante do fogo. Às vezes, ele adormecia ali mesmo, até Roscoe acordá-lo e prepará-lo para dormir. Mas Roscoe não estava. Eu ia colocar outro pedaço de lenha fogo.

— Deixe apagar, Hiram — disse meu pai. — Estou quase terminando aqui.

— Sim, senhor. Posso ajudar em alguma coisa?

— Não — respondeu.

Perguntei se Roscoe ainda estava trabalhando.

— Não. Eu o liberei para que saísse mais cedo — explicou.

Roscoe tinha dois filhos novos que moravam dezesseis quilômetros a oeste de nós e, sempre que podia, ia vê-los. Às vezes, quando estava de bom humor, meu pai liberava Roscoe mais cedo para passar algumas horas a mais com os filhos.

— Por que você não senta aqui comigo um momento? — disse meu pai.

Era um pedido incomum para se fazer a um Tarefeiro, mas não tão incomum entre nós quando estávamos só nós dois, e a cada dia parecia haver mais momentos como esse. Ele vendera metade do pessoal da cozinha no ano anterior. A ferraria e a carpintaria estavam vazias agora. Carl, Emmanuel, Theseus, todos os outros homens que antes trabalhavam lá tinham sido enviados para Natchez. A casa de gelo estava em suspenso havia dois anos. Uma empregada, Ida, era responsável por toda a casa, o que significava que a ordem da qual me lembrava da infância já não existia, porém, mais do que isso, significava que o sorriso caloroso de Beth, a risada de Leah e os olhos tristes e vazios de Eva já não existiam. Na cozinha, havia uma moça nova, Lucille, que parecia totalmente perdida e por isso muitas vezes sofria com os ataques de Maynard. Lockless começara a parecer um lugar desolado e cinzento, e não apenas ela, mas todas as mansões ao longo do rio Goose, agora drenadas do seu vigor uma vez que o coração do país mudara para oeste.

Sentei no mesmo lugar que Maynard havia abandonado e, por longos minutos, meu pai não disse nada. Apenas olhou o fogo que estava morrendo, de modo que tudo que eu podia ver agora era um contorno amarelo desaparecendo no seu rosto.

— Você vai cuidar do seu irmão, não vai? — perguntou ele.

— Vou, sim — respondi.

— ue bom. ue bom.

E então, depois de uma breve pausa, voltou a falar:

— Hiram, eu sei que não me foi permitido dar muito a você, mas creio que, no que foi possível, fiz com que todos soubessem o quanto o tenho em alta

estima. Não é justo, eu sei, nada é justo. Mas fui condenado a viver neste tempo em que devo ver meu povo ir embora para o outro lado da ponte, Deus sabe para onde.

Mais uma vez, ele fez uma pausa e sacudiu a cabeça. Então levantou-se e caminhou até a lareira para acender a lâmpada, fazendo com que os retratos da sala e os bustos de marfim dos nossos antepassados ficassem iluminados nas sombras bruxuleantes.

— Estou velho — falou. — Não posso me reconstruir para este novo mundo. Vou passar com essa Virgínia, e estes tempos conturbados sobrarão para Maynard, o que quer dizer que sobrarão para você. Você precisa salvar Maynard, filho. Precisa proteger seu irmão. E não digo apenas amanhã no dia da corrida. Tanta coisa virá, tantos problemas chegarão para todos nós, e Maynard, que eu amo mais que tudo, não está pronto. Cuide dele, filho. Cuide do meu garoto.

Ele fez uma pausa e me encarou.

— Cuide de seu irmão, entendeu?

— Sim, senhor.

E ficamos ali sentados talvez mais meia hora até o meu pai anunciar que ia se retirar para a noite. Eu me despedi e fui para o Labirinto, para o meu quarto. Sentei na beirada da cama e pensei naquele dia em que meu pai me chamou dos campos, o dia em que ele sorriu e jogou a moeda de cobre para mim. Tudo na minha vida decorreu daquela decisão. Isso me impediu de ver o pior da nossa condição. Quase todos os Tarefeiros de Lockless teriam trocado sua vida pela minha. Mas havia um peso em estar tão perto deles, o peso sobre o qual Thena tentara me alertar, mas algo mais. O peso esmagador de ver como as pessoas da qualidade realmente viviam, com todo luxo, e o quanto eles tiravam de nós.

★ ★ ★

N
, estava de novo nos campos de tabaco, lá com os Tarefeiros, todos unidos por elos de uma longa corrente onde, no fim, estava Maynard, perdido em pensamentos, quase inconsciente de que nos tinha a todos na palma da mão. Então observei ao redor e notei que estávamos todos velhos, que eu era velho e, quando olhei para trás, vi Maynard, não como o rapaz que eu conhecia, mas como um bebê que rastejava em um campo de críquete, depois os Tarefeiros foram desaparecendo aos poucos, seus rostos e corpos tão conhecidos

iam sumindo e sumindo, um a um, até que era só eu, um velho preso e acorrentado por um bebê. Até que, de repente, tudo caiu — as correntes, Maynard, o campo em si — e me vi envolto pela escuridão da noite. Os galhos negros de uma floresta me envolveram, e eu estava sozinho, com medo, perdido, até que olhei para cima e vi uma lasca de lua. E então o céu piscou da escuridão, e nele pude distinguir a Ursa Menor, a grande ursa mística que ocultava deuses antigos. Eu sabia disso porque o sr. Fields tinha me mostrado um mapa das estrelas no nosso último dia de aula. E, olhando para as patas traseiras da grande ursa, vi outra coisa: a marca dos meus dias futuros, envolta em um azul brilhante, mas fantasmagórico, e essa marca era a Estrela Polar.

ACORDEI ABALADO E trêmulo por causa do sonho. Fiquei um momento sentado na cama, depois voltei a deitar, mas não consegui mais dormir. Peguei meu pote de pedra em um canto, passei pelo túnel e saí para a escuridão da manhã, desci até o poço, enchi o pote de água e voltei pelo ar frio do outono até o Labirinto.

Eu refletia sobre o sonho. Todas aquelas almas acorrentadas comigo desaparecendo. Um dia poderiam incluir minha própria família, todas sob a mão frouxa de Maynard, puxadas para cá ou para lá, derrubadas por um capricho. Aquilo doeu. Eu estava em uma idade na qual seria natural procurar uma esposa, mas, àquela altura, já tinha visto Tarefeiras prometidas a Tarefeiros e o quanto essas “promessas” eram cumpridas. Eu me lembro de ver esses jovens casais se abraçando todas as manhãs antes de irem para suas tarefas separadas, como ficavam de mãos dadas à noite, sentados nos degraus dos seus quartos, de ver como sacavam facas, lutavam e matavam para não ficar sem o outro, matavam-se uns aos outros porque Natchez era pior do que a morte, era a morte em vida, era a agonia de saber que a pessoa amada seria mantida em algum lugar na vastidão dos Estados Unidos e que nunca mais os dois se encontrariam neste mundo de grilhões e decadência. Era esse o amor que os Tarefeiros faziam, e foi esse amor que tomou a minha mente quando chegou a hora de cuidar de Maynard: famílias que se formavam na sombra, rapidamente, e como se transformavam em pó com o aceno de uma simples mão branca.

Então, ao sair do meu quarto e atravessar o Labirinto, passei pela porta aberta do quarto de Sophia e a vi tricotando junto ao lampião. Parado na entrada, a vi de perfil, o nariz pequeno, a flor macia da boca, mechas do cabelo espiando por baixo do pano enrolado na cabeça. Ela estava sentada em um banquinho, as costas retas como uma parede de pedra, a luz da lanterna projetando sua sombra para o corredor, os longos braços de aranha fazendo oscilar duas agulhas para a frente e para trás, transformando o fio em alguma forma que ainda não se discernia.

— Veio se despedir? — perguntou.

Isso me assustou um pouco, porque ela não se virou, mas manteve os olhos naquela inescrutável coisa suspensa entre as duas agulhas. Murmurei algo vago e confuso. Então ela se virou e vi seus olhos de prímula se iluminarem e a boca delicada se abrir em um sorriso caloroso. Sophia era notável entre os Tarefeiros porque aparentemente não tinha tarefa nenhuma. Gostava de tricotar, e muitas vezes eu a vi andando pelos jardins e pomares, as agulhas sempre ocupadas, de forma que esse tricô podia ser considerado sua única ocupação. Mas todo mundo em Lockless sabia a verdade. Ela pertencia ao meu tio, irmão do meu pai, Nathaniel Walker. Ninguém precisava adivinhar a natureza desse arranjo. Mas qualquer dúvida que eu tivesse logo fora esclarecida quando me deram a tarefa de levá-la e depois buscá-la, todo fim de semana, à propriedade de Nathaniel.

Esse “arranjo” não era incomum, de fato era o costume dos homens da ualidade. Mas algo em Nathaniel se revoltava contra o concubinato, mesmo estando comprometido com ele. E tal e qual os elevadores de carga e as passagens secretas que a ualidade empregava para mascarar seu roubo, Nathaniel também tinha meios de tomar para si como se não tomasse e de transfigurar esse roubo em caridade. Então, mantinha Sophia morando ali no Labirinto da plantação do irmão. Insistia que ela se vestisse como uma dama da ualidade quando o visitava, mas que usasse a entrada dos fundos. Ele mantinha o controle de quem a visitava e fazia com que isso fosse sabido na comunidade do Labirinto, para afastar todos os Tarefeiros, menos eu.

— Veio se despedir, Hiram? — repetiu ela.

— Não, hã, é mais um bom dia mesmo — falei, me recuperando.

— Ah, bom, bom dia, Hi — disse ela.

Então virou-se e voltou ao tricô.

— Desculpe, acho que me confundi — disse Sophia. — Engraçado, eu estava pensando em você um pouco antes de passar. Pensei em você e no patrãozinho, no dia da corrida. Pensei em como fiquei feliz por não estar lá e, na minha cabeça, tive toda uma conversa com você, e parecia que você estava aqui. Aí, quando vi você na porta, pensei que era o fim de alguma coisa.

— Hã-hã — disse eu, incapaz de encontrar as palavras.

Eu temia o que poderia dizer. Pensei no sonho da noite anterior, o sonho em que envelhecíamos enquanto Maynard continuava jovem e nos mantinha acorrentados. Sophia soltou o ar com força, como se estivesse frustrada consigo mesma, e disse:

— Não se importe comigo.
Então olhou para mim de novo e um ar de entendimento passou por ela.
— Tudo bem, estou prestando atenção. Como vai, Hi?
— Estou bem — respondi. — Como dá pra ser. Noite difícil.
— Quer conversar? — perguntou Sophia. — Senta um pouquinho. Deus sabe que estou sempre falando com você, enchendo você com minhas histórias e meus palpites sobre o mundo.
— Não. Tenho que ir ver o patrão. Estou bem.
— Não parece.
— Eu estou bem — reforcei.
— E como você sabe? — questionou ela e riu.
— Não interessa como eu sei — retruquei, retribuindo a risada. — Que tal se preocupar se você está bem?
— E como parece que eu estou agora de manhã?
Voltei para o corredor, longe da porta, e falei:
— Nada mal. Nada mal, eu diria.
— Obrigada. Bem, já que você não está com vontade de conversar, o que eu quero dizer é que desejo que tenha um bom sábado. E não deixe o patrãozinho incomodar você.

Balancei a cabeça e subi a escada dos fundos de segredos terríveis que levava até aquela casa de servidão. A cada passo eu sentia a lógica terrível da Tarefa, da minha Tarefa, se encaixando. Não era apenas saber que eu nunca seria herdeiro de nem um centímetro de Lockless. E era mais do que saber que nunca seria destinatário do fruto do meu próprio trabalho: era saber também que meus próprios desejos espontâneos teriam que ser para sempre sufocados, que eu deveria viver com medo deles, de forma que, mais do que viver com medo das pessoas da realidade, eu tinha que necessariamente viver com medo de mim mesmo.

★ ★ ★

Sobre o bordo da Millenium pela estrada principal da propriedade. Passamos pelos pomares, pela oficina e pelos campos de trigo e, ao sair de Lockless, viramos na estrada West e passamos diante do que restava das antigas propriedades: Altbrook, Lowridge, Belleview — nomes que ainda

ressoavam em toda a Virgínia, mas que agora, nesta era elétrica de telégrafos e elevadores, são apenas poeira ao vento. Maynard falou o tempo todo, e não havia nada de novo nisso, apenas a costumeira amostra de quem ele seria e como. Escutei um pouco e então deixei que continuasse enquanto eu me recolhia aos meus pensamentos.

Atravessamos a ponte a caminho de Starfall. Era um dia de novembro tão lindo e nítido, sem nuvens, que dava para olhar a oeste e ver a última transformação das árvores, trechos de laranja e amarelo explodindo nas montanhas. Amarramos o cavalo e a carruagem, em seguida caminhamos na direção da rua do Mercado e fomos recebidos por um desfile do esplendor da Virgínia. Estavam todas lá, as pessoas da qualidade, com suas máscaras e roupas, as damas de rosto empoadado, luvas brancas e lenços de seda, os peitos ofegantes e os guarda-sóis levados por meninas de cor para preservar o brilho de marfim de sua pele. Os homens pareciam estar de uniforme, paletós pretos ajustados na cintura, calças cinza, colarinhos engomados, cartolas, bengalas e sapatos Wellington de couro de bezerro. Como sempre, deixavam a nata do glamour para suas mulheres, apertadas em espartilhos e corpetes que faziam com que andassem devagar, medindo todos os movimentos. Mas havia mesmo uma dança na maneira como se moviam, com os pescoços de cisne e os quadris ondulantes. Eu sabia que tinham sido ensinadas a andar assim ao longo de toda a vida, orientadas por professoras e mães, porque nunca foram as roupas que fizeram uma dama da qualidade, mas, sim, a maneira de usá-las. Os nortistas de New Hampshire, os pioneiros de Paducah e Natchez, os brancos mais humildes de Elm, todos esses também caminhavam entre a qualidade, só que pareciam mais observar do que andar enquanto o desfile do belo e do divino percorria a avenida principal da nossa Starfall, parecendo que nunca morreriam, que a Virgínia nunca deixaria de existir e que esse império de tabaco e corpos brilharia como uma cidade antiga no morro, de modo que todo mundo se perguntaria por que não vivia no eterno esplendor dessas primeiras famílias do condado de Elm.

Reconheci muitos deles e me lembrei até mesmo de alguns que não tinham sido apresentados a mim, memórias vindas de alguma observação ou gesto. E havia aqueles que eu conhecia muito bem, homens como meu antigo professor, o sr. Fields, que vi andando sozinho no desfile. Ele parecia analisar a multidão e, quando me viu, lançou para mim um sorrisinho discreto e tocou a aba do chapéu. Eu não o via desde a nossa última lição tantos anos antes, embora agora saiba que nosso final, na cauda da Ursa Menor, era em si um sinal. Olhei para ver

se Maynard tinha visto o sr. Fields, mas ele estava hipnotizado pelo luxo, os olhos arregalados como sonhos, um sorriso cheio de dentes espalhado no rosto. Maynard não era como eles e me lembro de sentir vergonha por meu papel naquilo. Eu fizera o melhor que podia por ele naquela manhã, ajeitei suas roupas, mas, pelas proporções e pelo hábito de puxar o colete e o colarinho, nenhum conjunto se ajustava direito. Ainda assim, ele estava muito contente de estar ali. Durante todo o ano, Maynard alimentou suas indignidades, mas agora esperava, através dos seus méritos como esportista, ser reintegrado ao rebanho. Era a *sua gente*, sua por sangue nobre, e, assim, lá estava ele diante daquele desfile, incapaz de distinguir o próprio lugar. Puxou o colarinho da camisa outra vez, riu alto e entrou no lento desfile da gente da qualidade, todos a caminho das corridas.

M A J , que uma vez cortejou, o tanto quanto Maynard um dia cortejara alguém. Eu tinha ouvido dizer que ela deixara o condado de Elm, desistira por completo da Virgínia por causa de um advogado do norte. Concluí que as corridas deveriam tê-la trazido de volta, mesmo que fosse apenas para absorver as mudanças do seu antigo lar. Era uma mulher gentil, e Maynard sempre tomara essa gentileza como um convite para sua afeição. Então ele abriu caminho entre a multidão, acenando com o chapéu e, aproximando-se dela, disse:

— Ei, Addie! Como está hoje?

Adeline virou-se e cumprimentou Maynard com um sorriso nervoso. Conversaram por alguns minutos e depois recomeçaram a seguir a procissão, Adeline pouco à vontade e Maynard empolgado por ter feito contato com alguém. Fiz sombra para eles à beira da avenida, todos os outros Tarefeiros fazendo o mesmo para seus patrões, e observei de longe enquanto Maynard ficava mais empolgado com a conversa, testando a tolerância de Adeline. Ela, no entanto, aguentou bem, como as damas da qualidade eram treinadas a fazer. Seu erro tinha sido aparecer ali sem um cavalheiro ao seu lado, alguém que pudesse protegê-la da conversa de Maynard, agora tão impetuosa, que eu podia ouvi-lo acima do barulho da multidão. Ele falava de Lockless, de sua prosperidade e seus encantos, do erro de Adeline de não sucumbir a eles, e fazia isso com

brincadeiras enfadonhas que eram apenas ostentação mal disfarçada, e Adeline era forçada a suportar tudo com um sorriso.

Quando chegaram à pista de corrida, vi que ela foi enfim resgatada. Um cavaleiro que passava estendeu a mão para Maynard e, em seguida, avaliou o estado das coisas e levou Adeline para longe. Maynard parou nos portões e olhou para as arquibancadas do jockey, que começavam a se encher de sócios, clube que ele antes frequentara, mas de onde tinha sido expulso sem cerimônia. Agora sem Adeline por perto, me aproximei e observei Maynard, perdido em um mundo de doloroso desejo pelos dias de corrida do passado, quando era bem-vindo, ou pelo menos recebido, entre os cavaleiros do condado. E então vi o insulto tomar forma em seu rosto quando o olhar dele passou dos cavaleiros para a área demarcada para as damas da Virgínia, para que não fossem expostas ao jogo, às conversas grosseiras e aos charutos dos homens. Lá estava a prometida de Maynard, Corrine Winn, parecendo não ter sofrido qualquer abalo na sua posição por causa do compromisso com Maynard. E Maynard não estava mais sorrindo, porque se sentia intimidado. Lá estava sua futura esposa, elevada a uma posição mais alta que a dele.

Espiei o clube das damas o mais sutilmente possível para ver melhor aquela mulher. Corrine Winn vinha de outro tempo. Desprezava a ostentação do desfile, as roupas que, em sua grande extravagância, em sua ousadia, atestavam o solo moribundo, as famílias divididas, o tabaco decrescente, a decadência por toda parte. De pé na arquibancada, de calicô e luvas, conversava com outra dama, enquanto Maynard observava com olhos desdenhosos. Ele então balançou a cabeça e foi tomar seu lugar, não entre os cavaleiros, mas no heterogêneo grupo de homens brancos de classe baixa, cuja posição nessa nossa sociedade sempre me intrigou. Esses brancos do escalão inferior, homens como o nosso próprio Harlan, eram tolerados em público pelos membros da qualidade, mas rejeitados no âmbito particular; seus nomes eram cuspidos nos banquetes, seus filhos, ridicularizados nos salões, suas esposas e filhas, seduzidas e dispensadas. Eram uma nação degradada e oprimida, que suportava a bota da qualidade unicamente pelo direito de pôr a própria bota sobre os Tarefeiros.

Meu lugar estava entre os homens de cor, alguns Tarefeiros, outros livres, sentados na cerca de madeira na altura da cintura, perto dos estábulos, onde ainda outros homens de cor tratavam dos cavalos de corrida, alimentavam-nos e cuidavam de sua saúde. Eu conhecia alguns, inclusive o criado de Corrine, Hawkins, que vi sentado no muro com alguns outros. Meneei a cabeça em

saudação. Ele retribuiu, mas sem sorrir. Era o jeito dele, do Hawkins. Havia algo frio e distante nele. Exibia perpetuamente a expressão de um homem que não suportava tolos, mas que se sentia cercado por eles. Hawkins me dava medo. Havia algo duro nele, e eu sabia apenas por seus modos que ele havia suportado uma parte terrível, indizível da Tarefa. Observei enquanto os outros homens de cor ao longo da cerca gritavam e riam com o pessoal que trabalhava nos estábulos. E ao observar em silêncio, como era meu costume, fiquei maravilhado com os laços entre nós, nosso jeito de abreviar as palavras, ou de falarmos, às vezes, sem palavras, ou toda a nossa gente em comum, as memórias compartilhadas do debulhar do milho, dos tornados, de heróis que não viviam em livros, mas em nossas conversas; todo um mundo nosso, escondido deles, e fazer parte desse mundo, eu sentia naquele momento, era fazer parte de um segredo, um segredo que estava em você. Não havia qualidade de classe baixa entre nós, nem jôquei clubes de onde ser expulsos, e essa era a nossa América, era a própria grandeza, uma grandeza que desafiava Maynard, que para sempre teria que se queixar de seu lugar na ordem.

Era o início da tarde, ainda sem nuvens, e as corridas estavam prestes a começar. Mas, quando a primeira tropa de cavalos saiu a galopar, eu não estava olhando para a disputa, estava observando Maynard, que parecia ter esquecido todos os insultos e ofensas e agora ria e se gabava com os brancos da Classe Baixa, parecendo que, apesar de si mesmo, encontrara a sua turma. Ou tinha sido encontrado por ela. A perspectiva de um Walker bem-nascido brincando entre eles permitia que esses brancos também aproveitassem o glamour da ocasião. Essa estima só aumentou quando chegou a vez do cavalo de Maynard, Diamond, que correndo entre os outros em uma grande nuvem marrom e preta, toda focinhos e patas, emergiu e assumiu uma clara vantagem, mantendo-a por todo o percurso até o final. Maynard explodiu. Gritou e abraçou todos à sua volta, jogou os braços para o ar e, em seguida, apontou para os bancos, na direção do jôquei clube, e gritou algo malcriado e rude. E então avistou sua Corrine na ala das mulheres e fez a mesma coisa. Os homens da qualidade permaneceram ali, estoicos, seu esporte adorável profanado por aquele imbecil, que, embora nascido entre eles, rebaixava-o a cada vitória.

Depois da última corrida, encontrei-o de volta na rua do Mercado. Eu nunca tinha visto Maynard mais feliz em toda a sua breve vida. Ele olhou para mim com um sorriso enorme e disse:

— Que loucura, Hiram. Eu avisei, não foi? Era o meu dia, não falei?

Balancei a cabeça e respondi:

— Falou, sim.

— Eu mostrei para eles — disse ao subir na carruagem. — Eu mostrei para todos eles!

— Mostrou.

E então, atento à advertência do meu pai, virei a carruagem para fora da cidade em direção a Lockless.

— Não, não! O que você está fazendo? — disse ele. — Volte! Eu quero ver o pessoal. Eu falei e eles não levaram a sério. Nós temos que mostrar para eles! Eles têm que ver!

Então dei meia-volta e segui na direção do centro da cidade, onde, a essa altura, as famílias tinham se reunido ao longo das ruas para um último momento juntos antes da separação. Mas, em vez de qualquer demonstração de respeito enquanto passávamos a bordo da Millenium, os homens e as mulheres da ualidade olharam para nós, balançaram a cabeça sem sorrir e voltaram à conversa. Não sei exatamente o que Maynard queria ou o que esperava. Não sei o que havia nele que o fez acreditar que dessa vez, finalmente, reconheceriam o mérito de seu sangue ou perdoariam seus impulsos e rompantes. Quando ficou claro que não encontraria aprovação, Maynard rosnou e ordenou que eu me dirigisse ao extremo mais distante da cidade, onde devia deixá-lo na casa de prazer e voltar para buscá-lo em uma hora.

Então fiquei sozinho e grato pela privacidade dos meus pensamentos. Toquei o cavalo e comecei a vagar pela cidade. Relembrei os acontecimentos recentes, o meu sonho, a compreensão da interminável noite de escravidão, aquela manhã em que vi a luz diurna de Sophia desaparecer como o sol poente sobre as montanhas azuis da Virgínia. Não afirmo ter amado Sophia então, embora ache que sim. Eu era jovem e o amor para mim era um pavio aceso, não um jardim cultivado. O amor não estava preocupado com qualquer conhecimento profundo de seu objeto, seus desejos e sonhos, mas principalmente com a alegria sentida em sua presença e a dor sentida em sua partida. E, em seus momentos íntimos, Sophia me amava? Penso que não, mas, em outro mundo, um mundo além da Tarefa, eu pensava que poderia me amar.

Dois caminhos levavam a esse mundo: comprar a liberdade e fugir. O que eu sabia sobre o primeiro consistia em um aglomerado de gente de cor que vivia em liberdade no canto sul de Starfall e que, na época da terra vermelha e da explosão do tabaco, conseguiu poupar um dinheirinho e comprar seus corpos de

volta. Mas essa estrada estava fechada para mim. A Virgínia tinha mudado. Mesmo quando as antigas terras do condado de Elm, de Lockless, declinaram, o esplendor daqueles que trabalhavam entre eles aumentou. O que foi perdido em seu trabalho na terra poderia ser recuperado em sua venda, com lucro, em Natchez, onde a terra ainda florescia. Então, onde uma vez os Tarefeiros podiam abrir caminho para a liberdade, agora eram preciosos demais para ter o direito de pagar pelo próprio resgate.

Se a primeira estrada estava bloqueada, a segunda era impensável. Todos que conheci que tinham fugido de Lockless eram devolvidos pelos Cães de Ryland — patrulhas formadas por gente de classe baixa que reforçava a ordem das pessoas da qualidade — ou perdiam o ânimo e voltavam. Em todo caso, tão total era minha ignorância do mundo além da Virgínia que fugir parecia uma insanidade. Mas havia alguém que diziam saber mais.

Nenhum homem era mais estimado do que Georgie Parks entre as pessoas de cor e os brancos do condado de Elm. Ele era o prefeito, o embaixador, o sonho, embora o sonho ganhasse sentido de qualquer ponto de vista do qual fosse vislumbrado. Quando foi Tarefeiro, trabalhou nos campos e, assim como Big John, parecia ter uma compreensão sobrenatural da agricultura e de todos os seus ciclos. Georgie podia passar uma hora caminhando nos campos de trigo e falar como seria a colheita dali a três anos ou colocar a mão nos outeiros de tabaco, sentir a pulsação da terra e revelar se as folhas seriam orelhas de elefante ou de camundongo. E ele advertira as pessoas da qualidade sobre o que cortejavam com seu amor ao tabaco, de um jeito indireto, fazendo com que seu aviso não fosse lembrado com ressentimento, mas com um arrependimento bem-humorado. Havia, contudo, uma sombra torturante sobre Georgie. Ele desaparecia por longos períodos ou era visto em Starfall ou vislumbrado na floresta nas horas mais estranhas. Encontramos uma explicação para esses mistérios. Georgie estava ligado à Clandestinidade.

E o que era essa Clandestinidade? Entre os Tarefeiros dizia-se que uma sociedade secreta de homens de cor havia construído seu próprio mundo separado, no fundo dos pântanos da Virgínia. Quais poderes os protegiam lá eu não sabia. O que sabia eram as histórias dos Cães de Ryland enviados em expedições para descobrir a Clandestinidade e extirpá-la, histórias de como essas expedições voltavam reduzidas em número, feridas e destruídas, contando sobre cobras, doenças estranhas, venenos e curandeiros que dominavam crocodilos e gatos-do-mato. E me disseram que essa Clandestinidade iria, de tempos em

tempos, convocar novos recrutas que preferissem a liberdade selvagem dos pântanos à escravidão civilizada do condado de Elm. Parecia perfeito que o nobre Georgie, elogiado e estimado pelos brancos, dono de alguma vida secreta segundo as pessoas de cor, fosse o homem deles.

O som de tiros me arrancou das divagações sobre Georgie. Eu estava no extremo sul da praça da cidade. Seguindo o som, avistei um cavaleiro com seu uniforme preto formal, rindo ruidosamente com a espingarda apontada para o ar. O clima estava mudando. Nuvens agora enchiam o céu. Vi dois homens saírem de um bar brigando e tropeçarem para a rua, um mais velho com uma longa cicatriz no rosto, e, quando ele foi derrotado, puxou uma longa faca com o que pareceu um único movimento e cortou o rosto do outro, mais jovem. Então mais dois homens saíram correndo do bar e pularam em cima do sujeito mais velho. Eu me afastei depressa quando começaram a espancá-lo. No quarteirão seguinte, vi uma mulher branca de classe baixa agarrar uma garota holandesa pelo cabelo e bater nela. Seu companheiro riu, pegou uma garrafa, tomou um gole e depois esvaziou o resto na cabeça da holandesa. Segui em frente. Esse era o tumulto sobre o qual meu pai havia me alertado e me implorado para manter distante de Maynard. Mas era sempre assim com eles, uma corrida de Alices Caulley às gargalhadas. Assim como as festas de Lockless, o dia da corrida começava com grande ostentação, então todos começavam a beber e o espírito festivo ficava sombrio, as máscaras e a educação iam desaparecendo até revelar o rosto esburacado do condado de Elm.

Não havia outras pessoas de cor na rua porque todos sabíamos o que viria a seguir: o mal-estar que baixava sobre os brancos logo se voltaria contra nós. É estranho dizer isso, mas eram as pessoas de cor livres que mais tinham medo dessa situação. Nós, que éramos Tarefeiros, pertencíamos a alguém. Éramos uma propriedade e qualquer dano infligido a nós tinha que ser por ordem do nosso dono, porque não se podia bater no escravo de outro homem, assim como não se podia bater no cavalo de outro homem. Mas, mesmo em minha relativa segurança, me senti inquieto. E, nesse estado de espírito, tratei de me afastar da praça para Freetown, morada de Georgie Parks.

Era uma comunidade pequena, tão fechada, que eu conhecia todos que moravam lá. Conhecia Edgar Combs, que já trabalhara com ferro na casa dos Carter e agora fazia a mesma coisa com o ferreiro da cidade. Edgar era casado com Patience, cujo primeiro marido morrera quando a febre atingiu a todos alguns anos antes. E, do outro lado, havia os irmãos Pap e Grease, e ao lado deles

ficava Georgie Parks. Então saí da loucura da praça, fui para o extremo sul da cidade e lá me vi diante da Prisão de Ryland, que marcava o começo do setor da gente de cor livre em Starfall.

Estava tudo organizado desse jeito, tinha que ser, porque a Prisão de Ryland não era para criminosos. Espalhando-se por dois quarteirões da cidade, era um depósito para os Tarefeiros pegos fugindo ou que estavam detidos à espera de serem vendidos. A prisão era um lembrete diário de que, independentemente da sua liberdade, essa gente de cor de Starfall existia à sombra de um poder incrível, que, por capricho, podia colocá-los de volta em correntes. A Prisão de Ryland era administrada pela classe baixa. Eram homens que tinham enriquecido com o comércio de seres humanos, mas seus nomes eram de cepa muito recente e seu trabalho tão malvisto que nunca poderiam ascender acima do nome. Foi a forte associação entre prisão e os brancos de baixo escalão que a alimentavam e serviam naquele local que deu a eles o nome de Cães de Ryland. Nós os temíamos e odiávamos, talvez mais do que temíamos e odiávamos a gente da qualidade que nos dominava, pois todos éramos de classe baixa, todos éramos Tarefeiros. Se os brancos de classe baixa fossem apostar suas migalhas por uma fatia do bolo inteiro, todos devíamos estar unidos e posicionados contra a qualidade.

A esposa de Georgie, Amber, me cumprimentou na porta, sorrindo.

— Achei mesmo que você ia passar aqui hoje — disse ela. — E na hora certa, justo antes do jantar. Com fome, Hiram?

Eu sorri e cumprimentei Amber, depois entrei na cabana de um cômodo, e era só isso, nada melhor do que o meu quarto no Labirinto. O cheiro de pão de milho e carne de porco me atingiu e percebi que estava de fato com fome. Georgie estava lá, sentado na cama, ao lado de seu filho recém-nascido, que mexia braços e pernas no ar.

— Nossa! Olhe só você — disse ele. — O menino da Rosie tá ficando grande.

O menino da Rosie. Era assim que me chamavam na Rua, embora eu não ouvisse essa saudação fazia um bom tempo, porque sobravam muito poucos que ainda se lembravam de mim desse jeito. Abracei Georgie, perguntei como estava, ele sorriu e disse:

— Bem, eu arrumei uma mulher e agora um garotinho. — E tirou o bebê do cobertor. — Então, acho que vou indo muito bem.

— Por que você não leva o Hiram lá pra trás? — perguntou Amber.

Sáimos para uma pequena área onde Georgie tinha um jardim e um galinheiro e nos sentamos em dois troncos. Enfiei a mão no bolso e peguei um cavalinho de madeira, tirado de uma coleção de brinquedos velhos de Maynard, e entreguei a Georgie.

— Um presentinho pra ele.

Georgie pegou o cavalo, fez um sinal de agradecimento e colocou-o no bolso.

Minutos depois, Amber veio com dois pratos de pão e carne de porco frita, entregou um para mim, um para Georgie, e eu fiquei ali sentado comendo sem dizer nada. Amber voltou para dentro e mais uma vez saiu, só que com o menino aninhado nos braços. Era fim de tarde.

— Não comeu nada hoje, hein? — perguntou Georgie com um sorriso, os cabelos castanho-avermelhados luminosos contra a luz do fim daquela tarde de outono.

— Não, acho que não — falei. — Não sei por quê. Esqueci.

— Alguma outra coisa em mente, quem sabe?

Olhei para Georgie e comecei a falar. Mas então, temendo o que eu sabia que queria dizer, parei. Deixei o prato ao lado do tronco. Amber tinha voltado para dentro. Esperei um pouco, ouvi a risada abafada na cabana e os gritos do bebê e concluí que ela estava na frente da casa na companhia de outros visitantes.

— Georgie, como você se sentiu quando saiu da casa do sr. Howell pela primeira vez?

Ele engoliu meio bocado e demorou um pouco para responder.

— Como um homem — revelou, e então mastigou e engoliu o resto. — O que não quer dizer que eu não fosse homem antes, mas nunca tinha sentido isso de verdade. Minha vida inteira dependia de não sentir isso, sabe?

— Sei, sim.

— Não preciso dizer, ou talvez precise, porque eles sempre protegeram você de um jeito especial, mas vou dizer mesmo assim e você entenda como quiser. Eu agora levanto na hora que quero e durmo quando tenho vontade. Meu nome é Parks porque eu escolhi. Tirei o nome do nada... invoquei esse nome como um presente para o meu filho. Não tem outro sentido além desse: eu escolhi. O sentido está no fazer. Entende, Hiram?

Fiz que sim e deixei ele continuar.

— Não sei se eu já disse, Hiram, mas a gente era louco de amor pela sua Rosie.

Eu ri.

— Era uma moça linda, e tinha tantas moças lindas lá na Rua. Não era só a Rose, sabe, era a irmã dela... sua tia Emma também. Moças tão lindas.

Emma, outro nome como o da minha mãe, perdido na fumaça; eu sabia que ela era minha tia, que tinha trabalhado na cozinha, que tinha sido uma bela dançarina, mas que havia desaparecido das palavras diretas dos outros e na névoa da minha memória. Mas Georgie sabia tudo. O passado se desdobrava diante dele como um mapa, e vi que seus olhos brilhavam enquanto contava sobre suas viagens por cada passo de montanha, vala e ravina.

Ele disse:

— Rapaz, penso naquele tempo e em como a gente pisava no chão. Minha nossa! Sua mãe e a Emma não podiam ser mais diferentes... A Rose tão quieta quanto a Emma era falante, mas, quando chegavam na Reunião Profunda, todo mundo sabia que eram do mesmo sangue. Digo isso porque eu tava lá, todo sábado de noite. Eu tava lá com o Jim, o Fenomenal, e o filho dele, o Young P. O banjo, a gaita, o violino, as panelas e tigelas tocando lá fora, e os ossos de carneiro estalando, e quando esquentava, Emma e Rose entravam em ação. E era uma coisa, sabe? Com os jarros de água na cabeça, indo e vindo até que um jato de água caía de um deles. Então elas sorriam, faziam uma reverência, e a que tivesse saído primeiro escolhia alguém pra entrar na roda. Só que ninguém entrava — explicou com uma sonora risada, e então perguntou: — Já fez a dança da água, Hi?

— Não. Não é meu negócio.

— Pena, pena — disse Georgie. — É uma pena ter toda essa beleza e não passar adiante. E era tanta beleza. Moças bonitas. Rapazes bonitos.

Georgie estava acabando de comer. Pousou o prato e soltou um longo suspiro.

— Às vezes, eu penso em toda essa beleza, como ela murchava nas correntes... Rapaz, vou dizer uma coisa, quando eu comecei com a Amber, prometi que ia livrar ela. Por mais que custasse, não me importava. Acho que eu podia até matar alguém pra livrar ela, Hiram. Qualquer coisa pra não ver ela...

E Georgie se calou porque acho que percebeu a importância do que estava dizendo, do que significava para mim e do que significava para minha mãe.

— E você está livre — falei. — Você conseguiu. Está fora.

Georgie riu baixinho e disse:

— Ninguém sai, não, filho. Entendeu? Não tem saída. Todo mundo tem que servir. Eu gosto de servir aqui mais do que na Lockless de algum outro dono, garanto pra você, mas estou servindo, isso eu também garanto.

Ficamos ali sentados quietos por alguns minutos. Georgie ainda estava comendo. As vozes lá fora diminuíram, ouvi a porta da frente se fechar e a de trás se abrir. Amber saiu, pegou o prato de Georgie e depois o meu.

Olhou para mim, ergueu uma sobrancelha e disse:

— O Georgie está enchendo você de mentiras outra vez?

— Difícil dizer — respondi.

— Mmmm-hmm — disse ela, começando a voltar para dentro de casa. — Cuidado com ele, ouviu? Cuidado com o Georgie. Ele é mentiroso.

Do quintal de Georgie, eu podia ver a margem mais distante do rio Goose. O sol já estava baixando no céu, as nuvens chegavam e o dia ficava mais frio. Logo seria a hora. Maynard estaria pronto. Então resolvi dizer algo a Georgie Parks que ia mudar a minha vida.

— Georgie, eu sinto que tenho que ir embora.

Ele ergueu os olhos para mim e acho que entendeu o significado, depois resolveu que não, e falou:

— Acho que sim. Tem que voltar para o outro lado do rio, né?

— Não. Estou dizendo que estou envelhecendo, vejo as pessoas desaparecerem, sendo levadas para Natchez, e consigo perceber que o lugar todo está indo abaixo. A terra está morta, Georgie. O solo virou areia e eles sabem disso, todos sabem. Eu estava vindo pra cá e vi um homem sendo esfaqueado e uma garota sendo espancada. Não tem lei. Eu queria pensar que um dia ela existiu, os mais velhos falam desse tempo, e, mesmo sem ter vivido isso, consigo sentir todas as mudanças. Tem um homem amadurecendo dentro de mim, Georgie, e não posso colocar correntes nele. Ele sabe demais. Ele viu demais. Ele tem que se libertar, esse homem, ou não vai conseguir viver. Eu juro que tenho medo do que está por vir. Tenho medo das minhas próprias mãos.

Georgie me deixou terminar e então começou a dizer algo, mas eu o interrompi.

— Dizem que você é um homem com conhecimento, que sabe mais do que este quarteirãozinho livre, que tem contato com gente que faz essas coisas. Eu quero a estrada de ferro, Georgie. Uero a estrada de ferro e me disseram que você sabe dessas coisas.

Então Georgie se levantou, limpou a boca e as mãos no macacão. Depois, sem olhar para mim, sentou-se outra vez.

— Hiram, vá pra casa — disse ele. — Não tem homem nenhum amadurecendo dentro de você. Já amadureceu. É quem você é. É a sua condição e, se você tá querendo mudar, precisa fazer que nem eu fiz.

— Parar de trabalhar — retruquei. — Não tem Tarefairo capaz de superar Natchez.

— Sua vida é a sua vida. E eu posso dizer que é boa. Seu único encargo é aquele seu irmão idiota. Vá pra casa, Hiram. Arrume uma mulher. E finja que é feliz.

Eu não falei nada, então ele repetiu:

— Vá pra casa.

★ ★ ★

E de Georgie, e eu obedeci. Mas o que eu acreditava, naquele momento, era que Georgie tinha mentido para mim, que ele era como diziam, um administrador da liberdade, de alguma outra vida, de um Oregon para o homem de cor. Ele não tinha nem negado isso, e então a questão para mim ficou muito simples: eu tinha que provar para ele quem e o que eu era, deixar claro que já era tarde demais para me convencer do contrário e que eu tinha certeza do que era capaz. Assim, ao voltar para Maynard e a carruagem, de volta pela praça, eu sabia que Georgie me ajudaria, sabia que ele me levaria para fora porque não havia futuro ali e soube disso mesmo em minha curta caminhada de volta, através do lixo do dia. Havia lixo em todas as ruas. Vi um homem da qualidade, que reconheci pela roupa, desmaiado de bruços no esterco, enquanto seus compatriotas, reduzidos pela vergonha, riam dele. Vi chapéus rasgados e as flores que antes os enfeitavam. Vi lenços azuis tacados no chão. Vi homens jogando dados ao lado do bar e, na frente, dois galos que preparavam para a luta. Era essa a civilização deles, uma máscara tão fina que, pela primeira vez na vida, questionei o que eu mesmo tinha desejado naquele tempo de Rua, com meu truque de memória, quando decidi chamar a atenção do Faraó de Lockless, e não foi a primeira vez que entendi que estava mirando muito baixo. Porque nós, no Labirinto, vivíamos entre eles, sabíamos em primeira mão que eles iam à privada como todo mundo, que eram jovens e burros, velhos e frágeis, que seus poderes

eram todos uma ficção. Eles não eram nada melhores que nós e, de tantos outros jeitos, eram piores.

Maynard estava do lado de fora da casa extravagante com sua garota extravagante, esperando, e ao lado deles estava, mais uma vez, o criado de Corrine, Hawkins. Maynard ria de alguma piada e Hawkins olhava para ele com uma aversão muda que o outro, bêbado demais, não percebia. Quando me viu, Maynard riu ainda mais, começou a vir na minha direção, tropeçou e levou a garota ao chão com ele. Ajudei a garota, enquanto Hawkins logo partiu ao socorro de Maynard, cujos calções e colete estavam agora sujos de lama.

— Maldição, Hiram! — exclamou ele. — Era para você me segurar!

De fato. Era eu que sempre o segurava.

— Hoje a garota é minha! — gritou ele. — Hoje ela é minha, porra! Como eu falei para eles, Hiram! Como eu falei para todo mundo! Como eu falei para todas as meninas! — exclamava Maynard, que, ao ver o desdém de Hawkins, se dirigiu a ele: — Nem uma palavra disso para a sua patroa, rapaz. Nem uma palavra. Entendeu?

— Uma palavra sobre o quê, senhor? — perguntou Hawkins.

De olhos semicerrados, Maynard riu de novo.

— É, vamos nos dar bem, eu e você.

— Como tem que ser em família — retrucou Hawkins.

— Como tem que ser em família! — repetiu Maynard, exclamando, e subiu na carruagem.

Ajudei a moça a entrar e fomos embora, saímos para o caminho por onde entramos. Mas então, e sabe-se lá por quê, tocado por um lampejo de clareza, uma vergonha que o desafiou a vida inteira, ele me mandou voltar, para longe da praça da cidade, na direção da rua Silk. Assim, deixamos Starfall, deixamos o mundo que conhecíamos, pois enquanto eu saía da cidade e as construções davam lugar a árvores que explodiam em tons de dourado e laranja, quando ouvi os corvos ao longe, os cascos do cavalo batendo à frente, e senti o vento no rosto, sabia que tinha visto cada centímetro do único mundo que eu conhecia. Sabia como acabaria meu tempo. Algum dia, meu pai deixaria esta terra e o que restasse ficaria para Maynard e, quando esse dia chegasse, eu sabia que todos os caminhos levariam a Natchez.

Segui adiante, servo dos sentimentos das últimas horas, o sonho, o terror, a raiva, a noite sem fim, o sol de Sophia desaparecendo sobre as montanhas, minha

mãe perdida e minha tia Emma. E havia também uma necessidade, um desejo de fugir de Maynard e da condenação de seu domínio. E então aquilo veio.

Avistei o rio Goose, uma estranha névoa subindo da água, fina, parecendo tão em desacordo com a linda noite de outono. Mas ali estava: uma névoa azul que subia e escondia a extremidade mais distante da ponte. E então, me lembro muito claramente, porque corríamos em um bom ritmo, o bater constante e rápido das ferraduras do cavalo cessou. Eu podia ver o cavalo bem ali na minha frente a nos puxar, mas agora sem qualquer som, e pensei que talvez fosse eu, alguma surdez temporária, mas não refleti muito sobre isso porque queria chegar em casa, queria me livrar de Maynard, mesmo que só pelo resto da noite, e ali na ponte, de repente, a fina névoa se abriu e foi nesse momento que eu vi, vi a mulher, vi minha mãe na dança da água sobre a ponte, na dança da água saindo da escuridão da minha mente, e então tentei frear o cavalo, me lembro disso porque puxei as rédeas, mas o cavalo continuou, embora eu me pergunte agora se puxei mesmo as rédeas, se eu estava mesmo lá naquele espaço, naquela ponte, porque mesmo agora, tendo feito a coisa, não posso dizer que compreendo de fato a totalidade da Condução, a não ser este ponto essencial: é preciso lembrar.

EU ESTAVA NA água e depois fui subindo para a luz, guiado por minha mãe dançarina, até que essa luz dominou tudo e, quando diminuiu e desapareceu, minha mãe se foi e senti a terra debaixo dos pés. Era noite. Vi o nevoeiro recuando como uma cortina, até o céu ficar limpo e as estrelas piscarem lá de cima. Quando me virei em busca do mar coberto de névoa do qual acabara de emergir, tudo que vi foi um mato alto que oscilava, escuro, ao vento. Eu estava encostado em uma grande pedra e ao longe, além do campo, dava para ver a floresta, indistinta. Eu conhecia aquele lugar. Sabia a distância daquela pedra até as árvores, conhecia aquela grama, que era um campo em alqueive, a minha Lockless. E eu sabia que a pedra não era um marco aleatório, mas o monumento ao progenitor, Archibald Walker. Meu bisavô. Fiquei arrepiado com um vento que soprou, e minhas botinas encharcadas eram como gelo nos pés. Dei um passo à frente, girei, caí e ali embaixo, naquela grama, tomei consciência de um poderoso desejo de dormir. Talvez eu tivesse entrado em um tipo de purgatório, criado de acordo com um mundo familiar para mim, algo que eu tinha que suportar antes de ter a minha recompensa revelada. Então fiquei ali, tremendo, sem fazer nenhum esforço para me mexer. Enfiei a mão no bolso para pegar a moeda que levava comigo para toda parte e senti suas bordas ásperas enquanto a escuridão se fechava ao meu redor.

Mas não houve recompensa. Pelo menos, nenhuma sobre as quais os antigos falavam na Rua. Estou aqui, contando esta história, e não na sepultura, não ainda, mas aqui e agora, olhando para outra época, quando éramos Tarefeiros, próximos da terra, próximos de um poder que intrigava os eruditos, que desconcertava as pessoas da qualidade, um poder que, assim como a nossa música, como a nossa dança, eles não conseguem entender porque não conseguem lembrar.

Foi a nossa música que segui ao sair da escuridão, ao sair de três dias, como me disseram mais tarde, de caminhar na linha entre a vida e a morte, de

murmúrios sem sentido e de febres assustadoras. Minha primeira nota de consciência foi um cantarolar suave, aparentemente a distância, e então a melodia se repetiu, cessou por um minuto ou dois, depois retornou e, quando veio a tênue consciência de que eu conhecia aquele som, comecei a combinar as palavras na cabeça:

*Toda a banda celestial batia,
boas moças olham, Aubrey espia.*

O cheiro de vinagre e soda era tão forte, que dava para sentir o gosto, a quentura de um cobertor, a delicadeza de um travesseiro debaixo da minha cabeça, e então, ao abrir os olhos, vi que estava em uma sala inundada de sol. Não conseguia me mexer. Minha cabeça apoiada em um travesseiro, inclinada para o lado. Olhei para além da cama de alcova, as cortinas abertas. Havia uma escrivaninha do outro lado da sala e na cômoda vi o busto do progenitor, ao lado de um banco de mogno, e, sentada nele, com as costas retas e o pescoço comprido, Sophia trabalhava com duas agulhas e um novelo de fio, os longos braços de aranha indo e voltando. Tentei me mexer, mas estava com as juntas travadas. Entrei em pânico, pois naquele momento temi ter sofrido alguma lesão e, assim, me tornado prisioneiro no meu próprio corpo. Desesperado, olhei na esperança de que Sophia olhasse de volta, mas, em vez disso, ela se levantou, ainda cantarolando a velha melodia, ainda tricotando, e saiu pela porta.

Por quanto tempo fiquei ali naquele grande terror, imaginando se estaria sepultado no meu próprio corpo? Não sei dizer, mas a escuridão veio de novo, e quando acordei a paralisia tinha melhorado um pouco. Consegui mexer os dedos dos pés. Consegui abrir a boca e enrolar a língua. Consegui virar a cabeça e meus braços voltaram, de modo que, com grande esforço, consegui me pôr sentado na cama. Olhei em volta e ao ver o sol outra vez, o busto, a luz, soube que estava no quarto de Maynard. Olhei além da banquetta e vi o guarda-roupa dele, sua cômoda, o espelho onde, naquela última manhã, o mantive parado enquanto o vestia. E então me lembrei da água.

Ali, sentado, eu tentei falar, tentei chamar alguém, mas as palavras estavam trancadas por dentro. Sophia voltou para o quarto, de cabeça baixa, ainda tricotando, e, ao ouvir minha tentativa de falar, ergueu os olhos, soltou o novelo, correu e me envolveu com seus longos braços de aranha. Então se afastou e olhou para mim, dizendo:

— Bem-vindo de volta para nós, Hi.

Lembro-me de tentar sorrir, mas meu rosto deve ter se retorcido em uma máscara deplorável, porque toda alegria a deixou. Sophia levou a mão ao rosto e cobriu a boca. Pôs uma das mãos no meu ombro e a outra nas minhas costas e me guiou a deitar de volta na cama.

— Não se atreva a falar. Você pode achar que está fora do Goose, mas o Goose ainda não saiu de você.

Obedeci e o mundo desapareceu da mesma forma que veio a mim, a luz da sala sumiu, depois o cheiro de soda e, finalmente, Sophia, cuja mão eu podia sentir na testa, cujo suave cantarolar ainda conseguia ouvir. Adormeci e sonhei com meu mergulho no rio Goose. A cena toda se desenrolou ao longe. Vi minha cabeça explodir com a água, examinei o terreno e decidi que havia encontrado o meu fim. Maynard estava lá, lutava contra a água, lutava para se salvar. E vi a luz azul abrir o céu e se estender para mim, e dessa vez estendi a mão para Maynard, meu único irmão, tentei salvá-lo, mas ele afastou o braço, me amaldiçoou e desapareceu na escuridão das profundezas.

Quando acordei, meus braços ainda doíam, mas as mãos estavam flexíveis e soltas. O cheiro de vinagre permanecia, porém mais fraco. Com certo esforço, consegui me sentar. As cortinas brancas da alcova estavam fechadas, mas, através delas, pude ver a silhueta grosseira de alguém sentado no banquinho, em vigília solitária. Lembrei que Sophia tinha estado ali por último e senti minha pulsação acelerar com essa possibilidade. Ouvi o canto dos pássaros da manhã e, de repente, me enchi de uma grande alegria pelo fato de estar vivo. Quando afastei as cortinas, no entanto, vi que a silhueta era meu pai, sentado com os cotovelos apoiados nas pernas, o rosto apoiado nas mãos, e, quando olhou para mim, vi que seus olhos pequenos estavam vermelhos e pesados.

— Perdemos ele — revelou, balançando a cabeça. — Meu pequeno May se foi e toda esta casa grande, todo o condado de Elm, está de luto.

Então ficou de pé, veio até a beirada da cama, sentou-se, estendeu a mão e agarrou meu ombro com força. Meus olhos percorreram meu próprio corpo e vi que alguém me vestira com uma camisola comprida, que reconheci como sendo de Maynard. Olhei de volta para meu pai, uma espécie de percepção se insinuava em seu rosto, e naquele instante estávamos em uma espécie de comunicação secreta que só pode existir entre pai e filho, por mais monstruosa que seja a relação entre os dois. Seus olhos pequenos, vermelhos de pesar, se estreitaram, como se ele estivesse se esforçando para compreender uma mensagem, como se

estivesse se esforçando para entender de que maneira tudo aquilo que restava dele estava ali na sua frente na forma de um escravo. E, quando essa percepção se concluiu, ele recuou, enterrou a cabeça nas mãos, ficou em pé e, chorando alto, saiu.

Eu me levantei e fui até a janela. O dia estava claro e ali dos fundos de Lockless eu via os distantes campos enevoados. Vi meu pai voltando para o quarto e me afastei da janela. Roscoe, que me trouxera da Rua para lá todos aqueles anos atrás, o seguia. E em seu rosto envelhecido, enrugado, havia um olhar de gravidade e preocupação que me fez lembrar de que havia pessoas que me conheciam e me amavam, anciãos que adoravam minha música e meus jogos. Roscoe pôs um conjunto de roupas na cômoda de Maynard, as minhas roupas. Então tirou a roupa de cama, embrulhou-a em uma trouxa, colocou tudo debaixo do braço e saiu. Meu pai se sentou novamente no banquinho.

— Procuramos o corpo dele no rio, mas a água... — disse, só que sua voz logo sumiu e ele começou a tremer. — Quando penso no meu menino no fundo daquele rio... Não posso deixar de pensar em outra coisa também, está me ouvindo, Hiram? Quando penso nele preso lá no fundo... Me perdoe. Não posso deixar de imaginar o que você viu lá embaixo. Mas tenho que confessar, porque ninguém mais é capaz de ouvir: Maynard era tudo o que eu tinha da mãe dele.

Quando os olhos dele ficavam alegres, eu via os dela. Quando ele ficava esquecido das coisas, eu via o jeito dela. Quando ele era compassivo, como sempre foi, eu via a mãe — falou o meu pai em meio às lágrimas. — Agora ele se foi e eu parti duas vezes.

Roscoe voltou, dessa vez com uma toalha, uma bacia pequena de água e uma maior vazia e colocou tudo na cômoda.

— Bem, então é isso, meu filho — disse meu pai. — Temos que tomar algumas providências. A lembrança de Maynard não morre, independentemente de onde seu corpo descanse. O que você precisa saber, o que com certeza já sabe, é que Maynard amava você, e não duvido que ele tenha dado a própria vida para que você conseguisse sair daquele rio.

Quando meu pai saiu, peguei a toalha e a água e me limpei, mas minhas mãos tremiam enquanto eu fazia malabarismos com a loucura de suas últimas palavras. *Maynard amava você*. Essa ideia, de que Maynard amava alguém, de que Maynard daria sua vida por alguém, ainda mais por mim, me assombrava. Mas então, enquanto me vestia e revirava essa ideia, compreendi uma coisa: meu pai acreditava nessa loucura. Tinha que acreditar. Maynard era ele, era sua esposa, e

esse retrato glorificado de alguma forma conviveu por toda a vida com a seguinte advertência: Maynard precisava ser vigiado, sua própria vida não podia ser confiada a ele mesmo. Ao descer a escada dos fundos, eu sabia que a declaração do meu pai só poderia ser compreendida através da religião peculiar da Virgínia: Virgínia, um lugar onde se afirmava que toda uma raça se submetia a correntes; Virgínia, um lugar onde essa mesma raça dominava a matemática que moldava o ferro e esculpia o mármore em proporção exata, e ainda eram chamados de selvagens; Virgínia, um lugar onde um homem declarava amor por você em um momento e o vendia no seguinte. Ah, as maldições que a minha mente construía para o meu tolo pai, para este país onde os homens vestem o pecado com fausto e esplendor, com danças e crinolinas, onde escondem seu exercício bem fundo, em um porão da mente, nesta escada de escravos que eu agora descia rumo ao Labirinto, rumo a essa cidade secreta que alimentava um império tão grande que ninguém ousava falar seu verdadeiro nome.

★ ★ ★

L _____, encontrei Thena parada diante da porta, na penumbra, conversando com Sophia. Thena me lançou um olhar duro. Sorri para ela, que veio até mim, balançou a cabeça. Pôs a mão no meu rosto e me olhou nos olhos. Não sorriu, só me olhou da cabeça aos pés, dando a impressão de que conferia se cada parte de mim estava no lugar.

— Bem — disse ela —, não parece que você caiu em rio nenhum.

Ela não era uma mulher calorosa, Thena, essa outra mãe minha. Havia uma crença geral de que, se ela não estivesse xingando ou afugentando alguém, podia, pelo menos, ter um bom sentimento pela pessoa. Eu geralmente retribuía isso com meu próprio afeto silencioso. E não havia nenhuma ofensa nisso. Tínhamos uma linguagem própria para afirmar o que éramos um para o outro.

Mas naquele dia, sem pensar, falei uma língua diferente. Passei meus braços em torno de Thena, puxei-a para perto, abracei-a apertado como se desabafasse toda a minha alegria por estar vivo e segurei firme como se ela fosse um galho flutuante e eu estivesse no rio Goose outra vez.

Depois de alguns segundos, ela se afastou e me olhou de cima a baixo. Depois deu meia-volta e foi embora.

Sophia a observou ir embora e, quando Thena virou a esquina, olhou para mim e riu.

— Essa garotona sabe que ama você — disse Sophia.

Eu assenti.

— É verdade. Ela não fala muito comigo, mas depois que você se afogou ela ficou fazendo perguntas, como se quisesse saber tudo sobre você.

— Ela veio me ver?

— Nem uma vez. E é por isso que sei que ela ama você. Eu convidava, ela ficava nervosa e eu sabia o que isso queria dizer: ela não conseguia ver você daquele jeito. É difícil, Hiram. Foi difícil até pra mim, e eu nem gosto de você, quanto mais amar.

Então deu um tapa no meu ombro e nós rimos juntos, baixinho, mas meu coração batia forte no peito.

— Então, como vai você? — perguntou Sophia.

— Já estive melhor, mas estou feliz de estar voltando pra casa.

— O que quer dizer nem olhar mais para o Goose — observou Sophia.

— É isso aí — falei.

Por alguns segundos fez-se um silêncio que começou a parecer duvidoso e rude. Então convidei Sophia até o meu quarto. Ela aceitou. Puxei uma cadeira e, quando ela sentou, enfiou a mão no avental, pegou um novelo de linha e as agulhas e começou a tricotar uma das suas coisas inescrutáveis. Eu sentei na cama, nossos joelhos quase se tocando.

— Fico feliz de ver você tomando jeito — disse ela.

— É, estou me acertando. Eles não perderam tempo pra me tirar do quarto do Maynard, né?

— Melhor assim, né? Não sei dizer se eu ia gostar de deitar na cama de um morto.

— Melhor assim — concordei.

Por instinto, enfiei a mão no bolso para pegar minha moeda, mas estava vazio. Provavelmente perdida para sempre, e esse fato me deixou triste. Aquela moeda era o meu talismã, minha lembrança dos tempos da Rua, mesmo que meus planos grandiosos tivessem dado em nada.

— Como eles me acharam? — perguntei.

— O criado da Corrine — explicou Sophia, ainda tricotando. — Conhece ele? O Hawkins?

— Hawkins? Onde?

— Na margem — disse Sophia. — Deste lado do Goose. Com a cara enfiada no lodo. Não faço ideia de como você saiu da água daquele jeito. Tinha alguém protegendo você.

— Pode ser.

Mas não estava pensando em como saí. Estava pensando em Hawkins, em como eu o tinha visto duas vezes no dia da corrida e no fato de ter sido ele quem me encontrou.

— O Hawkins, é? — repeti.

— É — confirmou ela. — A Corrine, ele e a criada dela, Amy, vieram aqui quase todos os dias. Com certeza é bom você agradecer.

— Claro. É claro que eu vou agradecer.

Ela se levantou para sair e senti a leve pontada de dor que sempre vinha quando ela ia embora.

★ ★ ★

D
S
, sentei na beirada da cama, pensando nos últimos acontecimentos. Alguma coisa não se encaixava. Sophia tinha dito que Hawkins me encontrou na margem do rio, mas eu tinha a nítida lembrança de ter caído no alqueive. Eu me lembrava de ter visto o monumento, a pedra que marcava as primeiras obras do progenitor, Archibald Walker. Mas os campos de alqueive ficam a mais de dois quilômetros do rio, e eu não me lembrava de ter percorrido essa distância entre um e outro. Talvez eu tenha imaginado tudo, meu espasmo de quase morte tenha invocado essa última visão dos meus ancestrais, minha mãe dançarina, o monumento do progenitor, como em uma despedida deste mundo.

Levantei e saí do quarto. Minha ideia era ir até os campos de alqueive, até o monumento, na esperança de encontrar algo que pudesse conciliar minha história com a de Hawkins. Segui pela passagem estreita do Labirinto, passei pelo quarto de Thena e desci para o túnel que levava para fora. A luz radiante do sol me cegou. Fiquei ali parado, observando, a mão esquerda curvada na testa como a aba de um chapéu. Um grupo de Tarefeiros passou com sacos nas costas e pás, e entre eles vi Pete, o jardineiro que, assim como Thena, era um dos antigos que, por seu próprio engenho, tinha escapado de Natchez.

— Ei, Hi, como vai? — perguntou Pete ao passar.

— Tudo bem, tudo bem — respondi.

— Bom saber. Vai com calma, filho, ouviu? E se cuide...

Ele ainda estava falando, mas a distância e meus próprios pensamentos encobriram suas palavras e fiquei apenas olhando enquanto ele e seus homens desapareciam naquela luz ofuscante. Por motivos que desconheço, naquele momento eu estava tomado por um grande pânico. Era algo com Pete, algo sobre o desaparecimento dele, assim na luz do sol, como eu mesmo me senti desaparecer dias antes, mas no meu caso em uma cegueira. Corri de volta para o meu quarto com esse pânico dentro mim e deitei atravessado na cama.

Mais uma vez, por instinto, procurei no bolso a moeda, que não estava lá. Fiquei deitado o resto do dia. Pensei na história de Hawkins, que disse ter me encontrado na margem. Eu tinha certeza de que estava em um mato alto, me lembrava claramente disso, de ter visto o grande monumento de pedra antes de cair, e minha memória nunca havia falhado.

Ali deitado eu ouvia os sons da casa, esse lugar de escravidão secreta, que aumentaram com o avanço da tarde e depois diminuíram, indicando a chegada da noite. Quando tudo silenciou, saí do túnel, me afastei da luz da lanterna e mergulhei na noite. A lua espiava por trás de um fino borrifo de nuvens pretas, parecendo uma poça brilhante contra o céu pontilhado de estrelas.

Na beira do campo de críquete, alguém atravessou a grama baixa e, ao se aproximar, vi que era Sophia. Usava um xale longo, da cabeça aos pés.

— Um pouco tarde pra você estar do lado fora — observou ela. — Ainda mais no seu estado.

— Passei o dia inteiro na cama. Preciso de ar.

Sophia apertou mais o xale quando um vento soprou suavemente, vindo de um grupo de árvores a oeste. Ela olhava a estrada como se algo mais a tivesse afetado.

— Melhor deixar você sossegada — disse eu. — Acho que vou dar uma volta.

— Hã? — Ela agora olhava para mim. — Não, desculpe, eu que tenho esse costume, você com certeza já notou. Às vezes, um pensamento me leva embora e eu esqueço onde estou. Vem a calhar de vez em quando, sabe?

— Qual pensamento? — perguntei.

Ela olhou para mim, balançou a cabeça e riu para si mesma.

— Você disse que vai dar uma volta? — perguntou ela.

— Isso.

— Que tal eu ir com você?

— Por mim tudo bem.

Eu disse isso como se não fosse nada, mas, se ela me visse naquele momento, saberia que era muito. Caminhamos em silêncio pelo caminho sinuoso, passamos pelos estábulos, em direção à Rua, a mesma rota que eu havia percorrido todos aqueles anos antes em busca da minha mãe. Então a trilha se abriu e vi a longa fileira de cabanas de telhado triangular onde eu tinha morado um dia.

— Você morava aqui, né? — perguntou ela.

— Naquela cabana bem ali — respondi, apontando. — E depois, quando eu fiquei com a Thena, mais pra baixo.

— Sente saudade?

— Às vezes, acho. Mas, pra falar a verdade, eu queria subir. Eu tinha sonhos naquela época. Sonhos grandiosos e idiotas. Mortos e acabados.

— E com o que você sonha agora? — perguntou Sophia.

— Depois do que acabei de passar? Respirar. Eu só sonho com respirar.

Quando olhamos na direção das cabanas vimos dois vultos, praticamente sombras, parados do lado de fora. Uma sombra puxou a outra para perto, e assim ficaram por um minuto ou dois, até que se soltaram devagar e uma das sombras voltou para dentro, enquanto a outra dobrou a esquina da cabana, sumiu e reapareceu no campo, correndo na direção da floresta ao longe. Eu tinha certeza de que era um homem e de que a sombra que entrara na cabana era sua esposa. Era uma coisa normal de se ver naquela época, porque muitos casamentos se estendiam pelos vastos quilômetros do condado. Quando era pequeno, eu me perguntava por que alguém havia de se prejudicar assim. Mas agora, observando a sombra que atravessava o campo, parado ali com Sophia, senti que entendia.

— Você sabe que eu sou de um lugar — disse ela. — Tinha a minha vida antes de tudo isso. Tinha a minha gente.

— E como era a sua vida?

— Carolina — revelou ela. — Nascida no mesmo ano que a Helen, a prometida do Nathaniel. Mas não se trata dela ou dele, sabe? Se trata do que eu tinha lá.

— E o que você tinha? — perguntei.

— Bem, em primeiro lugar, eu tinha um homem. Um homem bom. Grande. Forte. A gente dançava, sabe? No sábado, a gente ia com o pessoal para aquele antigo fumeiro e sapateava.

Ela fez uma pausa, talvez para saborear a lembrança.

— Você dança, Hi? — perguntou.

— Nem um pouco. Me disseram que minha mãe tinha o dom, mas parece que nisso eu puxei ao meu pai.

— Não tem nada a ver com “puxar”, Hi, tem que fazer. A melhor coisa de dançar é que não interessa quem sabe e quem não sabe. O único crime que se podia cometer era passar a noite inteira sozinha encostada na parede do velho fumeiro.

— É mesmo?

— É. Agora, não entenda mal: eu era um perigo. Toda vez que eu tremia, espantava as galinhas.

Nós dois rimos. Então eu disse:

— Me desculpe por não ter visto isso. Visto você dançar. Tinha mudado tudo quando eu cheguei aqui, você sabe. E eu era um menino diferente. E até mesmo agora sou um homem diferente.

— É, dá pra ver — disse ela. — Meio que me faz lembrar do meu Mercury. Ele era quieto também. Era o que eu gostava nele. Acontecesse o que acontecesse, eu sabia que era eu mais ele. Eu devia saber que não ia durar. Mas ele dançava, sabe? Nossa! Naquele tempo a gente preferia dançar do que comer. A gente botava abaixo aquele velho fumeiro e o meu Mercury, que mesmo usando uma botina grossa que nem biscoito, era leve feito uma pomba.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O mesmo que acontece aqui. O mesmo que acontece em toda parte. Eu tinha a minha gente. Kansas, Millard, Summer... Família, sabe? Bem, não sabe, mas entende.

— É. Entendo.

— Mas não tinha ninguém como o meu Mercury — continuou Sophie. — Espero que ele esteja bem. Espero que tenha encontrado uma esposa gorda no Mississippi.

Ela se virou sem dizer uma palavra e começou a se afastar.

— Não sei por que estou contando tudo isso pra você.

Eu balancei a cabeça e escutei. Sempre tinha sido assim. As pessoas falam comigo. Contam suas histórias, me dão para guardar, e foi isso o que eu fiz, sempre ouvindo, sempre lembrando.

Na manhã seguinte, me lavei e saí tão logo o sol começou seu caminho acima das árvores. Passei pelo gramado de críquete, depois pelos pomares, onde Pete e sua turma, Isaiah, Gabriel e Wild Jack, já colhiam os pêssegos e os armazenavam delicadamente em sacas de estopa. Andei até o campo de alqueive, coberto de

trevos, até ver o monumento de pedra. Fiquei ali por um tempo e deixei tudo voltar para mim, a água, a névoa, o mato alto e escuro ondulando ao vento e depois a súbita aparição da pedra do progenitor. Circundei o monumento uma, duas vezes, então vi algo brilhando no sol da manhã. Antes mesmo de me abaixar, antes de pegar, antes de passar os dedos pelas bordas, antes de colocar no bolso, eu sabia que era a moeda, meu talismã para o Reino, mas não o Reino que por tanto tempo imaginei.

EU TINHA ESTADO ali no campo de alqueive. E, se eu tinha estado no campo, tudo, o mar, a neblina, a luz azul, também era verdade. Parado no meio da grama e dos trevos, com a moeda de volta no bolso, senti uma pressão muito forte na cabeça e o mundo pareceu girar e girar em torno de mim. Caí de joelhos na grama alta. Dava para ouvir meu coração batendo. Puxei um lenço do colete e enxuguei o súbito suor da testa. Fechei os olhos. Respirei longa e lentamente várias vezes.

— Hiram?

Abri os olhos e vi Thena parada ali. Fiquei de pé com dificuldade e senti o suor escorrendo pelo rosto.

— Ah, nossa — disse ela, em seguida, pôs a mão na minha testa. — O que você tá fazendo, rapaz?

Eu me sentia fraco. Não conseguia falar. Thena jogou meu braço por cima do ombro e começou a me levar de volta ao campo. Eu tinha consciência de que estávamos nos deslocando, mas na minha febre tudo parecia uma onda de outono marrom e vermelha. O cheiro de Lockless, o estábulo fétido, o mato queimado, os pomares pelos quais passamos, até o suor adocicado de Thena, tudo subitamente agudo, avassalador. Lembro-me de ver o túnel para o Labirinto passar como uma névoa, quando então dobrei o corpo e vomitei. Thena esperou que eu me recuperasse.

— Tudo bem?

— Sim, sim.

De volta ao meu quarto, Thena me ajudou a tirar a roupa externa. Então me entregou uma ceroula limpa e saiu. Quando voltou, eu estava deitado na cama de estrado de corda com o cobertor puxado até os ombros. Thena pegou o pote de pedra do meu aparador e foi até o poço. Ao voltar, pôs o pote na mesa, pegou um copo da lareira, encheu de água e o entregou para mim.

— Você tem que descansar — disse ela.

— Eu sei.
— Se sabe, o que tava fazendo lá fora?
— Eu só... como você me achou?
— Hiram, eu sempre vou achar você — retrucou ela. — Vou levar essa roupa pra lavar. Devolvo pra você na segunda-feira que vem.

Thena se levantou e foi até a porta.

— Tenho que voltar — explicou. — Descanse. Não seja bobo.

Caí rapidamente no sono e em um mundo de sonhos, mas feito de lembranças. Estava mais uma vez no estábulo, tinha acabado de perder minha mãe. Olhei nos olhos do marchador do Tennessee, olhei até desaparecer dentro deles e saí naquele celeiro onde costumava brincar em meio aos meus pensamentos de infância.

N _____, R _____ veio ao meu quarto.

— Pegue leve — disse. — Com o tempo eles vão botar você pra trabalhar. Descanse agora.

Mas, deitado ali, tudo que encontrei foram perguntas e paranoias que chacoalhavam na minha cabeça, as tramoias de Hawkins, minha mãe dançando na ponte. O trabalho era a única saída. Vesti minhas roupas, saí pelo túnel, contornei a casa e quem me saudou foi a carruagem de Corrine uinn, que vinha pela estrada principal, um acontecimento que tinha se tornado habitual desde o falecimento de Maynard. Corrine chegava com Hawkins e sua criada Amy e depois passava a tarde conduzindo meu pai em oração. Nunca tinha havido nada religioso na casa. Meu pai era da Virgínia e, assim como as relíquias de seus pais revolucionários, certa ausência de Deus testemunhava os velhos tempos em que tudo parecia estar em questão. Mas agora ele havia perdido seu único herdeiro, seu legado para o mundo, e o Deus cristão parecia ser tudo que lhe restava. Voltei um pouco pelo túnel e vi quando Hawkins ajudou a patroa a descer da carruagem, depois a criada, e os três foram até a casa. Na época, eu não sabia por que achava aquela gente tão agourenta. Tudo que eu sabia era que, na presença deles, eu sentia algo mais terrível do que qualquer Espírito Santo.

Pensei em voltar ao meu hábito de infância de tentar me encaixar onde pudesse ser necessário. Mas, enquanto ia da cozinha para o fumeiro, depois do

fumeiro para o estábulo, depois do estábulo para o pomar, fui recebido com olhares aflitos, e ficou claro que alguém — Thena, Roscoe ou ambos — determinara que não me colocassem para trabalhar. Então resolvi encontrar trabalho sozinho. Voltei ao meu quarto e troquei a roupa de casa por um macacão e botinas. Depois saí para um galpão de tijolos no começo da mata, a oeste da casa grande, onde meu pai guardava uma coleção de sofás, banquinhos, mesas, escrivaninhas com tampas de enrolar e outros móveis antigos que precisavam de restauração. Era o final da manhã. O ar estava frio e úmido. Folhas caídas grudavam na sola das botinas. Abri o galpão. Um jato de luz recortado pela janelinha quadrada fez a coleção brilhar. Vi uma escrivaninha Adams, um sofá com corcova, uma cadeira de canto de louro-amarelo, uma cômoda de mogno e outras peças quase tão antigas quanto a própria Lockless. Resolvi trabalhar na cômoda de mogno, com entusiasmo. Era ali que meu pai guardara coisas secretas e valiosas, fato que eu sabia porque Maynard rotineiramente a revistava e depois, com prazer, detalhava suas descobertas. Decidido o meu alvo, voltei para o Labirinto. Peguei um lampião no armário de suprimentos e revirei o móvel até encontrar uma lata de cera, um frasco de terebintina e um pote de barro. Do lado de fora do galpão, misturei a terebintina e a cera no pote. Deixei essa solução assentar e depois, sem qualquer esforço, empurrei a cômoda para fora. De repente fiquei um pouco tonto e me inclinei com as mãos apoiadas nos joelhos, respirando fundo. Quando me ergui, vi Thena olhando do gramado para as árvores.

— Já pra casa! — gritou ela.

Eu sorri e acenei. Ela balançou a cabeça e se afastou.

Passei o resto do dia lixando a cômoda. Foi o momento de maior paz que tive em um bom tempo, com uma espécie de desatenção tendo baixado sobre mim.

Dormi muito e profundamente naquela noite, sem sonhos, e acordei com a expectativa de retomar o trabalho do dia anterior e alcançar outra vez aquele foco irracional. Depois de me vestir, voltei para o galpão, onde a solução de terebintina e cera me aguardava. No final da manhã, a cômoda brilhava ao sol. Dei um passo para trás e avalei meu trabalho. Quando estava prestes a voltar para o galpão, na esperança de descobrir outro alvo, vi que Hawkins vinha pela grama na minha direção. Corrine obviamente tinha voltado enquanto eu trabalhava.

— Bom dia, Hi — disse Hawkins. — É assim que chamam você, certo?

— Alguns, sim — respondi.

Ele sorriu, um gesto que teve o efeito de ressaltar a firme arquitetura óssea de seu rosto. Era um homem magro, de compleição mulata, a pele tensa, de modo que, em certos pontos, se via o contorno verde dos vasos sanguíneos. Seus olhos eram fundos no crânio como pedras preciosas em uma caixa metálica.

— Me mandaram vir aqui buscar você — disse ele. — A senhorita Corrine quer trocar uma palavra.

Voltei com Hawkins para a casa, onde me retirei para meu quarto e troquei a botina e o macacão por terno e sandálias. Então subi a escada dos fundos, abri a porta escondida e entrei na sala de estar. Meu pai estava sentado no sofá de couro, com Corrine ao lado. Ele segurava a mão dela nas suas, com um ar sofrido no rosto, aparentemente tentando olhar nos olhos dela, esforço frustrado pelo véu negro de luto que Corrine usava. Hawkins e Amy estavam em pé de cada lado do sofá a uma distância respeitosa, atentos, esperando qualquer ordem. Corrine falava com meu pai em um quase sussurro, mas alto o suficiente para que eu captasse trechos da conversa através da longa sala. Falavam de Maynard, compartilhando a saudade que sentiam dele, ou pelo menos alguma versão embelezada dele, pois esse Maynard considerado um pecador à beira do arrependimento pelos dois não era o mesmo que eu conhecia. Meu pai assentia enquanto ela falava, então olhou para mim e soltou as mãos da dama. Levantou-se e esperou que Hawkins abrisse as portas deslizantes da sala de estar. Lançou um último olhar para mim, ainda sofrido, e saiu. Hawkins fechou a porta e me perguntei se tinha julgado mal a conversa, pois pressentia que o assunto não tinha sido apenas Maynard.

Notei então que estavam todos de preto, Hawkins de terno preto, Amy de vestido preto e, igual a Corrine, com um véu de luto, embora menos enfeitado. Parados ali, os criados de Corrine pareciam extensões de seu humor mais profundo, projeções etéreas de sua dor de viúva.

— Você conhece a minha família, não é? — perguntou ela.

— Acho que ele conhece, sim, senhora — disse Hawkins, sorrindo. — Mas, quando vi esse rapaz pela última vez, ele mal conhecia a vida.

— Eu tenho que agradecer — falei. — Me disseram que eu teria morrido se você não tivesse me visto na margem.

— Calhou que eu estava passeando lá fora — explicou Hawkins. — De repente, vejo um bezerro grande deitado. Aí eu vou lá e vejo que na verdade é um homem. Mas não precisa agradecer. Foi você que se salvou, o que não é pouca coisa. Cair naquele Goose? Meu irmão, ele leva você embora. Um sujeito

que consegue se salvar? Bem, não é pouca coisa. O Goose é poderoso, muito poderoso nessa época. Leva a gente embora.

— Bom, eu agradeço sim.

— Não foi nada — observou Amy. — Ele só fez o que qualquer um faria por alguém que está pra virar parente.

— E nós íamos ser família — disse Corrine. — Acho que ainda devemos ser. A tragédia não pode nos derrubar. Um homem começa a trilhar determinado caminho e se lembra dos seus passos, não importa que dilúvio possa abater a ponte.

“A mulher é feita para completá-lo”, prosseguiu Corrine. “Nosso Pai fez assim. Nós damos a mão em matrimônio e a costela é devolvida. Você é um rapaz inteligente, todo mundo sabe disso. Seu pai fala de você como se falasse de um milagre. Ele fala do seu gênio, dos seus truques, das suas leituras, mas não muito alto, porque a inveja apodrece nos ossos do homem. Por inveja, Caim matou o irmão. Por inveja, Jacó enganou o pai. E por isso ele tem que esconder deles o seu gênio. Mas eu sei, eu sei.”

A luz estava baixa na sala, as cortinas meio fechadas. Só dava para ver o contorno dos rostos de Amy e Corrine. O discurso dela hesitava de tal forma que soava como três vozes tremendo em conjunto, uma espécie de harmonia perversa, fluindo de alguma escuridão que espreitava por trás do véu do luto.

E não era apenas o teor da voz, mas a própria natureza do discurso que parecia incomum. É difícil transmitir isso agora, porque era outro tempo, repleto dos próprios rituais, coreografias e boas maneiras entre as classes e subclasses da qualidade, da Tarefa e da Baixa. Havia coisas que você dizia e não dizia, e o que você dizia determinava seu lugar nesses eixos. A qualidade, por exemplo, não perguntava sobre o funcionamento interno de seu “povo”. Eles sabiam nossos nomes e conheciam nossos pais. Mas não *conheciam* a gente, porque não conhecer era essencial para manter o poder deles. Para vender uma criança tirada da mãe, você só pode conhecer essa mãe da maneira mais superficial possível. Para despir um homem, condená-lo a ser espancado, esfolado vivo, depois unguento com água salgada, você não pode senti-lo como sente a si mesmo. Você não pode se ver nele, para que sua mão não se detenha, e sua mão não deve se deter, porque na hora em que isso acontecer, o Tarefairo verá que você o vê, e assim está vendo a si mesmo. Nessa hora de profunda compreensão todos se acabam porque aí já não podem dominar como é preciso. Você não pode mais garantir que os canteiros de tabaco sejam erguidos conforme

o esperado; que as mudas sejam plantadas nesses canteiros no momento exato; que as ervas daninhas sejam eliminadas e carpidas com diligência; que sua colheita seja coberta e a semente, catalogada e protegida; que as folhas sejam deixadas no talo e que o talo seja enganchado e pendurado na distância apropriada para que a planta não mofe nem seque, mas cure com aquele ouro da Virgínia que eleva o homem vulgar e mortal ao panteão da qualidade. Cada passo é essencial e deve ser seguido com o maior cuidado, e só há um jeito de garantir que um homem tome esse cuidado com um processo que não lhe recompensa com nada, e esse jeito é torturar, matar e mutilar, é roubar crianças, é causar terror.

Então, ouvir Corrine se dirigir a mim dessa maneira, tentando estabelecer algum vínculo humano, era bizarro e aterrorizante, porque eu tinha certeza de que a tentativa em si ocultava algum objetivo sombrio. Eu não conseguia ver o rosto dela e, portanto, não podia procurar qualquer sinal que pudesse indicar qual era. *Eu sei* foi o que dissera. *Eu sei*. E lembrando a história que Hawkins contou, e a verdade do que acontecera, fiquei imaginando o que exatamente ela sabia.

Então me atrapalhei com as palavras.

— O Maynard tinha seus encantos, sim, senhora — falei. E fui devidamente corrigido.

— Não, encanto nenhum — retrucou ela. — Ele era bruto. Não negue isso. Não venha com lisonjas para meus ouvidos, rapaz.

— Claro que não, senhora — disse eu.

— Eu conhecia o Maynard muito bem — disse ela. — Ele não tinha iniciativa. Não tinha recursos. Mas eu gostava dele, porque eu sei curar, Hiram.

Ela parou por alguns segundos. Foi no final da manhã. O sol piscou através das venezianas verdes e havia um silêncio incomum na casa, em geral ocupada com o trabalho dos Tarefeiros. Eu queria muito voltar para o galpão, cuidar da escrivinha ou das cadeiras de canto, talvez. Sentia que era apenas uma questão de minutos até que um alçapão se abrisse debaixo de mim.

— Riam de nós, você sabe — continuou ela. — A sociedade toda gargalhava. “A duquesa e o bufão”, diziam. Talvez você entenda alguma coisa de “sociedade”. Talvez entenda alguma coisa de homens que mascaram seus objetivos terrenos com piedade e pedigree. Maynard não fazia isso. Ele não tinha charme nem malícia. Não sabia dançar valsa. Era um grosseirão nas ocasiões sociais. Mas era um grosseirão sincero, o meu grosseirão.

uando disse isso, a voz de Corrine estremeceu ainda mais, com uma dor mais profunda.

— Saiba que estou destruída. Destruída.

Ouvi que ela chorava baixinho sob o véu de luto e me ocorreu então que talvez não houvesse engano algum, que ela era o que parecia: uma jovem viúva de luto, cujo desejo de chegar até mim era simplesmente fruto da necessidade de tocar aqueles que tinham sido próximos de Maynard. Eu era escravo dele, mas ainda irmão dele e, assim, carregava alguma coisa sua em mim.

— Eu acho que você talvez tenha uma noção de como é se sentir destruído — disse ela. — Você era o braço direito dele e, sem a orientação e proteção de Maynard, me pergunto como se vira agora. Não é minha intenção ser indelicada. Dizem que você protegia Maynard da impulsividade, da iniquidade. Me disseram que lhe dava conselhos em momentos difíceis. Me disseram que você é um rapaz inteligente. E os idiotas desprezam sabedoria e instrução. E ele foi a sua instrução, não foi? E agora o bom Howell Walker me diz que têm visto você vagando por aí, todo mãos e sem orientação.

“Você é como eu? Passa o tempo com qualquer atividade, na esperança de não pensar nele? Nós mulheres não somos tão diferentes, sabe? Todo mundo tem as suas tarefas. Então eu me pergunto se você, como eu, vê Maynard nos seus trabalhos. Ele está em toda parte ao meu redor, Hiram. Vejo o rosto dele nas nuvens, na terra, nos meus sonhos. Perdido nas montanhas. E cercado pelo rio, naqueles últimos instantes de horror, naquela luta nobre com as profundezas. Foi assim que ele se foi, não foi, Hiram?”

“Foi você quem viu Maynard por último, só você pode contar como foi. Eu não questiono a morte dele, porque me apoio no Senhor e nunca no meu próprio entendimento cotidiano. Mas estou arrasada na minha ignorância e imaginação. Me diga que ele morreu de acordo com o nome, honrando a posição que tinha. Me diga que ele morreu sob a palavra verdadeira pela qual viveu.”

— Ele me salvou, srta. Corrine, a verdade é essa.

Não sei por que eu disse isso. Eu tinha passado muito pouco tempo na presença de Corrine e tudo sobre ela me abalava. Falei por instinto, e o instinto me dizia para acalmá-la, para aliviar sua dor o melhor que pudesse, para o meu próprio bem.

Ela ergueu as mãos enluvadas por baixo do véu. Seu silêncio me obrigou a falar de novo.

— Eu estava afundando, minha senhora, e estendi a mão — expliquei. — Senti as águas ao meu redor como se fossem facas e não tive dúvida de que morreria. Mas ele me puxou para cima até eu ter forças para nadar sozinho.

Quando vi Maynard pela última vez, ele estava ao meu lado, mas o frio e a correnteza eram fortes demais.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Quando falou, a voz trêmula era uma barra de ferro.

— Você não contou nada disso para o sr. Howell? — perguntou.

— Não, senhora. Poupei os detalhes porque para ele o simples nome do filho que se foi é difícil de ouvir. A história entristece todo mundo. E só estou dizendo isso agora porque a senhora me pediu de coração e espero que isso lhe traga alguma paz.

— Obrigada — disse ela. — Você se mostra melhor do que pode imaginar.

Mais uma vez, Corrine nada disse por um tempo. Fiquei ali à espera do próximo pedido. Quando falou, seu tom de voz mudou para agudo.

— Então seu senhor o deixou. Você ainda é jovem, mas ocioso pelo que ouvi. O que vai fazer da sua vida?

— Eu vou para onde for chamado, senhora.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então talvez seja chamado para ficar ao meu lado. Maynard o amava tanto. Seu nome era assunto de expectativa. Meu herói era o seu herói. E ele deu a vida por você. Talvez, no devido momento, você também dê de si mesmo. Entende isso, Hiram?

— Entendo — respondi.

E de fato entendi, se não naquele momento, no momento da reflexão posterior. A tristeza e o choro podiam ser verdadeiros, porém mais certa era a intenção sombria: me arrancar de Lockless e reivindicar meus serviços, meu corpo, como dela. Lembre-se do que eu era: não um ser humano, mas uma propriedade e uma propriedade valiosa, capacitado que era em todas as funções da mansão, das colheitas, capaz de ler e de entreter com meus truques de memória. Eu era conhecido pelo meu empenho, pela firmeza da minha disposição, pela minha retidão. E isso não seria difícil. Através da união dela com Maynard, tinham me prometido a Corrine de qualquer maneira. E agora ela simplesmente apelaria ao meu pai para colocar essa peça no seu devido lugar, para me entregar como penhor de luto e perda. E onde eu encontraria a minha casa então? Sabia-se que Corrine possuía uma propriedade no condado de Elm,

mas também tinha outra mais a oeste, do outro lado das montanhas, na parte menos desenvolvida do estado. Era esta a semente da sua fortuna, porque através da gestão de múltiplos interesses, madeira, minas de sal, cânhamo, dizia-se que ela evitara a queda que agora dominava o condado de Elm. Fosse o que fosse, eu sabia que depois daquele encontro enfrentaria um novo perigo, não Natchez, mas uma separação de Lockless, o único lar que eu conhecia.

O M nunca foi encontrado. Mas decidiram que todos os Walker de toda parte que pudessem se reuniram em Lockless naquele Natal para compartilhar suas lembranças do herdeiro falecido. Passamos o mês anterior inteiro nos preparando. Limpamos, varremos e lavamos o piso do salão no andar superior, que tinha caído em desuso nos anos depois da morte da mãe de Maynard. Tirei a poeira dos espelhos guardados no galpão, consertei duas velhas camas de estrado de corda e as transferi para a casa, junto com um pequeno piano. À noite, eu trabalhava na Rua com Lorenzo, Bird, Lem e Frank. Era bom estar de volta ali porque aqueles eram meus companheiros de brincadeiras quando menino. Trabalhamos juntos na restauração das cabanas que estavam vazias com a redução do número de Tarefeiros. Reforçamos telhados, varremos os ninhos de pássaros e baixamos colchonetes para os catres, porque sabíamos que seria preciso abrigar não apenas os Walker, mas todos os Tarefeiros que viriam com eles.

Deixei o trabalho entorpecer minha mente, que agora assumia uma espécie de ritmo íntimo, tão forte que obrigou Lem a cantar:

*Casa grande da fazenda chama a gente
Para lá onde a casa é quente
Quando me procurar, Gina, estarei longe.*

E ele então retomou o canto e dessa vez deixou espaço para o coro, que éramos todos nós, para repetir cada verso. E então nos revezamos acrescentando outras interpretações ou versos nossos, construindo a balada de sala em sala, como a grande casa sobre a qual cantávamos. Quando chegou minha vez, gritei:

*Casa grande da fazenda chama a gente
mas não vou demorar por lá.
Eu volto, Gina, com o coração a cantar.*

Então ficou decidido pelos anciãos que nós também devíamos ter um banquete e uma mesa adequada. Derrubaram uma árvore, então limparam e deram acabamento e, depois de as pernas instaladas, tínhamos uma mesa de festa. Deu bastante trabalho, mas afastou todas as questões difíceis e espinhosas da minha cabeça.

Na manhã da véspera de Natal, eu estava na varanda da casa, olhando para fora, para as montanhas nuas e marrons, quando vi chegando junto com o sol a longa fila sinuosa dos Walker que vinha pela estrada. Contei dez carroções. Desci a escada trocando cumprimentos e então, junto com os Tarefeiros que tinham chegado, comecei a ajudar a descarregar a bagagem. Eu me lembro desse momento como feliz porque nesse grupo de Walker havia pessoas de cor que me conheciam desde criança, que tinham conhecido minha mãe e falavam dela com grande carinho.

Como era tradição das festas nessa época, todos receberam uma porção extra de alimento: duas porções de farinha e de cereal, três vezes a quantidade de banha e carne de porco salgada e dois bois abatidos para a gente fazer o que quisesse. Das nossas hortas, levamos repolho e couve, e todas as galinhas no ponto de se comer foram abatidas e depenadas. No dia de Natal, nos dividimos: metade ficou na preparação do banquete da casa e os demais trabalhando nos preparativos da nossa festa daquela noite, na Rua. Eu trabalhei a maior parte da manhã cortando e transportando lenha, tanto para a cozinha quanto para a fogueira. Então, à tarde, atravessei a floresta e levei dez garrações de rum e cerveja. No início da noite, depois que o sol tinha se posto, os cheiros saborosos da nossa ceia tardia de frango frito, biscoitos, pão de milho e caldo de legumes pairavam sobre a Rua. Homens e mulheres de Starfall, que ainda tinham parentes em Lockless, trouxeram tortas e guloseimas para a sobremesa. Georgie e a esposa, Amber, sorriram ao desembulhar dois bolos de maçã frescos. Eu ajudei os homens a levantar os bancos compridos que tínhamos lavrado poucos dias antes, mas havia mais pessoas do que assentos. Então pegamos caixas, barris, troncos, pedras e o que mais se encontrasse e colocamos em volta da fogueira. Depois que o pessoal da cozinha desceu, rezamos e comemos.

Então, à luz da fogueira, com todo mundo cheio a ponto de deixar as roupas apertadas, começaram as histórias dos fantasmas de Lockless, de todos os que perdemos ou desapareceram. Zev, o primo-irmão do meu pai que foi para o Tennessee, voltou com seu escravo, Conway, meu amigo de infância, e a irmã de Conway, Kat. Eles tinham encontrado com meu tio Josiah, que agora tinha uma nova esposa e duas meninas. Tinham encontrado Clay e Sheila, que, por um passe de mágica, foram vendidas, mas juntas, o que dava algum consolo. E havia Philipa, Thomas e Brick, que tinham sido levados com Zev e que agora estavam velhos, mas ainda vivos. Então a conversa se voltou para Maynard.

— Aquele menino May, lamentaram mais ele na morte do que amaram em vida — disse Conway, que estava sentado ao lado do fogo com as mãos estendidas para aquecê-las. — Mentira é que nem evangelho pra essa gente. Porque, ora bolas, vou dizer uma coisa pra vocês, falavam desse rapaz como se ele fosse a decadência da natureza. Agora estão dizendo que era o Cristo ressuscitado.

— É pra compensar — argumentou Kat. — Imagine se contassem cada pecado dele?

— Seria um começo — falou Sophia. — Quando eu for embora, não quero que digam mentiras em cima do meu corpo. Contem, do começo ao fim, o que eu era.

— Do jeito que a gente é — disse Kat — ninguém vai dizer nada além de “começa a cavar”.

— Tudo bem — disse Sophia. — Só que sem mentir. Nenhuma firula. Eu cheguei aqui bruta, vivi assim e vou morrer assim. Não tem muito mais pra dizer.

— Não tem a ver com o Maynard — observou Conway. — Tem a ver com eles botando o homem pra descansar, se desculpando depois que o sujeito que eles tratavam no chute se afogou no Goose. Uma coisa eu digo, isso aí pegou até eu, que achava aquele rapaz meio bobo. Nunca consegui ver ele como homem. Pelo que andei ouvindo, o Maynard não mudou muito. E, se for isso, aposto que eles estão cheios de culpa e precisam compartilhar.

— Vocês, pretos, são tão burros quanto dizem — disse Thena. Ela estava de pé perto da fogueira, olhava diretamente para as chamas. — Vocês pensam isso do Maynard?

Ninguém respondeu, então Thena ergueu os olhos e examinou a plateia. A verdade é que todo mundo tinha medo dela. Mas o silêncio que emergiu desse

medo só a deixou mais agitada.

— Terra, negrada! Terra! Isto aqui, terra, bem aqui! Eles elogiam aquele sujeito, o Howell.

Thena olhou em volta. Eu estava bem perto e vi a sombra da fogueira dançando em seu rosto e as nuvens de inverno de sua respiração. E então voltou a falar:

— É a herança dele que querem. Terra, negrada! Terra e nós! Essa coisa toda é um jogo e o vencedor toma posse deste lugar, toma posse da gente.

Nós já tínhamos entendido. Mas era a nossa despedida também, talvez a última vez que nos reuníamos em comunidade. E ninguém queria estragar o momento anunciando em voz alta esse fato. Mas Thena, devido a seu sofrimento e sua disposição particulares, não podia sorrir, não podia se perder em brincadeiras e reminiscências. Então ela balançou a cabeça, sugou os dentes, apertou mais o longo xale branco em torno do corpo e se afastou.

Estavam todos ali sentados, olhos baixos agora, atordoados e de volta à realidade que Thena havia jogado sobre nós. Esperei alguns minutos e desci até o final da Rua, até chegar à cabana mais distante, afastada das demais, aquela em que um dia Thena, diante da porta, espantara as crianças com a vassoura, onde eu aparecera, tantos anos antes, pensando que essa mulher em particular entenderia a traição que eu sentia. E agora a vi em pé diante de sua antiga cabana, perdida nos próprios pensamentos. Me aproximei e parei perto o suficiente para que ela soubesse que eu estava ali. Ela olhou para mim por alguns segundos, e vi que sua expressão tinha suavizado, então ela se virou para a cabana.

Fiquei com ela por um tempo e depois voltei, deixando-a com seus pensamentos. Quando retornei, a conversa tinha voltado às histórias, alcançava agora um passado profundo, tanto mito quanto memória.

— Não é nada disso — disse Georgie.

— Eu digo que é — falou Kat.

— E eu digo que não é — rebateu Georgie. — Se alguma pessoa de cor alguma vez fosse até o Goose e desaparecesse, garanto que eu saberia.

Então Kat me viu e disse:

— Você sabe, Hi. Foi a sua avó, foi a sua Santi Bess.

Sacudi a cabeça e respondi:

— Não conheci ela. Você sabe tanto quanto eu.

Georgie balançou a cabeça, acenou as mãos para Kat e disse:

— Deixe o rapaz sossegado. Ele não sabe nada. Estou dizendo, se alguma escrava saiu daqui de Lockless levando com ela cinquenta e tantos de nós, eu ia saber. Estou cansado de ouvir isso. Todo ano a mesma coisa.

— Foi antes do seu tempo — disse Kat. — Minha tia Elma estava por aqui naquela época. Disse que perdeu o primeiro marido quando ele desceu com a Santi Bess pro Goose. Disse que ele voltou pra casa.

— Todo ano — reclamou Georgie e sacudiu a cabeça. — Todo ano é a mesma droga com vocês. Mas eu tô dizendo: só eu que sei, nenhum de vocês mais.

Senti tudo se aquietar nesse momento. Era verdade. Em toda reunião havia essa disputa sobre a mãe da minha mãe, Santi Bess, e seu destino. A lenda dizia que ela havia executado a maior fuga de Tarefairos, quarenta e oito almas, já registrada nos anais do condado de Elm. E não foi simplesmente fazer eles escaparem, mas para onde diziam que eles tinham escapado: para a África. Diziam que Santi Bess simplesmente os levara até o rio Goose, entrara nele e ressurgira do outro lado do mar.

Era absurdo. Foi o que eu sempre pensei, o que eu tinha que pensar, porque a história de Santi Bess me vinha em uma mistura de rumores e sussurros. E essa narração falha ficava ainda mais fragmentada pelo fato de tantos de sua geração e da seguinte terem sido vendidos, de modo que, na minha época, nem uma única pessoa no condado de Elm tinha visto Santi Bess pessoalmente.

Eu pensava como Georgie: duvidava que ela sequer tivesse existido. Mas não foi o ataque de Georgie a Santi Bess que calou todo mundo, mas a certeza dele. “Eu sei”, dissera o homem.

Kat se aproximou até parar bem na frente de Georgie. Ela sorriu e disse:

— E como é isso, Georgie? Como é que você ia saber?

Eu olhei feio para Georgie Parks. O sol havia se posto muito tempo antes, mas a luz da fogueira mostrava todo o seu rosto, congelado em desconforto.

Então a esposa de Georgie, Amber, se pôs ao lado dele.

— É, Georgie — disse ela. — Como é que você sabe?

Georgie olhou ao redor. Todos os olhos fixos nele.

— Nenhum de vocês se preocupe — disse ele. — Eu sei.

Houve um estrondo de riso nervoso. E então a conversa voltou para Maynard e para mais notícias de todos os lugares distantes que nosso povo agora chamava de lar. Já era tarde, mas o clima era tal que ninguém queria se separar. E eu não sei bem como aconteceu, ou quando, porque não estava olhando, ainda com

Thena na cabeça, mas, no momento em que me dei conta, já estava tudo em movimento. Ouvi a batida, mas não dei atenção, até que alguns começaram a se juntar na extremidade mais distante da fogueira, e vi que um dos homens do tabaco, Amechi, tinha puxado uma cadeira de dentro do alojamento, uma panela e baquetas e batia em certo ritmo, uma coisa para cima, alegre, e, em seguida, duas, depois três pessoas começaram a bater palmas, a bater nos joelhos, e então vi Pete, o jardineiro, avançar com um banjo, dedilhar as cordas, e aí tudo pareceu vir de repente, colheres, paus, gaitas, a dança pairando sobre nós, aparentemente florescendo por conta própria, e formara-se um círculo bem ao lado do fogo, uma moça segurando a barra da saia balançava os quadris no ritmo, então vi o pote de barro em sua cabeça e, quando olhei para o seu rosto, vi que era Sophia.

A noite estava estrelada e sem nuvens e, a julgar pela jornada da meia-lua pelo céu, eu sabia que era algo próximo da meia-noite. O fogo rugia alto, afastava o frio de dezembro e, antes que eu tivesse me dado conta, todos dançavam na Rua. Lentamente fui me afastando até ter uma visão de tudo. Havia dezenas de nós. Uma nação inteira em movimento. Alguns em pares, outros em pequenas rodas, outros sozinhos. Olhei para o alojamento e vi Thena sentada nos degraus de uma das cabanas, balançando a cabeça no ritmo.

Sophia era uma confusão de membros, mas tudo estava sob controle e o jarro parecia fundido a sua cabeça, imóvel. Quando um dos homens chegou perto demais, vi que ela o puxou e sussurrou algo que deve ter sido rude, porque o homem parou e se afastou. Quando me viu olhando para ela, sorriu, veio na minha direção e, quando chegou, inclinou a cabeça para o pote deslizar, estendeu a mão direita e o pegou pelo gargalo. Parada na minha frente, tomou um gole e passou o pote para mim. Eu o levei aos lábios, mas recuei com o gosto, porque achei que fosse água. Ela riu e disse:

— Demais pra você, é?

Ainda com a cerveja na mão, olhei para ela, levei o pote à boca novamente e, mantendo o contato visual, bebi, bebi e bebi, e aí devolvi o pote vazio. Não sei o que me fez fazer aquilo, pelo menos naquele momento eu não sabia, mas sabia muito bem o que significava, mesmo que tentasse negar para mim mesmo. Sophia também sabia. E, cortando o olhar, ela pôs o jarro no chão, correu até o fim da mesa, desapareceu entre as sombras, voltou com um garrafão completo e me entregou.

— Vamos andar — disse.

— Tudo bem — falei. — Pra onde?

— Você decide.

E assim saímos andando, o som da música morrendo atrás de nós enquanto seguíamos pela Rua até estarmos de volta perto do gramado e da casa grande de Lockless. Havia um pequeno gazebo ao lado, abaixo do qual ficava a casa de gelo. Sentamos ali com o garrafão de cerveja, que passamos de um para o outro em silêncio até nossas cabeças ficarem nadando.

— Então, pois é — disse ela, quebrando o silêncio. — A Thena.

— É — falei.

— Não era mentira, era?

— Não.

— Você sabe o que aconteceu com ela?

— Você está querendo saber por que ela ficou assim? Eu sei, mas sinto que é uma história que ela mesma tem que contar.

— Mas contou pra você, né? — perguntou Sophia. — Ela sempre foi mole com você.

— A Thena não é mole com ninguém, Sophia. Mesmo antes de acontecer o que aconteceu, acho que ela nunca foi mole com nenhum amigo.

— Hum — disse ela. — E você?

— Hã?

— Você é duro com seus amigos também?

— Geralmente sou. Mas depende de quem, claro.

Tomei outro gole e passei o garrafão para Sophia, que me olhava sem sorrir, só me estudando. Para mim estava claro que eu tinha entrado no rio Goose de um jeito e saído de outro. Eu me perguntei como tinha suportado todos aqueles passeios até Nathaniel sentado ao lado dela, me perguntei se eu não estivera cego de alguma forma. Sophia era uma garota tão adorável e eu queria ficar com ela de um jeito que nunca mais ia querer outra pessoa, de um jeito que a idade e a experiência roubam da gente, o que quer dizer que eu queria tudo dela, da pele cor de café até os olhos castanhos, da boca macia até os braços longos, da voz grave até a risada perversa. Eu queria tudo. E eu não pensava em todo o terror que vinha com isso, o terror que havia engolido a vida dela. Eu só pensava era na luz que dançava em mim ao som de alguma música que eu esperava que só ela ouvisse.

— Ah — disse ela.

Sophia desviou o olhar. Tomou outro gole, pôs a cerveja aos seus pés, e então seu olhar se afastou para o céu estrelado e senti ciúme do próprio céu. Com esse sentimento, uma série de pensamentos me ocorreu. Pensei em Corrine e Hawkins e em como esses dias podiam ser os meus últimos em Lockless, não em Natchez, mas longe dali mesmo assim. Pensei em Georgie e tudo o que ele poderia saber. Senti a mão de Sophia deslizar por mim até estarmos de braços dados. Ela suspirou, com a cabeça no meu ombro, e ficamos ali sentados olhando as estrelas no céu da Virgínia.

PASSARAM AS FESTAS, fizemos nossas despedidas finais, mais finais do que qualquer outra nesta terra, então veio o Ano-Novo, e com isso, a redução do nosso número. Corrine ainda tinha o costume de me fazer visitas diárias, murmurava insinuações sobre o meu destino, e eu sabia então, dada a influência que ela exercia sobre meu pai, que não demoraria muito para que se tornassem reais. Meus dias em Lockless estavam contados.

Meu pai havia notado a cômoda restaurada. E então Roscoe me comunicou que minha tarefa agora seria a ressurreição de peças de mobiliário de eras passadas. Li documentos do escritório do meu pai que detalhavam a data exata em que cada uma tinha sido fabricada ou comprada, algumas ainda do tempo do progenitor, de modo que essas peças representavam uma história da minha ancestralidade. Uma ancestralidade que acabaria em mim, um escravo, vendido para fora desta terra, incapaz de salvá-la, ou às pessoas que a construíram e lustraram e a fizeram prosperar, que seria repartido em pedaços e espalhado ao vento, mas ainda em correntes. As velhas ideias do Oregon se adensavam à medida que eu lia. Não podia salvar Lockless, mas outro esquema esquentava dentro de mim. Se eu fosse separado de Lockless, talvez pudesse fazer isso nos meus próprios termos. E isso me levou de volta aos pensamentos de Georgie Parks e a exatamente o que ele poderia saber.

Era só uma ideia na minha cabeça quando saí naquela sexta-feira para completar minha viagem costumeira acompanhando Sophia até a casa de Nathaniel. Fui ao estábulo e atrelei dois cavalos à carruagem. Ainda estava escuro, mas eu já tinha feito aquilo tantas vezes e estava tão acostumado a trabalhar antes do amanhecer que consegui fazer o necessário sem enxergar. Tinha acabado a amarração quando a vi.

— Dia — cumprimentou Sophia.

— Dia — respondi.

Ela estava vestida em seu conjunto completo: touca, saia de crinolina, casaco longo. Eu me perguntei a que horas teria levantado para fazer tudo aquilo funcionar. Observei que se movia com delicadeza quando aceitou minha mão para subir na carruagem e me ocorreu que sua capacidade de assumir os ornatos de uma dama não era fruto do acaso. Tinha sido o trabalho de sua vida vestir Helen Walker, a falecida esposa de Nathaniel, passar pelo difícil ritual de cremes e esmaltes de unha, de espartilhos e corpetes. Ela conhecia o ritual melhor que a própria Helen.

Na metade do caminho, notei que Sophia observava as árvores congeladas, perdida em pensamentos, como era sua tendência.

— O que você acha? — perguntou ela.

Eu estivera na companhia dela por tempo suficiente para conhecer esse costume de começar uma conversa na cabeça e continuar em voz alta.

— Acho que sim — respondi.

Ela olhou para mim e um ar de incredulidade surgiu no seu rosto.

— Você não faz a menor ideia do que eu estou falando, né?

— Não — respondi.

Ela riu para si mesma e disse:

— Então você ia deixar eu falar como se soubesse?

— Por que não? Achei que eu logo ia pegar.

— E se fosse uma coisa que você não quer ouvir?

— Bem, já que eu não saberei o que é até ouvir, acho que arrisco. Além disso, você já está falando. Não pode voltar atrás.

— Uhum — concordou ela. — Acho que é isso. Mas é pessoal, Hi, sabe? Dos tempos antes de eu vir pra Lockless.

— Lá na Carolina.

— É. A boa e velha Carolina — disse suavemente, soprando cada palavra.

— Você era criada da esposa do Nathaniel naquela época, certo? — perguntei.

— Não era só criada. Eu e a Helen, a gente era amiga. Pelo menos naquele tempo a gente era. Eu gostava dela. Acho que posso dizer isso, amava Helen e, quando penso nela, penso que era um tempo melhor.

Ela estava melancólica ao dizer isso, e senti que eu entendia como era para garotas como ela, o modo como isso começava quando eram crianças, brincando com as futuras patroas sem se importar com a cor, e como eram orientadas a amá-las do mesmo modo que deveriam amar qualquer outra companheira de

brincadeiras. As duas crescem juntas e, à medida que as horas de diversão diminuem, o ritual muda. Ambas são afastadas pela religião da sociedade, da escravidão, que afirma que, sem nenhuma boa razão, uma vai viver no palácio, e a outra será condenada à masmorra. É cruel criar as crianças como se fossem irmãs e depois colocá-las umas contra as outras, fazendo com que uma seja rainha e a outra seja um apoio para seus pés.

— A gente se perdia nas brincadeiras — continuou Sophia. — Se maquiava feito grandes damas de vestido comprido. Brincava juntas nos campos. Uma vez, eu caí e rolei direto pra um espinheiro. Devo ter gritado pra diabo, mas ela estava bem ali. Ela que me levantou e me levou de volta pra casa. Lembro da Helen com muita força e, quando vejo um espinheiro agora, não penso na dor, penso só nela.

Ela disse isso olhando diretamente para a estrada.

— Estou dizendo que a gente era a gente antes de ser ele — disse ela. — A gente era alguma coisa uma pra outra, e agora tudo é fumaça. O homem que ela amava me queria. Mas não por amor a mim, Hiram. Eu era uma joia pra ele. Eu sabia. E aí a minha Helen morreu, parindo o filho dele, e nem sei contar a dor e a culpa que me vieram.

Ela parou aí, e seguimos em frente, só se ouvia o cavalo e as rodas crepitando na estrada congelada. Tive a sensação de que aquilo estava chegando a uma revelação terrível.

— Sabe, eu ainda vejo a Helen em sonho.

— Não me surpreende — disse eu. — Eu ainda vejo o Maynard, mas confesso que as minhas lembranças não têm nem metade da sua magia.

— Não é magia, não — retrucou ela. — Às vezes, Hi, às vezes... o que eu sinto é que ela fugiu e me deixou com...

Sophia então se virou para mim e desviou o olhar para a floresta.

— Ele nunca vai me deixar livre até acabar comigo, entende? Aí vai me mandar sair de Elm pra algum lugar e pegar outra garota de cor. A gente não é mesmo mais que joia pra eles. Acho que eu sempre soube disso. Mas estou ficando velha, Hi, e saber de uma coisa ainda é muito longe de entender essa coisa de verdade.

— Leva um tempo — argumentei.

Ela ficou quieta outra vez e, por alguns instantes, não houve nada além do suave barulho do cavalo na estrada.

— Você já pensou no resto da sua vida? — perguntou Sophia. — Já pensou nos mais novos? Em alguma vida que pode estar lá fora esperando você?

— Hoje em dia eu me pergunto sobre tudo.

— Eu penso nos mais novos o tempo todo. Penso no sentido que pode ter trazer alguém, quem sabe uma menininha, pra isso aqui. E eu sei que isso vai chegar, algum dia. E nem depende de mim. Vai acontecer, Hiram. Eu vou ver a minha filha ser levada como eu fui levada, e... Estou tentando dizer que tudo isso me faz pensar em uma outra coisa, outra vida, além do Goose, talvez além das montanhas, além...

A voz dela falhou e Sophia olhou para a margem da estrada outra vez. Penso que é assim que muitas vezes começa a fuga, que fica decidido no instante que você entende como é profundo o perigo que corre. Porque não é só que você foi capturado pela escravidão, mas por uma espécie de fraude que pinta seus executores como guardiões do portal que barra a selvageria africana, quando eles mesmos é que são selvagens, que são Mordred, que são o Dragão com roupa de Camelot. E nesse momento de revelação, de entendimento, fugir não é uma ideia, nem mesmo um sonho, mas uma necessidade, como a necessidade de fugir de uma casa em chamas.

— Hiram, eu não sei por que estou contando isso. Só sei é que você sempre foi alguém que enxerga mais, que sabe mais. E aí você encontrou o Goose. A gente achou que você tinha morrido. Você chegou lá no portão e vi você virar e fiquei imaginando como um homem pode voltar e olhar para o mundo do mesmo jeito.

— Eu sei do que você está falando — falei.

— Estou falando de fatos — disse ela.

— Está falando de adeus — rebati. — E pra onde? Como a gente pode viver de algum jeito longe daqui?

Ela pôs a mão no meu braço.

— Como você conseguiu sair do Goose vivo e, de algum jeito, ainda morar aqui? Estou falando de fatos.

— Você não sabe o que diz.

— Mas sei quando falo disso aqui e de todo tipo de vida que vem depois — disse ela. — A gente podia ir juntos, Hi. Você leu muito, sabe de tanta coisa além de Lockless e do Goose. Deve precisar um pouco disso. Deve ter se pegado sonhando com isso, acordou de vez em quando pensando nisso. Deve querer saber tudo o que você, tudo o que todo mundo pode virar se sair daqui.

Eu não respondi. Dava para ver a grande entrada na estrada que marcava a propriedade de Nathaniel Walker. Passei pelo acesso e virei em um caminho lateral, que era a nossa entrada de sempre. Parei o cavalo no fim do caminho. Através das árvores dava para ver a casa grande de tijolos de Nathaniel Walker. Fiquei olhando enquanto um Tarefeiro bem-vestido veio andando na nossa direção. Ele meneou a cabeça quando nos viu, então estendeu a mão para Sophia, sem dizer nada. Ela saiu da carruagem e olhou para mim. Naquele momento notei que ela nunca tinha feito isso antes; ao contrário, ela sempre seguia em frente com o acompanhante. Mas agora ela fez uma pausa e olhou para trás e o que ela disse naquele silêncio foi algo decisivo, determinado. E eu soube então, olhando para ela, que a gente tinha que fugir.

★ ★ ★

A propriedade de Nathaniel Walker, minha cabeça se concentrou de novo em Georgie Parks. Eu precisava encontrá-lo. Eu conhecia Georgie a vida inteira e entendia que ele podia se preocupar comigo como um pai se preocupa com o filho que vai para a guerra. Eu entendia. Georgie tinha visto tanta gente sendo levada para o tronco e para Natchez. Até eu entendia. Mas mesmo assim eu tinha que fugir. Tudo parecia apontar para isso, o livro da biblioteca, o esquema de Corrine e o bizarro Hawkins, o destino da própria Lockless, sempre incerto, e agora sem herdeiro, horrível. E Sophia, que parecia compartilhar do meu desespero, da minha necessidade de ver o que quer que estivesse além daquelas três colinas, além de Starfall, além do rio Goose e suas muitas pontes, além da própria Virgínia. *Deve precisar um pouco disso.* Eu precisava. Mas o único caminho que conhecia tinha que ser percorrido à luz de Georgie Parks.

Na tarde do sábado seguinte, trabalhei nas gavetas de uma escrivaninha de cerejeira e fiquei satisfeito por estarem correndo de novo. Depois disso me lavei, vesti uma muda de roupa limpa e fui para a casa de Georgie Parks. Não tinha avançado muito em Starfall quando avistei Hawkins e Amy na frente da estalagem, ambos ainda vestindo preto de luto. Estavam tão distraídos com a própria conversa que não me viram, então mantive distância e observei os dois por um momento antes de seguir meu caminho. Eles tinham o hábito de atentar para todos os detalhes da minha vida e das minhas intenções, por isso conversar

com eles tinha se tornado intolerável para mim. Todas as perguntas davam margem a outras perguntas.

Encontrei Georgie diante da casa dele, perto da Prisão de Ryland. Eu sorri. Georgie não, e fez sinal para que caminhasse com ele. Seguimos um pouco pela rua, depois viramos em um caminho menor, onde a cidade começava a dar lugar ao deserto, e então pegamos um caminho de terra que nos levou por um emaranhado verde que se abria para um pequeno lago. Georgie não disse nada durante nossa curta caminhada e então ficou observando o lago por um tempo antes de falar.

— Eu gosto de você, Hiram. Gosto mesmo. Se tivesse a sorte de ter uma filha da sua idade, você seria a minha única escolha. Você é inteligente. Fica com a boca onde tem que ficar, e foi melhor para o Maynard do que ele merecia.

Georgie esfregou a barba castanho-avermelhada, virou-se e olhou para as árvores. Estava agora de costas para mim, mas escutei quando disse:

— E é por isso que eu não posso, de verdade mesmo, entender como um homem que nem você bate na minha porta procurando confusão.

quando ele se virou para mim, seus profundos olhos castanhos brilhavam.

— O que um homem respeitável que nem você quer com isso? — perguntou ele. — E por que razão você acha que só eu que posso atender você?

— Georgie, eu sei. Todo mundo sabe. Talvez você tenha escondido isso do pessoal da qualidade, mas a gente sempre foi mais inteligente que eles.

— Você não sabe nem metade da coisa, filho. E eu tô dizendo o que já disse antes. Vá pra casa. Arrume uma esposa. E seja feliz. Não tem nada aqui.

— Georgie, eu vou — falei para ele. — E não vou sozinho.

— O quê?

— A Sophia vai comigo.

— A moça do Nathaniel Walker? Você ficou maluco? Pegar ela é igual cuspir naquele homem. É uma grande ofensa contra a honra de qualquer branco.

— Nós vamos. E, Georgie — disse com apenas uma sugestão da raiva que agora sentia —, ela não é dele.

E aquilo dentro de mim não era só raiva. Eu tinha dezenove anos e por dezenove anos tinha sido vigiado para não sentir nada nesse sentido, de forma que quando senti, ali naquele momento, quando senti que a amava, não era com razão ou ritual, nem do jeito que se formam famílias e lares, mas de um jeito que destrói a gente e eu estava desfeito.

— Agora vamos falar sério aqui — disse Georgie. — Ela é a mulher dele. Todas elas são mulher dele, entendeu? A Amber era mulher dele. A Thena era mulher dele. Sua mãe era mulher dele...

— Cuidado, Georgie — alertei. — Cuidado mesmo.

— Ah, agora é cuidado, é? É isso que é? Você tá me falando de cuidado, filho. Eles são *donos* de você, Hiram. Você é um escravo, rapaz. Não interessa quem é seu pai. Você é escravo, e não pense que só porque eu tô aqui fora, nesta Freetown, que não sou escravo também. E, se eles são donos de você, são donos dela também. Você tem que entender. A gente foi capturado. Foi capturado. Simples assim. O que você tá falando aqui botou homens uma semana inteira em Ryland apanhando até rezar pela vida. Você tá com um sentimento no coração, e eu respeito isso. Já senti a mesma coisa, qual moço que não? Mas você quase morreu, Hi. Se fizer isso, vai preferir ter morrido.

— Georgie, estou dizendo que não tem escolha. Eu não posso ficar. E você tem que ajudar.

— Mesmo que eu fosse isso que você acha que eu sou, eu não ajudava.

— Você não está entendendo — falei. — Eu vou. É fato. Estou pedindo pra me ajudar porque acho que você é um homem honrado, dedicado no caminho da honra. Eu estou pedindo, Georgie. Mas eu vou de qualquer forma.

Georgie caminhou um pouco, executou os próprios cálculos internos, porque agora sabia que, com sua ajuda ou não, eu ia e ia com Sophia. O que eu não podia saber enquanto ele me olhava ali, com os olhos arregalados ao entender, era que ele devia estar avaliando a consequência desse ato, e sua conclusão deixava claro que quaisquer que fossem seus ódios, quaisquer que fossem seus amores, principalmente os amores dele, ele agora via apenas um caminho à frente.

— Uma semana — disse ele. — Você tem uma semana. Você me encontra aqui, neste lugar onde a gente tá agora, com a moça. Veja bem que eu só faço uma coisa dessas por causa do que você me disse aqui e pelo que está decidido a fazer.

★ ★ ★

M a memória, não o juízo. Saí da casa de Georgie concentrado apenas em minhas próprias suspeitas, sem a menor ideia de quanta

coisa estava de fato envolvida além delas. E mesmo quando me deparei de novo diante do armazém com Amy e Hawkins, que dessa vez me viram na mesma hora, não entendi como as peças se encaixavam.

Não havia como evitá-los dessa vez, pois eu estava tão perdido em pensamentos sobre Georgie, sobre Sophia, que eles me viram antes que eu os visse.

— Como vai indo, pequeno marchador? — perguntou Hawkins.

— Bem, muito bem.

Era o começo da noite, o crepúsculo começava a cair. Os moradores do condado de Elm que tinham vindo à cidade a negócios agora se retiravam em suas charretes e carruagens. Olhei para Hawkins com cautela, tentando encontrar a saída mais rápida para a conversa.

— O que traz você à cidade? — perguntou ele.

Hawkins deu seu característico sorriso de lábios finos. Quando eu não respondi, vi pela mudança em sua expressão que ele agora sabia que tinha suposto uma familiaridade que não existia. Mas isso não bastou para detê-lo.

— Ah, desculpe — disse ele. — Não quis magoar nem ofender. Mas a senhora diz que a gente deve ser que nem família, certo?

— Visitar um amigo — falei.

— Um amigo como Georgie Parks?

Havia todo tipo de tarefa na Virgínia, além dos campos, das cozinhas ou do galpão. Algumas tarefas não eram tão materiais. Proporcionar entretenimento, compartilhar sabedoria. E havia outras ainda mais sombrias. Ser os olhos e ouvidos deles, informantes entre os outros Tarefairos, para que eles, os senhores, soubessem quem ria deles e zombava pelas costas, quem roubava, quem queimara o celeiro, quem envenenava e conspirava. O efeito de tudo isso era uma espécie de vigilância entre os Tarefairos, principalmente quanto àqueles que você não conhecia. Funcionava de outro jeito também: se você fosse novo em Lockless ou em qualquer outra dessas casas de servidão, fazia as coisas com calma, não questionava nem perguntava sobre os assuntos dos outros, porque se fizesse isso podiam pensar que fazia parte daqueles que eram olhos e ouvidos, que trabalhavam além da Tarefa, e aí você ficava em uma posição perigosa, porque então você mesmo podia ser envenenado ou vítima de intriga. Mas Hawkins não se importava, o que dava à sua pergunta uma importância sinistra.

— Nada não — continuou ele. — Minha irmã, Amy, tem gente trabalhando por lá. Ela disse que vê você com o Georgie de vez em quando.

Amy estava na frente do armazém geral, olhando para nós. Vi que ela parecia nervosa com alguma coisa prestes a acontecer ou por um evento que não gostaria de perder.

— É — falei, ainda incomodado. — Georgie é conhecido meu.

— Hã-hã — disse ele. — Georgie é um sujeito e tanto.

Reparei em Amy outra vez, mas ela não estava mais mexendo os olhos nervosamente, e sim olhando ao longe, um quarteirão adiante. Segui seu olhar e vi meu antigo tutor, o sr. Fields, vindo na direção dela. Era a segunda vez que o via em três meses, duas vezes depois de ficar sem vê-lo por sete anos. O sr. Fields estava claramente indo na direção de Amy, como se tivesse um encontro marcado com ela e Hawkins, mas, quando me viu, ele congelou por um momento. Tive a sensação de que algum plano dele tinha dado errado e que ele gostaria muito de mudar de direção. Mas ele mais uma vez tirou o chapéu como fizera tantos meses atrás, no dia da corrida. Hawkins acompanhou meu olhar até o sr. Fields, que agora estava ao lado de Amy. Os dois olharam para nós um tanto confusos. E Hawkins tinha parado de sorrir e, para falar a verdade, parecia bastante nervoso ali observando os dois que nos observavam. Então virou-se para mim e se lembrou de sorrir.

— Bem — disse ele. — Acho que meu pessoal tá me chamando.

— Acho que sim.

E então foi a minha vez de sorrir, e não sei bem por quê, a não ser para expressar minha sensação de que Hawkins estava mentindo para mim, mentindo sobre onde me encontrou, mentindo sobre o motivo de suas perguntas. E senti que finalmente o pegara desprevenido e puxara para a luz uma parte de suas maquinações secretas. O desconforto dele me fez sorrir. Fiquei ali parado, observando-o ir até Amy e o sr. Fields, e então toquei o chapéu mais uma vez para o grupo todo quando se afastaram.

Eu devia ter pensado melhor sobre esses acontecimentos. Devia ter me perguntado sobre a familiaridade entre dois Tarefeiros e um homem instruído do Norte. Devia ter enxergado as conexões com Georgie Parks, mas minha cabeça nadava no oceano de possibilidades abertas por Georgie ter concordado em me ajudar. E, além disso, minha grande preocupação não era descobrir a conspiração dos outros, mas como eu podia esconder melhor a minha.

★ ★ ★

N , à propriedade de Nathaniel para buscar Sophia. quinze minutos depois, não muito longe de casa, uma patrulha de brancos de classe baixa me parou, os Cães de Ryland que assombravam os bosques em busca de fugitivos. Mostrei a eles os meus papéis, e, ao ver neles o nome de Howell, logo deixaram que eu seguisse meu caminho. Mas o fato me abalou porque eu já tinha feito uma mudança completa dentro de mim. Já tinha passado de Tarefeiro a fugitivo. Eu temia muito que vissem isso em mim, em algum sorriso indevido ou calma improvável. Mas os Cães de Ryland eram brancos, brancos de classe baixa, mas brancos mesmo assim, de modo que o poder que tinham os cegava.

Sophia e eu voltamos em silêncio, sem dizer nada. Mas um pouco antes de chegar a Lockless, parei a carruagem. Era final da manhã e estava frio. Não tinha ninguém na estrada e o único som era o vento chicoteando os galhos nus, isso e as batidas do meu coração. Por um breve instante, me perguntei se Sophia tinha se envolvido em algum plano. Fantasmas se agitavam diante de mim como mariposas e, por um momento, vi todos juntos em comum acordo, Howell, Nathaniel, Corrine, Sophia, até Maynard, que não tinha morrido e dominava meus sonhos, levantando-se dos dentes gelados do rio Goose e repassando a lista dos meus pecados. Mas, quando olhei e a vi, os olhos castanhos voltados para a floresta como de costume, sem nem notar a nossa parada, quando a vi ali, tão tranquila e muito acima das preocupações do mundo, os sentimentos em mim transbordaram, me dominaram.

E então ela falou:

— Eu tenho que ir embora, Hi. Não vou ser uma velha que vai para o caixão. Não vou trazer nenhuma criança pra isso. Aqui não tem sociedade. Não tem regra. Nenhuma proibição. Eles levaram tudo para o Kentucky, o Mississippi, o Tennessee. Não tem mais nada. Foi tudo embora. Foi pra Natchez.

Ela parou por um momento e então repetiu, mais lentamente dessa vez:

— Eu tenho que ir embora.

— Certo. Então vamos.

ESTOU MUITO MAIS velho agora, com idade suficiente para entender como um emaranhado de eventos pode se desenrolar até revelar um fio singular. Então, quanto à minha liberdade, os acontecimentos se deram assim: eu sabia que pelo sangue eu nunca avançaria além do meu lugar em Lockless. E eu sabia que, mesmo que o fizesse, quaisquer que fossem as glórias do passado, Lockless estava em decadência, assim como todas as casas grandes da escravidão, e quando finalmente ela caísse eu não seria libertado, mas vendido ou passado adiante. E eu já sabia que meu gênio não me salvaria, que, na verdade, meu gênio só me tornava um bem mais valioso. Eu estava convencido de que isso era o que atraía Corrine, que ela, ajudada pela falsidade do seu povo, tinha feito uma reivindicação inicial, ainda que misteriosa. E minha própria opinião sobre essa reivindicação, sobre tudo, se alterou a partir do momento que saí do rio Goose. E tudo isso, meu conhecimento, meu destino, ter escapado da morte, tudo isso junto era como uma bomba no meu peito, e Sophia e suas intenções eram o estopim. Era assim que eu a via naquela época, como o necessário ponto final dos meus projetos. Tudo fazia sentido para mim, mas teria feito mais se eu considerasse que Sophia era uma mulher que pensava por si mesma, com intenções, projetos e considerações próprios.

Ela veio até mim mais tarde naquela semana. Eu estava do lado de fora, trabalhando em um conjunto de cadeiras de canto, e quando a vi um rastilho queimando dentro do peito, senti uma espécie de ousadia.

Ela parou e sorriu, olhou para a cadeira de canto e começou a entrar no galpão.

— Não pense que você quer entrar aí — avisei. — Não é lugar pra uma dama.

— Não tem dama nenhuma aqui — respondeu ela, e entrou.

Fui atrás e observei enquanto ela limpava as teias de aranha e corria os dedos na mobília para avaliar quanto pó podia pegar de um só golpe. Caminhou entre

as peças, passou pela poltrona de bordo com assento estofado, depois pela mesa Hepplewhite e pelo relógio ueen Anne, enquanto a luz da janelinha cortava a escuridão.

— Ah — disse ela, e então se virou para mim. — Tudo isso aqui é trabalho pra você?

— Acho que sim.

— Palavra de Howell?

— É. Quem disse foi Roscoe. Mas eu cansei de ficar lá esperando me falarem alguma coisa. Além disso, era assim quando eu era mais novo. Eu entrava onde podia. Trabalhava onde precisava.

— Você ainda pode ir para os campos — argumentou ela. — Estão sempre precisando de braços.

— Já fiz minha cota, muito obrigado. Mas e você? Já foi pra lá?

— Não posso dizer que fui.

Ela estava mais perto e notei, porque notava tudo a respeito dela agora, principalmente a distância exata que mantinha de mim. Uma parte de mim sabia que estava tudo errado, mas era a parte desacreditada, a que achava que uma moeda poderia botar a Virgínia contra si mesma.

— Não é tão ruim — falei. — Não tem essa gente vigiando cada coisinha que você faz.

Ela estava mais perto ainda.

— Que tipo de coisa você ia gostar de esconder?

Sophia se aproximou de um jeito que colocou meu equilíbrio em perigo. Botei a mão em uma peça de mobília, não lembro qual. Ela apenas olhou para mim, riu e começou a andar para a porta do galpão.

— A gente pode conversar mais um pouco? — perguntou, quase em um sussurro. — Sobre tudo isso.

— Podemos, sim — respondi.

— Daqui a uma hora. Lá embaixo, perto do desfiladeiro?

— Por mim, tudo bem.

★ ★ ★

E que aconteceu antes desse encontro. Passei o tempo todo pensando só em Sophia. A escravidão é desejo cotidiano, é nascer em um mundo de

alimentos proibidos e tentações intocáveis: a terra à sua volta, a roupa que você costura, os biscoitos que você assa. Você enterra o desejo, porque sabe onde ele vai levar. Mas agora esse novo anseio prometia um futuro diferente, um em que meus filhos, quaisquer que fossem suas dificuldades, jamais conheceriam o leilão. E uma vez que vislumbrei esse outro futuro, meu Deus, o mundo nasceu de novo para mim. Eu estava no rumo da liberdade, e a liberdade estava tanto no meu coração quanto nos pântanos, de modo que a hora que passei esperando o nosso encontro foi a mais despreocupada de uma vida. Eu deixei Lockless antes mesmo de fugir.

— Então, como é que vai ser? — perguntou ela.

Estávamos no desfiladeiro, olhando para o outro lado da floresta além da relva silvestre.

— Não sei bem.

Sophia se virou para mim com um olhar duvidoso.

— Não sabe? — perguntou.

— Botei minha fé no Georgie — respondi. — É só isso que eu tenho.

— No Georgie, é?

— É, no Georgie. Eu não faço muita pergunta, você tem que entender por quê. Essa coisa em que o Georgie se meteu, bem, imagino que parte do negócio é não falar demais. Então minha ideia é simples. Na hora e no lugar marcado a gente aparece, só a gente e nada mais, e aí vai.

— Vai pra onde?

Olhei com severidade para ela, depois de volta para o desfiladeiro.

— Para os pântanos — revelei. — Eles têm um mundo lá, toda uma Clandestinidade, onde um homem pode viver como deveria.

— E uma mulher?

— Eu sei. Pensei bastante nisso. Talvez não seja o lugar ideal pra uma dama...

Ela me cortou e disse:

— Já falei, Hi, que eu não sou nenhuma dama.

Balancei a cabeça.

— Eu me viro muito bem — disse ela. — Só me tira daqui que eu resolvo o resto sozinha.

Essa última palavra, *sozinha*, pairou no ar.

— Sozinha, é? — perguntei.

Ela olhou para mim sem sorrir.

— Olhe, Hiram, eu preciso que você entenda uma coisa. Eu gosto de você, gosto mesmo. — Ela olhou para mim com a mesma severidade penetrante, e senti que o que ela dizia vinha do lugar mais profundo possível. — Eu gosto de você e não gosto de muitos homens, e, quando olho pra você, vejo uma coisa antiga e conhecida, uma coisa parecida com o que eu tinha com o meu Mercury. Mas vou gostar muito menos de vocês se, quando a gente chegar na Clandestinidade, o seu plano pra nós for você virar outro Nathaniel. Isso não é liberdade pra mim, entende? Não é liberdade pra uma mulher trocar um homem branco por um de cor.

Percebi então que a mão dela estava no meu braço. E que ela apertava com firmeza.

— Se é isso que você quer, se é isso que pensa, então tem que me dizer agora. Se o seu plano é me prender lá pra eu gerar seus filhos, então me diga agora e me permita a decência de fazer a minha própria escolha aqui. Você não é como eles. Você tem que me fazer o favor de me dar essa escolha. Então me conte. Me diga agora a sua intenção.

Eu me lembro da ferocidade dela naquela hora. Era um dia tão pacífico. Fim da tarde, o sol se pondo nessa estação de noites longas, a estação perfeita para fugir, como eu logo aprenderia. Não ouvi pássaros, nem insetos, nem galhos ao vento, por isso todos os meus sentidos se concentraram nas palavras de Sophia, palavras que pela primeira vez em minha vida experimentei sem imagens, por motivos que não consegui entender completamente. Mas o que entendi era que ela estava morrendo de medo de alguma coisa, de alguma coisa em mim, e a ideia de que eu, de alguma forma, existiria para ela do mesmo jeito que Nathaniel, que ela teria medo de mim como tinha dele, me assustava e me envergonhava ao mesmo tempo.

— Não — falei. — Nunca, Sophia. Eu quero que você seja livre, quero que qualquer relação entre nós, caso haja alguma, seja sempre da sua escolha.

Ela afrouxou a mão até que se tornou apenas um toque.

— Não posso mentir — continuei. — Espero que você algum dia, em algum momento, me escolha quando estivermos lá fora. Isso eu confesso. Eu tenho sonhos. Sonhos loucos.

— E com o que você sonha? — perguntou, voltando a apertar meu braço com força.

— Eu sonho com homens e mulheres capazes de se lavar, se alimentar e se vestir sozinhos. Sonho com jardins de rosas que recompensam as mãos que

cuidam deles. Sonho ser capaz de olhar pra uma mulher por quem tenho sentimento e falar sobre esse sentimento, gritar esse sentimento, sem pensar em nada além de mim e dela ou no sentido que isso faça.

Ficamos ali um pouco mais, depois subimos a ravina e saímos da floresta. Até então o sol estava se pondo sobre Lockless. Paramos na beira da floresta. Sophia disse:

— É melhor eu ir na frente sozinha.

Fiz que sim e fiquei olhando ela ir e desaparecer. Então saí da floresta na direção da casa, até ver o túnel que dava no Labirinto. E ali, naquele túnel, com os braços cruzados, estava Thena.

De minha nova perspectiva, Thena também se transformara. Eu ia fugir, um rapaz com uma moça, na direção de uma nova vida, a primeira vida de verdade que teríamos, uma que esses velhos de cor tinham medo de perseguir. Eu tinha tentado salvá-los, salvar toda Lockless, mas isso estava acabado. Eram todos cordeiros esperando pelo abate. Todos os anciãos sabiam o que estava por vir. Sabiam o que a terra sussurrava, porque ninguém vivia mais perto da terra do que aqueles que trabalhavam nela. À noite, eles ficavam acordados, ouvindo os gemidos dos fantasmas de Tarefeiros do passado, os que tinham sido levados embora. Sabiam o que estava por vir e ainda esperavam por isso. E toda essa vergonha e raiva, esse ódio e esse ressentimento repentinos por aqueles que deixavam isso acontecer, que, estoicos, observavam seus filhos serem levados; tudo isso eu agora lançava sobre Thena, de modo que, quando ela me viu vindo da floresta, de braços cruzados, esperando por mim, reparei no olhar de reprovação no seu rosto e senti uma raiva incrível.

— Noite — disse eu.

Ela revirou os olhos em resposta. Entrei no túnel, na direção do meu quarto. Ela foi atrás de mim. Quando já estávamos no quarto, ela acendeu o lampião no aparador da lareira e fechou a porta. Sentou-se em uma cadeira no canto e vi a chama do lampião lançando sombras em seu rosto.

— O que há com você, filho? — perguntou ela.

— Não sei do que você está falando.

— Ainda tá com febre ou o quê?

— Thena...

— Muito estranho essas últimas semanas, muito estranho. Então, que é? O que você tem?

— Não sei do que você está falando.

— Tudo bem, deixa perguntar assim. O que, neste mundo de Deus, deu na sua cabeça pra ficar rodando por Lockless com a menina do Nathaniel Walker?

— Eu não estou fazendo nada disso. A garota escolhe a companhia dela, e eu escolho a minha.

— Ah, é isso que você acha?

— É, é isso que eu acho.

— Então você é tão idiota quanto parece.

O que fiz então foi cortar meu olhar para Thena, em um gesto que aprendi com as crianças que se rebelam contra os pais. E quando era criança, sei disso agora, eu era um menino dominado pela emoção, desfeito por uma perda enorme e importante. E senti, naquele momento, embora não soubesse como nomear, senti tudo que perdi quando minha mãe caiu naquele buraco negro da memória, porque, diante de mim, estava alguém que eu ia perder de novo. E eu não suportava perdê-la, olhar nos olhos dela e confessar o meu plano, deixar a única mãe que conheci. Então, quando falei, não foi com tristeza nem sinceridade, mas com raiva e presunção.

— O que foi que eu fiz? — perguntei.

— Hã?

— O que foi que eu fiz pra você neste mundo de Deus pra você falar assim comigo?

— Assim como? — perguntou ela, e seu olhar era quase divertido. — ue inferno, você lá tá ligando para o jeito que eu falo com você? Você me caiu do nada, eu nunca pedi nada disso, mas o que eu faço toda noite, depois de me arreentar pra essa gente? uem frita o teu bacon, teu pão de milho? Essa menina já fez isso por você? uem protege você do que essa gente tenta fazer com toda aquela maldade? E o que eu pedi de você até agora, Hiram? O que eu pedi?

— E por que começar agora?

Fixei em Thena um longo olhar duro. Não era um olhar adequado para ninguém, não para qualquer mulher que me amasse e certamente não para a mulher que tanto se importava comigo.

Thena olhou para mim como se tivesse levado um tiro, mas a dor passou depressa. Era como se a sua última esperança de que este mundo perverso pudesse permitir alguma justiça, alguma luz, tivesse desaparecido diante dela e o que restava era o fim torto pelo qual ela sempre havia esperado.

— Um dia, você vai se arrepender de tudo isso — disse ela. — Vai se arrepender mais do que qualquer mal que venha junto com aquela moça, e o mal vai chegar, eu garanto. Mas você vai se arrepender desta hora aqui, de ter falado assim com quem amava você quando você era mais fraco. — Então ela abriu a porta e só olhou para trás para dizer: — Um rapaz como você devia ter mais cuidado com o que diz. Nunca se sabe quando pode ser a última coisa que se diz pra alguém.

Eu não tive que esperar muito para o arrependimento prometido brotar no meu peito, mas, naquele momento, foi subjugado por outra parte de mim, aquela que pensava apenas na minha fuga iminente deste velho mundo, com sua terra moribunda, seus escravos temerosos e seus brancos baixos e vulgares. Eu deixaria tudo para trás pela liberdade da Clandestinidade e não faria exceção para Thena.

★ ★ ★

P — até que finalmente raiou a manhã da fatídica promessa de Georgie, chegando como a própria vida, longa e rápida. Acordei cheio de inquietação. Fiquei de olhos abertos na cama, torcendo para que o dia pudesse ficar ali comigo, mas então ouvi os passos no Labirinto e o rumor da casa acima, e a música horrível anunciou que o dia era um fato, que minha promessa era um fato e que eu não podia recuar. Então me levantei no escuro, fui com meu pote de barro até o poço, vi Pete no caminho, já vestido e indo na direção do jardim, e me lembro disso porque foi a última vez que o vi. Ao longe, vi Thena no poço, sozinha, puxando água para lavar roupa. Era um trabalho muito difícil: puxar a água, acender a lenha, bater as roupas, preparar o sabão; e ela fazia tudo. Me lembro de ficar ali parado, sabendo que tinha sido injusto com ela, caçoado dela, desrespeitado ela, e da vergonha aguda que senti. Por isso combati esse sentimento com minha raiva, com “quem ela pensa que é?”. Esperei ela acabar, observei do túnel aquela velha negra puxar água sozinha, sabendo já então que ia lamentar, que pelo resto da minha vida, aquelas últimas palavras ditas a Thena, quando me afastei dela, iam me perseguir.

Quando estava tudo livre, caminhei até o poço, enchi meu pote, voltei, me limpei e me vesti. Fui até a boca do túnel, vi o sol nascer sobre Lockless e por um momento pesado, final, ponderei sobre o passo que estava diante de mim.

Pensei em oceanos e em todos os exploradores sobre os quais tinha lido durante aqueles longos domingos de verão na biblioteca e me perguntei o que tinham sentido ao saltar da terra para bordo, ao olhar o mar, as ondas que teriam de atravessar até algum reino desconhecido. Me perguntei se eram tomados pelo medo, se alguma vez eram impelidos a voltar correndo para os braços da mulher amada, a beijar suas jovens filhas e permanecer entre elas no mundo que conheciam. Ou eram como eu, cientes de que o mundo que amavam era incerto, que ele também desapareceria com o tempo, que a mudança a tudo regulava, que, se não atravessassem a água, a água logo os engoliria? Então eu tinha que ir, porque meu mundo estava desaparecendo, sempre esteve desaparecendo... Maynard invocado do rio Goose, Corrine das montanhas e, acima de tudo, Natchez.

Me sacudi para fora desses devaneios. Subi a escada e fui falar com meu pai, que agora tinha encontrado uma tarefa para mim: trabalhar na cozinha com quem restara da equipe doméstica, a começar amanhã.

— Um último dia de liberdade — disse ele.

Mas na hora eu estava muito distante de me importar com essas coisas. Simplesmente assenti e então o avalei em busca de qualquer sinal de que tivesse percebido. Mas ele estava alegre, mais do que o via em semanas. Falou de Corrine e sua promessa de vir visitá-lo naquela semana, e senti um incrível alívio pelo fato de que então eu já teria ido embora.

Fui à biblioteca. Folhiei velhos exemplares de Ramsay e Morton. Depois desci de novo para meu quarto. Durante o restante do dia fiquei fora de vista. Não suportava comer. Não suportava ver ninguém. Tinha então encerrado todas as reminiscências e fantasias. O que eu mais queria era que a hora marcada chegasse. E ela chegou, ah, se chegou. O sol se pôs, trazendo a longa noite de inverno. A casa ficou quieta quando o rumor do dia silenciou até restar apenas um rangido ocasional. Não levei nada comigo além de ambição, nem roupas, nem provisões, nem livros, nem mesmo a minha moeda, que tirei do bolso do macacão, esfreguei uma última vez e deixei na cornija. Encontrei Sophia diante do pomar de pêsegos. Usamos a estrada como referência do caminho, mas ficamos dentro da floresta, fora de vista, para não sermos percebidos por qualquer patrulha. Conversamos e rimos do nosso jeito usual, mas em voz baixa, até a curva da estrada, e vimos, distante, a ponte sobre o rio Goose. Então, quando sentimos ter chegado o momento, o lugar do qual ninguém ousava voltar, nos calamos, emudecidos de medo e assombro. Ali ficamos um instante,

olhando a ponte, que não era nada mais que uma longa mancha escura contra a escuridão maior da noite. Ouvi as coisas rastejantes da terra chamando umas às outras. Era uma noite sem estrelas, encoberta.

— Então é a liberdade — disse eu.

— Liberdade — repetiu ela. — Aceite ou desista. Chega de discussão. Chega de meio-termo. Morra jovem ou não morra.

E aí saímos da floresta, acessamos a trilha e na visão ampla da noite peguei sua mão e notei que estava firme ao passo que a minha tremia. Tínhamos confiado nossas vidas à honra de Georgie Parks. Acreditamos nos rumores, na Clandestinidade. Atravessamos sem olhar para trás, chegamos à floresta, longe de Starfall. Nos dias anteriores, eu tinha perambulado pelas trilhas secundárias e descoberto um jeito de chegarmos ao ponto de encontro com Georgie de um jeito rápido e discreto. Quando chegamos ao lago onde eu e ele tínhamos estado uma semana antes, eu e Sophia relaxamos um pouco.

— O que você vai fazer quando chegar lá? — perguntei.

— Não sei — disse ela. — Não sei o que uma moça faz em um pântano. Ia gostar de trabalhar... trabalhar pra mim. É a minha maior ambição. E você?

— Ficar o mais longe possível de você, eu acho.

Nós dois rimos.

— Você sabe que é louca — falei. — Me trouxe até aqui correndo. Bem, sei que se a gente conseguir... quando a gente conseguir... eu já terei tido minha cota de planos da Sophia.

— Hã-hã. Pode ser bom me livrar do meu próprio peso — disse Sophia. — Os homens nunca foram pra mim mais que um monte de problemas.

Rimos mais um pouco. Olhei para o céu sem estrelas, olhei para Sophia, que se afastava, voltando à lagoa. E então ouvi passos, uma conversa, e sabia que quem estivesse se aproximando não vinha sozinho. Pensei em me esconder, mas ouvi claramente a voz de Georgie entre os homens e isso me impediu. Então as vozes se calaram e tudo que ouvi foram passos crepitando no chão. Peguei a mão de Sophia e olhei para a abertura da floresta. A escuridão emoldurava o vulto de Georgie Parks.

Lembro que sorri. E vou dizer, como sempre digo, que me lembro de tudo, mas aqui talvez eu esteja me enganando porque era uma noite sem estrelas e de Sophia eu via pouco além de uma silhueta diante de mim, mas juro que me lembro de ver o rosto de Georgie Parks, uma expressão sofrida, triste, e eu não sabia por quê. Então ouvi os passos de novo e cinco brancos emergiram, um a

um, da escuridão, um deles trazendo uma corda. Quando saíram, ficaram parados diante de nós pelo que pareceu uma eternidade e ouvi Sophia gemer:

— Não, não, não...

E vi um dos homens tocar o ombro de Georgie e dizer:

— Tudo bem, Georgie, fez muito bem.

Então Georgie virou as costas para nós, voltou para a floresta e aqueles homens, com sua corda, se voltaram para nós.

— Não, não, não — gemeu Sophia.

Juro que eram como fantasmas, brilhando contra a noite como espectros. E, por seu porte e perfil, eu sabia exatamente o que eram.

OS CÃES DE Ryland nos conduziram na mira dos revólveres, nos levaram pela noite sem luz e sem estrelas, por uma escuridão tão densa, que dava para tocar, densa como as cordas com as quais tinham amarrado nossas mãos. De repente, tomei consciência do frio, do vento que oscilava como uma espada, então comecei a tremer, o que se tornou motivo de grande divertimento para nossos captores. Embora não pudesse vê-los, podia ouvir que riam de mim, que caçoavam de mim. “Passou da hora de tremer, rapaz.” Eles achavam que eu estava com medo do que poderiam fazer. É verdade que os Cães de Ryland eram de se temer e o fato de eu não estar totalmente aterrorizado só poderia ser atribuído ao fluxo de emoções, vergonha, raiva, choque, que corriam à frente do medo. Eles podiam fazer o que quisessem com a gente ali, fazer o que quisessem com ela, porque era esse o rumo natural das coisas. Era um direito necessário dos brancos de classe baixa, que não possuíam homens, exercer essa posse momentânea daqueles que fugiam, dar vazão a todas às suas paixões horrendas. E, desde o instante em que vi Georgie desaparecer e os cães de Ryland virem flutuando da floresta como fantasmas, senti que esse era o desfecho que viria. Só que ele não veio. Eles apenas nos levaram para fora da floresta até Starfall, até estarmos na cadeia e terem substituído as cordas por correntes. Deixaram a gente no pátio, como os animais que achavam que éramos, vestidos com ferro frio, para o que deviam ser nossos últimos minutos juntos, nossos últimos minutos nesta terra como a conhecíamos.

Me lembro do peso opressivo das correntes. Da parte central, que ficava ao redor do pescoço como um colar, se estendia uma corrente menor. Das algemas nos pulsos saía outra corrente que se conectava às algemas nos tornozelos. E essa treliça de ferro frio ficava presa à grade inferior da cerca que isolava a cadeia, de forma que eu não conseguia nem endireitar as costas, nem me sentar para um descanso, ficando permanentemente curvado. Durante toda a minha vida fui cativo. Os aspectos particulares do meu nascimento tinham me permitido sentir

esse cativo como uma marca ou um símbolo, porém nada havia de simbólico naquele emaranhado tosco. Mas dava para mexer o pescoço para um lado e então senti um tipo diferente de dor, porque avistei Sophia, acorrentada como eu, talvez a poucos metros. Eu queria tanto dizer a coisa radical que senti que o momento exigia. Queria dizer a ela o quanto lamentava por tê-la levado a essa escravidão mais profunda, mais verdadeira. Queria me considerar responsável por aquela grande traição. Mas, quando abri a boca, não tinha nada além das palavras mais pobres.

— Eu... eu sinto muito — disse, tendo voltado a encarar o chão. — Sinto muito mesmo.

Sophia não respondeu.

O que eu queria naquele momento era uma faca, com a qual cortaria minha garganta. Eu não podia viver sabendo o que tinha feito, o que tinha causado a Sophia. E fazia tanto frio ali fora. Sentia minhas mãos virando pedra, minhas orelhas desapareciam na noite, e eu sabia que estava chorando porque sentia as lágrimas silenciosas congelando no meu rosto.

Naquele momento, perdido na minha vergonha, ouvi um gemido baixo, ritmado e vi que com cada gemido a grade inferior da cerca balançava um pouco. Então, vi Sophia gemendo. Ela puxava o peso das correntes e metro a metro deslizava para mais perto, mas eu não estava entendendo bem o motivo. Talvez quisesse chegar mais perto para sussurrar alguma antiga maldição ou rasgar minha orelha com os dentes. Ela se mexia com muita força e, a cada movimento para cima, a cerca se movia com ela. Eu não fazia ideia que Sophia fosse tão forte. Ela começou devagar, parava entre cada deslizada, mas, ao se aproximar, os puxões ficaram mais rápidos e fortes, a tal ponto que pensei que ela queria soltar a própria grade para nos libertar. No entanto, quando chegou perto de mim, ela parou, exausta, ofegante pelo grande esforço, e estava tão perto que eu podia ver todos os seus traços. Então ela olhou para mim com tanta, mas tanta ternura que, ao menos naquele instante, minha vergonha desapareceu. Então forçou as correntes, inclinou um pouco a cabeça, além da cerca, além da cadeia, e, embora eu não pudesse ver, sabia que seu gesto indicava Freetown. Sophia olhou de volta para mim e o que vi foi um olhar tão duro que eu sabia que ela também queria uma faca, embora destinada a outra garganta que não a dela. Então sua expressão se contorceu, os dentes apareceram. Sophia deu uma última puxada até estar tão perto de mim que eu sentia seu hálito no meu rosto, seu braço contra o meu, tão perto a ponto de apoiar o peso no meu corpo,

como fez então, tão perto que eu podia sentir seu calor, tão perto que a escuridão gelada retrocedeu e eu não tremia mais.

II

♦ IO ♦

A PRISÃO DE RYLAND era minha morada agora. Sophia foi separada de mim no dia seguinte, para onde foi não sei — vendida no comércio de luxo? Devolvida a Nathaniel? Natchez? —, e o que me restou foi aquele retrato dela, que vejo ainda agora, lutando contra as correntes para aquele momento de contato, o olhar cheio de ódio focado não para dentro, não em mim, não nela mesma, mas na grosseira traição de Georgie Parks. Naquele momento, eu não sabia o quão profunda tinha sido aquela traição, mas sabia o suficiente para nutrir um ódio denso como um ensopado feito no inverno. Mais tarde, anos e anos mais tarde, eu entenderia a impossibilidade da posição de Georgie, o modo como a realidade tinha estreitado suas escolhas até fazê-lo viver em um pequeno junco chamado Freetown. Mas, naquele momento, eu o odiava e me consolava com a ideia milagrosa de que algum dia Georgie estaria sujeito à minha ira.

Fui jogado em uma cela úmida, com uma coberta imunda, um colchão de palha e um balde para me aliviar. Todo dia, cedo, me levavam para fora, eu fazia exercícios e depois me lavava. Aplicavam graxa no meu cabelo e óleo no meu corpo. E me faziam ficar parado, junto com todos os outros, nu em pelo, na sala da frente da prisão. Os comerciantes de seres humanos, os abutres de Natchez, entravam e faziam o que queriam comigo. Eram uma visão horrenda, os mais baixos entre os brancos mais baixos. Ao contrário dos seus irmãos, esses homens, embora oriundos da camada mais inferior, tinham enriquecido com o comércio de seres humanos, mas pareciam se deleitar com suas raízes vis, suas roupas desleixadas, suas falhas nos dentes, seus odores odiosos, seu hábito de cuspir tabaco onde bem entendessem, como uma espécie absurda de exibicionismo. Os membros da realidade os evitavam, porque o comércio de escravos ainda era considerado um negócio desonroso. Eles não recebiam esses comerciantes nas suas casas nem os convidavam para seus rituais de domingo. Viria o tempo em que o ouro teria mais peso que sangue, mas ainda estávamos na Virgínia de antigamente, onde um Deus dúbio sustentava que aqueles que punham um

homem à venda eram, de alguma forma, mais honrados do que aqueles que efetuavam a venda.

Esse desdém causava grande ressentimento nos comerciantes, um ressentimento que sobrava para nós. Eles tinham prazer naquele trabalho, então pareciam dançar pela sala ao se aproximarem. Quando agarravam minhas nádegas para conferir a firmeza, faziam isso com força e vigor; quando viravam minha mandíbula para a luz para conferi-la com suas teorias de frenologia, nunca deixavam de sorrir um pouco; e quando enfiavam os dedos na minha boca em busca de dentes podres, ou quando tateavam meus membros em busca de contusões antigas, faziam isso cantarolando.

Eu mergulhava em mim mesmo durante esses “exames” porque logo aprendi que o único jeito de sobreviver a essa invasão era sonhando, deixando que a minha alma voasse para fora do corpo, voasse de volta a Lockless, a um outro tempo, quando eu fazia o chamado dos cantos de trabalho “Volta, Gina, com meu canto e coração”, ou via Alice Caulley reluzindo quando eu recitava sua história, ou me sentava no gazebo, passando uma jarra de cerveja e alimentando minhas querências e desejos. Mas era apenas um sonho. E o fato era que eu estava naquele presente odioso, sendo manuseado por homens que se vangloriavam de seu poder para reduzir outro homem a carne.

★ ★ ★

E poder agora, no caixão mortuário da escravidão, porque o que quer que eu tivesse suportado em Lockless, diga-se de passagem, não era como aquilo e não era como nada do que certamente estava por vir. E eu não estava sozinho. Havia outros dois na minha cela. De início, um menino de cabelo castanho-claro que, segundo eu estimava, mal havia completado doze anos. Ele não sorria, nunca falava e mantinha um aspecto endurecido de homem havia muito escravizado. Mas era um menino, fato que se revelava à noite pelo choro medroso no seu sono e pelo bocejo curto de manhã. Toda noite, depois de nosso jantar de restos, a mãe o visitava. Adivinhei por suas roupas — feitas com algo superior ao pesado pano de saco destinado aos Tarefeiros — que ela era liberta, mas, de alguma forma, perdera a guarda do filho. Ela se sentava no chão do lado de fora da cela, segurava a mão dele através das barras de ferro e os dois passavam minutos silenciosos de mãos dadas, até um Cão de Ryland dispensá-la.

Havia algo dolorosamente familiar naquele ritual, algo que uma velha parte esquecida de mim reconhecia, como uma cena de outra vida não lembrada.

O outro colega de cela era um velho. O rosto era vincado pela idade e, no oceano de suas costas, eu via as muitas viagens do chicote dos Cães. Qualquer uma das desgraças que eu tenha sofrido durante esse período na prisão de Ryland nem chegava perto do que era imposto a esse velho. A matemática do lucro protegia a mim e ao menino. Mas aquele homem, esgotados os seus dias de uso, com tostões apenas a serem dele arrancados, era carne para os cães. A qualquer hora do dia, sempre que desse na telha, os homens o puxavam para fora e o obrigavam a cantar, dançar, engatinhar, latir, cacarejar ou desempenhar alguma outra indignidade. E, se a sua performance desagradasse a qualquer um, eles o atacavam com punhos e botas, batiam nele com rédeas de cavalo ou chicotes de carruagem, atiravam pesos de papel e cadeiras nele ou simplesmente jogavam qualquer coisa que estivesse à mão. Eu sentia a vergonha mais crua diante disso, embora não reconhecesse, uma vergonha íntima por não ter nenhuma habilidade para ajudá-lo.

Eram tempos sombrios para a alma. Minha compaixão por aqueles dois foi logo engolida pela sensação de que esse mesmo sentimento mudo havia me trazido a aquele momento. Minha mente estava louca de desconfiança. Talvez fosse tudo uma conspiração. Talvez Sophia estivesse envolvida. Talvez Thena os tivesse alertado. Talvez estivessem todos sentados em algum lugar, rindo com Corrine uinn, rindo até com meu pai, dos meus tolos sonhos de liberdade. E, assim, vergonha e compaixão logo deram lugar a uma dureza que nunca me deixou.

Era noite. Eu estava deitado no chão de pedra úmido. A mãe do menininho tinha ido embora. Dava para ouvir os Cães em frente, em um jogo de pôquer embriagado.

Naquela noite, por alguma razão, o velho sentiu necessidade de falar. Sua voz me veio no escuro. Ele primeiro contou em um sussurro rouco que eu o fazia se lembrar do filho. Ignorei-o e tentei encontrar qualquer sinal de calor entre o colchão de palha e um cobertor roído por traças. Então ele falou de novo, em um tom que comunicava os privilégios da idade.

— Difícil — respondi.

— Difícil você ser ele, claro — falou. — Mas olhei bem e sei que você tem mais ou menos a idade dele e a mesma mancha que ele, com certeza. A gente se

separou, mas, à noite, quando sonho com ele, sonho com um homem traído. E esse homem tem um ar muito parecido com o seu.

Eu não disse nada.

— Por que veio pra cá? — perguntou o velho.

— Por fuga — respondi. — Fugi da Tarefa e levei comigo a mulher de outro homem.

— Mas não mataram você — observou ele, sem nenhuma emoção. — Deve ter alguma coisa que ainda querem arrancar de você. É provável que seja em outro lugar, onde ninguém sabe seu nome e vão achar que seus pecados são a mentira de um homem acorrentado e oprimido.

— Por que perseguem você desse jeito? — perguntei.

— Diversão, acho — respondeu ele, e riu no escuro. — Eu tô pronto para o abate. Não dá pra perceber?

— Nada diferente de todo mundo — argumentei.

— Você não. Ainda não. E aquele ali também não — disse, apontando para o menino. — É, tão me chamando mesmo pra minha terra, pra voltar pra minha gente. Eu sei que tô condenado a morrer aqui, em tormento, porque tô inteiro vestido com o pior do pecado.

O velho agora estava mergulhado na história e, embora fosse noite, eu podia vê-lo sentado, olhando na direção da sala, onde a luz do lampião lambia as sombras do cômodo ao lado, com os Cães, às vezes, explodindo em riso. De vez em quando, a respiração suave do menino se tornava um ronco leve.

— Eu vivi como devia — disse ele. — Não vivi sozinho. E, quando me vi aqui, o último homem, sem sociedade pra impor a verdadeira lei, entendi que tinha chegado a minha hora.

“O mundo tá rodando e seguindo em frente sem essa terra. Já se foi o tempo em que o condado de Elm era que nem filho único, o mais amado do Senhor. Já se foi o tempo em que essa terra era o cume da sociedade e a gente branca era toda regalia e esplendor, grandes bailes e intrigas. Eu tava lá. Naveguei muitas vezes com o meu senhor no barco do rio. Via como eles festejavam. Você nasceu nesse tempo de decadência, mas eu me lembro de quando eles viviam de festa em festa, as mesas vergadas de pão fino, codorna e bolo de passas, clarete, cidra e todo tipo de delícia.

“Nada pra nós, saiba você, mas a gente tinha nossos dons. Nosso dom era a terra firme debaixo do pé. Tempo houve em que um homem bom podia criar família, ver crescerem os filhos e até os filhos dos filhos. Meu avô viu isso tudo,

sabe? Trazido da África. Encontrou o Senhor. Encontrou mulher, e gerações passaram por ele. Não era nosso tempo, mas era um tempo tão certo, que até um Tarefeiro podia contar os passos da própria vida. Posso contar muitas histórias, rapaz. Contar das corridas, do dia que o Planeta saiu voando. Mas deixa pra lá. Você perguntou por que eles me perseguem assim e vou contar.”

Eu tinha ouvido as histórias antes. Tinha se tornado comum juntar as sensações daquele tempo, o relativo consolo de conhecer a própria mãe, de ter primos em uma propriedade próxima, de festas ainda vivas na memória. Mas esse consolo não é liberdade, e pode-se até pensar que é, mas nunca ter certeza. Era esse o sistema que tinha dado Sophia a Nathaniel, que tinha me gerado. Não havia paz na escravidão, porque cada dia sob o poder de outrem era um dia de guerra.

— Como é seu nome? — perguntei ao velho.

— Que diferença faz? O que importa é que amei uma mulher e, nesse amor, esqueci meu nome. Foi esse o meu pecado, a razão porque estou aqui, com você, com esse menino, abandonado, à mercê da baixeza desses brancos.

Ele tentou se levantar usando as barras de ferro como apoio. Eu me levantei para ajudar, mas ele dispensou. Conseguiu se apoiar nelas e usou o braço direito para se sustentar.

— Eu casei quando era moço e vivi muitos anos com toda felicidade que um homem e uma mulher podem esperar conhecer. A gente vivia no meio dos Tarefeiros, mas a Tarefa nunca viveu em nós. A gente tinha um filho. Ele cresceu direito, cristão. Era bem-visto em toda parte; pela gente da qualidade, pelos Tarefeiros e pelos classe baixa. Trabalhava na terra como se fosse dele mesmo e achava que nossos donos gostavam tanto disso que podiam dar a liberdade a ele quando morressem.

“Era um rapaz que pensava grande. Todo mundo sabia. As moças brigavam pelo valor daquele rapaz. Mas ele não casou. Ele esperava alguma mulher de muita honra e não ia aceitar ninguém que fosse menos que a mãe. Mas ela morreu, a minha mulher, o meu coração, ela morreu. A febre tirou ela de mim. O último pedido dela foi simples: ‘Cuida bem desse menino. Não deixe ele vender o valor dele por ninharia.’

“Obedeci. Segurei meu filho debaixo da lei verdadeira. E quando ele casou com uma moça da cozinha da casa foi como se o espírito da mãe dele tivesse voltado, porque era moça honrada e trabalhava na sua Tarefa com o mesmo espírito que o meu filho.

“Os anos passaram. A gente foi reformado em outra coisa, outra família. Fui abençoado com três netos, mas só um, um menino, passou de um ano. Quando eles morreram a gente sofreu muito junto, porque o amor que existia entre nós era forte, uma coisa igual o rio James, e esse amor todo foi dado para o que sobreviveu.

“Mas a terra não era mais o que tinha sido, e a qualidade começou outro comércio, e o comércio era a gente. Cada semana que a gente contava, via braços sumindo.

“Então uma noite, o capataz veio e falou comigo sozinho. Falou: ‘Todo mundo aqui faz tempo acha que você é um bom homem. Você e sua família são filhos nossos, moram no nosso coração. Mas você ouviu o chão que agora está cantando um canto de morte. Dói muito pra nós dizer isso, mas a gente tem que se despedir do seu filho. Sinto muito. É para o bem de todos. Vim falar com você primeiro, porque eu sou honrado. A gente fez de um tudo pra garantir algum conforto pra ele. O melhor que eu posso fazer é mandar a mulher e o garoto junto. É só isso que eu tenho.’”

Agora era eu que estava de pé. Observei o velho, com medo de que pudesse cair. A luz da sala ainda brilhava. As risadas tinham ficado um pouco mais baixas e dava para ouvir menos vozes.

— Quando me disseram isso, acabaram comigo — continuou ele. — Voltei para o meu quarto. Eu estava tremendo. Com a vista preta. Entrei na floresta pra falar com o Senhor. Mas, uma coisa eu digo, eu não conseguia dizer nada. Então dormi lá e não fui para o campo de manhã. Eles deviam saber que eu tava triste porque o capataz não foi atrás de mim.

“Nesse dia, vaguei ali por perto só com meus pensamentos. Andando, nunca correndo. Uma ideia me mastigando. Aquela gente era tão baixa que separava um pai do único filho. Eu sabia o que eu era. Minha vida inteira comprada com tempo. Nasci em uma armadilha. Não tinha saída. Aquela era a minha vida. Só que, por mais que eu dissesse isso, uma parte poderosa de mim nunca acreditou. Então levaram meu menino.

“Naquela noite, voltei pra casa e olhei pra ele. Contei o que tinham dito. A cara dele era uma pedra, era mesmo. Mas ele não demonstrou nenhum medo porque era forte demais, e essa força me abalou. Eu chorei. ‘Não chora, pai’, ele falou. ‘De um jeito ou de outro, a gente vai ter nosso Grande Encontro.’

“Dois dias depois, o capataz me mandou fazer uma coisa na cidade. Mas, antes de ir, eu vi uma charrete com cavalo conhecida na casa. Da charrete saiu

um dos Cães e eu sabia que tinha chegado a hora da despedida. Fui embora, tentei me consolar com a ideia de que meu filho teria uma boa mulher e que eles iam florescer como era natural.

“Mas, quando voltei, meu menino tinha ido embora e a mulher dele ainda tava lá. De noite, falei com ela, uma raiva crescendo dentro de mim, e ela disse que tinham levado meu filho e o bebê, que os Cães não iam levar todo mundo. E aquela moça despencou bem ali na minha frente, enlouquecida, chorando.

Quando se controlou, quando levantou, não vi o rosto dela, vi uma assombração da minha esposa. Então me lembrei do pedido dela: ‘Cuida bem desse menino.’ Foi quando eu entendi que a minha hora tinha quase chegado. Porque um homem que não honra o último pedido da mulher não é nem um homem, não é nem uma vida.

“A moça falou que não podia mais viver. Tinha tido outra família, tinha visto muitos deles irem pra lá, pra Natchez. Ninguém tinha como saber quem ia ser o próximo. Por que razão a gente tinha que viver sem contato? A árvore da nossa família cortada, os galhos pra cá, as raízes pra lá, partida pra servir de madeira pra eles.

“A gente estava enlouquecido de dor. Ela pegou a minha mão e, quando virou, de novo eu vi a cara da minha mulher. Ela me levou pra noite. Foi andando pra cozinha e eu sabia direitinho o que ela queria. Eles iam arrancar a nossa pele. Eu arrastei ela de volta e pus na cama. Quando chegou de manhã, ela estava ela mesma de novo, vestiu a mesma roupa que todo mundo, nós, Tarefeiros, tínhamos que usar pra viver.”

★ ★ ★

E do filho do velho e me vi em suas ambições, em sua noção de que podia provar sua nobreza e assim conquistar seu sentimento. Não era tão difícil de entender. Mas a Tarefa não negocia, não concede: ela devora.

— E com o tempo ela agradeceu a minha sabedoria, se é que se pode chamar assim. Nós dois juntos na nossa dor. Nossa família tirada de nós. E viver cada um sozinho, na Virgínia, era uma vida que não servia pra nada.

Aí o velho fez uma pausa e eu tive aquela sensação horrível de saber exatamente o que ele ia dizer.

— Era natural eu amar ela. Era natural homem e mulher fazer família — disse ele. — Nessa altura, com toda nossa gente tirada de nós, era natural a gente ficar junto. E nós ficamos junto uns anos. Não vou negar. Não vou denunciar ela. Só vou dizer que eu pequei em um mundo de pecadores terríveis, que esse mundo é construído pra separar pai e filho, filho de esposa, e que a gente tem que revidar com o que tiver na mão.

“Um dia, um homem branco que tinha mudado a propriedade dele para o Mississippi fazia muito tempo voltou. Falou que tinha vendido a terra porque não conseguia viver com gente tão bruta. Mas voltou com homens, e, no meio desses homens, eu soube que tava o meu amado filho.

“Bem naquela hora, bem ali, entendi que eu não podia viver. Um homem volta do túmulo e descobre que o pai ficou com a mulher dele. Não podia de jeito nenhum ser eu. Naquela noite, fui até a cozinha e como minha filha, como minha nova esposa tinha pensado uma vez, taquei fogo em tudo. Sabia o que iam fazer comigo. Precisava ser feito. Mas antes disso eu ia cobrar a minha parte. E ia morder de volta.”

— Então batem em você por ordem do seu senhor? — perguntei.

— Me batem porque podem bater — disse ele. — Porque sou velho e não alcanço bom preço. Algum dia minha alma vai desistir de mim. Eu sei. Mas quem vai me receber no Além?

E então ele começou a deslizar pelas barras da cela. Ouvi que chorava e fui até ele, que caiu nos meus braços, olhou para mim, perguntou:

— O que a mãe do meu único filho vai dizer pra mim? Será que ela vai saber que eu fiz o melhor que pude? Ou vai me acusar? Ela, que me deu uma tarefa que nenhum homem de cor pode cumprir, vai virar as costas pra mim pra sempre?

Eu não respondi porque não tinha resposta. Ajudei-o a se levantar e senti que sua pele era como couro crestado, mal capaz de conter os ossos. Levei-o até seu colchão e fiz com que se deitasse. E ouvi que ele chorava de mansinho e repetia e repetia:

— quem vai me receber no Além?

Ouvi seu lamento até ele adormecer e, quando caí no sono, sonhei de novo com aquele mesmo campo que eu tinha visto meses antes, um campo da minha gente com Maynard, que era meu irmão, segurando a corrente.



O . Vi quando o levaram para oeste, acorrentado junto com outros homens de cor. Vi do pátio de trás, onde estávamos mais uma vez para sermos inspecionados e avaliados. A mãe andava devagar ao lado do bando, acompanhava o passo do filho. Não estava acorrentada. Seguia calada, toda de branco, e, quando podia, tocava o ombro do menino, pegava no seu braço, segurava a sua mão. O bando desapareceu na estrada. Era de manhã, um dia claro. Eu ainda estava no pátio, sendo manipulado, molestado, violado, roubado. Tentava com toda força mergulhar para dentro da mente, não estar ali. Mas a visão daquele menino desaparecendo na estrada com o bando e a visão de sua mãe, tão familiar de alguma outra vida, me puxavam de volta.

Uma meia hora depois que o bando tinha desaparecido, eu ainda estava no pátio quando ouvi choro, gritos e vi que a mãe do menino tinha voltado.

— Malditos sejam vocês que matam criança! — gritou ela. — Maldito quem assassinou meus meninos! Para o inferno com vocês, saibam bem! — ue um Deus justo espalhe os seus ossos de animais!

O choro cortou o ar e o pátio se voltou para ela. Vinha na nossa direção, gritava, amaldiçoava os Cães de Ryland e todos os que entravam naquele comércio selvagem. Tantos de nós tinham ido embora, ido com dignidade e respeito. E me ocorreu que era absurdo se apegar à moralidade estando cercado de gente que não tinha nenhuma. Então ver aquela mulher gritando, inconsolável, invocando a ira de Deus, me deu coragem. Ela pareceu crescer enquanto vinha até nós, cada passo seu fazia o chão estremecer de tal forma, pensei, que até aqueles chacais do sul interromperam seus negócios para ouvir. Uma mãe jovem tinha ido pela estrada. Mas outra coisa voltara. Suas mãos eram garras. O cabelo estava vivo, inflamado. Um Cão a encontrou na cerca. Ela cravou as garras nos seus olhos. Pegou sua orelha com os dentes. O homem gritou de dor. Logo outros a dominaram, a jogaram no chão, chutaram, bateram. Eu não fiz nada. Entenda que eu vi tudo isso e não fiz nada. Olhei aqueles homens venderem crianças, espancaram uma mãe e não fiz nada.

Então cada Cão a pegou por um membro e a arrastaram. Sua roupa branca agora estava rasgada e suja. E, enquanto faziam isso, ela gritava, quase com ritmo e melodia, o velho canto de trabalho:

— Assassinos! Leiloearam todos os meus meninos! Os Cães de Ryland, os Cães! — ue o bom Deus faça de vocês carne para os vermes! — ue um fogo negro queime até os seus ossos ruins e tortos.

O velho foi em seguida. Eles o levaram uma noite para se divertir e nunca o devolveram. Ele tinha confessado para mim e, ao fazer isso, podia agora ir para a sua recompensa.

Nada foi tão simples para mim. Minha Tarefa tinha apenas começado. Fiquei lá por três semanas. Com fome e sede. Nos mantinham fortes apenas o suficiente para nos fazer trabalhar e famintos o bastante para nos deixar arrasados. Eu era alugado pelo condado para cumprir várias tarefas. Limpava solo congelado. Esvaziava privadas e removia a sujeira acumulada nas latrinas durante a noite. Carregava cadáveres e cavava sepulturas. Ao longo dessas semanas vi um grande número de gente de cor, homens, mulheres e crianças, sendo levados embora, vendidos. Fiquei surpreso de durar tanto. Comecei a desconfiar que tinham me escolhido para algum tormento especial. Eu era jovem, forte e podia alcançar um bom preço em questão de dias. Mas os dias passaram, as pessoas se foram e eu fiquei.

Por fim, quando os primeiros sinais da primavera apareceram, surgiu um comprador. Um Cão me levou acorrentado, de olhos vendados e amordaçado. Ouvi um dos meus carcereiros dizer:

— Bom, companheiro, você pagou um preço e tanto, eu sei, mas aposto que vai sair por cima nessa barganha. Esse rapaz é moço, saudável. Deve valer uns dez braços no campo.

Houve um momento de silêncio, e outro carcereiro falou:

— Seguramos ele aqui muito mais do que deveríamos. — uase toda a Louisiana tá atrás desse rapaz. E a Carolina também!

Senti mãos ásperas no meu corpo. Alguém me inspecionava. Mas eu já tinha me acostumado e isso em si era o pior: que um homem pudesse sentir como normal a própria violação. Agora era diferente porque eu estava de olhos vendados e não podia ver meu futuro comprador nem prever onde ele podia botar as mãos.

— E foram bem pagos pelo seu tempo e qualquer outro problema — argumentou o comprador. — Mas não por suas maneiras nem por sua conversa. Me deixem com o que é meu por justiça e eu deixo vocês com seu trabalho.

— A gente só tá falando — desculpou-se ele. — Só por gentileza.

— Ninguém pediu isso — disse o homem.

A conversa toda terminou aí. Como a coisa que eu era, me ergueram para a parte de trás da carruagem. Eu não via nada por causa da venda, mas senti a carruagem seguir com velocidade e durante horas não houve nem palavras, nem sussurros do cocheiro, apenas os sons fortuitos da floresta e da estrada, até chegarmos a um trecho em que a velocidade diminuiu. Senti que estávamos subindo diversas montanhas. De repente paramos e fui descarregado. Mexeram nas minhas amarras. Libertaram meus braços. Tiraram a venda.

Eu estava no chão. Olhei para cima e vi que era noite. E então vi meu captor. Tinha imaginado que se tratava de um gigante, mas agora via que era de estatura mediana e sem nada de notável, um homem comum. A escuridão estava muito densa para distinguir outros traços e, de qualquer forma, não houve tempo para fazer uma avaliação. Tentei me levantar, mas minhas pernas fraquejaram e caí. Então tentei de novo, mas dessa vez ele me deu um ligeiro empurrão e caí para trás. Só que em vez de chegar ao chão, onde esperava que meus pés estivessem, caí mais fundo. Eu estava em um buraco. Então escutei a porta do buraco onde estava se fechar sobre mim.

Fiquei de pé mais uma vez, os pés instáveis, o chão ainda oscilando, e tão logo me ergui, a cabeça tocou o teto duro de terra. Estendi as mãos e encontrei paredes de raízes e madeira sustentando a terra em torno de mim. Medi meu calabouço. Era mais ou menos da minha altura, talvez o dobro de comprimento e largura. A escuridão era total, maior que a da venda nos olhos, do que a da noite, talvez maior até do que a da própria cegueira. Uma espécie de morte. Pensei no *Livro dos Fenômenos Marvell*, no verbete oceano, explicando como sua massa podia engolir continentes inteiros, que eles mesmos podiam engolir inumeráveis quantidades de mim. Me vi criança no chão da biblioteca, usando toda a minha capacidade para calcular a dimensão dos oceanos até fazer a cabeça latejar no limite do raciocínio. E naquele momento, mergulhado naquela escuridão, naquela morte aparente, senti que estava perdido em um oceano, um corpo afundando na grande onda.

Tinha ouvido contarem histórias de homens brancos que compravam gente de cor simplesmente para realizar seus prazeres mais loucos: brancos que mantinham gente de cor trancafiada pelo simples prazer de poder fazer isso; brancos que compravam gente de cor pelo êxtase do assassinato; brancos que compravam gente de cor para nos cortar em experimentos científicos demoníacos. E senti que agora estava nas mãos de um branco desses, que estava

sujeito à vingança perfeita da Virgínia, do condado de Elm, do meu pai e do pequeno May.

♦ II ♦

O TEMPO PERDEU TODO o sentido. Minutos não eram diferentes de horas, e sem sol e lua, dia e noite se tornaram ficções. De início, notei o odor da terra, os sons ocasionais lá em cima, mas logo, impossível dizer quando, tornaram-se ruídos inúteis para mim. A parede entre sono e vigília se dissipou, os sonhos eram indistintos das fantasias e das ilusões que começaram a infernizar minha mente. Vi tantas coisas lá embaixo, tanta gente. E, entre tantas visões, uma em particular assumiu especial importância porque, entre elas, essa se revelaria não artifício, mas verdadeira lembrança.

Éramos muito novos e eu estava no meu primeiro ano de serviço ao meu irmão. Era um longo sábado de verão, e os senhores de Lockless estavam entediados, o que acrescentava à sua opressão normal um elemento de inventividade e capricho. Maynard, que era então uma criança, teve a perversa ideia de tirar todos os Tarefeiros do Labirinto e reuni-los no campo de críquete. Ele me mandou espalhar a notícia. Obedeci, e em meia hora mais ou menos tinha levado todos ao campo, onde foi anunciado que Maynard reunira os Tarefeiros, velhos e novos, alguns ainda exaustos do campo, outros de guarda-pós e sapatos lustrosos da casa, para que disputassem uma corrida para o divertimento dele. Dentro de toda a escala possível de humilhação e comparada a todos os problemas que pesavam sobre nós naquela altura, essa não seria a pior delas. Mas *era* humilhação, e o que piorava para mim era o fato de ainda não ter entendido o meu lugar, pois, enquanto observava Maynard organizá-los em grupos para a disputa, ele me chamou:

— O que está fazendo aí, Hi? Venha para cá.

Fiquei olhando para ele, sem entender.

— Venha para cá — repetiu ele.

E me ocorreu o que ele estava querendo dizer. Eu tinha que correr também. Naquele ano, tinham acabado de me tirar das aulas com o sr. Fields. Me lembro dos olhos de todos voltados para mim e o que vi neles era, ao mesmo tempo,

compaixão, talvez não merecida, e desgosto com Maynard. Então me alinhei com outros três e lá fomos nós no calor de agosto até o limite do campo.

Quando nos viramos para voltar, passei por todos eles, porque, embora não possa falar por eles, eu corria de verdade, corria tanto que, quando meu pé enganchou em alguma coisa dura, uma pedra, uma raiz de árvore, talvez, eu voei para o chão, direto no campo. Me arrastei de volta para a linha de partida, onde encontrei Maynard rindo, muito alegre, organizando o próximo grupo. Durante as três semanas seguintes, realizei minhas tarefas domésticas mancando e, a cada passo que eu dava, a dor aguda no pé era um lembrete constante do meu estado.

Essa visão se repetia como em uma espécie de carrossel, entremeada com outras de Thena, do Velho Pete, de Lem e a mulher que dançava na ponte, minha mãe. Mas o que havia principalmente era escuridão, uma escuridão total, até que, a certa altura, horas, dias, semanas depois de ter sido depositado naquele buraco, vi uma nesga de luz se recortar no teto do calabouço. Corri quase como um rato para o canto mais remoto da minha caixa. Então ouvi um som. Algo caiu no chão e uma voz gritou para mim.

— Venha pra fora — ordenou a voz acima de mim. — Venha pra fora!

Avancei e toquei os degraus da escada. Olhei para cima, vi a luz do entardecer e, recortado contra ela, estava o homem comum que tinha me levado até ali, meu guardião.

— Saia — disse ele.

Quando cheguei ao topo da escada não fiquei propriamente em pé diante desse homem comum, mas curvado. Estávamos em uma pequena clareira na floresta. Vi ao longe o último alento do sol alaranjado que morria, mergulhando sobre os dedos escuros. Nessa clareira, meu captor tinha preparado uma recepção absurda: duas cadeiras de madeira, com uma mesa entre elas. Apontou uma cadeira, mas eu não me sentei. O homem comum se virou, foi até a outra cadeira, voltou até mim e jogou um pacote na minha direção. Estendi a mão para pegá-lo, mas ele escorregou entre meus dedos e então tateei o chão para recuperá-lo. Era um pedaço de pão embrulhado com papel. Engoli em seco e naquele instante entendi que nunca tinha realmente sentido fome até aquele período que passara no buraco. Qualquer que tenha sido o tempo que fiquei sem comida, foi o bastante para as pontadas da fome terem desaparecido, como um visitante que para de bater na porta quando se dá conta de que não há ninguém em casa. Mas o pedaço de pão reavivou minha fome. Eu o peguei, abalado, e

então, ao olhar para a mesa, vi outros pacotes e algo ainda mais importante: um jarro de água.

Eu nem perguntei. Avancei, bebi, deixei a água lavar minha garganta, escorrer pelos cantos da boca, pelo pescoço para dentro do meu camisão e guarda-pó cujo odor acre eu senti então. O mundo dos sentidos começava a me voltar. Eu estava com fome e com frio. Desembrulhei outro pedaço de pão, que devorei às pressas, depois outros e estava prestes a pegar mais quando o homem comum disse, calmamente:

— Já basta.

Virei e vi que ele estava sentado não longe de mim e, embora ainda estivesse anoitecendo, já estava escuro demais para captar suas feições. O homem comum ficou sentado na sua cadeira, sem dizer nada. Eu esperei, tremendo de frio. Então vi uma luz distante que aumentava, se aproximando de nós. Ouvi rodas de carroça crepitando na estrada até que um grande carro coberto puxado por um cavalo parou diante da gente. O homem ao lado do cocheiro segurava um lampião. O cocheiro desceu e fez um sinal de cabeça para o homem comum, que me mandou subir na carroça. Obedeci e me juntei aos vários outros homens de cor ali dentro. Ao vê-los, me perguntei quais estragos estariam à nossa espera. O que lembro é que não havia correntes. Mas, se alguém visse as cabeças curvadas à minha volta, saberia que aqueles homens estavam abatidos. Eu era um deles, jogado em um buraco tão fundo de desespero que todas as minhas motivações disparatadas tinham se reduzido a sobreviver. Eu tinha sido reduzido a um animal. Chegava a hora da caçada.

★ ★ ★

N
carroça, parados em grupos desajeitados, o homem comum nos avaliava, como um general revisando um novo grupo de recrutas. E, embora estivesse mais escuro, descobri que a escuridão era boa para os meus olhos, como se o tempo debaixo da terra tivesse, de alguma forma, me transformado a ponto de o luar ser suficiente para enfim avaliar aquele homem comum: cabelo comprido e despenteado por baixo do chapéu de aba larga, barba longa grisalha, crua, maltratada, espetada. Embora abatidos e desmoralizados, estávamos em maior número naquela situação, mas sabíamos que ele não estava

sozinho. Porque homens brancos na Virgínia nunca estavam sozinhos de verdade.

Então os outros chegaram. Anunciados por seus lampiões ao longe, aproximaram-se com o troar dos cascos dos cavalos e das rodas crepitando na estrada. Três carroças pararam diante de nós e delas desembarcaram homens brancos com os ditos lampiões. Lançavam tal clarão amarelo sobre eles que os homens brancos pareciam criaturas de outro mundo, de outra era, demônios, górgonas, espectros, invocados para exercer a vingança da maldade sobre a nossa gente. Quando falaram, no entanto, ouvi uma cadência específica que me dizia que ainda estávamos na Virgínia e que aquelas “criaturas” não eram uma conjuração, mas um bando de brancos de classe baixa. A fala deles era áspera. Os casacos eram surrados. Meu coração parou e fui dominado por uma nova onda de medo. Os monstros do mito seriam preferíveis a esses homens que eu conhecia tão bem. Os brancos baixos desfrutavam apenas de um ponto de apoio na cara sulcada da sociedade, uma posição insegura que apenas aumentava a brutalidade com que tantas vezes brindavam a gente de cor da Virgínia. Essa brutalidade era a oferta que a maldade fazia aos brancos de classe baixa, o pagamento que os unia. E me ocorreu então que era essa a finalidade da nossa noite: um ritual de brutalidade no qual nós, os capturados, seríamos o sacrifício.

O homem comum se levantou. Cumprimentou brevemente os brancos baixos e mais uma vez passou diante da fila, nos avaliando. Havia algo teatral em sua postura e, enquanto antes parecera solene e reservado, agora era vaidoso e exibido. Enfiou as mãos dentro do paletó e puxou os suspensórios. Parava, avaliava um homem, sacudia a cabeça, caçoava e sugava os dentes.

Depois de nos avaliar mais uma vez, gritou:

— Vilões da Virgínia, o Juízo agora volta seu olhar cego para vocês. Ladrões! Assaltantes! Assassinos! Vilões cujos crimes são compostos pela conivência de escapar de nossas leis e passar para outra terra, assumindo nomes falsos.

Mais uma vez ele passou diante da fila, mas parou na frente de um homem à frente, à minha esquerda.

— Você, Jackson, falou de matar o seu senhor, mas falou demais, rapaz! Te entregaram e agora você precisa enfrentar a justiça da Virgínia.

O homem comum avançou.

— E você, Andrew, achou que podia escapar com uma parte da colheita de algodão do seu senhor, certo? E, quando descobriram, resolveu que podia fugir.

Andrew se manteve solene e calado. O homem comum continuou:

— Davis e Billy — disse, agora diante da outra ponta da fila. — Ora, rapazes, me disseram que gostavam muito de vocês. O que levou os dois a matar um bom homem em uma viela e roubar a propriedade dele?

— Propriedade nossa! — gritou um deles. — Último presente do meu tio antes de botarem ele no esquadro!

Um dos homens na luz amarela o interrompeu.

— Não existe nada que é de vocês, rapaz!

— Maldito — xingou o homem na fila. — Era do meu tio. Melhor não sujar o nome dele!

Diante disso, o homem ao seu lado disse:

— Cale a boca, Billy. Já tá bem difícil pra nós.

Outro homem gritou de trás da luz amarela:

— Não se preocupe, rapaz, a gente vai ensinar ele a ter modos.

O homem comum avançou então para o centro da fila.

— Vocês todos queriam fugir — disse. — Bom, por Deus que eu não sou do tipo que fica contra a vontade de qualquer homem ou de qualquer negro.

O homem comum voltou à carroça, subiu para o banco e ficou em pé.

— Tá aqui o que vamos fazer. Vocês agora estão aos cuidados desses cavalheiros da Virgínia. Eles concordaram em dar uma vantagem na fuga pra vocês. Se ficarem à frente deles ao longo desta noite inteira, a liberdade é de vocês. Mas, se forem capturados, sua vida vai ficar à mercê deles. Talvez se deem bem e seus pecados sejam perdoados. Mais provável que não demore nem uma hora pra justiça encontrar vocês. Pra mim não faz diferença. Fiz a minha parte. Agora é hora de fazerem a de vocês.

Então ele sentou, pegou as rédeas e os cavalos partiram.

Ficamos ali, olhamos a noite ao nosso redor, olhamos um para os outros em busca de alguma pista, talvez torcendo para que mesmo no meio daquele medo opressivo revelassem para nós que tudo não passava de alguma brincadeira. Estávamos tontos demais para nos mexer. Olhei para os homens brancos, as aparições com seus chapéus de abas largas que agora esperavam que compreendêssemos nossa situação. Então, sua paciência esgotada, um desses brancos saiu do grupo e veio até nós com um porrete na mão. Ele desceu a arma na cabeça de um dos Tarefeiros, agora marcado como renegado. O Tarefeiro pareceu não acreditar no golpe que lhe vinha, porque não fez nenhum esforço para se defender. No entanto, gritou ao ser atingido e caiu no chão. O homem com o porrete se virou para o resto da fila e disse:

— Melhor ir andando, cambada.

Todos se espalharam imediatamente. Eu também saí correndo depois de olhar para o homem caído, apenas um volume escuro contra a escuridão que então se reunia em torno de mim. Corri sozinho. Desconfio que todos fizeram o mesmo. Não havia esforço de cooperação entre os Tarefeiros ali reunidos, talvez só entre os dois irmãos, Davis e Billy, mas, se sentissem o mesmo terror que recaiu sobre mim quando aquele homem foi abatido, provavelmente não teriam tido tempo para pensar, tempo para lealdade.

Eu corri, mas não depressa e não para longe. A fome roubava minha força de vontade. As câimbras transformavam meus membros em madeira. O vento da noite era cortante e, quando passei mais a trotar do que a correr, notei que o solo era incerto, úmido, e que a sucção macia da lama aumentava o meu peso.

E para onde eu estava indo? O que é o norte além de uma palavra? A Clandestinidade, os pântanos, nada mais do que um mito divulgado por Georgie Parks, aquele vilão? E que esperança tinha eu de escapar daquele bando de predadores? Mas mesmo em todo terror e desespero não pensei em cair no caminho ou me entregar. A luz da liberdade tinha se reduzido a brasas, mas ainda brilhava em mim, e, animado pelo vento do medo, continuei correndo, curvado, trotando, travado, mas correndo mesmo assim, meu peito em chamas.

A noite estava iluminada pelo poder dos meus olhos adaptados, de forma que a floresta úmida e invernal se espalhava à minha frente. A cada passo eu ouvia minhas botinas mergulhando no chão coberto de gravetos. Ouvi um tiro e imaginei se teriam pegado um de nós, matado um de nós. O tambor no meu peito batia mais alto. Avistei o tronco fino de uma árvore caída e disse a mim mesmo para saltar sobre ele ao correr, mas meu corpo desistiu. Caí e fiquei com lama no nariz, lama na boca. Me lembro da sensação de alívio que me veio com a queda, alívio de todos os meus músculos finalmente em repouso. Mas mesmo então, mesmo ali no chão, eu via a luz da liberdade, tênue, azul. Ouvi vozes, uma mistura de gritos, berros, e sabia que logo chegariam até mim. *Levante*, eu disse a mim mesmo. *Levante*. Devagar, meus dedos agarraram a lama, minhas palmas empurraram fundo e me pus de quatro. *Levante*. Um joelho estava erguido, depois o outro, e logo estava de pé outra vez.

Assim que me levantei, no entanto, senti o porrete nas costas. E logo estavam todos em cima de mim, chutando, socando, cuspendo, xingando, violando. Eu não lutei. Saí do meu corpo, voei, planei até, de volta a Lockless, de volta à Rua com Thena, de volta ao jardim com o Velho Pete, de volta ao gazebo com

Sophia, então, quando amarraram meus braços e me levaram de volta, quando senti as rodas da carroça em movimento, eu mal tinha consciência. Mas saiba que me lembro de tudo. De tudo, menos daqueles minutos em que desisti da memória, quando deixei meu corpo e voei.

Todo amarrado e imobilizado, me levaram de volta para o homem comum. Eu nem olhei para ele. Recolocaram a venda, me jogaram em outra carroça e, depois de uma curta viagem, me jogaram no mesmo buraco onde a minha provação havia começado.

Essa caçada se tornou minha rotina. Eu era tirado do buraco, recebia uma esmola de pão e água, ficava em fila com um grupo de renegados, que eram acusados de todos os seus crimes, e então posto para correr. Me lembro dos nomes, lidos pelo homem comum com sua voz baixa, grave: Ross, Healy, Dan, Edgar. Toda noite nos faziam correr. Toda noite eu era derrotado. Toda noite eu voltava para o meu buraco. Tinha morrido? Aquilo era o inferno do qual meu pai falava? Algumas noites eu passava horas correndo e podia jurar ter visto o suave brilho do amanhecer nas pontas dos dedos. Então era capturado, espancado e jogado de volta à caixa, onde o carrossel de sonhos e visões me esperava: Sophia na dança da água junto ao fogo, Jack e Arabella jogando bolinha de gude no círculo, eu reunindo os Tarefairos para a corrida de Maynard.

M . Fiquei mais rápido. E isso começou não com o corpo, mas com a mente, porque descobri que, no estado de espírito certo, eu corria mais depressa e mais longe e, se fosse para ganhar esse jogo tortuoso, eu precisava dispor de todas as ferramentas possíveis. Assim, em minha mente, comecei a evocar todos os hinos que Lem e eu trocamos naquele último Natal:

*Casa grande da fazenda chama a gente
Para lá onde a casa é quente
Quando me procurar, Gina, estarei longe.*

A música me dava força porque me fazia lembrar de Lem e das festas, de Thena e Sophia e de todos nós reunidos. Mesmo na escuridão, uma parte de

mim sorria.

E senti a liberdade, por mais breve que fosse, naquelas noites de fuga. Mesmo caçado, eu sentia o vento frio e cortante no rosto, os galhos das árvores arranhando minha face, a lama debaixo das botinas, o calor ofegante da minha respiração. Sem Maynard me empurrando. Sem tentar discernir as intenções do meu pai. Sem o medo insidioso de Corrine. Lá fora era tudo tão claro. Correndo, eu me sentia como se desafiasse alguém.

E a cada dia eu ficava mais habilidoso. Eu me lembro de estar fora uma noite durante o que devem ter sido horas. Sabia que tinham sido horas porque, quando acabaram comigo e me levaram, surrado e espancado, de volta para o homem comum, eu vi uma coisa incrível: o sol nascendo sobre o que agora distinguia serem colinas verdes. E, ao me lembrar da promessa de liberdade que me haviam feito, entendi que estava perto.

Aprendi a esconder meus passos, a deixar uma trilha dupla para confundi-los, e aprendi também que podia rastrear os brancos como eles me rastreavam. Percebi que eu tinha um dom ao qual recorrer: minha memória. O grupo que me perseguia era sempre o mesmo, e eles não eram originais nas suas ações. Memorizar o terreno e os hábitos deles me deu uma súbita vantagem. Eu queria encontrar o flanco da formação deles. Certa noite, eles se separaram. Então derrubei um e bati no outro. Recebi uma surra extra por isso e fui forçado a confessar os detalhes da minha operação. Eu corria, mas o que precisava era voar. Não só na mente, mas neste mundo. Precisava estar acima daqueles brancos baixos, como estive acima de Maynard na água.

Mas como? O poder era esse que conseguia puxar um homem das profundezas? O poder podia tirar um menino dos estábulos e levar para o mezanino? Comecei a reconstruir os acontecimentos. Aqueles dois momentos misteriosos tinham em comum uma luz azul e ambos me levaram, embora de jeitos diferentes, para perto de minha mãe ou para o buraco negro da memória onde a tinha perdido. O poder devia ter alguma relação com ela. E eu precisava do poder porque precisava voar ou ia morrer tentando correr mais do que aqueles lobos.

Talvez o poder estivesse de alguma forma relacionado com o bloqueio na minha memória, e liberar um era, talvez, liberar o outro. E então, naquelas horas escuras, fora do tempo, dentro do buraco, virou um ritual para mim reconstruir tudo o que tinha ouvido dela e tudo o que tinha visto dela naqueles momentos

no rio Goose. Rose, do mais terno coração. Rose, irmã de Emma. Rose, a bela. Rose, a silenciosa. Rose, a dançarina da água.

Era uma noite sem nuvens e eu estava correndo. Podia sentir que estávamos na primavera porque as noites não eram mais tão ferozes para mim. Meu coração não explodia mais no peito quando eu corria. Minhas pernas eram fluidas. E os homens deviam saber disso, porque notei que estavam em maior número. Comecei a sentir que, se antes eles se separavam para perseguir a fila inteira de fugitivos, agora o grupo inteiro parecia focado em mim acima de todos os outros. Assim, foi naquela noite em que ouvi que se aproximavam. A floresta então se abriu e vi uma lagoa rebrilhando, larga e escura. Eu precisava fazer um esforço para contornar a água. Ouvia os gritos e as vaias dos homens atrás de mim. Corri em torno da lagoa pelo máximo de tempo que consegui, com as vozes se aproximando cada vez mais. Eu não ousava olhar para trás. Então meu pé enganchou em algo, um ramo, uma raiz, não tenho certeza, e uma dor aguda, uma dor antiga, subiu do tornozelo. Senti que estava caindo e então estava no brejo, a água fria e lamacenta no rosto. Rastejei por um instante, mas, delirante de dor, sabia que a caçada havia chegado ao fim e gritei, mas dessa vez não na minha mente, mas bem alto para todos ouvirem:

*Casa grande da fazenda chama a gente
Para lá, mas não demoro, não
Volta, Gina, com meu canto e coração.*

O que os homens que me perseguiram viram naquele momento? O que ouviram quando gritei? Sei que estavam muito perto, prestes a colocar as mãos em mim, talvez estivessem estendendo as mãos naquele minuto. Será que viram o ar se abrir na frente deles, a luz azul de todas as nossas histórias cortar o mundo e iluminar a noite? O que eu vi foi a floresta se dobrar sobre si mesma, uma névoa rolar, e abaixo dela um campo verde de críquete que reconheci imediatamente como sendo o de Lockless. Foi o meu primeiro pensamento. Mas aí, quando a cena me veio, e era assim que me sentia, que o mundo vinha a mim mais do que eu ia a ele, notei que aquilo não era a Lockless do meu tempo, porque havia Tarefairos que eu sabia que não estavam mais entre nós. E conduzindo a todos vi, como me lembro dele naqueles anos, rindo e despreocupado, o pequeno May. Ele apontava para a casa, gritava algo, e, atraído para aquela direção, vi que ele gritava para mim, não o eu que voava, mas o eu

que estava no chão, no tempo, naquele primeiro ano de serviço, afastado da instrução do sr. Fields, ainda aprendendo sobre meu lugar nas coisas.

O momento me pareceu não mais uma volta no carrossel, mas totalmente novo. Era como estar dormindo e não reconhecer, apesar do absurdo das coisas, que se está sonhando. A própria natureza da lógica e da expectativa estava distorcida, e o absurdo me parecia normal, então simplesmente observei a mim mesmo, observei Maynard, como tínhamos sido naquele outro tempo. Mesmo ao olhar esse eu mais jovem, acossado junto com outro grupo de Tarefairos e em fila para correr, mesmo ao me ver correndo, mesmo ao me sentir correndo com eles, embora as minhas pernas não se mexessem, eu não entendia. Eu me vi me separando da fila, mais rápido que todos eles, tocando a extremidade do campo, voltando, tropeçando, gritando, caindo, agarrando o tornozelo. Me lembro de querer consolar essa criança, esse eu de outra vida. Mas, quando fui até ele, o mundo novamente se descascou e eu estava de volta ao meu próprio tempo.

Mas não no meu próprio lugar. De novo a dor subia pelo tornozelo. Eu estava no chão, uivando. Tentei rastejar. Fiquei de pé. Dei um passo. Era uma agonia. Caí. De novo me senti deslizando para o fundo. Olhei para cima uma última vez e vi um dos homens em cima de mim.

Não. Eram outros.

— quieto, rapaz — disse Hawkins. — Do jeito que tá gritando é capaz de acordar os mortos.

A DOR NO TORNOZELO me trouxe de volta. Não era mais a pontada aguda de antes, mas um latejar brando. Abri os olhos e vi a luz do dia, a linda luz do dia que eu não via havia semanas entrava pela janela como se soasse de uma trombeta, tão alto que o resto do mundo virou um borrão. Pouco a pouco meus olhos se acostumaram e as coisas começaram a tomar forma: uma mesa junto à cama com um cachimbo enganchado em um vaso em forma de navio, um relógio grande em uma prateleira à minha frente, acima da minha cabeça um dossel com as cortinas vermelhas abertas. Então me dei conta de que eu tinha sido totalmente lavado, vestido com ceroula de algodão e camisa de dormir de seda. Me ocorreu que eu podia ainda estar enterrado e aquilo ser apenas outra volta do carrossel. Ou talvez eu tivesse subido do inferno do meu calabouço e ido para a minha recompensa, afinal. Mas o tornozelo latejando sinalizava que o mundo ao meu redor era real. E que eu não estava sozinho, porque havia também três figuras se formando no borrão. Uma era Hawkins, o homem que tinha, agora pela segunda vez, me encontrado na outra ponta da luz miraculosa. Ele estava sentado em uma cadeira e ao lado dele, não mais vestida de luto, estava a noiva abandonada de Maynard Walker, Corrine Winn.

— Bem-vindo — disse ela.

Estava sorrindo, jovialmente até, e eu sabia que nunca a tinha visto sorrir daquele jeito antes. Era como se Corrine tivesse descoberto algo perdido séculos atrás, uma chave ou a última peça de um quebra-cabeça que durante muito tempo a incomodara e frustrara. Porém, havia algo mais, algo nos trejeitos, porque ela sorria *para mim*, não *de mim*. Seus modos sempre foram bizarros, diferentes de tudo que eu tinha visto em gente da realidade. Mas o que estava acontecendo ali era ainda mais diferente, porque não havia nada, nenhum sinal de dominância ou determinação em sua atitude, apenas um profundo prazer, uma satisfação por ter atingido algum objetivo invisível.

— Sabe o que aconteceu com você? — perguntou ela. — Sabe onde está?

Senti cheiro de *pot-pourri* de primavera, uma acre mistura adocicada de menta, tomilho e alguma outra coisa, um aroma que nunca poderia ser de Lockless, onde prevalecia um espírito de rapazes que não permitiriam coisas assim.

— Sabe quanto tempo você andou desaparecido? — perguntou ela.

Eu não disse nada.

— Hiram — corrigiu ela. — Sabe quem sou eu?

— A srta. Corrine — respondi.

— Senhorita não — disse ela, o sorriso alegre agora relaxado em um ar de confirmação. — Corrine. Só Corrine, sempre.

A falta de naturalidade da situação se expandiu. Ao mudar o foco, vi que Hawkins não estava a serviço como um Tarefeiro estaria, mas sentado bem ao lado dela, com a postura reta.

Ela perguntou de novo:

— Sabe onde está?

— Não — respondi. — Não sei quanto tempo fiquei desaparecido. Não sei onde eu estava. Não sei nem porquê.

— Hiram — disse ela —, nós vamos fazer um acordo, um entendimento. Vou ser sincera com você e, em troca, você vai fazer o mesmo comigo.

Ela então olhou para mim com severidade.

— Você sabe muito bem porque foi mandado embora — continuou ela. — Fugiu e levou outra pessoa com você. Com certeza agora já adivinhou que nós somos mais inteligentes. Eu vou contar tudo, mas você tem que fazer o mesmo.

Eu me movi para sentar na cama e senti uma dor aguda nas costas e nas pernas. Meus pés estavam rachados e doloridos. Toquei meu rosto e descobri um galo acima do olho esquerdo. E me lembrei da provação que eu sofrera por tantas noites, de todas as horas passadas no buraco.

— É, a gente sente muito por isso. Mas a gente precisava ter certeza — disse Hawkins com um olhar compreensivo, e acrescentou: — A gente fazia uma ideia, mas precisava ter certeza, precisava levar você.

A gente sente muito, dissera ele, o que sugeria que Hawkins, um Tarefeiro, tinha algum poder ali, não só naquele quarto, mas em todo o inferno que eu havia atravessado durante... o quê? Um mês? Alguns meses?

— Hiram — disse Corrine. — Você entrou no rio Goose com Maynard. Não, você levou Maynard para o rio Goose. Ele não teve escolha. Talvez você quisesse isso, mas, querendo ou não, você matou um homem e, ao fazer isso,

reduziu planos de longa data a pó. Por causa do seu impulso e desejo, por causa do seu crime, grandes homens estão tendo que reconduzir suas vidas e exércitos inteiros de juízes americanos estão fugindo. Você não entende, mas acho que deveria, porque acredito que, nas surras violentas que levou, havia um plano ainda maior do que o nosso.

Enquanto falava, Corrine soltou o cachimbo do vaso com a mão esquerda e com a direita tirou a tampa. O cheiro de tabaco se espalhou. Ela acendeu o cachimbo, tragou e soltou uma pluma de fumaça. Então passou o cachimbo para Hawkins, que acendeu de novo, fumou e o devolveu para ela. A fumaça branca subia deles e pairava como partículas de poeira contra o sol que entrava pela janela. Pensei no nosso último encontro, naquela sala pouco iluminada de Lockless, onde a voz de Corrine fraquejou e me lembrei de como ela parecera estranha, de como sempre tinha sido estranha, de como parecia se afastar das últimas tendências e se aproximar de uma Virgínia de outrora, e de como tudo era realmente conspícuo e errado. A verdade me veio tão de repente naquele momento que me perguntei como não tinha percebido antes. Era uma mentira, a coisa toda era uma mentira, a tradição, o luto, talvez até o casamento em si.

Devo ter perdido toda a capacidade de disfarçar as coisas enquanto preso, porque Corrine olhou para mim, riu e disse:

— Está se perguntando como foi que eu fiz isso, não é?

— Estou — respondi.

— Claro, claro, eu entendo, entendo mesmo — disse ela. — É raro para qualquer lorde ou dama da propriedade enganar totalmente o criado. É um luxo ser enganado dessa forma, viver entre o perjúrio e a invenção. Sejam quais forem suas aspirações, Hiram, sei que você nunca saboreou esse esplendor. Você é um cientista. Tem que ser.

“Mas esses idiotas, esses Jefferson, esses Madison, esses Walker, todos inebriados por teorias... Bem, estou convencida de que o mais desclassificado dos braços no campo, na terra mais miserável do Mississippi, sabia mais do mundo do que qualquer um desses filósofos americanos estufados e pretensiosos.

“E os lordes e as damas do nosso país sabem disso. Por isso ficam tão dominados pela dança e música da sua gente. É uma biblioteca não escrita, recheada de um conhecimento desse mundo trágico que desafia a própria linguagem. O poder transforma os senhores em escravos, porque os separa do mundo que dizem entender. Mas eu desisti do meu poder, sabe, desisti, de forma que agora posso começar a enxergar.”

Ela segurava o cachimbo e sacudiu a cabeça.

— É, você sabe, você entende, mas, mesmo assim, não é sábio. Sua busca por esse plano, sua proximidade com um homem que é, de fato, um vilão... bem, essa coisa sua, essa Condução que o tirou da água, você não é o primeiro, sabe? Você conhece a história: Santi Bess e os quarenta e oito homens de cor...

— Nunca aconteceu... — interrompi.

— Aconteceu, sim — corrigiu Corrine. — E as consequências são a própria razão de você se ver aqui diante de nós. Você sabia que antes de ela ir embora, não existia Freetown em Starfall? Sabia que toda a traição de Georgie, um escravocrata disfarçado de libertador, é, na verdade, a traição dos senhores desta terra?

À menção do nome de Georgie, voltaram lembranças, lembranças antigas de um homem que um dia tinha sido como um parente para mim. Lembranças de Amber, do filho deles. Amber sabia? Pensei na nossa última conversa, sobre como ele havia tentado me dissuadir. E me perguntei em que momento exato Georgie decidira me entregar. Quantos ele teria entregado antes de mim?

— O truque é bom — disse Hawkins. — Você precisa reconhecer. Eles dão abrigo para o Georgie e os parceiros dele, e, em troca, ele oferece os olhos e a informação. Então, da próxima vez que aparecer uma Santi Bess, ele vai estar esperando.

— Mas isso não pode acontecer, pode, Hiram? — perguntou Corrine. — Porque Santi Bess funcionava com uma força diferente, a mesma que tirou você do rio Goose, a mesma que livrou você da nossa patrulha.

Então olhei em torno. As coisas começaram a se combinar e um conjunto de questões tomou forma, mas tudo o que consegui perguntar foi:

— O que é isso?

Corrine pegou uma bolsa. Tirou um papel e o estendeu para mim.

— Você me foi dado, de corpo e alma, pelo seu pai — explicou ela. — Ele assinou a doação porque a sua fuga foi uma desgraça para ele. Outro golpe no seu coração já fraco pela perda do Maynard, e ele reagiu a esse golpe com raiva. Não queria ter mais nada a ver com você. Mas eu convenci ele de que você era valioso demais para desperdiçar, então ele assinou sua doação para mim. Por um bom preço, claro.

Aí ela se levantou e foi até a porta.

— Mas você não é meu — revelou ela, e abriu a porta, permitindo que eu visse uma escada e a parte superior de um corrimão. — Você não é escravo.

Nem do seu pai. Nem meu. Nem de ninguém. Você perguntou o que é isso. Isso é liberdade.

Essas palavras não me encheram de prazer. As perguntas agora se precipitavam. Onde eu tinha estado? Por que tinham me deixado em um buraco? Quanto tempo tinha ficado enterrado? O que aconteceu com o homem comum? E, mais do que tudo, o que tinha acontecido com Sophia?

Corrine voltou ao seu lugar.

— Mas liberdade, a verdadeira liberdade, também é um senhor, sabe? Mais insistente, mais constante que qualquer feitor de escravo esfarrapado — disse ela. — O que você tem que aceitar agora é que todos estamos presos a algo. Alguns se prendem à propriedade do homem e a tudo o que vem disso. Outros se prendem à justiça. Todo mundo serve a um senhor. Todos têm que escolher.

“Nós escolhemos isso, Hawkins e eu. Aceitamos o evangelho que diz que nossa liberdade é um grito de guerra contra a não liberdade. Porque isso é o que você é, Hiram. O clandestino. É a nós que você está procurando. Mas você encontrou Georgie Parks primeiro, e sinto muito por isso. Com muito trabalho e exposição ao risco, conseguimos recuperar você. Não fizemos isso em seu benefício, mas porque há muito vimos em você algo de um valor incrível. Achamos que você é artefato de algum mundo perdido, uma arma que pode virar a maré nesta guerra tão longa. Você sabe do que estou falando, não sabe?”

Não respondi. Em vez disso, perguntei:

— Onde está Sophia? O que aconteceu com ela?

— Nosso poder tem limites, Hiram — respondeu Corrine.

— Mas você disse que vocês são a Clandestinidade. Se são quem dizem ser, por que não libertaram ela? Por que me deixaram naquela prisão? Por que me deixaram naquele buraco? Vocês sabem o que aconteceu comigo?

— Se sabemos? — perguntou Hawkins. — A gente que fez acontecer. A gente inventou tudo. E, quanto à sua liberdade, tem uma razão pra gente ser a Clandestinidade. E uma razão que até agora a gente viveu pra combater. Existem regras. Existe uma razão pra você ter encontrado o Georgie antes de encontrar a gente.

— Toda noite aqueles homens me caçavam — contei, com a raiva crescendo dentro de mim. — E vocês deixaram isso acontecer. Não, pior. Vocês mandaram eles fazerem isso?

— Hiram — disse Corrine —, me desculpe, mas aquela caça era só uma prévia da sua vida agora. E aquele calabouço, só um lampejo do preço do seu

fracasso. Sua vida terminou no minuto que você se comprometeu com Georgie Parks. Você preferia que a gente deixasse você naquilo? Hawkins diz a verdade. A gente precisava ter certeza.

— Certeza de quê? — questionei.

— Que você realmente tinha a força de Santi Bess, a Condução — revelou Corrine. — E você tem. Já vimos isso se manifestar duas vezes. Sem dúvida foi por obra do Senhor que Hawkins encontrou você pela primeira vez. E, pesquisando por aí, descobrimos que uma vez você insistiu muito que uma coisa igual tinha acontecido quando era criança. A gente precisava esperar acontecer de novo. Calculamos para onde a força podia enviá-lo e esperamos que você chegasse.

— Chegasse aonde? — perguntei.

— A Lockless — disse ela. — Achamos que você podia estar tentando voltar para o único lar que conheceu. Tinha gente vigiando você toda noite.

— E você tá aqui — completou Hawkins

— Onde eu estou?

— Em um lugar seguro — disse Corrine. — Para onde a gente traz todos os recém-casados com a nossa causa.

Aí, ela fez uma pausa de um segundo. Vi um toque de compaixão no seu rosto e entendi que ela não estava sentindo prazer em nada daquilo, que, de algum modo, ela percebia minha dor e minha confusão.

— É muita coisa para entender, eu sei. E nós vamos explicar, prometo. Mas você precisa confiar na gente. E precisa porque não tem volta. Neste instante, não existe mais nada verdadeiro neste mundo. E logo você vai ver que não existe nada mais verdadeiro do que a nossa causa.

Com isso, Corrine e Hawkins se levantaram.

— Logo — disse ela, ao saírem. — Logo você vai entender tudo. Logo você vai compreender, e a sua compreensão será uma nova ligação, e nessa ligação, nesse alto dever, você vai encontrar sua verdadeira natureza.

Então, ela parou na porta e pronunciou palavras que pareciam uma profecia.

— Você não é um escravo, Hiram Walker — disse Corrine. — Mas, pelo Fantasma de Gabriel, você vai servir.

NAQUELA NOITE, AINDA deitado na cama, ouvi vozes no andar de baixo e o cheiro do que eu esperava que fosse o jantar: não fazia uma refeição de verdade desde a fuga de Lockless. Tudo isso se juntou para me fazer sair do meu estupor. Vi então que na cômoda havia duas bacias cheias de água, uma escova de dentes, dentifrício e um conjunto de roupas. Troquei de roupa e me limpei. Então desci a escada mancando, atravessei uma galeria e entrei em uma sala de jantar onde vi Corrine, Hawkins, Amy, três homens de cor e ninguém mais ninguém menos do que o sr. Fields.

Fiquei parado na porta por um momento até ele me ver. Estava rindo de alguma história que Hawkins contava, mas, quando me viu, o sorriso ficou grave e ele olhou para Corrine, que olhou para mim, e então toda a mesa me olhou do jeito mais solene que se pode imaginar. Estavam sentados diante de um verdadeiro banquete, mas todos ali, negros e brancos, homens e mulheres, vestiam roupas de trabalho.

— Por favor, Hiram — convidou Corrine. — Sente-se conosco.

Incerto, avancei e tomei o lugar desocupado perto da ponta, ao lado de Amy, na frente do sr. Fields. Havia quiabo e batata-doce cozidos. Havia verduras e peixe assado. Havia carne de porco salgada e maçã. E também alguma ave recheada com arroz e cogumelos. Pão. Pudim. Bolinhos. Bolo de rum. Cerveja. Era a refeição mais farta que eu já tinha comido, porém, mais incrível que a refeição foi o que aconteceu depois.

Corrine se levantou primeiro, depois todos os outros fizeram o mesmo e começaram a tirar os pratos e arrumar a sala. Era uma visão incrível. Todos se movimentando juntos, menos eu. Tentei ajudar, mas não deixaram. Quando a arrumação terminou, todos se retiraram para a sala de estar e os fiquei observando brincarem de cabra-cega noite adentro. Percebi então que, tanto pelo ar alegre quanto pelos comentários fortuitos, não era uma noite comum, algo tinha mudado para motivar aquela celebração, e esse algo era eu.

Passei a noite na casa, em um quarto de hóspedes, e dormi muito, até o meio da tarde. Nunca tinha experimentado tamanho luxo, nem durante as festas. No dia seguinte me lavei, me vesti e desci. A casa estava quieta. Na mesa da cozinha havia uma panela de pãezinhos de centeio e um bilhete ao lado me dizendo para comer. Depois de devorar dois, lavei meu prato, saí pela porta da frente e me sentei na varanda. Vista pelo lado de fora, a casa era modesta, estranha, de tábuas brancas. Havia um jardim na frente recheado de flocos-de-neve e sinos-azuis. Depois do jardim, havia um trecho de floresta e, ao longe, vi os picos majestosos do que eu sabia serem as montanhas do oeste. Calculei que estava na fronteira da Virgínia, muito provavelmente em Bryceton, local da família de Corrine, a mesma residência para onde, meses antes, ela tinha dito que ia me mandar.

Ao longe, vi dois vultos saindo da floresta. Vieram na direção da casa e logo percebi que eram dois homens brancos, um mais velho, um mais novo, talvez pai e filho. Pararam ao me ver. O mais novo me cumprimentou com um aceno de cabeça, o mais velho agarrou-o pelo braço e o puxou de volta para a floresta. Fiquei ali sentado observando por uma hora; em algum momento caí em uma divagação e depois, mais cansado do que imaginava, em um sonho propriamente dito. Estava de volta à minha cela, mas dessa vez com Pete e Thena. Quando os homens me puxaram para a sala da frente, Pete e Thena riram e ouvi esse som durante toda a provação dos homens me inspecionando, me violando. Naquela época, eu ainda não via dessa forma, como uma violação. Levou um tempo para aprender a falar abertamente sobre o que faziam comigo, a contar a história do tempo que passei em Ryland sem sentir minha virilidade indo embora. Levou um tempo para eu ver que a história era realmente minha força maior. Mas então acordei do sonho queimando de raiva. Nunca fui um menino violento. Não era muito temperamental. Mas, depois disso, durante anos me vi, vez por outra, cheio de pensamentos e sentimentos dos mais destrutivos, incapaz de admitir realmente o porquê deles.

Acordei com o som de uma porta sendo fechada atrás de mim. Era Amy. Ela entrou na varanda e ficou parada por um instante, observando o sol, que agora se punha nas montanhas. Não usava vestido de luto nem véu preto, mas um vestido de crinolina com avental branco na frente. O cabelo estava escondido em uma touca.

— Você deve ter perguntas — disse ela.

Sim. Eu tinha muitas. Mas não fiz nenhuma. A sensação era a de que eu já tinha perguntado o suficiente e com isso quero dizer que já tinha falado o

suficiente para eles. Se eu tinha aprendido algo na minha primeira vida era que uma interrogação nunca fica apenas de um lado. Até que Amy disse:

— Tudo bem. Eu entendo. Acho até que no seu lugar eu também não estaria com muita vontade de falar. Mas eu falo. Porque tem coisas deste local, desta nova vida, que você precisa saber.

Pelo canto dos olhos eu via o olhar dela em mim, mas continuei observando as montanhas e o sol, que se punha nelas.

— É provável que você já tenha adivinhado onde está, em Bryceton. O lugar da Corrine. Mas você não adivinhou, e não tem como saber, qual é o lugar dela de verdade. Eu podia até contar. Você logo vai ver.

“Bryceton, antigamente, era da família da Corrine. Como ela era a única herdeira, a propriedade ficou pra ela quando os outros morreram. Acho que você já sabe que Corrine não é o que parece. Ela é a Virgínia da cabeça aos pés, mas, por causa do que ela viu acontecendo aqui, e de algum conhecimento que adquiriu lá no norte, ela tem, vamos dizer, uma outra visão sobre a escravidão. E a visão dela, que também é a minha e a do meu irmão, é de combate e cheia de raiva.”

Então, Amy deu uma risadinha, parou um segundo e depois recomeçou:

— Eu não devia rir. Não é engraçado, a não ser quando é. E devo dizer que, para mim, é o tempo todo. É uma bênção estar aqui, estar em guerra com eles. A gente é um posto avançado do exército que você agora conhece como Clandestinidade. Todo mundo que mora aqui faz parte desse exército, embora a gente não possa comentar sobre isso. Se for comigo lá fora, você vai ver o que qualquer um espera: pomar em flor, campo todo viçoso. E, se a gente estivesse recebendo visita, você veria todo mundo trabalhando, cantando, feliz. Mas entenda que cada uma dessas pessoas que você vai ver cantando e trabalhando aqui com a gente se dedicou pra espalhar a luz da liberdade por Maryland, pela Virgínia, pelo Kentucky, e até pelo Tennessee.

“Todo mundo é agente, apesar de trabalhar de jeitos diferentes. Uns ficam na casa. São instruídos, que nem você, e botam esse conhecimento em uso. É a parte importante pra questão dos documentos: papel de alforria, testamento, legado. Esse pessoal fica em casa, eu sei, mas são um bando agitado, pode acreditar. Estão sempre alertas os agentes de casa. Eles estudam, sabem as intrigas, conhecem os diários, sabem quem é todo mundo importante na região deles, mas ninguém na região sabe quem eles são de verdade. E aí tem os outros.”

Amy fez uma pausa e, quando olhei, vi que um meio sorriso tinha surgido no canto de sua boca. Ela agora olhava para as montanhas, que consumiam o último bocado de sol.

— Está vendo aquilo lá? — perguntou e depois continuou, sem que eu respondesse. — Aquilo lá é o que é. Sentado aqui olhando o sol se pôr no seu tempo, sem nada em cima de você, ninguém para dar ordens nem chibatadas. Nem sempre foi assim pra mim. Eu, junto com meu irmão, a gente estava amarrado ao homem mais mesquinho do mundo. Esse homem casou com Corrine e, bem, ele agora não está mais entre nós e eu estou aqui com você podendo aproveitar alguns momentinhos naturais como este.

“Mas tem outros que não conseguem ficar na casa, sentem as paredes se fechando sobre eles, sabe? São pessoas que se lembram da primeira vez que fugiram, desse momento muito glorioso de desafiar aquilo tudo que sempre foi dito. É o mais livre que essas pessoas se sentiram na vida, e aí elas ficam nessa busca pela liberdade. Elas são diferentes, são os agentes de campo. São esses agentes que entram nas plantações e chamam os Tarefeiros para a fuga. São pessoas ousadas. Os Cães fazem eles se sentirem vivos. O pântano, o rio, os espinheiros, os abrigos abandonados, o palheiro, o velho celeiro, o musgo, a Estrela Polar, isso é o agente de campo. E a gente precisa um do outro. Trabalhamos juntos. Somos parte de um mesmo exército, Hiram. Um mesmo exército.”

Com isso, ela ficou quieta de novo. E ficamos ali sentados olhando o céu noturno com suas estrelas espiando.

— E o que você é? — perguntei.

— Como assim?

— Casa ou campo? — perguntei. — Você é o quê?

Ela olhou para mim, bufou, riu e disse:

— Eu sou de campo, é claro.

Aí olhou de volta para as montanhas, que agora eram apenas vultos azuis-escuros no horizonte.

— Hiram, eu podia fugir agora mesmo, mesmo livre como eu sou, eu podia fugir de nada, ir para bem além das montanhas, de todos os rios, correr por toda a pradaria, dormir nos brejos, comer raízes e, depois de tudo isso, fugir ainda mais um pouco.

E ser agente nas montanhas de Bryceton, na propriedade da família de Corrine, junto com outros novatos recrutados na Clandestinidade. Peço desculpas por não falar muito sobre meus companheiros agentes. Os que são mencionados aqui ou estão vivos e deram sua permissão, ou partiram para a jornada final ao encontro do Grande Árbitro de Almas. Ainda não chegou o tempo de ter as contas acertadas e se vingar. Muitos de nós precisam, ainda hoje, continuar clandestinos.

Minha vida se tornou duas. Retomei meu interesse de sempre no trabalho com madeira, na produção de mobília. E fiz o que fazia, ajudei o pessoal que trabalhava em Bryceton, embora eles atuassem de um jeito que era então muito estranho para mim. Não havia divisão de trabalho em nenhuma área. A cozinha, a granja, a oficina mecânica, todo mundo fazia tudo, sem distinção de sexo e cor. A própria Corrine Winn, quando não tinha nenhum negócio para resolver fora, poderia ser vista no meio da plantação ou servindo a comida com Hawkins no salão onde a gente se reunia para jantar toda noite.

Depois de comer, a gente voltava para os barracões para trocar a roupa de jantar pelo uniforme da noite: camisa de flanela, calça presa com elástico e sapato leve de lona. Então era hora de se apresentar para a primeira fase do treinamento. Corrida de uma hora toda noite, cobrindo, pelo que eu calculo, uns nove ou dez quilômetros. No meio dessas corridas havia pausas para exercícios de ginástica de todo tipo, levantamento de braço, flexão, salto etc. E depois da corrida tinha ainda alongamento lateral, levantamento de perna, flexão de joelho etc. O método era derivado dos alemães de 48, homens que tinham lutado por liberdade na sua terra e encontraram uma causa comum aqui na Clandestinidade. Fosse qual fosse a origem, o treinamento me deixou mais forte. A queimação no peito diminuiu até virar um leve desconforto e descobri que eu conseguia cobrir grandes distâncias sem descansar.

Não tinha nenhum Tarefairo entre os instrutores, só gente de qualidade e Baixa. Alguns, eu desconfio, faziam parte do grupo que tinha me caçado toda noite quando fugi — algo que não sei se cheguei a superar. Eu me sentia descartável para eles, ao menos para essa porção da Virgínia que era, no meu entender, feita de fanáticos. E mesmo sabendo que eles tinham que ser assim,

que era a única escolha deles, isso significava certa distância entre nós, porque a guerra deles era contra a Tarefa, e a minha era em nome de todos os Tarefairos.

Acontece que havia uma exceção, embora eu pense agora que talvez fosse porque ele não era natural da Virgínia, mas sim do norte. Essa exceção era o sr. Fields, com quem eu me encontrava por uma hora, três vezes por semana, depois da ginástica, no porão amplo da casa, acessível apenas por um alçapão e por onde se chegava passando pelo fundo falso de um grande baú matrimonial. Dois lances de escada abaixo, outra porta dava para um estúdio com cheiro de almíscar, iluminado a lampião e com duas fileiras de estantes de cada lado, repletas de livros de ponta a ponta. No meio da sala havia uma mesa comprida com cadeiras equidistantes, e, diante de cada uma, havia papel e pena.

Na outra extremidade havia duas escrivaninhas cujos nichos estavam cheios de papéis da Clandestinidade, ferramentas para os agentes da casa que, em algumas noites, eu via sentados à mesa executando silenciosamente seu trabalho secreto. Eu sentava à mesa com o sr. Fields, que retomou nossos estudos como se não tivesse acontecido entre nós, como se os anos não tivessem passado.

Meu currículo tinha sido expandido e fiquei feliz de estudar também geometria, aritmética, um pouco de grego e latim. Pela hora da aula eu tinha liberdade naquele ambiente e podia escolher entre os livros. E acredito agora que meu próprio livro, esse que você tem em mãos agora, começou naquelas horas, naquela biblioteca. Porque, no fim, passei não só a ler, mas a escrever. Primeiro, só para registro dos meus estudos. Mas logo isso se expandiu para o dos meus pensamentos, e dos meus pensamentos para o das minhas impressões, de forma que aí eu possuía não só anotações sobre coisas da minha cabeça, mas também do meu coração. De onde tinha surgido essa ideia? Bem, acho que tenho que agradecer ao Maynard. Entre os pertences que ele havia surrupiado da escrivaninha do meu pai estava um diário antigo do meu avô, John Walker, que, bem de acordo com o modo de pensar da sua geração, acreditava estar no centro de um grande conflito que mudaria o mundo. Eu não tinha essas pretensões, mas sentia, por mais sutil e casualmente que fosse, que tinha acessado algo mais significativo que a minha vidinha comum.

Continuei essa rotina durante um mês, com poucas alterações, até que, certa noite, encontrei Corrine no porão em vez do sr. Fields.

— E o que está achando das coisas por aqui? — perguntou ela.

— Muito estranhas — respondi. — É outra vida.

Corrine bocejou silenciosamente e sentou-se. Apoiou o cotovelo na mesa, o queixo na mão e me olhou com olhos cansados. O cabelo de ondas pretas estava puxado para trás. A luz do lampião fazia as sombras dançarem em seu rosto. Parecia uma ancestral, embora mal superasse a minha idade. Eu me lembrei do tempo dela com Maynard e senti o quanto tinha sido envolvido pela amplitude de sua farsa. O quão pouco eu a conhecia naquele tempo, sua inteligência, sua esperteza, suas manhas. Senti então uma onda de medo rolar por cima de mim. Corrine uinn usava a máscara da validade, era misteriosa, poderosa. E eu não tinha uma noção exata do que ela era capaz.

— Até você — continuei. — É muita coisa pra pensar. Eu só... eu nunca teria imaginado. Nem em mil anos.

— Obrigada — disse ela, e riu, claramente sentindo prazer com o grande alcance de sua dissimulação. — Gosta de escrever?

— Vi tanta coisa nos últimos tempos — respondi. — Senti necessidade de registrar, principalmente as minhas experiências aqui.

— Mas tenha cuidado com isso — alertou ela.

— Eu sei. Morre comigo. Não sai daqui.

— Hum — retrucou, os olhos agora mais vivos. — Ouvi dizer que você fez da biblioteca seu alojamento — comentou Corrine. — E que, em algumas noites, precisa praticamente ser arrastado para fora dessas profundezas.

— Me lembra a minha casa — expliquei.

— E você voltaria se pudesse? Para casa?

— Não. Nunca.

Ela então me analisou por um instante, mas eu não soube dizer por quê. Eles estavam sempre me analisando por lá. Eu sentia que mesmo meus colegas de treinamento pareciam me testar com perguntas, me observar quando eu estava distraído. Eu respondia com o máximo de silêncio possível. Mas havia algo em Corrine que me levava a falar. Havia algo no silêncio dela que comunicava uma solidão profunda, particular, e, embora a gente nunca falasse diretamente sobre a origem dessa sensação, eu sentia que ela era prima da minha.

— Lá em Lockless, eu tinha as minhas liberdades, mais do que a maioria, devo dizer. Mas ainda era propriedade de outro homem. Até mesmo falar desse assunto aqui agora, com você, me rebaixa — expliquei.

— De fato — disse ela. — E alguns de nós estão por baixo desde os dias de Roma. Alguns de nós nasceram em uma sociedade que lhes disse que o

conhecimento estava além da nossa capacidade e que uma ignorância ornamental era tudo que poderíamos almejar.

Ela riu e parou por um momento, esperando que eu pegasse o que queria dizer. Quando ficou claro que eu tinha conseguido, prosseguiu:

— A mente da mulher é fraca. Era isso que diziam, sabe. Mas agora dizem que qualquer uma que aspire ao nível de dama deve ter algum toque das letras. Mas não muito. Nada de estudo sério. Nada que possa prejudicar a mente delicada e juvenil. Romances. Contos. Provérbios, coisas assim. Nada de jornal. Nada de política.

Então Corrine se levantou e foi até a escrivaninha. Da gaveta tirou um envelope grande.

— Mas não deixei que mandassem em mim, Hiram — disse ela com o envelope na mão. — E eu não apenas li, meu rapaz. Eu aprendi o linguajar e os costumes deles, até mesmo daqueles que estão além da minha posição, principalmente daqueles que devem estar além da minha posição, e essa foi a semente da minha liberdade.

Ela colocou o envelope na minha frente.

— Abra — disse.

Encontrei ali dentro a vida de um homem. Havia cartas de família. Havia autorizações. Havia certificados de venda.

— É seu durante uma semana — explicou ela. — Não podemos ficar com as posses desse homem para sempre. O que temos aí é uma amostra, bem aleatória, para que ele não perceba a ausência dos papéis.

— E o que eu preciso fazer? — perguntei.

— Aprender como ele é, claro — respondeu ela. — Isso é uma lição sobre os costumes deles. Um modo de entender todas as coisas que estão além da sua posição. Esse homem em questão é um cavalheiro, com alguma educação e instrução, como muitos dos senhores de escravos deste país.

Devo ter parecido confuso, porque Corrine disse:

— O que você acha que andou estudando aqui?

Eu não respondi, então ela continuou:

— O que a gente faz aqui não são exercícios inúteis nem aprimoramentos cristãos. Primeiro se aprende o que eles sabem, no geral. Depois, coisas mais específicas como as palavras e a caligrafia. Se apossando da especialidade de um homem, você se apossa da medida dele. Aí basta produzir o traje, Hiram, e usá-lo.

Comecei meus estudos já no dia seguinte. Logo me certifiquei de que todos os documentos estivessem escritos com a mesma letra. Estudando aquilo, um retrato começou a vir à tona. A partir dos artefatos da vida do autor — o balanço de seus livros-caixa, as cartas trocadas com a esposa, as anotações de certas mortes no diário, a contabilidade de colheitas consecutivas —, ele, com todas as suas peculiaridades e fraquezas, se materializava diante de mim. Vi seus hábitos diários, suas rotinas, sua filosofia pessoal e, no fim das contas, mesmo sem nunca ter conhecido o homem, eu era capaz de reproduzir quase todos os seus traços.

Corrine me encontrou de novo, uma semana depois, na biblioteca. Disse a ela tudo o que tinha descoberto e, sob rigoroso interrogatório, forneci ainda mais detalhes. Qual era a flor predileta da esposa dele? Com que frequência ele viajava? Esse homem amava o pai? Já tinha ficado grisalho? Qual a posição dele na sociedade? De quando remontava sua fortuna? Era dado a aplicar crueldades ao acaso? Respondi a cada pergunta. Graças ao dom da memória eu havia inalado todos os fatos da vida do homem, mas Corrine me forçou com perguntas que iam além dos fatos que podiam estar na lembrança, partindo para questões de interpretação. Ele era um bom homem? O que cobiçava na vida? Era do tipo que se alegrava quando notava um erro? Na noite seguinte, ela retomou essa linha de raciocínio e me forçou a reconstruir o homem até o último fiapo de seu colete. Na noite seguinte ao interrogatório, descobri que as respostas para as perguntas mais especulativas vinham mais facilmente e então, na última noite, já estavam tão fáceis, que eu as sentia como se fossem questões da minha própria vida. E era esse o propósito daquilo tudo.

— Agora — disse ela — você leu o suficiente para saber que esse homem possui uma propriedade que preza muito.

— Sim, o jóquei — respondi. — Levity Williams.

— Exatamente — disse ela. — Esse homem vai precisar de um salvo-conduto para viajar, uma carta de apresentação para a etapa seguinte e, por fim, papéis de alforria assinados pelo senhor dele. É você quem vai providenciar isso.

Ela tirou de seu estojo uma lata e me entregou. Ao abrir, encontrei uma boa caneta e, ao manuseá-la, vi que tinha o mesmo peso daquela que eu usara tantas vezes no objetivo do meu estudo.

— Hiram, o disfarce precisa convencer — alertou Corrine. — O salvo-conduto precisa ser feito com a mesma displicência apressada, as cartas precisam

ter todo aquele floreio oficial e os papéis de alforria, a mesma arrogância que com certeza é direito dessa gente perversa.

Havia ainda a questão prática de copiar a assinatura dele e a caligrafia, mas nesse aspecto minha memória e o dom da imitação triunfam. Não era nada diferente do que eu tinha feito tantos anos atrás, quando o sr. Fields me mostrou a imagem da ponte. Mais difíceis, no entanto, eram as convicções e as paixões do homem e a habilidade de comunicá-las com segurança e facilidade, como se fossem minhas. Nunca esqueci essa lição. Foi essencial para aquilo em que me transformei, aquilo que revelei e vi.

Não sei se esses documentos soltaram Levity Williams. Tudo o que fazíamos era feito muito secretamente. Mas, mesmo assim, ao forjar esses papéis, senti algo novo brotar dentro de mim e essa coisa nova era poder. O poder que se estendia do meu braço direito, se projetava através da caneta e atravessava o deserto direto para o coração daqueles que nos condenavam.

Logo isso se tornou um trabalho regular. A cada poucas semanas, Corrine me apresentava um envelope novo. E a cada semana eu entrava no disfarce, de forma que, quando terminava, às vezes não tinha certeza de onde eu terminava e o senhor começava. Eu conhecia esses homens. Conhecia seus filhos, suas esposas, seus inimigos. A humanidade deles me feria, porque ali também havia os laços de família, também estavam os jovens apaixonados submetidos aos rituais da corte, também havia uma tristeza, um entendimento sombrio do pecado da Tarefa. E também havia temores de que, em última análise, eles fossem escravos de algum Poder, de algum Deus, de algum Demônio do velho mundo que involuntariamente haviam liberado no novo. Eu quase os amava. Meu trabalho não exigia menos: eu tinha que passar por cima do meu ódio e da minha dor, vê-los em sua totalidade e então, com minha caneta, atacar e destruí-los.

Cada alma enviada para a liberdade era um golpe contra eles. E nós fazíamos muito mais do que isso. Nós devolvíamos os documentos editados e aumentados. Nossas falsificações provocavam rixas. Nós alterávamos inquéritos. Fornecíamos provas de fornicação. Minha raiva tinha sido libertada; ela abrangia não só Maynard e meu pai, mas toda a Virgínia, e era saciada noite após noite, à luz dos lampiões, na mesa comprida da biblioteca.

Terminado o trabalho, eu me retirava para deitar, muito esgotado. No sono eu escapava dos homens que estudava o dia inteiro e sonhava com algum lugar distante, um enredo curto, um riacho que corria e levava embora todos os problemas. Sonhava com Sophia. Isso nos dias bons. Nos ruins, os sonhos eram

ardentes, eu via a prisão, o menino que fora levado embora e sua mãe despejando a ira de Deus sobre os Cães de Ryland: “Cães de Ryland! Que o fogo negro queime todos até seus ossos maus e tortos.” Via um homem que amou uma mulher e perdeu seu nome. E via toda a minha traição, as gargalhadas, os gemidos, a força. Nesses dias, eu acordava com outra sensação, uma específica e objetiva, porque acordava pensando em tudo que faria se um dia cruzasse de novo com Georgie Parks.

★ ★ ★

Meu pai não tinha sido levado à Clandestinidade para vingança nem para simplesmente fazer falsificações, mas pelo poder que acreditavam que eu tinha. Mas precisávamos aprender a ativar esse poder, a controlá-lo, dominá-lo. Houve alguém que sabia, alguém como eu, mas que, ao contrário de mim, havia dominado esse poder. Tinha se tornado tão amada e famosa em sua terra por suas incríveis façanhas que as pessoas de cor de Boston, da Filadélfia e de Nova York passaram a chamá-la Moisés. O poder que ela possuía foi chamado de “Condução” — a mesma palavra que Corrine tinha usado para descrever o meu poder — porque ele “conduzia”, voluntariamente ao que tudo indicava, os Tarefeiros acorrentados dos campos do sul para as terras livres do norte. Mas a tal Moisés seguia sua própria cabeça e se recusava a fornecer à Clandestinidade da Virgínia qualquer ideia de como seu poder funcionava. Então eu me limitava aos meus próprios recursos, ou, mais exatamente, me limitava aos recursos deles.

Decidimos experimentar. Primeiro, todos concordamos que para ativar esse poder eu precisava de algum tipo de estímulo, algum tipo de ameaça ou até dor. E acreditavam também, de acordo com meu próprio testemunho, que esse poder estava ligado a algum evento indelével da minha vida. Particularmente, eu achava que podia estar ligado à minha mãe. Mas como invocar essas lembranças e colocá-las em ação? Corrine e seus tenentes usaram todo tipo de truque para fazer funcionar. Hawkins me acorrentou e pediu que eu contasse, em detalhes, a traição de Georgie Parks. O sr. Fields me vendeu, depois me levou para a floresta e pediu que eu repassasse todo o dia em que mergulhei no rio Goose. Amy e eu nos encontramos no estábulo e contei tudo o que sabia do crime que meu pai tinha imposto à minha mãe. Em um sábado, eu e Corrine andamos de carruagem e me lembrei de tudo que senti enquanto levava Sophia para

encontrar meu tio. Só que nenhuma luz azul de Condução me vinha e, quando eu terminava de contar, mesmo que aquelas lembranças fascinassem meus anfitriões e deixassem meu coração em frangalhos, eu estava sempre no mesmo lugar onde tinha começado.

Na tarde após o passeio, depois de outra tentativa malsucedida de Condução, Corrine e eu fomos até a casa grande e entramos na sala de jantar. Hawkins e o sr. Fields, que estavam tomando café, nos cumprimentaram e saíram. Era o auge do verão com seus dias longos, e isso significava menos área sombreada para nossas tentativas. Me lembro da terra despertando nesse ano e da sensação transcendental de que eu estava despertando com ela. Mas ainda nada de Condução.

Nos sentamos à mesa e continuamos nossa conversa até termos esgotado todas as pequenas coisas. Então Corrine disse:

— Hiram, a verdade é que, à luz de qualquer outro padrão, você se tornou um ótimo agente. Isso é uma bênção especial para nós, porque você vai ser mobilizado de acordo com as nossas necessidades e não as dos seus limites. Talvez isso não signifique nada para você, mas deveria. Nem todo mundo chega até aqui, sabe?

De fato, o elogio significou algo para mim. Eu tinha vivido a vida inteira a serviço de meu pai e meu irmão. Cada passo que eu dava, cada conquista minha, mesmo aquelas possibilitadas pelo meu pai, eram recebidas como uma ameaça à ordem estabelecida. Pela primeira vez na vida, eu estava alinhado ao mundo à minha volta.

Mas eu me perguntava o que acontecia com aqueles que não conseguiam, aqueles a quem foram confiados todos os segredos da Clandestinidade da Virgínia, mas se revelavam inconvenientes. Eu sabia tanto agora... sabia demais para ser devolvido ao mundo, pensei.

— A verdade é que a gente não esperava nada disso — revelou ela. — Sabíamos que você tinha leitura. Sabíamos do seu dom de memória. Sabíamos que tinha sido criado em sociedade. Mas não contávamos com a facilidade com que você ia assumir o disfarce. Sabíamos que tinha sido caçado, mas não sabíamos quanta esperteza você havia acumulado no tempo que ficou no buraco.

Nesse momento ela fez uma pausa para escolher as palavras e eu sabia que estávamos entrando na parte mais sombria da conversa. Ela olhou para baixo, lutando com o que ia dizer. Pensei em como antes, na biblioteca de meu pai em Lockless, Corrine demonstrara seu domínio sobre mim, e como, especialmente

naquela situação, o domínio escapara dela, e me ocorrera que na verdade tudo era ilusão, toda aquela ordem era invenção, feitiçaria, tudo sustentado por exibicionismo, por rituais e dias de corrida, por caprichos e desfiles, por rostos empoados e pintados, tudo artifício e agora, despidos disso tudo, eu enxergava que, ali sentados, éramos de fato apenas duas pessoas, homem e mulher. De repente, eu queria aliviar o evidente desconforto dela e então fiz o que tantas vezes me recusara. Eu falei:

— E isso não basta. A corrida, a leitura, a escrita: não foi por isso que vocês me trouxeram para cá. Então, não basta.

— Não — concordou Corrine. — Não foi. Hiram, existem inimigos neste mundo que simplesmente não se vence. E todo tipo de gente dos nossos está preso no fundo do caixão da escravidão, tão fundo que não se alcança: Jackson, Montgomery, Columbia, Natchez. Mas esse poder, essa “Condução”, essa é a estrada que pode transformar a viagem de uma semana em um instante. Com isso, podemos ameaçar os inimigos. Com isso, a distância não é nada para nós e podemos atacar a qualquer momento. Em resumo, nós precisamos de você, Hiram, não só como Hiram, o falsificador de cartas, e Hiram, o que fugiu, mas como alguém que pode devolver essa gente, a nossa gente, para a liberdade que é de todos.

Eu a entendi muito bem, mas ainda assim estava pensando naqueles que deixavam de preencher as expectativas.

— E o que vocês vão fazer comigo se eu nunca mais conseguir? — perguntei. — Vão me prender aqui no meio dessas falsificações? Me jogar de novo no buraco?

— É claro que não — respondeu Corrine. — Você é livre.

Livre. Algo me intrigou no jeito como ela disse isso. Irritava, embora eu não conseguisse explicar por quê.

— “Livre” você diz. Mas tenho que servir. Você mesma disse, e servir como você decide e determina. Faço o que você quer. Vou aonde você manda.

— Você me atribui coisas demais — defendeu-se ela.

— Mas a quem mais? O que é esta Clandestinidade além do que eu vi aqui? uem está sendo deslocado? Não vi ninguém. E a minha gente? E Sophia? E Pete? E Thena? E minha mãe?

— Nós temos regras — argumentou Corrine.

— Regras pra quê? — perguntei.

— Regras pra dizer quem pode ser libertado e como.

— Certo. Então me mostre.

— As regras? — perguntou ela, intrigada.

— Não. Eu quero ver a ação. Quero ver essa gente que vocês estão libertando. Não, melhor ainda. Você diz que eu fui além de todas as expectativas, certo? Então me deixe fazer a coisa sozinho.

— Hiram... — disse Corrine.

Sua voz agora era baixa, cheia de preocupação. Acho que ela sabia que podia me perder bem naquele instante. Que, se não me provasse que aquilo não passava de um truque, eu iria embora levando comigo qualquer esperança de Condução.

— Muito bem — disse. — Se quer ver, eu mostro.

— Sem jogos? De verdade? — perguntei.

— Mais verdade do que você pensa.

MAS, PARA ME admitir no santuário mais profundo da Clandestinidade, Corrine precisava ter certeza de que eu não iria embora. Por isso exigiu de mim algo que me ligasse definitivamente à causa. E essa exigência era destruir Georgie Parks.

Eu tinha sonhado com isso na prisão, no buraco e depois ali. Por muito tempo tinha refletido sobre tudo que eu poderia fazer com Georgie. Mas agora que me via diante da coisa, com a espada na mão, toda a minha ira se desvaneceu diante da totalidade daquilo que necessariamente viria a seguir.

— Você não foi o primeiro que ele traiu — contou Corrine. — E não será o último. Ele está lá de volta, em Starfall, agora, exercendo o seu comércio desonesto.

Era tarde da noite. Eu estava na biblioteca com Hawkins e Corrine. Tinha acabado de encerrar meus estudos da noite. E sabia, ao ouvir os dois, que ainda não tinha compreendido tudo que Georgie tinha feito. Uma parte de mim ainda o via através do mito: Georgie, o Tarefeiro que conquistara a própria liberdade. Aceitar plenamente a traição dele era aceitar a totalidade do que era feito a nós, do quão absolutamente haviam nos dominado, de forma que até nossos heróis, nossos mitos, não passavam de instrumentos para conservar a Tarefa.

Eles me explicaram que o plano era usar nossos dons de mimetismo e fraude para implicar Georgie em uma traição. Não uma traição aos Tarefeiros, mas aos próprios senhores a quem ele servia.

— Vocês sabem o que vão fazer com ele — disse eu.

— Se ele tiver sorte, vão enforcar — comentou Hawkins.

— E, se não tiver — falei —, vão acorrentar. Destruir a família dele. Mandar para Natchez. Dar um trabalho pior que tudo que a gente conhece. E Deus nos livre que os Tarefeiros descubram o motivo de ele ter ido parar no fundo.

— Provável que contem pra eles — comentou Hawkins.

— Estamos atravessando para alguma coisa aqui — ponderei. — Ou vocês todos já atravessaram e querem que eu vá junto.

— Eu acho que a gente devia só matar ele e pronto — ponderou Hawkins, passando por cima da minha preocupação.

— Você sabe que a gente não pode fazer isso — disse Corrine.

Ela estava certa, mas não por princípio moral. Era óbvio demais apenas matar e, se não fôssemos alvo de retaliação, com certeza cada alma de Tarefaíro na região seria. Não, era preciso lidar com Georgie Parks e os senhores dele é que tinham que agir. Nós apenas forneceríamos um pequeno estímulo.

— Essa gente, eu conheço todos — disse Corrine, sacudindo a cabeça. — Seja qual for o arranjo que eles têm com Georgie, juro que confiam mais em um homem livre do que em um escravo. E Georgie tem fama de mentiroso, de homem que se curva ao poder, mesmo estando a serviço deles. Não é difícil que imaginem que ele se curve a mais um poder.

— A Clandestinidade — falei.

— Ou o que eles acreditam ser a Clandestinidade — respondeu Corrine. — E, se uma família percebesse a amplitude dos pecados dele, os esforços dele para trabalhar como agente duplo? Se percebessem seu compromisso inútil com a Clandestinidade? E se alguns documentos como salvo-condutos forjados, alforrias, alguma literatura abolicionista e cartas indicando uma viagem ao norte fossem descobertos na casa de Georgie ou em posse dele?

— Estaremos matando Georgie — falei.

— Isso — concordou Hawkins.

— Com cordas ou correntes — falei. — Estamos decididos a matar esse homem.

— Esse homem queria matar você — lembrou Corrine, os olhos acinzentados se enchendo de uma raiva discreta. — Ele queria matar você, Hiram. Ele matou muitos antes de você e, se a gente não fizer nada, ele vai continuar matando. Georgie é um homem que pega a última esperança de liberdade e queima como combustível. Garotinhas, velhos, famílias inteiras, ele queima todos. Você já esteve no sul profundo? Pois eu já e digo que é o inferno, pior do que contam as histórias. Trabalho sem fim. Degradação sem fim. Nenhum ser humano merece isso, mas, se algum merece, primeiro seriam os próprios senhores, e depois gente como Georgie Parks.

A lógica daquilo tudo era clara, mas comecei a sentir que deslizava para algo mais sombrio, algo muito além do romance que eu tinha imaginado para mim quando partira aquela noite com Sophia. A Tarefa era uma armadilha. Até Georgie estava preso nela. Então quem era Corrine uinn para julgar aquele

homem? Quem era eu, que quis fugir sem nenhum outro propósito maior do que salvar a minha própria paixão, a minha própria pele? Agora eu entendia a guerra da Clandestinidade. Não era do tipo antigo e honrado. Nenhum exército aglomerado no limiar do campo de batalha. Para cada agente, havia uma centena de qualidades, e, para cada qualidade, havia milhares de brancos da Baixa jurados a eles. A gazela não mede garras com o leão: ela sai correndo. Mas a gente fazia mais do que correr. A gente conspirava. Instigava. Sabotava. Envenenava. Destruía.

— Depende da gente — disse Hawkins. — Você entende que depende da gente? Ele está lá destruindo famílias, mandando gente pra prisão, para os leilões, e está fazendo isso em nosso nome.

— Nós não pedimos por isso, Hiram — argumentou Corrine. — Você tem razão, não é nosso trabalho normal. Mas o que você quer que façamos? Qual é a opção que ainda não pensamos?

Não havia nenhuma.

Então Corrine pegou outro envelope, pôs na mesa à minha frente e eu sabia o que havia nele: a variedade de documentos roubados de sempre, um material que podia ajudar a me colocar dentro da cabeça da qualidade. Corrine então olhou para mim e não era um olhar de pena nem de tristeza, mas de fogo.

★ ★ ★

Um dia, meu dormitório vestindo roupas de flanela para começar a rotina noturna. Estávamos no auge do verão, então as noites estavam mais curtas e os dias tinham começado sua expansão de julho. Ao sair do quarto, vi Hawkins se aproximar com o sr. Fields, ambos com roupa cotidiana. Hawkins estava jogando conversa fora, mas os olhos do sr. Fields iam de um lado para outro. Senti que algo estava para acontecer. Hawkins me olhou de cima a baixo e disse:

— Não tem trabalho hoje. Nem amanhã. Descanse um pouco.

Olhei para ele um pouco mais para ver se tinha entendido direito.

— Pegamos um — revelou ele.

Mas eu não descansei, nem naquele fim de tarde, nem naquela noite, nem na manhã seguinte. Eu tinha apenas a mais vaga noção dos métodos que a Clandestinidade usava em campo e minha cabeça rodava tentando imaginar. Na manhã seguinte me encontraram ao ar livre. Eu vestia uma calça confortável,

camisa, chapéu e o mesmo par de botinas que tinha pensado em usar para fugir. Tentei da melhor forma possível esconder minha ansiedade, mas encontrei o olhar de Hawkins e ele riu.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. Só que você não pode voltar. Você não pode sair. Você sabe disso, certo?

— Já passei muito da hora de sair — falei.

— É verdade — disse Hawkins. — Mas é um peso que a gente tá botando em você. E, olhando pra você, eu sinto tudo o que você está pra sentir. E isso me lembra de quando me trouxeram pra cá, pra isso tudo aqui. Você vai ver.

— Ele não tem como saber — disse o sr. Fields. — E, além disso, o que mais existe agora?

Caminhamos dos dormitórios até a casa grande de Bryceton e nos reunimos em uma das construções laterais.

Havia uma mesa com três copos e uma jarra da qual Hawkins serviu três doses de cidra forte. Ele tomou um gole, respirou fundo e disse:

— Em certo sentido essa até que é fácil. Um dia de viagem a sul daqui. Depois mais um dia pra voltar. Um homem só.

— E em outro sentido? — perguntei.

— Precisa de um homem, um homem de verdade — respondeu ele. — Não é pular, nem correr, nem passar um tempo na biblioteca. Isso agora é patrulha de verdade, tem cães de verdade lá e que só querem acabar com você.

Hawkins passou a mão no cabelo e sacudiu a cabeça. Tive a sensação de que ele estava com mais medo por mim do que eu mesmo.

— Tudo bem, escute — disse ele. — O nome do homem é Parnel Johns. Ele aprontou alguma que deixou ele mal com os Tarefeiros de lá. Desconfiaram que ele ia fugir. Ele estava roubando do senhor e vendendo pra uns brancos de classe baixa. O senhor sabia que tinha algo errado, mas não o quê.

— Então descontou em todo mundo — falei.

— Claro — concordou o sr. Fields. — E isso foi interessante para ele porque fez todo mundo da plantação trabalhar em jornada dupla para compensar e batia neles quando fraquejavam.

— E Johns continuou roubando? — perguntei.

— Não, ele parou — contou o sr. Fields. — Mas não adiantou. O senhor simplesmente continuou e agora essa é a nova rotina da casa.

— O senhor desconta nos Tarefeiros... — disse Hawkins.

— E os Tarefeiros descontam no Johns — completei.

— Uma vez e meia. Ele agora não tem gente. A terra dele não é terra dele — contou Hawkins. — E ele quer sair.

— Parece serviço pra mim — falei, sacudindo a cabeça. — Sem dúvida tem Tarefeiros que merecem justiça mais que esse.

— Claro que sim — disse Hawkins. — Mas a gente não vai fazer justiça com o Johns. Vai fazer com o senhor.

— O quê? — perguntei.

— Veja, o Johns, apesar da covardia, é bom à beça no serviço no campo — argumentou Hawkins. — E mais do que isso. Ele é meio gênio, toca violino. Até trabalha com madeira, igual a você.

— E o que isso tem a ver com liberdade? — perguntei.

— Nada — respondeu Hawkins. — Não é questão de liberdade. É questão de guerra.

Fiz uma pausa e olhei para os dois.

— Não, não comece com isso — pediu Hawkins. — Não comece a pensar de novo. É bom lembrar aonde isso levou você da última vez. Tem uma coisa maior aqui, Hiram. Um plano superior.

— E qual é? — perguntei.

— Hiram — disse o sr. Fields —, é para seu próprio bem. Para o bem de todos nós. Você não precisa saber de tudo. Só confie em nós.

Ele fez uma pausa para ver se eu ia continuar e então continuou:

— É difícil confiar, eu entendo. Acredite, entendo. Tudo o que aconteceu com você desde que a gente se conheceu eram farsas e eu sinto muito por isso. Nem sempre é uma vida honrosa. Então talvez ajude se você souber um tantinho de verdade, mesmo que não tenha a ver com a jornada desta noite.

uero que você saiba o meu nome de verdade, Hiram. Não é Isaiah Fields. É Micajah Bland. “Sr. Fields” foi um nome que eu adotei para trabalhar aqui na Virgínia. Eu gostaria que você usasse esse nome enquanto a gente estiver aqui, mas não foi com esse nome que eu nasci.

“Então agora que eu confiei a você uma coisa muito preciosa, uma coisa que pode até me matar, você confia em nós?”

E assim começou a nossa viagem: Hawkins, eu e Micajah Bland. Mas nós não corremos. Por causa do treino todo, a gente simplesmente andou. Só que o nosso passo era rápido e evitamos as estradas principais, seguindo pelo bosque sem trilhas, pelos morros, até a floresta se transformar em campina. Por causa

disso, e da orientação pelas estrelas, eu sabia que devíamos estar indo para o leste. A terra estava seca, a noite quente. Eu já sabia que aquela era a pior estação para agir, simplesmente por causa da brevidade das horas em que podíamos viajar sem sol. O inverno era a alta estação para o agente de campo. No verão, com menos horas, precisão na chegada e na partida eram tudo. Caminhamos durante seis horas mais ou menos na direção sudeste.

Johns estava bem onde devia estar: em uma encruzilhada no meio da floresta, marcada por uma pilha de lenha do lado direito. Ali no meio das árvores, ele andava de um lado para o outro, nervoso. Era a minha primeira missão e meu dever era fazer contato. Nós trabalhávamos em equipe, sim, mas, no primeiro momento, só um homem fazia a abordagem. Com esse método, só um de nós cairia caso fôssemos traídos.

Eu saí do meio das árvores e me aproximei. Johns parou de andar. Ele tinha seguido as instruções. Não trazia nada além dele mesmo, apenas os papéis forjados, caso os Cães aparecessem. Ao avaliá-lo, confesso que fiquei confuso. Sempre existiram homens como ele, homens que, para o próprio divertimento, colocavam em risco uma equipe inteira de Tarefeiros. No tempo da minha avó, Santi Bess, havia jeitos de lidar com homens assim. Uma queda acidental na floresta. Um cavalo assustado. Uma pitada de uva-de-rato. E ali estava eu tendo que trabalhar para libertar um canalha, enquanto homens, mulheres e crianças bons continuavam enterrados.

Olhei para ele de um jeito muito sério e disse:

— Hoje não tem lua no lago.

Ele falou:

— Porque o lago já tá cheio de sol.

— Vamos — falei.

Ele parou por um segundo, olhou para a floresta e apontou. Então uma garota, de uns dezessete anos talvez, de macacão de trabalho e com o cabelo preso em um lenço, apareceu. E era por isso que davam uva-de-rato para homens como Parnel Johns. Qualquer gesto fraterno era, para eles, um convite a tirar vantagem. Dê um bezerro e eles querem o rebanho. Cheguei a pensar em deixá-lo ali mesmo. Mas essa era uma questão para os mais velhos. Então não disse nada e levei os dois para a floresta, até o trechinho onde Hawkins e Bland esperavam.

— Quem é essa? — perguntou Hawkins.

— Tá comigo — respondeu Johns.

— O diabo é isso? — disse Hawkins. — O combinado era uma carga, agora você vem com mais?

— É minha filha, Lucy — falou ele.

— Não me interessa se é a sua mãe — disse Hawkins. — Você sabe qual é o plano. O que diabo é isso?

— Não vou embora sem ela — respondeu Johns.

— Tudo bem, Hawkins — disse Bland. — Tudo bem.

Hawkins e Bland eram amigos. Eu sabia disso porque Hawkins conseguia fazer Bland rir, não apenas uma risadinha, mas gargalhadas, e Micajah Bland não era muito de rir.

Hawkins sacudiu a cabeça, frustrado. Então olhou para Johns e disse:

— Se a gente sentir o menor cheirinho dos Cães, eu largo vocês dois, entenderam? A gente sabe o caminho para o norte e vocês não. Se eu sentir qualquer coisa estranha, largo vocês aqui pra eles.

Mas não havia nada estranho, pelo menos não do jeito que Hawkins suspeitava. Mantivemos um bom ritmo pelo restante da noite e, ao amanhecer, tínhamos percorrido uma boa distância. Hawkins e Bland tinham patrulhado bem a área. Encontraram uma caverna para descansarmos no meio do caminho e chegamos lá bem quando o sol surgiu acima dos morros. Revezamos o sono para poder vigiar a carga. Ao contrário do que Hawkins tinha dito, não podíamos deixá-los. Não podíamos correr o risco de que uma só palavra circulasse a respeito dos nossos métodos. Mas, se os dois se tornassem um peso excessivo, eu temia o que poderia ser feito.

Fizemos turnos de três horas. Eu fiquei com o último, do fim da tarde até anoitecer. Todo mundo dormiu, menos eu e Lucy, com dificuldade para se ajustar ao tempo das coisas. Observei quando ela saiu da caverna para o ar livre. Não a impedi, mas segui logo atrás. Ela não era filha de Johns, disso eu sabia, porque não tinham nenhum traço em comum. Ele era amarelado e ela escura como a própria África. Porém mais do que isso, estava no jeito que andavam, que davam as mãos e sussurravam entre si.

— Não sei por que ele mentiu — disse ela.

— Nervosismo — falei.

Estávamos na entrada da caverna. Eu sentado em um toco atrás dela. Lucy observava o sol que começava a deitar no oeste.

— Ele não queria fugir — disse Lucy. — Não é culpa dele. Tudo coisa minha. Você sabe que ele tem família, né? Família de verdade, uma mulher em

outro lugar, duas filhas.

Não sei o que havia em mim que levava a pessoas a desabafar. Mas pela menção dela à família de Parnel Johns, eu sabia para onde estávamos indo. Então fomos.

— O sr. Heath, nosso dono, tinha uma esposa jovem — disse ela. — Ela era ruim como o inferno. Eu sei porque era criada dela. Era do tipo que gosta de dar chicotadas porque caiu um temporal ou porque o leite estava muito quente. Mas era tão bonita quanto era ruim e todos os homens da cidade sabiam disso. O sr. Heath segurava bem ela, com medo de perder. Um sujeito ciumento. Bem, um dia, essa esposa começou a gostar de religião. Não era sincero pelo que eu sabia, mas era um jeito de ver um pouco do mundo.

“Ficou amiga de um pastor já velho, que vinha todos os dias ministrar a boa palavra. E ficou muito claro pra mim, mas não para o sr. Heath, que ele estava ministrando mais do que isso.”

Então Lucy riu da própria insinuação e virou-se para mim para ver se eu tinha entendido. Embora eu tivesse, não havia sinal disso em minha expressão e isso, de alguma forma, a fez rir mais ainda. Então ela disse:

— Então um dia eles foram embora. Só pegaram e foram. Começar de novo, eu acho. Eu odiava aquela mulher e em alguma outra vida, eu juro mesmo, o chicote vai estar na minha mão e ela por baixo. Mas ainda consigo ver a beleza da coisa, sabe? A gente falava disso. Sonhava com isso o tempo todo. Era poderoso, sabe? Mas a gente sabia que nunca seria pra nós. A gente era Tarefeiro.

Ela então virou as costas e ouvi que chorava um pouco.

— E aí aconteceu. Olha, sei que eu pareço nova, mas não sou tão nova. Já fui abandonada por um homem. Eu sei como é. Sei que cara tem. E ele veio pra mim bem com essa cara e, antes de dizer uma só palavra, ele chorou porque sabia que eu sabia que ele ia embora. Eu não culpo ele, mas ele não disse pra onde ia. Não contou nem como. Mas na manhã seguinte ele tinha ido embora, sem mim.

“Dizem que Parnel é um canalha, e bem, eu também sou. Só que ele é o meu canalha. O crime dele é que ele não quer viver sozinho... e como poderia, não é? Quando a casa inteira está errada? Botam nele a culpa pelo que o sr. Heath faz aos Tarefeiros, mas eu culpo o sr. Heath.

“Eu segui ele aquela noite. Alcancei ele na trilha, um pouco antes de ele chegar até você. E falei assim: ou eu vou junto, ou eu volto e conto que você tá fugindo. Mas nunca eu ia fazer isso. Eu não sou assim... Mas é só pra explicar que foi coisa minha. Ele é muito fraco pra me deixar.”

— Mas não está certo — falei.

— Que se dane o certo — disse ela. — Que me importa você e os seus homens? Você sabe o que eles fizeram pra gente lá. Ou esqueceu? Não se lembra do que eles fazem com as meninas? E depois disso a gente fica presa. Eles prendem a gente com os bebês, amarram a gente no lugar por causa do próprio sangue e tudo mais, até que é coisa demais pra deixar pra trás e fugir. Só que, bem, eu tenho tanto direito de fugir quanto Parnel. Tanto direito quanto você ou qualquer um.

Lucy não estava mais chorando. Aliviada, voltou à caverna, onde os outros começavam a se levantar. Hawkins me lançou um olhar severo, mas não dei atenção. Estava focado em Lucy, que tinha ido até um sorridente Parnel Johns e lhe deu um abraço, rindo.

Nessa noite, avançamos bem. À meia-noite, a lua estava alta e dava para ver as montanhas ao longe, então eu sabia que estávamos perto de Bryceton. Seguimos avançando. Uma ou duas horas depois, encontramos uma pequena cabana. Subia fumaça da chaminé e a luz da lareira tremulava atrás da janela.

Hawkins assobiou. Esperou e assobiou de novo. Esperou. E assobiou uma última vez. O fogo se apagou lá dentro. Esperamos mais alguns minutos. Então acompanhamos Hawkins até os fundos. Uma porta se abriu e dela saiu uma velha branca, que veio até nós e disse:

— O dois e cinquenta atrasou a semana inteira.

— Não. Acho que o horário mudou — informou Hawkins.

— Você disse que era só um — falou a velha.

— Eu sei, mas não foi ideia minha. Faça o que quiser com eles.

A velha analisou o grupo por um segundo e disse:

— Tudo bem, entrem aqui, vamos logo.

Entramos e ajudamos a velha a reacender o fogo. Hawkins saiu com ela. Conversaram durante alguns minutos e, quando voltaram, Hawkins disse:

— Acho que chegou nossa hora de voltar pra casa.

Micajah Bland voltou-se para Parnel Johns e, à luz do fogo, vi a ternura em seu rosto.

— Não se preocupe — disse ele. — Você vai ficar bem.

Johns assentiu e, quando saímos, ele falou:

— Quando a gente estiver em segurança, posso mandar uma palavrinha ao meu pai?

Hawkins riu para si mesmo e virou as costas.

— Claro que pode — disse ele. — Mas, se a Clandestinidade descobrir, vai ser a sua última palavra.

★ ★ ★

Das minhas ações contra Georgie Parks, Corrine e os outros sentiram que estava na hora de eu saber mais sobre o funcionamento da Clandestinidade, a jornada para fora da terra da escravidão rumo ao norte. A Filadélfia seria meu novo lar.

Eles me deram uns dias de prazo e foi sorte ter mesmo isso. A Clandestinidade não me daria chance de reconsiderar, porque, embora nós sonhássemos em ir para o norte, todo tipo de medo podia dominar um homem quando o sonho se transformava em realidade. Existe sempre uma parte de nós que não quer vencer, que quer ficar por baixo, naquilo que é conhecido, familiar. Então não houve tempo para pensar e me submeter às partes covardes em mim. Passei meus últimos dias em aconselhamento e reflexão. Conversei com Micajah Bland sobre o que esperar. Passei pela floresta e pensei em tudo aquilo que um dia achei ser normal, mas que logo não me pertenceria mais.

Aqueles que trabalhariam em terreno novo tinham que assumir uma nova identidade e receber documentos. Um agente de casa nunca fazia os próprios; eram sempre fornecidos por agentes de casa de outras estações, porque a Clandestinidade achava que nenhum homem podia ser autor da própria história. Começaram com a raiz da minha ocupação: marcenaria em uma companhia local que era fachada para as operações da Clandestinidade. Eu seria um homem que tinha comprado a própria liberdade e fugido no rastro de certas leis recentes do sul, que sufocavam os direitos da gente de cor. Recebi dois conjuntos de roupas de trabalho e um terceiro, para a igreja. Meu nome ficou o mesmo com um acréscimo: o sobrenome Walker.

Ainda havia a questão de como exatamente chegar lá. Os Cães patrulhavam as estradas, os portos, as ferrovias. A nosso favor havia o fato de que não haveria alerta de fuga para mim e, portanto, eles não estariam buscando alguém com a minha descrição. Resolvemos ir de trem. Hawkins e Bland seguiriam comigo. O plano era simples. Eu era um homem livre, Hawkins era um escravo da propriedade de Bland, o homem branco. Se em algum momento meus documentos fossem questionados, Bland testemunharia quanto à identidade.

— Aja como homem livre — aconselhou Hawkins. — Erga a cabeça. Olhe nos olhos, mas não por muito tempo, porque você ainda é de cor. Cumprimente as damas. Cuide de levar uns livros desses que você tanto gosta. E se lembre bem disso: aja como se fosse dono e eles vão respeitar você.

No dia da partida, me apeguei a essas instruções. E quando ficava nervoso, como quando fui comprar o bilhete, por exemplo, ou quando entreguei meu baú para o menino guardador, ou quando o trem partiu e o sul, com tudo o que eu conhecia, ficou para trás, eu simplesmente me dizia a coisa que devia se tornar a minha verdade: *eu sou livre*.

PARTI COM POUCA coisa e sem uma despedida propriamente dita. Não vi Corrine nem Amy naquela última noite e concluí que estavam ambas envolvidas em alguma conspiração delas. Parti em uma manhã quente de verão, quatro meses depois de minha chegada a Bryceton. Caminhamos a maior parte do dia, Hawkins, Bland e eu, e passamos a primeira noite em uma pequena casa de fazenda de uma velha viúva simpatizante da causa. Então, na terça-feira, partimos separadamente para a cidade de Clarksburg, onde começaria a primeira etapa da nossa jornada. O plano era atravessar o estado pela Ferrovia Virgínia Noroeste, fazer uma baldeação para Baltimore e Ohio no oeste de Maryland, prosseguir para leste e depois norte até as terras livres da Pensilvânia e chegar ao nosso destino na Filadélfia. Havia uma rota mais curta para o norte, mas, recentemente, relataram problemas com os Cães na ferrovia e era bom não enfrentar a audácia dessa aproximação direta pelo porto de escravos de Baltimore.

Quando cheguei à estação de Clarksburg, vi Hawkins e Bland sentados debaixo de um toldo vermelho. Hawkins se abanava com o chapéu. Bland olhava para os trilhos, na direção oposta de onde viria o trem. Um bando de pássaros pretos pousou no toldo. Na plataforma, uma mulher branca de touca e vestido azul de crinolina estava de mãos dadas com duas crianças bem vestidas. Um pouco adiante, fora da sombra do toldo, um branco de classe baixa estava parado com o que eu presumia ser tudo que ele possuía dentro de uma mala de tecido, fumando um cigarro. Fiquei de lado, sem querer despertar qualquer suspeita de presunção. O branco de classe baixa terminou o cigarro e cumprimentou a mulher. Eles ainda conversavam quando os pássaros pretos revoaram do toldo e o grande gato de metal rugiu na curva, todo fumaça negra, gerando um estrépito ensurdecedor. Vi quando as rodas desaceleraram e pararam, guinchando. Eu nunca tinha visto nada igual a não ser nos livros. Cauteloso, mostrei meu bilhete e meus documentos para o condutor. Ele mal

olhou. Pode ser difícil de acreditar agora, mas naquela época sombria, não havia “vagão para negros”. Por que haveria? A qualidade mantinha seus Tarefeiros por perto do mesmo jeito que uma dama segura sua bolsa, mais perto do que isso até, porque aquela era uma época da nossa história em que a coisa mais valiosa que um homem poderia possuir em toda a América, era outro homem. Fui para os fundos do trem por um corredor entre duas fileiras de bancos. O trem ficou parado alguns minutos e tentei não parecer nervoso. Mas, quando ouvi o condutor gritar e o grande gato rugiu de novo, senti cada centímetro de mim relaxar.

A viagem inteira levou dois dias, de forma que cheguei na Estação Ferroviária Gray, que dava para o rio Schuylkill, na quinta de manhã. Desci no meio de uma multidão que procurava amigos e parentes. Vi Hawkins e Bland assim que desembarquei, mas os dois mantiveram uma boa distância, porque era sabido que, mesmo ali na cidade, os Cães rondavam. Não tinham me fornecido nenhuma descrição dos meus acompanhantes, disseram apenas para esperar. Havia um transporte coletivo do outro lado da rua, puxado por cavalos. Vários passageiros do trem embarcaram nele.

— Sr. Walker?

Eu me virei e vi um homem de cor com trajes de cavalheiro.

— Pois não?

— Raymond White — disse ele, e estendeu a mão sem sorrir. — Por aqui.

Embarcamos. O cocheiro estalou um chicote de carruagem e partimos na direção oposta ao rio. Não falamos muito durante a viagem, era o que se esperava dada a natureza do negócio que nos unia. Tive tempo para avaliar o tal Raymond White. A roupa era impecável. Usava um terno cinza de corte perfeito dos ombros até o ajuste na cintura. O cabelo estava bem penteado, repartido. Seu rosto parecia uma pedra de traços cinzelados e, durante todo o trajeto, nenhum sinal de dor, aborrecimento, alegria, humor ou preocupação alterou aquela expressão. Mesmo assim, julguei ver uma tristeza em seus olhos que, apesar de toda a elegância e tranquilidade que exibia, contavam uma história, e eu sabia, não sei como, que a vida dele estava de alguma forma ligada à Tarefa. E dessa tristeza concluí que a altivez, que a nobreza dele, não eram obra de berço, mas de esforço e luta.

O transporte desviou do rio para o coração da cidade. Pela janela eu via a multidão nas ruas. Era tanta gente que me pareceu que o dia da corrida havia se multiplicado por cem, como se o mundo inteiro estivesse reunido ali, ofegando

entre as oficinas, os comerciantes de peles e as farmácias para passear pelas calçadas, respirar aquele ar acre. Era gente de todo tipo, em todas as configurações: pais e filhos, ricos e pobres, negros e brancos. Os ricos eram principalmente brancos e os pobres principalmente negros, mas havia também membros de ambas as tribos em ambas as classes. Era um choque ver isso tão de perto, porque, se os brancos detinham o poder ali — e detinham —, pareciam não detê-lo com exclusividade. E uma coisa eu digo, nunca tinha visto espécimes da raça branca tão miseráveis, e nunca vi espécimes da raça de cor mais luxuosos como naquele dia. Os de cor não sobreviviam apenas, como em Starfall; em alguns casos usavam roupas mais elegantes do que qualquer coisa que eu tivesse visto meu pai usar. E ali estavam eles na cidade agitada, de chapéu e luvas, as damas com sombrinhas, caminhando como membros da realeza.

Esse retrato surpreendente tinha como fundo os odores mais repulsivos conhecidos pelo homem. O cheiro do ar na cidade era menos sentido e mais percebido. Parecia emanar do esgoto e se misturar com os cachorros mortos nas ruas para, no fim, se juntar com a fumaça das manufaturas. Então esse odor de pomar apodrecendo virava uma neblina invisível que pairava sobre toda a cidade. Eu estava acostumado a todos os maus cheiros do gado, mas sempre ao lado dos jardins, dos morangos, da floresta. O cheiro da Filadélfia, no entanto, não oferecia esse equilíbrio; pairava sobre tudo, sobre todas as ruas, oficinas e tavernas e, como eu viria a descobrir, se não se tomasse cuidado, infiltrava-se nas casas e nos quartos.

Desembarcamos depois de uns vinte minutos e entramos em uma casa de tijolos na esquina, onde encontramos Bland e Hawkins já instalados. Eles estavam em uma saleta logo depois do salão de entrada, tomando café com outro homem negro bem vestido. O grupo olhou para nós e sorriu. O homem que eu não conhecia se levantou e veio em nossa direção para um aperto de mão caloroso e um sorriso ainda mais. Por seus traços dava para ver que era parente de Raymond White. Tinha o mesmo rosto de pedra, mas não o estoicismo.

— Otha White — apresentou-se ele. — Nenhum problema no trem, certo?

— Não que eu saiba — respondi.

— Por favor, sente — disse Otha. — Vou trazer café pra todo mundo.

Sentei-me enquanto Raymond e Bland batiam papo. Otha voltou com café e começou a reunião.

— Cuide bem desse homem, ouviu? — falou Hawkins depois de tomar um gole de café. — É artigo legítimo. Não é brincadeira. Vi ele ser enterrado no

fundo de um rio e sair sozinho. Ele enfrentou tudo o que a gente jogou em cima dele e continuou de pé. Vou te contar, viu...

Era a coisa mais generosa que Hawkins jamais tinha dito a meu respeito.

— Sei das minhas obrigações — disse Raymond. — Minha vida inteira foi dedicada a isso. E vamos receber com alegria a ajuda dele em nosso negócio.

— Realmente temos função pra você aqui — observou Otha. — Não conheço você, Hiram Walker, mas eu também não fui criado neste lugar. Só que aprendi coisas e acho que você vai aprender também.

Hawkins assentiu e tomou um gole de café. Ele parecia mais à vontade com Otha, nascido em escravidão, do que com Raymond, uma criatura do norte. Agora, através da lente dos anos, penso que tinha a ver com nosso modo de trabalhar. Na Virgínia, éramos foras da lei, coisa que logo se tornou uma honra para nós, de forma que gostávamos de nos sentir acima da moral em um mundo que acreditávamos ter como base a lei do Demônio. Não éramos cristãos. Os cristãos praticavam no norte, onde a Clandestinidade era tão forte que nem era mais clandestina. Me lembro agora de muitas noites sentado em alguma taverna da Filadélfia, ouvindo homens chegados poucos dias antes, se gabando dos detalhes da fuga. Quarteirões inteiros da cidade fervilhavam de fugitivos e esses homens e mulheres povoavam congregações, organizados em comitês de autoproteção e vigilância contra os Cães. No norte, a Clandestinidade não era marginal, de fato estava muito perto de ser a própria lei. Invadiam prisões, atacavam delegados de polícia e enfrentavam os Cães. Homens como Hawkins atuavam nas sombras. Homens como Raymond gritavam na praça.

Mas Otha era diferente. Havia alguma coisa nele, algo em suas raízes implícitas e modos simples que despertava deferência em Hawkins, por mais escondida e inconsciente que fosse, porque Hawkins era um homem dado a salvar almas, não a examiná-las, muito menos a dele próprio. Eu conheço o suficiente a respeito da Bryceton pré-transformação de Corrine, das atrocidades, para saber que “analisar almas” era um luxo.

— Tudo bem — disse Hawkins, ficando de pé. — O rapaz não sabe nada. Confio em você pra ensinar ele. A gente fez a nossa parte. Que ele sirva à causa aqui igual serviu lá.

Eu me levantei e Hawkins virou-se para mim, apertou minha mão e disse:

— Duvido que a gente vá se ver logo, se é que vai se ver de novo. Só o que posso dizer é: seja bom.

Assenti. Hawkins cumprimentou a todos, Bland inclusive, que tinha decidido ficar na Filadélfia por algumas semanas para cuidar de negócios particulares. Depois que Hawkins foi embora, Otha me levou até meu quarto no andar de cima, enquanto Raymond e Bland ficaram conversando embaixo. Era um quarto pequeno, mas depois de meses morando em coletivo, e antes disso em um buraco, e antes disso na cadeia, aquilo era um paraíso. Quando Otha saiu, deitei atravessado na cama. Dava para ouvir a conversa abafada de Bland e Raymond e os sons do que me pareceram gargalhadas estrondosas. Mais tarde, jantei com Otha em uma taverna local. Ele me explicou que eu teria um final de semana inteiro para me orientar na cidade. Eu planejava passar o dia seguinte explorando, então voltei direto para casa e dormi. Otha também ficava ali, em um quarto ao lado do meu. Raymond ficava fora da cidade com a esposa e os filhos.

★ ★ ★

Não quero me meter, mas vou cedo para ver a Filadélfia. Andei pela rua Bainbridge, uma das grandes vias da cidade que ficava bem próxima ao nosso escritório na rua Nove, e observei a variedade da vida humana, a mistura de querereres, necessidades e intenções que fervilhava pelas esquinas, e ainda eram sete da manhã. Do outro lado da rua, havia uma padaria e, pela vitrine, vi um homem de cor trabalhando lá dentro. Um aroma doce me saudou quando entrei, o antídoto perfeito contra a névoa da cidade. No balcão havia uma agradável variedade de delícias: bolos, bolinhos fritos e cozidos expostos sobre papel impermeável. Atrás do balcão, ainda mais coisas expostas em bandejas nas estantes.

— Novo por aqui, né?

O homem de cor sorria para mim. Devia ter uns dez anos a mais do que eu e me olhava com um ar de pura bondade. Devo ter recuado diante da pergunta, porque ele disse:

— Não quero me meter. Na verdade, não estou me metendo. Mas eu vejo isso em todos os novatos. Deslumbrados com as menores coisas. Mas tudo bem, filho. Não há nada errado em ser novato. Nada de errado em ficar deslumbrado.

Eu não disse nada.

— Meu nome é Mars — disse o homem. — Sou o dono. Eu e a Hannah. Você é ali da rua Nove, certo? Está lá com o Otha? Raymond e Otha são meus primos, sangue da minha querida Hannah, e você com eles vira família pra mim.

Eu ainda estava em silêncio. Como eu era rude na época. Como eram vastas as minhas desconfianças.

— Que tal isso aqui? — disse ele.

E então, Mars virou, rasgou um pedaço de papel de pão e foi para os fundos. Voltou com algo embrulhado e, quando me entregou, estava quente.

— Anda — disse. — Experimenta.

Abri o papel e senti uma rajada do aroma de gengibre. O cheiro evocava um sentimento ao mesmo tempo triste e doce, porque estava ligado a uma lembrança perdida que pairava em algum lugar do meu subconsciente, atrás de um labirinto enevoadado.

— Quanto eu devo? — perguntei.

— Deve? A gente é parente. O que eu acabei de dizer? Todo mundo é parente aqui — disse Mars.

Assenti, consegui agradecer e saí da padaria. Parei na Bainbridge por um momento, observei a cidade, o pão de gengibre embrulhado ainda quente na minha mão. Queria ter dado um sorriso antes de sair, mas eu tinha acabado de chegar da Virgínia, do buraco, com Georgie Parks ainda na cabeça, ainda sem saber de Sophia. Atravessei a Bainbridge indo para oeste, subi ruas e mais ruas nomeadas por número e pensei no tamanho absurdo da cidade. Eram tantas ruas que aparentemente os nomes tinham esgotado. Caminhei até chegar às docas, onde vi uma mistura de homens de cor e brancos descarregando e trabalhando em navios.

Segui o rio que fazia uma curva para dentro e depois para fora. As margens eram cheias de oficinas, pequenas fábricas e docas secas. O cheiro opressivo da cidade melhorava um pouco com a brisa fresca que vinha da água. Desemboquei em um passeio. Havia um grande campo verde cortado por calçadas, elas próprias ladeadas por bancos. Sentei. Eram mais ou menos nove horas da manhã de uma sexta, o fim da semana de trabalho. O dia estava claro e azul. O passeio encontrava-se repleto de filadelfianos de todo tipo e cor. Cavalheiros com seus chapéus de palha acompanhavam damas. Uma roda de alunos na grama, todos atentos às palavras do professor. Um homem passou montado em um monociclo, rindo. Naquele momento me ocorreu que aquilo era o mais livre que eu já tinha sido na vida. Eu sabia que podia sair dali imediatamente, que

podia abandonar a Clandestinidade e desaparecer naquelas ruas, naquele dia gigantesco das corridas, flutuar no ar venenoso.

Abri o papel. Levei o pão de gengibre à boca e, ao comer, algo dentro de mim se partiu de repente. O caminho que eu tinha vislumbrado na padaria, evocado pelo cheiro do gengibre, apareceu outra vez diante de mim e, dessa vez, não havia névoa, não havia uma trilha de fato, apenas um lugar. Uma cozinha, que reconheci imediatamente como de Lockless. E eu não estava mais no banco nem perto do passeio. Estava parado naquela cozinha, e no balcão havia biscoitos, tortas e todo tipo de doces em bandejas forradas com papel impermeável, como na padaria de Mars. E havia outro balcão junto desse, e atrás dele uma mulher de cor sovava uma massa e cantarolava docemente para si. Quando me viu, ela sorriu e disse: “Por que você é sempre tão quieto, Hi?”

Ela então voltou a trabalhar e cantarolar. Algum tempo passou antes que ela olhasse para mim de novo e risse. “Estou vendo que você está de olho nos biscoitos do sr. Howell”, disse. “Você pode ser quieto, mas vai conseguir me arrumar uma boa confusão.”

Ela sacudiu a cabeça e riu, mas, momentos depois, sua expressão era de cautela ao levar o indicador aos lábios fechados. Ela então foi até a porta e espiou lá fora, depois foi até o outro balcão com as guloseimas e desembrulhou dois biscoitos de gengibre.

“Em família a gente precisa cuidar uns dos outros”, disse ela, e me ofereceu os biscoitos. “Além disso, pelo que estou vendo, tudo isso aqui é seu, de qualquer forma.”

Peguei os dois biscoitos da mão dela. Eu devia saber o que estava acontecendo. Devia ter entendido, mesmo em meio a tudo aquilo, que o lugar onde eu estava, fosse qual fosse, não era a Lockless atual, talvez nem mesmo a Lockless de antes. Era como se eu estivesse em um sonho. E essa mulher na minha frente, eu não conseguia dizer o nome dela, embora sentisse uma pontada de familiaridade e talvez de algo mais... de perda. A sensação era tão forte que corri na direção dela, ainda segurando os biscoitos de gengibre na mão esquerda, e a abracei com força, por muito tempo. Quando recuei, ela estava com um sorriso imenso, grande como o que o Mars tinha oferecido a mim naquela manhã.

“Não esqueça”, disse ela. “Família.”

Então a névoa voltou vindo da cozinha e cobriu tudo até que o balcão diante de mim desapareceu, as bandejas diante de mim desapareceram, a mulher diante

de mim desapareceu e, enquanto se dissolvia, ela disse: “Agora continue.”

E aí eu estava de volta ao banco. Cansado, olhei para minhas mãos vazias. Olhei além do passeio para o rio. O homem de monociclo passou de novo. Acenou. Olhou os bancos à direita e à esquerda. A fileira deles prosseguia de ambos os lados sem grandes alterações, a não ser pelo seguinte: três bancos adiante havia um pedaço de pão de gengibre mordido e, na grama, o papel que o embrulhara, esvoaçando suavemente à brisa de verão.

ENTÃO, ENTENDI. Era a Condução. O poder ainda estava comigo, mesmo que eu não entendesse direito como ter acesso a ele. Exausto, me arrastei de volta ao nosso local e, mesmo com o sol ainda brilhando, caí no sono assim que deitei na cama e só acordei na manhã seguinte. Pensei em tentar acessar o poder outra vez, mas a fadiga e o mal-estar que agora eu sabia que vinham a cada episódio me dissuadiram. Em vez disso, resolvi visitar a padaria de Mars outra vez e me desculpar pela grosseria. Depois disso, quem sabe caminhasse um pouco mais pelas ruas para testar essa liberdade, talvez para o leste dessa vez, na direção do rio Delaware, talvez atravessasse o rio até o pequeno povoado de Camden, onde Raymond morava com a família. Mas, quando estava calçando as botinas, ouvi baterem na porta e depois a voz de Otha.

— Hiram, está aí?

Quando abri, Otha já descia a escada.

— Preciso ir — disse ele, sem se deter.

Eu o segui escada abaixo até a saleta, onde encontramos Raymond andando de um lado para o outro com uma carta na mão. Quando nos viu, foi até a porta, pegou o chapéu e, sem dizer nada, saiu. Fomos com ele para a rua Nove e, em seguida, para Bainbridge, que já a essa hora estava tomada pelo fluxo e pelo miasma da Filadélfia.

— A lei do nosso estado é bem clara — disse ele quando o alcançamos. — Nenhum homem ou mulher pode ser mantido em cativeiro, mesmo que trazido até aqui cativo. Asilo, quando solicitado, deve ser dado. Mas apenas quando solicitado. Não podemos induzir ninguém à liberdade. As pessoas não podem ser seduzidas.

— Mas os senhores — disse Otha, olhando para mim. — Eles mantêm a lei escondida. Mentem, assustam sua gente. Ameaçam suas famílias e seus amigos.

— Mas quando temos alguém que declara com clareza suas intenções — disse Raymond —, aí temos poder para garantir que essas intenções sejam

respeitadas. E essa mulher, Bronson, fez um pedido que seus captores desrespeitaram. Perdoem a pressa, mas o tempo é curto. Se vamos fazer esse homem cumprir a lei, tem que ser agora.

Estávamos indo para o leste agora, pelo mesmo caminho que eu tinha pensado seguir no começo daquela manhã. Pouco tempo depois, estávamos nas docas, o Delaware lambia suavemente os navios. Era sábado. Estava calor de novo. Aquela cidade era mais quente do que todos os lugares que eu tinha visto na Virgínia. A sombra não fazia sentido ali. O calor acompanhava a gente tanto quanto o mau cheiro, e o único alívio era ir até ali, até as margens da cidade. Caminhamos por alguns píeres para o sul até pararmos diante da prancha de embarque de um barco fluvial. Embarcamos depressa. Raymond olhou os passageiros, mas não viu nenhum que correspondesse à tal Bronson. Então um homem de cor disse:

— Estão lá embaixo, sr. White.

Fomos até a popa do barco, encontramos uma escada que levava para baixo, para o bojo do barco, onde havia um grupo de passageiros. Reconheci a tal Bronson antes de Raymond. Não precisava de descrição. Em apenas dois dias, eu tinha visto a minha cota de Tarefeiros. Por aqui eles se vestiam tão bem quanto toda a gente de cor livre, talvez até melhor, como se os seus captores quisessem esconder a corrente que se estendia entre eles. Olhando bem, no entanto, dava para ver em seus modos, no jeito de olhar muito distinto, que algum outro poder os continha. E a tal Bronson estava bem vestida, chique até, do jeito que Sophia se vestia para Nathaniel. Um homem branco, alto e magro, segurava seu braço com força e, com a outra mão, ela segurava com ainda mais força um menino que não tinha mais de seis anos. Vi quando os olhos dela identificaram Raymond, que ainda vasculhava o grupo, quando os olhos dela encontraram os meus e quando ela desviou o olhar para o filho.

Nesse ponto, Raymond assumiu. Foi até ela e disse:

— Mary Bronson, sei que você fez uma solicitação. Estamos aqui para ter certeza de que ela seja atendida de acordo com a lei do nosso estado, que não demonstra nem respeito — e aqui Raymond fixou os olhos no homem magro e alto —, nem consideração pelos costumes do cativo.

Eu estava fora da Virgínia, longe de um mundo onde nosso trabalho era furtivo e onde eu era um criminoso que tinha que respeitar os próprios costumes que trabalhava para destruir. Mas ali estava eu, na Filadélfia, observando um agente da Clandestinidade operar abertamente, sem nenhuma coreografia,

nenhum disfarce. As palavras de Raymond soaram como uma bomba. E o branco que segurava Mary Bronson sentiu.

— Maldito — disse o branco e sacudiu a mão de Mary Bronson a tal ponto que ela perdeu um pouco o equilíbrio. — Eu vou voltar para minha casa no campo com a minha propriedade.

Raymond o ignorou.

— Você não tem nenhuma obrigação de obedecer — disse, então, para Mary. — Ele não pode impedir enquanto eu estiver aqui, e se vier comigo, garanto que a lei deste estado vai reforçar meus atos.

— Maldito, eu sou dono dela! — disse o homem.

As palavras saíram com muita força, mas vi que ele não segurava mais o braço de Mary. Eu não sabia se ela mesma havia se soltado ou se ele, ao focar sua raiva em Raymond, simplesmente havia se esquecido de segurá-la. Àquela altura, uma pequena multidão tinha se formado à nossa volta, alguns para dar apoio, outros para ver a origem da comoção. As pessoas passavam entre si os detalhes da história, resmungavam e avançavam na direção do homem, aparentemente inconsciente de que seu pouco poder murchava. Mas Mary percebia tudo. A multidão a mantinha à tona. Ela pegou a mão da criança e foi na direção de Raymond. O homem espumou de raiva, mandou Mary voltar, mas ela o ignorou, colocou-se atrás de Raymond e a criança atrás dela.

— Rapaz — disse o homem, pousando os olhos raivosos sobre Raymond. — Se estivesse na minha casa, eu colocava você no seu lugar e quebrava você inteiro.

E aí os murmúrios se tornaram insultos, gritos e ameaças.

Há esse momento na vida tormentosa de umas poucas e abençoadas pessoas de cor, um momento de revelação no qual o céu se abre, as nuvens se afastam e, reunindo alguma sabedoria infinita, um raio de sol atravessa. Esse momento não vem da religião cristã, ele acontece quando um homem de cor se dirige a um branco como Raymond White fazia ali ao se voltar para o branco.

— Mas você não está na sua casa.

Ele então olhou para a multidão, o branco seguiu seu olhar e começou a entender sua limitação. Sua raiva e determinação desapareceram e ele foi dominado pelo pânico. O homem branco e magro ia ficando mais pálido e mais magro a cada segundo. A multidão, agitada pelas ameaças do homem, agora murmurava sobre o que devia fazer em seguida.



D barco se afastar, Otha e eu nos sentamos com Mary Bronson e seu filho nos fundos da casa da rua Nove. Raymond tinha ido providenciar acomodações para Mary e, com sorte, arranjar logo um emprego para ela. Era costume naquele estado manter um registro das tribulações de todos que passavam pela estação da Filadélfia. E essa era mais uma noção absolutamente inimaginável na Virgínia, onde algo assim podia implicar um fugitivo. Mas Raymond acreditava estar no centro da história e estava convicto de que todos os acontecimentos pertinentes precisavam ser bem registrados.

Otha fez café e deu ao filho de Mary uma coleção de bichinhos esculpidos em madeira; vacas, cavalos e outros animais de fazenda. Tirei um momento para ir até a padaria de Mars, onde ele me apresentou sua esposa, Hannah. Consegui dar um sorriso ao conhecê-la e fiz o possível para me desculpar pelo meu comportamento no dia anterior. Ele me deu dois pães quentes e disse:

— Não tem do que se desculpar. Como eu disse, família.

Quando retornei, Mary estava no chão da saleta brincando com o filho. Levei o pão para a cozinha, onde peguei uma faca, uma travessa e pratos. Havia um vidro de conserva no balcão ao lado de um pedaço de queijo. Recheei o pão e servi na sala de jantar. Otha serviu o café para todos e levou Mary e o filho até a mesa. Havia um leve ar de alívio, até mesmo de celebração, naquela refeição.

Depois de comer, Mary ajudou a lavar a louça. Depois, voltamos à sala para a entrevista. Observei quando o filho de Mary pegou um soldadinho de madeira em cada mão, fez uma cara ameaçadora e chocou os cavalos um contra o outro com um sonoro “Pssshhh!”.

— Como é o nome dele? — perguntei.

— Octavius. Não me pergunte o motivo, não fui eu que dei. O velho senhor foi que resolveu, como fazia com tudo.

Otha ofereceu a Mary um lugar no sofá. Subi para o meu quarto, peguei papel e dois lápis. Otha fazia as perguntas. Eu registraria.

— Meu nome é Mary Bronson — disse ela a Otha. — Nasci escrava.

— Mas não é mais — disse Otha.

— Não sou mais — repetiu Mary. — E quero agradecer a todos vocês. Não fazem ideia do que passei lá, do que todo mundo passa. Eu faria qualquer coisa pra me livrar daquele homem, só não sabia o quê. Não é a primeira vez que eu

venho pra cidade, você sabe, nem a primeira vez que tive a ideia de fugir. Não sei por que não fiz isso antes.

— De onde você é, Mary? — perguntou Otha.

— Do inferno. Eu saí direto do inferno, sr. Otha.

— E por que diz isso?

— Tive outros dois meninos além do Octavius aqui, outros dois meninos e um marido. Ele era cozinheiro como eu. Todo mundo na casa amava o meu trabalho.

— Mas você amava o seu trabalho?

— Não era meu trabalho amar. Mas eu era diferente, entende. O fato é que eu tinha um combinado com meu velho senhor. Eu fazia a comida, mas não era a única na cozinha. De vez em quando, ele me alugava pra outra coisa e repartia comigo o que eu ganhava. O plano era eu juntar o suficiente pra comprar minha liberdade e a dos outros. Eu iria primeiro, pra não ter que dividir mais nada, depois eu compraria meu marido, Fred, era o nome dele. Eu compraria ele pra ter outro braço no trabalho. E depois, nós dois juntos, a gente compraria os pequenos.

— E o que aconteceu?

— O velho morreu. Dividiram a propriedade e um branco de classe baixa, o homem que vocês viram, assumiu. Aí eu não gostava tanto do meu trabalho. Ele pegava o dinheiro todo pra ele, dizia que não sabia de nenhum combinado com o velho senhor nem com nenhum branco. Então fiquei esperta. Comecei a trabalhar mais devagar, relaxada. Mas ele percebeu.

Mary Bronson fez uma pausa. Se recolheu, se recompôs e continuou.

— Foi quando começaram a bater. Ele definiu que eu tinha que ganhar um tanto a cada semana. Se eu não cumprisse isso, disse que eu ia sentir na pele. Ameaçou vender meu marido, meus filhos... todos os meus filhos. Eu trabalhava o tanto quanto podia, sr. Otha, mas ele vendeu assim mesmo. Me deixou só o último... — Mary indicou o menino, ainda no chão brincando com os bichos de madeira. — Mas não por bondade nem por preocupação. Foi pelo peso. Ele deixou o menino comigo porque assim eu sempre teria alguma coisa pra perder.

— Por que ele trouxe você para a cidade? — perguntou Otha.

— Ele tem família aqui — disse ela. — Estava se gabando do meu trabalho com eles. E aí me fez trabalhar pra irmã dele, na cozinha dela.

— Aqui?

— É, foi, sim. Mas eu mostrei pra ele, não é?

— Com certeza.

— A corrente é uma coisa poderosa, sr. Otha, uma coisa muito, muito poderosa. Pensei naquelas vezes que eu vim para o norte e não fugi. E pensei no controle que tinham de mim. E sabia que o menino logo estaria no campo, em um ano ou dois, e sabia que era isso que eles iam querer.

Ela chorou de mansinho. Otha sentou-se ao lado de Mary Bronson. Então a puxou para perto, abraçou, deu tapinhas nas suas costas. Abraçada a ele, Mary Bronson chorou e ouvi nesse choro uma canção por seu marido, seus filhos e tudo o que perdeu.

Eu nunca tinha visto um agente fazer o que Otha estava fazendo — ele consolou e tratou Mary com a dignidade de uma mulher livre, não de uma escrava fugida. Ele a acalentou até ela se acalmar, depois disse:

— Vamos ter um lugar para você e seu menino nos próximos dias. Raymond foi cuidar disso. Você e seu filho podem ficar aqui até estar tudo arranjado.

Mary Bronson fez que sim.

— É uma boa cidade, moça — disse Otha. — E nós temos força aqui. Mas entendo se não quiser ficar. Seja como for, vamos ajudar como a gente puder. Como vai ver, conseguir a liberdade é só a primeira parte. Viver livre é outra coisa.

Houve um momento de silêncio. Eu tinha parado de escrever, achei que a entrevista havia terminado. Mary Bronson enxugou o rosto com o lenço de Otha. Então ergueu a cabeça e disse:

— Não tem como viver livre sem os meus meninos.

Mary tinha parado de chorar e se acalmado. Percebi que sua dor e seu medo estavam se transformando em outra coisa.

— Eu não quero saber da sua igreja. Não quero saber da sua cidade. A cidade que eu preciso é ter os meus meninos. O senhor encontrou um jeito de libertar eu e Octavius, e por Deus, como fico agradecida. Fui bem criada, fico agradecida. Mas meus outros meninos, *todos os outros meninos que eu perdi*, isso é o que mais me interessa.

— Sra. Bronson — disse Otha. — Nós simplesmente não funcionamos assim. Isso não está em nosso poder.

— Então vocês não têm o poder da liberdade — disse ela. — Se não conseguem impedir que separem a mãe do filho, o marido da esposa, então não têm nada. Esse menino aqui é meu tudo. Fugi por ele, pra que ele possa conhecer outro mundo. Por mim, eu morria como nasci: escrava. Esse menino

me libertou, entende. Eu devo isso a ele, mas devo mais ao pai e aos irmãos dele. Se vocês não conseguem impedir que separem a gente como eles fazem, se não conseguem juntar a gente, então a sua liberdade é rasa e a sua igreja e a sua cidade não têm nada pra mim.

N - , no meu emprego em numa marcenaria, perto das docas do Schuylkill, na esquina da Locust com a Vinte e Três. O dono era sócio de Raymond White e muitos que trabalhavam eram fugitivos. Eu trabalhava três dias por semana na marcenaria e três para a Clandestinidade.

Depois do trabalho, eu geralmente voltava a pé, absorvendo a incrível alquimia de sons, odores e sensações da cidade que continuavam noite adentro. Mas, de modo geral, mesmo em meio àquela incrível amálgama de gente, eu, de alguma forma, me sentia sozinho. Por obra de Mary Bronson, de sua saudade, de sua fome por uma liberdade que abrangesse a todos de seu sangue. Porque o que significava ser livre em uma cidade como aquela quando aqueles que são mais importantes para você ainda são Tarefeiros? O que era eu sem Sofia, sem a minha mãe, sem Thena? Thena. *Rapaz, você devia de ter mais cuidado com o que diz. Nunca se sabe quando pode ser a última coisa que se diz pra alguém.* E eu devia ter tido mais cuidado, eu sabia disso mesmo naquele momento. Agora eu envelhecia mais depressa do que a minha idade, de forma que as palavras de Thena ressoavam como o lamento de um homem bem mais velho que seus vinte anos. A forma com que eu a havia tratado tinha sido a pior coisa da minha curta vida. Eu via agora que tinha sido pouco mais que um menino desejando um sonho. E agora o sonho tinha ido embora, como os meninos de Mary Bronson tinham ido embora, levados para as profundezas, longe de quaisquer meios que a Clandestinidade pudesse dominar para recuperá-los.

Uma sexta de manhã, quando eu estava saindo para o trabalho, Otha se aproximou e disse:

— Um homem não pode ficar muito tempo sem família.

Olhei para ele, mas não disse nada. Ele sorriu:

— Mesmo assim, pode ser bom estar com pessoas queridas, Hiram. Jantar? Hoje à noite? Na minha mãe. O que acha? A família inteira vai estar lá. Nós

somos gente boa, garanto, e gostaríamos muito de receber você como parte da família.

— Tudo bem, Pete — disse eu.

— Ótimo. Maravilha — disse ele, me dando o endereço. — Até a noite.

A casa da família White ficava do outro lado do rio Delaware. Nessa noite, peguei a balsa, depois andei por uma estrada até o calçamento dar lugar ao barro e depois à terra. O calor da cidade, com seu ar úmido e denso, desaparecia à medida que eu avançava e uma brisa refrescante soprava na estrada. Era bom estar ao ar livre. Era a primeira vez que eu via qualquer coisa parecida com o campo desde a minha chegada e me dei conta de tudo o que fazia falta da velha casa do sul: o vento nos campos, o sol entre as árvores, as longas tardes. Na Filadélfia, as coisas aconteciam todas ao mesmo tempo, toda a vida um fluxo ridículo de sensações.

Os pais de Raymond e Otha moravam em uma casa grande com uma varanda ao redor de toda ela e um tanque de água na frente. Fiquei parado na varanda por um tempo, olhando para a porta. De lá de dentro, vinha o som de crianças com seus pais e suas mães, palavras e risos misturados em uma alegria que me levou de volta ao tempo de Festas na Rua. O afeto lá dentro irradiava até mim antes mesmo de eu entrar na casa. Já tinha sentido algo assim. No fundo do Goose. No encontro com uma mãe de quem não conseguia lembrar. Quando vi meus primos, Honas e Young P. E, assim que me lembrei dessa sensação, tudo me voltou. A brisa de verão ficou fria. Estremeci. E tudo na minha frente ficou azul. A porta da casa dos Still se expandiu em muitas portas enfileiradas que se afastavam como se fossem um fole. Senti que estava caindo. Uma porta se abriu. Olhei para dentro. Vi a mão da minha mãe estendida para fora da fumaça. Ela veio até mim, a mão em busca da minha e, quando a pegou, o azul desbotou e o calor amarelo daquela tarde de verão assentou. Na porta, vi uma mulher que não era minha mãe, mas quase da mesma idade que ela teria. E atrás dela, Otha que, ao me ver, parou, acenou e sorriu.

— Hiram? — perguntou a mulher. E antes que eu pudesse responder acrescentou: — Deve ser você. Parece que viu o diabo em pessoa.

Ela apertou com força a minha mão e me olhou nos olhos.

— Aham. A fome faz isso. O que Raymond e Otha andam dando pra você comer? Ora, não fique aí parado. Entre!

Eu a segui por dois degraus até que a mulher parou e disse:

— Viola White. Sou mãe de Raymond e Otha, mas pode me chamar de tia Viola, porque é isso que eu sou pra você. Qualquer pessoa que trabalha com eles é da família pra mim.

Acompanhei Viola White — ainda levaria um tempo até ela virar “tia Viola” — até a sala da frente e encontrei um grupo de primos e tias. Raymond conversava com um homem mais velho. Mars, da padaria, veio depressa e me puxou para a confusão familiar, fez apresentações e discursou sobre os efeitos daquele pão de gengibre.

— Esse rapaz tenta se fazer de reservado, como se não fosse cativo — disse Mars à esposa, Hannah. — Mas assim que ele pôs a cara no papel eu soube que tinha pegado ele.

Hannah riu e eu, surpreendentemente até para mim, me vi dando risada também. Alguma coisa estava acontecendo. As paredes que eu tinha construído na Rua começavam a ruir. Meu silêncio, minha observação, eram paredes. Havia amor na Rua, garanto, do mais duro e profundo que eu já vi. Mas era um lugar brutal, errático. As paixões se transfiguravam em afrontas e violência, mesmo entre nós. Mas a atitude que me servia em Lockless parecia cruel e desnecessária entre os White, então, desajeitado, hesitante, me vi sorrindo e, acima de tudo, falando.

Depois do jantar, tomamos café e chá na sala dos fundos. Havia um piano e uma das meninas mais novas sentou e começou a tocar. Mais do que da virtuosidade, me lembro do brilho nos olhos de toda a família White, de orgulho pelo talento de seus filhos. E isso me lembrou que eu também tinha talentos quando criança, embora meu pai tenha desejado que viessem do Pequeno May. Eu era um divertimento, uma fonte de risadas. Ao ver aquela menina sendo estimulada em seus esforços, recompensada por qualquer genialidade que tivesse, e nós todos temos alguma, vi tudo que tinha sido tirado de mim e tudo o que era regularmente tirado de milhões de crianças de cor criadas para a Tarefa. Porém, mais do que isso, vi, pela primeira vez, gente de cor desfrutando daquela verdadeira liberdade que Mary Bronson desejava, uma da qual eu sentia fome ao caminhar pela cidade, a qual tinha vislumbrado no fundo do Goose.

Ao longo de toda a conversa notei menções aos nomes de Lydia e Lambert e entendi, pela maneira como falavam, que esses dois também eram da família, ainda retidos na Tarefa. Depois do recital da menina, encontrei Otha sentado na

varanda, olhando para a estrada e a floresta verde luxuriante à luz do crepúsculo de verão. Sentei também e disse:

— uero agradecer por me receber aqui, Otha. Significa muito.

Otha olhou para mim e sorriu.

— Não foi nada, Hiram. Fico contente que tenha vindo. O trabalho às vezes pode ser muito pesado.

— Sua mãe — falei e olhei para dentro. — Acredito que ela saiba.

— Todos sabem. As crianças superficialmente, mas como poderiam não saber? Eles são a razão de a gente estar no mundo pra começo de conversa.

— Bem, você tem uma família linda — falei.

Ele ficou quieto um momento e seu olhar voltou para a floresta.

— Otha — perguntei. — quem são Lambert e Lydia?

— Lambert era meu irmão — disse Otha. — E Lydia é minha esposa. Lambert morreu quando eu ainda estava cativo e Lydia ainda está aqui, embora a gente não se veja faz alguns anos.

— Filhos?

— Duas meninas e um menino. E você?

— Não, sou só eu.

— Hum. Bem, eu não sei o que eu faria sem os meus pequenos. Não sei quem eu seria. Essa coisa toda, essa Clandestinidade, começa com meus filhos.

Otha parou e olhou para dentro da porta. Dava para ouvir o suave tilintar de pratos, uma conversa arrastada e melancólica às vezes interrompida pelo riso das crianças. Ele então foi para a lateral da varanda e sentou-se na balaustrada de madeira.

— Eu não sou como eles. Não fui criado aqui — disse ele. — Agora meu pai já está velho e curvado, mas, no tempo dele, ele foi alguma coisa. Nasceu na Tarefa, mas com vinte e um anos foi até o velho senhor dele e falou: ‘Eu agora estou crescendo. E prefiro morrer do que usar uma canga.’ O velho senhor pensou durante um dia e, quando viu meu pai de novo, estava com um rifle em uma das mãos e os documentos do pai na outra. Então o senhor falou para ele, tão diretamente como tinha ouvido do meu pai: ‘A liberdade é um fardo, rapaz. Você logo vai ver.’ Então entregou os documentos e disse: ‘Agora saia da minha terra, porque, da próxima vez que a gente se encontrar, só vai sobrar um de nós dois.’

Otha riu.

— Mas lá na Tarefa tinha aquela moça, Viola, minha mãe. Éramos dois naquele tempo, eu e meu irmão Lambert. Meu pai tinha arrumado tudo para ir para o norte, conseguir um dinheiro e comprar a liberdade de nós dois. Ele começou trabalhando nas docas e economizando para um dia conseguir tirar a gente. Só que a mãe tinha as ideias dela, então fugiu comigo e com Lambert e veio pra Clandestinidade como era naquele tempo. O pai quase morreu de choque quando ela apareceu nas docas.

“Mas eles se casaram direitinho e nasceram mais dois, Raymond e Patsy. A filha da Patsy é a menina que estava no piano. Canta como um passarinho. O velho senhor deixou meu pai ir embora, não me pergunte por que, afinal, quem é que entende os brancos? Mas a minha mãe, uma moça, assumir a própria vida como ela fez, bem, isso já era demais. Talvez tenha sido por causa do jeito com que ela fez isso, simplesmente decidindo e indo embora. Ou talvez tenha sido por causa da gente. Nossa mãe foi embora, mas nós dois éramos os ovos de ouro.

“O senhor então mandou os Cães até a cidade. Pegaram a mim, pegaram meu irmão Lambert, minha mãe, Raymond, Patsy, a família inteira, menos meu pai. Levaram a gente de volta. Quando chegamos lá, a mãe inventou que a fuga tinha sido ideia do pai, disse ao velho senhor que nunca quis participar de fuga nenhuma. Fez elogios pra que ele acreditasse que era gente branca do bem. E acho que velho acreditou. Talvez precisasse acreditar, precisasse pensar que estava fazendo algum bem, dividindo a família e mantendo todo mundo ali.

“Mas então não demorou muito e minha mãe fugiu de novo. Só que dessa vez foi diferente. Ela me acordou no meio da noite. Eu devia ter uns seis anos, Lambert uns oito, mas ainda vejo tudo com clareza, como se estivesse bem na minha frente, a lembrança afiada feito uma lâmina de machado. Ela estava ao lado da nossa cama quando disse: ‘Meninos, eu preciso ir. Preciso ir pelo Raymond, pela Patsy. Eles vão morrer aqui. Me desculpem, meninos, mas eu preciso ir.’

“Hoje eu entendo por que ela fez aquilo. Mesmo naquela ocasião eu entendia. Mas isso ficou ardendo dentro de mim, um ódio calado, pesado. Pode imaginar ter ódio da própria mãe, Hiram? Depois disso, o velho vendeu a gente e fomos para o sul, dois meninos perdidos mandados pras Profundezas. Fizeram isso pra castigar a mãe, pra mostrar a ela que nenhum plano que ela tivesse de voltar pra mim e Lambert daria certo. Vivi minha vida inteira lá. Conheci a minha Lydia lá e formamos uma família. Trabalhei muito. Era um homem bem visto na escravidão, o que quer dizer que eu nunca era visto como homem.

“Talvez por ser mais velho, Lambert sabia tudo o que tinham tirado de nós. E o seu ódio era tão forte que devorou ele. Então... então meu irmão morreu lá, longe de casa, longe da mãe que tinha dado a vida pra ele e do pai que o tinha criado”.

Otha se calou. Eu não conseguia ver o rosto dele, mas notei a hesitação em sua fala e senti uma nuvem de agonia ardendo em torno dele.

— Tenho tantos buracos em mim, tantas coisas amputadas. Todos aqueles anos perdidos, minha mãe, meu pai, Raymond, Patsy, minha mulher, meus filhos. Todas perdas minhas.

“Bem, por fim eu consegui sair. Meu senhor tinha mais necessidade de dinheiro do que de me manter com ele, então graças à bondade de outras pessoas, consegui sair. Como eu tinha escutado rumores sobre o paradeiro deles, vim pra cá procurar a minha família. E logo ouvi o pessoal de cor dizer que, se eu estava atrás de parentes, esse homem Raymond White era bom de conhecer. Fui atrás dele”.

— Vocês se reconheceram? — perguntei.

— Nem um pouco. E eu não tinha sobrenome. Ele sentou comigo, igual fizemos com Mary Bronson semanas atrás, e contei a minha história toda. Depois, Raymond me disse que tremeu ao escutar cada detalhe. Mas você sabe como ele é, uma rocha. Então lá estava eu sentado, contando pra ele tudo que sabia. Eu me perguntava como ele estava recebendo aquilo, porque o tempo todo Raymond só ficou lá, mudo. Aí, no final, ele disse que era pra eu voltar no dia seguinte, na mesma hora.

“No dia seguinte eu voltei e lá estava ela, Hiram. Ela, eu reconheci na hora. Não precisei nem procurar dentro de mim nem pensar. Era a minha mãe. E naquele momento ela me diz que aquele homem, aquela rocha, era meu irmão. Foi a única vez que eu vi lágrimas nos olhos de Raymond.

“Quando a gente era novo, eu e Lambert, pensávamos em várias estratégias de fuga. A gente sabia que nossa família estava em algum lugar, livre. Mas logo todos os nossos planos desmoronavam, o desespero caía sobre nós feito uma sombra. Éramos diferentes de gente como você, sabe, Hiram? A gente sabia, desde o dia que nossa mãe desapareceu, que tínhamos nascido com direito à liberdade. E se a liberdade era direito da mãe e do pai também, então, de algum jeito, devia ser nosso.”

— Acho que todo mundo pensa assim — falei. — Só que para algumas pessoas isso está enterrado lá no fundo.

— Mas nunca esteve enterrado pra nós. Lambert se lembrava de tudo daquela última noite. Se lembrava do carinho da mãe na testa dele, o último toque da mão dela. Quando ele morreu, Hiram, entendi que eu não era capaz. Entendi que precisava dar algum jeito de viver e aí fugir de novo. E sabia que sentir qualquer raiva nessa empreitada era perda de tempo. Pensei no que nossa mãe tinha dito na noite em que foi embora. Penso nisso o tempo inteiro neste trabalho com a Clandestinidade. ‘Preciso ir pelo Raymond, preciso ir pela Patsy. Sinto muito, meninos, mas preciso ir.’ E eu, ainda garoto, com o amor que eu sentia por ela, perguntei: ‘Mas, mãe, por que a gente não pode ir com você?’ E ela disse... ela disse: ‘Porque eu só posso levar uns tantos, e mesmo esses, só por um tempo.’

A CONDUÇÃO HAVIA SE tornado mais frequente. De modo repentino e aleatório, o mundo desaparecia e, momentos depois, eu voltava, jogado em vielas, porões, campos abertos, depósitos. Cada Condução parecia ativar uma lembrança, algumas inteiras, outras fragmentadas, como a visão da mulher que me dava biscoitos de gengibre escondido. Usando como cola as histórias que tinha ouvido na Rua, eu juntava tudo em um quadro geral: a mulher que me dava biscoitos era minha tia Emma. Eu me lembro das histórias sobre o seu poder na cozinha de Lockless. E isso me fazia achar também que não era engano tia Emma ser mesma tia que fazia a dança da água na floresta junto com a irmã, minha mãe.

Comecei a sentir que alguma coisa tentava se revelar para mim, que alguma parte da mente bloqueada havia muito agora buscava se libertar. Talvez eu devesse ter saudado com alívio o fato de desvendar um mistério e adquirir um novo conhecimento. Mas a Condução era como emendar um osso quebrado. Cada episódio me deixava cansado e com uma sensação de perda de alguma forma mais profunda do que antes, então eu vivia constantemente sob o leve tamborilar de uma agonia, uma melancolia tão profunda que eu precisava de cada grama de força para levantar da cama na manhã seguinte. Depois de cada Condução eu ainda passava vários dias lutando contra um humor muito taciturno. A experiência não trazia mais uma sensação de liberdade, não mais.

Certo dia saí do escritório da rua Nove com a intenção de abandonar a Filadélfia e a Clandestinidade, de deixar os gatilhos dessas lembranças que me lançavam na depressão. Não refleti sobre essa decisão. Não avaliei seus efeitos. Simplesmente saí pela porta sem intenção de voltar. Pensei que, a princípio, isso não alarmaria ninguém, uma vez que sabiam que eu gostava de andar pela cidade. Eu simplesmente continuaria andando.

Fui na direção das docas de Schuylkill. De todos os indivíduos que tinha visto na cidade, os marinheiros pareciam os mais livres, ligados a nada mais que

uns aos outros, unidos pelos gestos camaradas e piadas indecentes que sempre despertavam muitas risadas. Eles brigavam, às vezes, mas, fossem quais fossem suas diferenças, esses homens me pareciam uma irmandade. Mesmo em sua liberdade, de alguma forma me lembrava de casa. Talvez por seus rostos negros e duros, as mãos ásperas, os dedos tortos e feridos e as unhas gastas. Talvez fosse porque cantavam, pois cantavam como os Tarefeiros.

Fiquei ali observando o trabalho, torcendo para que algum deles me chamasse pedindo ajuda. Como ninguém o fez, fui embora e passei o restante do dia andando a esmo. Atravessei o rio, passei por um cemitério e por trilhos de trem, e parei diante de um abrigo para ver os indigentes da cidade reunidos. Andei mais, até estar diante do ribeirão Cobbs em uma floresta nos recessos a sudoeste da cidade. Eu não tinha planos e já estava escurecendo. Realmente não tinha saída, não tinha como escapar da Clandestinidade nem dos liames da memória. Eram esses pensamentos que nublavam minha mente no caminho de volta à rua Nove, de volta ao meu destino, ideias que me impediam de andar sempre vigilante como eu tinha sido treinado. E por isso, de repente, um branco que pareceu se materializar da própria noite estava bem diante de mim. Ele perguntou alguma coisa, mas não consegui ouvir. Cheguei mais perto, pedi que repetisse. E foi aí que senti um golpe duro na parte de trás da cabeça. Houve um clarão brilhante. Outro golpe. E mais outro.

★ ★ ★

A , , . Estava na parte de trás de uma carroça de carga e sentia o chão se mover debaixo de mim. Limpei a cabeça e entendi exatamente o que tinha acontecido, porque eu ouvira todas as histórias. Eram os caçadores de gente, os Cães do norte, que tinham me capturado. Esses homens eram conhecidos por simplesmente pegar gente de cor na rua e despachá-las para o sul em troca de dinheiro, sem levar em conta a condição de liberto ou em fuga da Tarefa.

Podia ouvi-los rindo, sem dúvida avaliando a captura. Eu não estava sozinho na carroça. Alguém ao meu lado chorava baixinho, uma garota. Mas fiquei calado. Se eu queria sair da Clandestinidade, tinha conseguido. Uma pequena parte de mim sentia alívio. Eu estava, ao menos, voltando para a Tarefa que era familiar para mim.

Rodamos por muitas horas por estradas rurais. Os Cães, pensei, provavelmente gostavam de evitar as cidades, as estradas com pedágio e balsas, porque, assim como nós tínhamos medo dos Cães, os Cães tinham medo dos comitês de vigilância, aliados da Clandestinidade, que vigiavam os caçadores de gente interessados em escravizar libertos. Paramos para acampar e senti mãos duras em meus braços que me puxaram e me jogaram no chão.

— Cuidado, Deakins — disse um deles. — Se estragar esse rapaz eu estrago você.

Esse homem, Deakins, me amarrou a uma árvore. Eu só conseguia mexer os dedos. Ouvia as vozes deles, tentava calcular quantos eram, quando vi uma luminosidade através da venda. Uma fogueira de acampamento ao redor da qual eles conversavam. contei quatro vozes e pelas palavras e comoção geral, ficou claro que estavam comendo. Sua última refeição.

Não ouvi ele se aproximar e sem dúvida os Cães também não. Houve o estalo de um tiro de revólver, dois, um grito, sons de luta e, em seguida, mais dois tiros, depois um pouco de choro de criança, mas não da menina que eu tinha ouvido no vagão, então outro tiro e depois nada. Voltei a ouvir alguém procurando algo e de novo senti mãos em cima de mim. Após o clique de um cadeado, as correntes se soltaram. Com um furor que me chocou, afastei as mãos que me tocavam, arranquei a venda e a mordança e, à luz do fogo, vi o sr. Fields, Micajah Bland, olhando para mim com a cara mais séria e impassível.

Fiquei de pé e me apoiei na árvore para me equilibrar. Havia outros dois, amarrados e algemados como eu. Bland andava depressa entre eles. Avistei quatro corpos no chão. Como explicar o que aconteceu naquele momento, a raiva cega, inconsciente que senti? Era como se eu estivesse de fora assistindo a mim mesmo na cena. E o que eu vi foi a mim mesmo chutando um dos corpos com toda a força que consegui. Bland se aproximou para me deter, mas eu o empurrei de novo e chutei ainda mais o morto, Deakins talvez. Bland não tentou me impedir dessa vez. Naquele momento, toda a raiva por tudo, desde minha mãe, até Maynard, até Sophia, até Thena, até Corrine, todas as mentiras, todas as perdas, tudo o que tinham feito comigo na cadeia, toda a violação, toda a impotência que senti pelo menino pequeno na minha cela, pelo velho que amava a mulher do filho, pelos dias em que fui perseguido na floresta, tudo me veio ali e se manifestou naquele homem morto.

Por fim cansado, caí de joelhos. A fogueira queimava baixo, mas dava para ver Bland parado junto a ela com uma garota e um homem. O homem estava na

frente da menina para protegê-la da minha raiva, e me ocorreu então que ele era o pai dela.

— Terminou? — perguntou Micajah Bland.

— Não — disse eu. — Nunca.

Todos somos divididos contra nós mesmos. Às vezes, uma parte nossa começa a falar por razões que demoramos muitos anos para entender. A voz que me afastou da Clandestinidade era velha conhecida minha. Era a voz que conspirava para me afastar da Rua. Era a voz que consignava minha mãe às “profundezas”. Era a voz que tinha falado com Thena e que tão duramente a deixara para trás. Era a voz da liberdade fria da Virgínia, liberdade para mim e para aqueles que escolhi. Mas agora uma outra surgia, enriquecida pelo calor da casa de Viola White e pelo fantasma da minha tia Emma que, de algum lugar lá no âmago, me advertia: *Não esqueça, família.*

Caminhamos pela floresta até chegar a uma cidade onde Bland tinha deixado os cavalos, a carruagem e uma carroça. Eu sentia a dor dos golpes e minha cabeça latejava a cada passo que dávamos. Sentei na carroça com a menina e o pai. A manhã começava a raiar no horizonte, um leque alaranjado e azul. Tínhamos avançado poucos quilômetros quando paramos. Vi Bland conversando com uma mulher pequena parada na estrada, o corpo todo envolto em um xale. Ela então se virou e começou a ir para a carroça. Quando chegou bem perto, pôs a mão no meu rosto, depois na minha testa e na nuca, que estava dolorida. A julgar por seu semblante, era só ligeiramente mais velha que eu. Mas seu modo de se aproximar, sua confiança e domínio da situação, demonstravam alguém bem mais velha.

— Pegou eles, é? — perguntou ela para Bland, ainda com a mão em meu rosto.

— Peguei — disse Bland. — Ainda não tinham ido muito longe e os bobos resolveram parar pra fazer um banquete.

— Que bom que pararam — disse para Bland, e então virou-se para mim e falou com suavidade: — Mas você, hein, rapaz, o que estava fazendo? Que tipo de agente se deixa capturar pelos Cães desse jeito? Cuidase que levam você.

Eu não disse nada, mas sentia o rosto ardendo. Ela riu e afastou a mão.

— Tudo bem — disse a mulher a Bland. — Agora vão.

A carroça começou a ranger quando os cavalos andaram. A mulher acenou para nós e entrou na floresta. E partir daí senti um ar de ansiedade entre nós na

carroça. O homem e a menina começaram a conversar. Como não falei com eles, ele se inclinou e disse:

— Você não sabe quem era aquela?

— Não, não sei — respondi.

— Moisés — disse, e então esperou um momento como se se recuperasse do efeito que falar do fato tinha sobre ele. — Meu Deus... — Outra pausa. — Aquela era a Moisés.

★ ★ ★

Pela tantos nomes quanto lendas. A General. A Noite. A Desaparecedora. Moisés da Margem, que invocava a neblina e separava o rio. Era a mulher de quem Corrine e Hawkins tinham falado, a mestra viva da Condução. Eu não registrei tudo isso naquele momento. Tinha acontecido muita coisa, e eu estava em choque.

Uma hora depois, a menina dormia no colo do pai. Bland parou a carroça e me chamou para sentar ao lado dele na frente. Rodamos mais alguns minutos em silêncio, que eu enfim rompi com uma pergunta:

— Como você me encontrou?

Ele bufou e riu.

— Todos nós somos vigiados, Hiram.

— Se estavam vigiando — falei — por que não impediram que eles me pegassem e levassem para fora da cidade?

Bland sacudiu a cabeça.

— Esses homens, eles operam na Filadélfia já faz um tempo. Caçam gente de cor livre. As crianças são as mais valorizadas. A gente não consegue acabar com eles, mas, às vezes, damos um jeito de mandar um recado sobre o quanto esse negócio pode ser perigoso.

— Então vocês planejaram tudo? — perguntei.

— Não. Mas você perguntou porque a gente não impediu. E foi por isso: pra mandar um recado, um alerta. Pra fazer esse bando entender o perigo do comércio deles. Não dá pra mandar recados dentro da cidade. Mas aqui no campo, sem ninguém pra impedir...

— Assassinato — disse eu.

— Assassinato? Sabe o que eles iam fazer com você?

— É, eu sei.

E naquele momento estava de volta àquela noite terrível, acorrentado à cerca, com Sophia ao meu lado. E me lembrei do quanto desejei desistir de tudo, morrer ali mesmo, e de como ela me segurou, falou comigo sem palavras, de como foi forte quando eu mais precisei e de como eu fui idiota quando ela precisou de mim. E agora Sophia tinha ido embora, e eles, os Cães, tinham feito sabe Deus o quê com ela.

Eu disse:

— Você só sabe metade da minha história. Sabe da moça, Sophia, que fugiu comigo. Mas não sabe de fato o sentimento que eu tinha por ela e o quanto me dói que agora eles estejam com ela enquanto eu estou aqui, respirando liberdade. Tudo que eu posso dizer é que ela era melhor do que eu. De fato, às vezes eu acho que vocês pegaram a pessoa errada para agente. Devia ter sido ela.

Comecei a chorar. Baixo, mas o suficiente para precisar parar e tentar me controlar.

— Ela via muita coisa em mim — disse eu. — Mas eu cáí. E Sophia caiu comigo. Agora eu estou aqui, no norte, e ela... nem sei onde ela está. Só sei que ela merecia alguém melhor do que eu. Ela merecia mais do que um homem que a levou direto para a boca dos Cães.

E com isso perdi o controle e voltei a chorar abertamente. Agora estava tudo às claras. Eu tinha levado a mulher que amava direto para o abismo. E o peso que isso punha sobre mim estava agora à mostra e todos sabiam. Bland não fez nenhum esforço para me consolar. Manteve os olhos na estrada. Quando enfim parei de chorar, ele disse:

— Sabe o sentimento que você tinha por essa mulher, Sophia? Sabe a dor que você sente quando pensa no que aconteceu com ela? Sabe todos os momentos que você perdeu pensando em como podia ter agido diferente? E sabe todas as noites em que ficou acordado pensando se ela ainda está viva? Hiram, esse é o sentimento que marca toda uma nação escravizada. Um país inteiro que olha pra cima e se pergunta por seus pais e filhos, suas mães e filhas, primos, sobrinhos, amigos, amantes.

“Você me acusou de ter assassinado aqueles homens lá atrás, mas eu digo que salvei as vidas de muitos outros desconhecidos. Aquelles iam matar você, roubar você da sua família inteira e dos seus amigos sem nenhum remorso. Esses homens não podem viver, não sem sentir algum medo, sem alguma sombra. Se quiser chamar isso de assassinato, então eu aceito com prazer”.

Rodamos em silêncio um momento.

— Obrigado — falei. — Devia ter sido a primeira coisa que eu devia ter dito. Obrigado.

— Não precisa agradecer, Hiram. Esse trabalho, essa guerra, dá sentido pra minha vida. Não sei o que seria de mim sem isso. E preciso dizer que, se você der uma chance, também vai encontrar sentido...

Bland ainda estava falando quando a dor de cabeça me tomou inteiro e, para meu grande alívio, fez o mundo desaparecer quando deslizei para a inconsciência.

★ ★ ★

Na manhã seguinte, acordei com o corpo todo dolorido. Vesti minhas roupas, desci e encontrei Raymond, Otha e Bland conversando. Resumiram para mim o tópico da discussão e me sentei diante deles. Vendo seus rostos, tive a sensação de que estavam quase envergonhados por alguma coisa: minha tolice por ter sido capturado, talvez. E pensei então que haviam sido convocados para fazer algo péssimo, mas necessário.

— Hiram — disse Raymond. — Bland é meu amigo de longa data. Confio nele como se fosse da minha família e, pra dizer a verdade, confio mais até do que em alguns parentes. Como você bem sabe, ele não é agente exclusivo desta estação. Tem contatos por toda a Clandestinidade e, no trato com essas pessoas, às vezes, assumiu projetos que não teriam recebido minha aprovação. Entendo que você está entre esses projetos.

Comecei a sentir uma mudança no clima.

— Conheço bem os métodos e a reputação de Corrine Quinn. Não são os meus métodos, Hiram, seja qual for o objetivo.

Raymond sacudiu a cabeça e olhou para o chão.

— Esse enterro ritual, essa caçada, essa perseguição, tudo me aborrece. Tendo isso em mente, sou obrigado a dizer que você merece um pedido de desculpas. Acho que o que fizeram com você, não importa qual era o objetivo, foi errado.

— Não foi você que fez isso — disse.

— Não fui, mas é a minha causa. O meu exército. E talvez eu não consiga acertar as contas com Corrine, mas posso cuidar das minhas. E aquilo foi errado,

não só por causa dela, mas pela nossa causa. — Raymond fez uma pausa, antes de olhar de novo para mim e continuar: — Independentemente do poder que bata aí dentro do seu peito.

— Eu entendo — falei. — Não foi nada. Eu entendo.

— Não, Hiram — disse Raymond, respirando fundo. — Acho que não entende.

— Eu sei mais do que você imagina, Hiram — disse Bland.

— Como assim? — perguntei.

— Eu sabia de tudo. Sabia de Sophia, dos seus sentimentos. Minha função é saber. E não só sabia o que você sentia na época, não só o que você sente agora, como também sei exatamente onde Sophia está sendo mantida.

— O quê? — perguntei.

Meu coração acelerou quase com a mesma velocidade que havia disparado na noite anterior.

— A gente precisava saber — disse Bland. — Que tipo de agentes seríamos se não soubéssemos exatamente com quem você fugiu e o que aconteceu com ela?

— Eu perguntei pra Corrine — falei. — Ela disse que estava além das suas forças.

— Eu sei, Hiram, eu sei. Estava errado. Não posso defender isso. Só posso dizer o que você já deve saber, que quando se está operando como Corrine uinn, do outro lado da linha, a matemática é diferente. Tem que ser. Você era parte desse cálculo.

Eu bloqueei a dor de cabeça e perguntei:

— Onde?

— Na casa do seu pai. Lockless. Corrine convenceu seu pai a recebê-la de volta.

— Mas você não tirou ela de lá? Todo esse poder que a Clandestinidade tem, e você...

— A Virgínia tem suas regras. Tiramos deles o que conseguimos, mas não dá pra tirar tudo.

— Então é assim? — perguntei. — Você vai deixar Sophia por conta própria?

— Não — respondeu Otha. — Nunca deixamos ninguém por conta própria. Nunca. Eles têm as regras deles. E Deus sabe que temos as nossas.

— Hiram — disse Raymond. — Não queremos só pedir desculpas a você. Não são apenas palavras que oferecemos, nós vamos agir de acordo com elas.

— Veja, nós não só sabemos onde Sophia está — disse Bland. — Sabemos precisamente como tirá-la de lá.

DURANTE OS DIAS seguintes, ao caminhar pelas ruas da Filadélfia, ou trabalhando com torno e cinzel, ou forjando cartas e salvo-condutos, eu praticamente só pensava em Sophia. Pensava nela fazendo a dança da água junto ao fogo. Eu a via debaixo do gazebo bebendo cerveja. Eu me lembrava dos seus dedos longos percorrendo a mobília empoeirada da oficina. Pensava em nós na ravina e desejava, loucamente, tê-la abraçado lá. E pensei em todas as possibilidades de uma vida aqui, de uma família nossa, de lembranças de pão de gengibre, de filhas que cantam depois do jantar, de longas caminhadas pelo Schuylkill. E eu queria muito mostrar esse mundo para ela, me perguntava o que ela acharia de tudo, dos trens, do excesso de gente, dos transportes coletivos, todas as coisas que ficavam mais e mais familiares, dia após dia.

Duas semanas depois de ter sido pego pelos caçadores de gente, Raymond me chamou até sua casa do outro lado do rio. Ele me encontrou na varanda e me disse que estava sozinho. A esposa e os filhos estavam na cidade, e, pela expressão dele, vi que isso era de propósito. Havia sempre tantos segredos.

Entramos e subimos para o segundo andar, onde ele estendeu o braço, pegou uma argola de metal ligada a um fecho no teto de madeira e puxou com delicadeza. O teto se abriu e uma escada desceu pelo buraco. Subimos até as vigas da casa. Raymond foi até um canto onde havia vários caixotes de madeira pequenos. Pegou dois. Levamos ambos para baixo das vigas, fechamos o teto e voltamos para a sala.

Raymond abriu os caixotes e disse:

— Dê uma olhada, Hiram.

Encontrei uma variedade de papéis, correspondência com fugitivos, recheadas de palavras gentis, relatos familiares e informações importantes sobre os Cães de Ryland, tramas e intrigas da Escravidão e, com maior frequência, pedidos de liberdade para parentes. Vi que ele havia classificado os que conseguira e os que esperava conseguir. Eram papéis de grande valor, e

Raymond tinha caixotes cheios deles, muito a aprender sobre as ações dos nossos inimigos, mas, se esses mesmos inimigos se apossassem desse material, também teriam muito a aprender sobre nós. Nas mãos erradas, incontáveis agentes seriam revelados.

— As histórias aqui estão além do que qualquer um jamais poderia acreditar, até mesmo aqueles de nós que fazem parte delas — disse Raymond.

Eu ainda folheava os papéis, perplexo com a variedade. Parecia haver testemunhos de quase todo mundo que já fugira da Tarefa e fora resgatado pela estação da Filadélfia. Minha entrevista com Mary Bronson devia estar ali.

— É bom lembrar por que nós fazemos o que fazemos. Eu trabalhei com agentes com as mais variadas abordagens e não posso afirmar que fossem movidos pelos motivos mais nobres.

— É possível que nenhum de nós seja nobre — falei. — Talvez todos tenhamos nossas razões para fazer o que fazemos.

— De fato — concordou Raymond. — Será que sem a ligação com minha família eu estaria aqui agora? Envolvido como estou? É claro que não. E família é o que nós prometemos, certo? A sua amada Sophia, que fugiu com você, de um jeito não tão diferente de todas as histórias desses arquivos, de fato não tão diferente dos meus próprios parentes.

— Um pouco diferente — disse eu. — Porque eu e ela nunca chegamos a ver as coisas com clareza. Éramos muito jovens. É estranho dizer isso, eu sei. Não faz nem um ano que eu fui capturado. Mas havia alguma coisa ali, algo que estávamos alimentando e que realmente acho que ia florescer e virar uma família. Mas talvez não. Talvez eu tenha imaginado tudo.

— Bem, no mínimo, você tem direito a uma chance de descobrir.

— Acredito que sim.

— Não é assunto dos mais simples, essa história com a Sophia. Mas fizeram você de brinquedo por tempo demais, Hiram, então primeiro vou fazer uma declaração que diz respeito a você diretamente.

Respirei fundo e me preparei.

— Ainda temos que fazer contato com ela. É uma questão delicada, como você pode imaginar, e vai exigir algum tempo. Mas Bland tem um plano. Na verdade, ele se ofereceu para conduzir pessoalmente as coisas. Só tem uma complicação aí, mas não com Sophia, com a gente. Você nos pegou em um determinado momento em que estamos ocupados com outra operação — contou ele. — Otha falou sobre a esposa dele?

— Lydia? — perguntei.

— Isso, Lydia. E não só Lydia, mas os filhos deles... meus sobrinhos e minhas sobrinhas. Há muito tempo é nosso plano resgatar todos. Otha apareceu como saído de um sonho. Achamos que tínhamos perdido ele, mas, por sorte e pela graça de Deus, ele voltou. E por mais feliz que ele esteja de volta conosco, e nós felizes com ele, não estamos completos.

“Lydia está no Alabama. O dono dela recusou toda as nossas ofertas para pagar pela liberdade dela. E pior, achamos que nossa insistência só levantou suspeitas e fez ele ficar ainda mais vigilante. Lydia e os filhos estão dentro do caixão, Hiram, e cada dia que passam lá, a tampa fecha um pouco mais.”

— Eu entendo — falei. — Todo mundo... cada coisa no seu tempo.

— Isso — disse Raymond. — Cada coisa no seu tempo. Mas tem mais. Essa operação não é só pessoal, é cara. A gente precisa de alguém pra ajudar Bland, alguém que possa garantir que ele consiga sair do Alabama no momento certo.

— Claro. É por isso que eu estou aqui.

— Não, isso é pessoal. Não tem a ver com a Clandestinidade como você a entende, e com certeza não tem a ver com Corrine. Tem gente que vai protestar, então preciso que entenda que isso seria por sua livre e espontânea vontade. Na verdade, se você não puder nos ajudar nesse caso, vamos resgatar essa família mesmo assim. Como eu disse, acho que você suportou mais do que era justo. Estamos fazendo isso por você como uma maneira de equilibrar as coisas, apesar do que Corrine acha.

— É, eu imaginei — falei. — Não é realmente o tipo de ação da Corrine. Ela é uma boa mulher, acho. E eles, sem dúvida, são bons na luta. Mas o que eu tenho visto aqui, o que tenho visto da sua mãe, seus primos, seus tios, não é só a luta. Vejo o futuro. Vejo o motivo pelo qual vocês lutam. Sou grato a Corrine. E sou grato pela luta. Mas sou mais grato por ter visto tudo o que está por vir.

Então, nesse momento, fiz algo muito curioso: sorri. E foi um sorriso aberto e caloroso que brotou de uma alegria, essa sensação que raramente eu tinha experimentado. Fiquei feliz com a ideia do que estava por vir. Feliz com a ideia do meu papel naquilo.

— Então estou dentro, Raymond — disse eu. — Seja lá o que isso quer dizer, estou dentro.

— Excelente. — Raymond sorriu. — E você pode ficar aqui quanto tempo quiser com essa correspondência. Como viu, tem mais lá em cima. Minha esposa

vai voltar logo e as crianças à tarde, mas não se preocupe. Olhe tudo o que precisar. Que a gente nunca esqueça porque fazemos o que fazemos, Hiram.

Passei o resto daquele dia perdido nos arquivos de Raymond, todos tão emocionantes como *Ivanhoé* ou *Rob Roy*. À noite, jantei com a família. Também aceitei o convite para passar a noite e assim continuei minha leitura à luz do lampião. Saí na manhã seguinte depois de um café da manhã leve. Estava desequilibrado por tudo o que tinha absorvido tão depressa. Só agora, através daqueles arquivos, eu chegava a entender o tamanho da abrangência das operações da Clandestinidade e até onde seus clientes tinham ido para escapar da Tarefa. Naqueles arquivos que eu havia vasculhado, lendas ganhavam vida: a ressurreição de “Box” Brown, a saga de Ellen Craft, a fuga de Jarm Logue. Eram histórias incríveis e, vistas em conjunto, me deram alguma ideia de por que Raymond e Otha ousariam empreender uma fuga de dentro do caixão do Alabama. Já tinham ousado tanto. Na Virgínia o que importava era imediato e invisível. E embora Raymond não quisesse que aqueles arquivos fossem expostos ao mundo, ao menos não por enquanto, a segurança de um estado livre o deixava ousado. Liberdade era o que importava para ele. Liberdade era seu evangelho e seu pão.

Folheando aquelas páginas, senti que as histórias ganhavam vida diante de mim. Eu as via como se estivesse presente, de forma que, na caminhada até a balsa, na balsa em si, e depois em todo o caminho até a estação da Filadélfia, legiões de pessoas de cor e os panoramas das suas grandes escapadas se sobrepunham à geografia. Eu via toda aquela gente vinda de Richmond e Williamsburg, de Petersburg e Hagertown, de Long-green e Darby, de Norfolk e Elm. E as via voar de um indaro para tomar o céu em Granville, depois pousar em Sandusky e se alegrar a oeste de Bird in Hand, não tão longe de Millersville, uma pequena passagem para os Cedars.

E via essa gente em fuga com garotas irlandesas, correndo da lei com objetos roubados de filhos perdidos, correndo com pedaços de carne de porco salgada, bolachas, biscoitos, peças de carne, inalando os restos da sopa de tartaruga do senhor, dando goladas no rum jamaicano e depois inverno adentro, descalços e descuidados, mas rumo à liberdade. Donzelas negras em fuga com sonhos de sagrado matrimônio, em fuga com revólver de cano duplo e adaga, de forma que, confrontadas com os Cães, sacavam a arma e gritavam: “Eu atiro! Eu atiro!” Em fuga com crianças pequenas drogadas para dormir, com velhos que

arrastavam os pés pela neve, que morriam expostos na floresta com estas palavras nos lábios: “O homem nos escraviza, mas Deus quer a gente livre”.

E em todas essas palavras, em cada uma dessas histórias, eu via tanta magia quanto tinha visto no Goose, almas sendo conduzidas como eu para fora das profundezas. E as vi chegando pelas ferrovias, em barcaças, barcos de contrabando, barcos a remo, transportes pagos com suborno. Chegando a cavalo pela neve dura e pelo gelo derretido de março. Vestidos como damas, como cavalheiros, com bandagens para dor de dente, com tipoias, em farrapos que não valia a pena levar para as lavadeiras, mas vinham. Subornavam brancos de classe baixa e roubavam cavalos. Atravessavam o Potomac na ventania, na tempestade, no escuro. Vinham, como eu tinha vindo, conduzidos por lembranças de mães ou esposas vendidas para o sul pelo grande crime de se colocarem contra a luxúria. Vinham devorados pelo gelo. Vinham com histórias de bêbados inveterados e capatazes que gostavam de aplicar a chibata. Vinham como carga de café em barcos, depois de enfrentar terebintina, marcados, chamuscados da unção com água salgada, arrasados de culpa por se verem tão alquebrados que se curvavam diante da própria surra, por terem segurado seus irmãos debaixo da chibata do senhor.

Nas histórias daquele tempo, eu os via fugirem para a floresta, abraçados a malas feitas com tapeçaria de Bruxelas, gritando: “Nunca vão me pegar!” Eu os via embarcarem em balsas, cantando baixinho e para si mesmos:

*Deus fez os pássaros e as árvores frondosas
e tudo tem seu par, menos eu, minh'alma dolorosa.*

Eu os vi aquele dia nas docas da Filadélfia e rezavam: “Esconda o proscrito, não traia o que vaga.” Eu os vi vagando pela Bainbridge, chorando todos os seus mortos, os que tinham tomado o barco para o porto final de onde ninguém volta. Todos eles me vieram daqueles papéis, daquelas lembranças, todos saídos do pandemônio, da escravidão, dos dentes da abominação, debaixo das rodas do carro sagrado, cantando ante o feitiço da Clandestinidade.

★ ★ ★

Não, ver Micajah Bland. Eu ainda estava abalado por ter sido capturado. Analisava todos de longe. Quando as pessoas se aproximavam por trás, eu parava para deixar que passassem. Brancos de classe baixa com um estilo e roupas específicas tornaram-se especialmente suspeitos para mim, uma vez que os Cães muitas vezes buscavam aliados em suas fileiras. E havia brancos de classe baixa por toda a Filadélfia — de fato, eram a classe mais numerosa e se concentravam principalmente perto da casa de Bland, juntos às docas do Schuylkill. Havia pessoas de cor também. Fiquei na diagonal da casa de Bland, observando durante uns bons dez minutos. Vi um homem de cor mal vestido sair correndo da casa vizinha. Ele desceu muito rápido a rua de chão quente, perseguido por uma mulher de cor que gritava todo tipo de obscenidade. Atrás dela ia uma negra mais velha que também gritava e avistei também duas meninhas de cor paradas na porta, chorando. Achei que devia fazer alguma coisa e então a mulher mais velha, uma avó talvez, voltou e colocou as meninas para dentro, a porta ainda aberta.

Eu tinha ouvido histórias de gente de cor como essa, diferentes de Raymond e sua família, vivendo às custas de contar tostões, surradas, sem emprego porque ousavam pretender o que era considerado “trabalho de homem branco”. Eu não os tinha notado de início, porque a relativa opulência de todas as demais pessoas de cor era o que chamava a minha atenção. Mas ali, observando, do outro lado da rua, me lembrei que Otha tinha alertado a alguns clientes da Clandestinidade sobre esse destino, porque essas pessoas de cor eram geralmente fugidos, homens e mulheres que não tinham qualquer ligação com a sociedade, com certas igrejas, e, por isso, descobriam que a liberdade era dura com eles. E me ocorreu então que esse medo que eu sentia, esse tempo que eu dedicava a analisar cada rosto era o seu tempo de vida e algo ainda pior, porque se fossem pegos pelos Cães, sem dúvida, nenhum Bland lutaria por eles.

Quando ao homem em si, encontrei-o à minha espera em sua casa. Uma moça atendeu a porta, sorriu e chamou o nome dele. Apresentou-se como Laura e mencionou que era irmã de Bland. Era uma casa modesta, uma das melhores do quarteirão, não tão boa quanto a de Raymond ou a da família White do outro lado do rio, porém limpa e arrumada.

Apertamos as mãos e trocamos as amenidades de sempre. Senti um alívio profundo por ter completado a pequena tarefa de caminhar até a casa de Bland sem ser incomodado. E tendo feito isso, eu agora experimentava uma impaciência persistente por começar o trabalho de liberdade para Lydia e assim,

por sua vez, para Sophia, a *minha* Sophia. Ela existia em minha cabeça não como um indivíduo com suas próprias noções e ideias, mas como uma ideia em si, de forma que pensar em *minha* Sophia era pensar na mulher por quem eu nutria um sentimento verdadeiro e sincero, mas era também falar dos *meus* sonhos e da *minha* redenção. É importante que eu diga isso. É importante que vejam como eu sabia pouco dos sonhos *dela*, da redenção *dela*. Sei agora que Sophia tinha tentado me contar e que eu, que me orgulhava tanto por ouvir, simplesmente não tinha conseguido escutar.

De qualquer forma, era esse o espírito, ansioso e rude, que levei a Micajah Bland. Sendo assim, não mais de cinco minutos depois de ter me sentado, falei, direto e abrupto:

— Então, como vamos fazer?

— Para pegar Sophia? — perguntou Bland.

— Bom, eu estava pensando em Lydia e nos meninos. Mas podemos começar com Sophia se você quiser.

— Sophia é fácil. Preciso convencer Corrine e reunir alguns recursos, mas vai ser feito.

— Corrine... — Quando falei o nome dela, minha voz falhou. — Foi ela quem deixou Sophia lá.

— A estação é dela, Hiram. Ela merece ser avisada e, além disso, merece ser consultada.

— Corrine... — Sacudi a cabeça.

— Você sabe a história toda dessa mulher?

— Não — respondi. — Só sei que ela deixou Sophia pra morrer.

Então alguma coisa aconteceu, algo de que eu não tinha consciência na época. Não sei se era uma espécie de possessão, mas senti uma raiva crescer dentro de mim, uma que tinha a ver comigo, com a minha violação, com a cadeia e com o que tinham feito a mim. Mas não era minha aquela raiva. E a voz que falou também não foi a minha, mas sim uma que foi gravada em mim. “*Você sabe o que fizeram com a gente lá. Ou vai dizer que esqueceu? Você não lembra o que fazem com as garotas lá? E depois que fazem, pegam você. Pegam você com os bebês, amarram você no lugar com seu próprio sangue...*”

Naquele momento, a calma serena e usual no rosto de Bland deu lugar a uma coisa que eu nunca tinha visto nele, e nunca mais voltaria a ver: medo. As paredes despencaram e, no lugar delas, havia um grande nada infinito. A mesa e as cadeiras ainda estavam ali e elas, junto com o próprio Bland, estavam envoltas

naquele azul já familiar. Eu tinha consciência de mim mesmo, consciência de uma raiva profunda, porém mais do que isso, de uma dor grave e gutural que estava comigo desde o dia em que deixei Maynard nas profundezas. Mais importante, eu estava, pela primeira vez, plenamente consciente do que acontecia no exato momento em que acontecia, de forma que tentei então dominar a coisa, dirigi-la como tentamos fazer em um sonho. Mas, no momento em que fiz isso, no momento em que tentei afetar diretamente aquilo que me cercava, o mundo reverteu. O grande nada cintilou e contorno das paredes estava de volta. O azul se apagava e pude nos ver sentados de novo, só que em lugares trocados: eu estava na cadeira de Bland e ele na minha. Fiquei de pé e toquei as paredes. Então fui cambaleando até o salão e me encostei à parede. Era a mesma desorientação de sempre, mas a fadiga era menor. Voltei à sala e tomei meu lugar.

— É isso, não é? — perguntei. — É isso que a Corrine quer.

— É, é isso — disse ele.

— Você já viu isso antes?

— Já, mas não desse jeito.

Durante longos minutos fiquei sentado sem dizer nada. Bland se levantou e saiu da sala, o que tomei por gentileza porque parecia que ele sabia que eu precisava de um momento para me controlar. Quando voltou, sua irmã Laura estava com ele. Ela mencionou que logo seria hora do jantar e me convidou para ficar.

— Fique com a gente, Hiram — disse Bland. — Por favor.

Eu assenti.

Depois da refeição, saímos para caminhar. Era noite e passeamos em silêncio pelas ruas da Filadélfia. Então, finalmente, perguntei:

— Quem você viu fazer isso? Moisés?

Ele fez que sim.

— E era ela, aquela noite?

— Era.

— E foi assim que você salvou a gente?

— Não. A gente não precisava de nada de outro mundo pra lidar com aquele bando.

— Bland, se Moisés consegue fazer isso, por que não mandar ela atrás da família do Otha?

— Porque ela é Moisés, não Jesus. Ela tem as próprias promessas a cumprir. Tudo tem limite. Eu respeito Corrine. Respeito o que ela quis fazer com você. Mas ela não entende o poder de verdade nem como ele funciona.

Caminhamos um pouco mais, em silêncio novamente. O sol se punha atrás de nós. Eu não saía para um passeio ao entardecer desde que os Cães me pegaram perto das docas, mas ali, com Micajah Bland, senti uma espécie de segurança. O fato é que ele era meu amigo mais antigo na Clandestinidade, até onde eu tinha algum. E ele é que havia, à sua maneira particular, acreditado que de fato havia alguma coisa em mim.

— Em nome de Deus, como você se envolveu com a Corrine? — perguntei.

— Você entendeu ao contrário — respondeu Bland. — Quando conheci Corrine, ela era estudante, uma mocinha em um instituto de Nova York, para onde os virginianos de certa classe geralmente mandavam as filhas em busca de uma educação de damas. Francês, cuidados domésticos, arte, um pouco de leitura. Mas Corrine era precoce e ficou fascinada com a cidade. Ela fugia da escola e assistia às palestras dos abolicionistas. Foi assim que eu a conheci.

“Sabe, existia entre nós quem sentisse havia muito que seria bom expandir a guerra para o sul. Corrine foi recrutada facilmente e depois cultivada como nossa principal arma para atingir o próprio coração do demônio da escravidão. E ela era uma arma, a respeitável beldade do sul, um enfeite de sua civilização que se voltava contra eles. Ela deu várias provas de lealdade, Hiram. Você não imagina o sacrifício.”

— Os pais dela — falei.

— Sacrifícios, Hiram — disse ele. — Tremendos sacrifícios, do tipo que Raymond e Otha, e mesmo a nossa Moisés, nunca aprovariam e eu jamais pediria a eles. Isso foi por volta do momento em que eu conheci você. Eu estava no ramo do reconhecimento, sob a orientação do sr. Fields. Foi lá em Lockless que eu ouvi pela primeira vez as histórias de Santi Bess, mas, naquele momento, não fiz a conexão entre você, o menino com a memória insuperável, e a Condução. Lockless era, entre as casas antigas visadas pela Corrine, a única que tinha um herdeiro que nós achamos ser capazes de enganar com relativa facilidade. Mas, quando chegou mais perto, Corrine se deu conta de que a estação da Virgínia podia ganhar o controle não só de uma antiga propriedade do condado de Elm, mas de uma que poderia trazer grande força para o movimento.

— Mas vocês tinham Moisés — falei.

— Não, Hiram — disse ele. — Ninguém tem Moisés. Decerto não Corrine. Moisés tem as lealdades dela e estão ligadas com mais força à estação aqui da Filadélfia. Corrine estava à procura de um poder semelhante, mas ligado à Virgínia.

— Então está todo mundo limpo, né? Ninguém tem culpa?

— Não, Hiram. Ela não está limpa. Ela está certa. Já pensou no que fariam com ela se descobrissem o que ela faz? Você entende o que, particularmente, eles fariam com uma mulher como ela, que zombou de todos os princípios mais sagrados deles e procurou destruir todo o seu modo de vida?

A essa altura, tínhamos chegado à frente do escritório da rua Nove, onde eu morava. Só naquele momento me ocorreu que Bland havia me acompanhado até em casa. Olhei para ele, dei uma risada silenciosa e sacudi a cabeça.

— O quê? — perguntou ele. — Não podemos deixar você levar uma surra e ser capturado de novo.

Eu dei outra risada, dessa vez um pouco mais alta. Diante disso, Bland passou o braço pelo meu ombro e riu comigo.

NESSA NOITE, REPASSEI a pequena Condução que tinha tido na casa de Bland. O poder estava dentro de mim, mas não estava em minhas mãos, eu é que estava nas mãos do poder, porque quando ele se fazia presente, quando o brilho azul baixava e as cortinas de névoa caíam sobre mim, eu não passava de um passageiro em meu próprio corpo. Eu precisava entender e, para isso, precisava de alguém que já entendesse, e esse único alguém era Moisés.

Mas, antes, o destino de Lydia White e os filhos. No dia seguinte, eu, Bland, Otha e Raymond discutimos os vários meios para buscá-los.

— Precisamos de um conjunto de salvo-condutos — explicou Bland. — E eles precisam ser em nome desse homem, Daniel McKiernan. Foi ele que um dia foi dono de Otha e que agora detém sua família. Precisamos disso o mais exato possível, Hiram. Nosso agentes farão uma longa viagem e eles caem pelas menores coisas: estar na estrada em uma hora proibida por uma lei obscura, confundir o horário da balsa local ou simplesmente por má sorte.

— Posso fazer os salvo-condutos — disse eu. — Mas preciso de uma amostra original do estilo dele. Tantas quanto possível. Talvez os papéis de alforria de Otha?

— Não — respondeu Otha. — Isso não funciona. Houve uma intriga com outro homem para me comprarem do McKiernan e foi esse outro homem quem me deu os papéis.

— Tem outro jeito — falou Raymond. — Houve um tempo, não muito tempo atrás, que do outro lado do rio era legal ser dono de um homem. De certa forma, ainda é. Só que entre aqueles que mais tiravam vantagem da escravidão, havia um sujeito que foi muito importante pra minha família: Jedikiah Simpson. O sr. Simpson era dono de mim, da minha mãe, do meu pai, de Otha.

— Foi desse homem que a sua mãe fugiu? — perguntei. — Esse que vendeu Otha para o sul?

— Esse mesmo — disse Raymond. — O sr. Simpson já morreu faz tempo, mas o filho dele, Elon, tomou posse da propriedade. Ele também tem uma casa na cidade, ao norte da praça Washington. Por conta dessa riqueza, os círculos mais respeitáveis da cidade consideram Elon um cavalheiro. Mas nós sabemos que ele não é nada respeitável. Sabemos, por exemplo, que ele investia na escravidão vendendo escravos para o sul.

— Já cruzou com ele alguma vez? — perguntei.

— Não, ainda não — respondeu Raymond.

— Mas estamos de olho — disse Otha. — Tanto aqui na cidade quanto na casa dele no sul. E pelo que a gente sabe, Elon ainda faz negócios com Daniel McKiernan.

Todo mundo ficou quieto esperando para ver se eu havia entendido a trama. Não era necessário, porque ela já vinha tomando forma enquanto falavam. Então olhei para Otha e balancei a cabeça, confirmando minha compreensão.

— Uma carta, um recibo de venda, qualquer coisa — falei. — Só preciso de alguma correspondência entre Simpson e McKiernan. Uma invasão talvez?

— Não — disse Raymond. — Bland tem uma opção mais delicada.

Os três sorriam como crianças guardando um segredo.

— Me conte — falei.

— Que tal eu mostrar? — disse Bland.

E lá, me vi parado em uma viela com Bland, olhando para a rua iluminada pelos lampiões a gás, posicionados de tal forma que a rua não podia nos ver. Nossos olhos miravam a casa de Elon Simpson. Estávamos bem à beira da praça Washington, uma parte da cidade marcada por boas casas de pedra marrom com venezianas nas janelas e um parque que datava da fundação do local. Ali era a área da qualidade, o local dos nossos mortos.

Àquela altura, eu já tivera minha cota de leitura sobre a Filadélfia, portanto sabia que, em outros tempos, quando havia Tarefa na Pensilvânia, a cidade fora vítima de uma onda de febre. E entre os homens que combateram o surto estava Benjamin Rush, um médico famoso, sujeito difícil de defender, dada a teoria que formulou em defesa da cidade. Pessoas de cor eram imunes à febre, disse Rush à toda a Filadélfia, e, mais que imunes, sua simples presença podia alterar o

ar em si, pois absorviam o flagelo e o mantinham preso em seus fétidos corpos negros. E assim Tarefeiros foram trazidos às centenas pela alegada magia maléfica de seus corpos. Todos morreram. Quando a cidade começou a ficar cheia de cadáveres, os senhores procuraram um lugar longe dos brancos que sucumbiram à doença e escolheram um pedaço de terra isolado para nos enterrar em buracos. Anos depois, quando a febre foi esquecida, depois que a guerra deu origem a este novo estado, construíram fileiras de casas bem acabadas em cima dos mortos e puseram o nome de um general libertador em uma praça. Então me dei conta de que mesmo aqui, no norte livre, os luxos do mundo eram construídos em cima de nós.

— Como você veio parar nisso? — perguntei.

Estávamos ali havia horas, Bland e eu, vigiando a casa.

— Quer saber como um homem branco vai parar na Clandestinidade?

— Não. Você particularmente. Como você chegou nisso?

— Meu pai morreu quando eu era criança, e minha mãe não conseguia nos sustentar. Eu fiz o que pude. Trabalhava em qualquer emprego que aparecesse, mesmo naquela idade. Mas separaram Laura e eu e assim que tive idade suficiente fui para o mais longe possível da minha casa. Eu era um rapaz em busca de aventuras. Fui para o sul e lutei na guerra Seminole, algo que me transformou pra sempre. Vi queimarem acampamentos indígenas, fuzilarem inocentes e roubarem crianças. Percebi que as minhas lutas eram pequenas diante de outras causas maiores.

“Tomei consciência da minha falta de sofisticação quando percebi que não sabia o motivo pelo qual os homens lutam. Sempre tive curiosidade pelo mundo, mas não tive chance de estudar. Quando minha mãe morreu eu voltei pra casa, pra cuidar de Laura. Fui trabalhar nas docas, mas, sempre que tinha um tempo livre, podiam me encontrar nas salas de leitura da cidade. E foi nelas que descobri a causa da abolição e, por fim, a Clandestinidade. Trabalhei por todo o país: Ohio, Indiana, Massachusetts e depois Nova York, o que me pôs em contato com Corrine Quinn e, depois, com Lockless.”

Bland seguiria falando, mas, finalmente, o alvo da nossa vigilância apareceu. Um homem branco saiu da casa de Elon Simpson, parou na calçada e esperou. Bland puxou um charuto do casaco e acendeu. Deu uma baforada, virou-se para mim e, à luz da brasa, vi que sorriu. Ele então saiu da viela e parou na rua. O homem veio rapidamente na direção de Bland, que voltou para a viela. O sujeito, no entanto, o seguiu.

— Disseram que você estaria sozinho — falou o sujeito. — Disseram que seria rápido e fácil.

Por um minuto, me perguntei se aquele era o próprio Elon Simpson, mas mesmo no escuro vi que não estava vestido como um cavalheiro.

— Nada nessa vida é rápido e fácil, Chalmers — disse Bland. — Ao menos nada importante.

— É, bem... Eu fiz a minha parte — disse, entregando um pacote a Bland.

— A gente precisa dar uma olhada — avisou ele. — Vamos entrar.

— De jeito nenhum — disse Chalmers. — Rápido e fácil foi o que seu pessoal falou. Você já errou quando trouxe *ele* junto, agora quer que eu...

— Quero que você nos leve pra dentro — falou Bland. — É muito simples. Você prometeu papéis dirigidos a certa pessoa. Preciso verificar se esses papéis são o que você diz. Pra isso, preciso ler. Pra ler, preciso de luz, e a luz mais próxima é dentro da casa do seu patrão.

— O sr. Simpson não é meu patrão — disse Chalmers, com raiva.

— Tem razão, não é. Eu é que sou. E você vai entrar com a gente pra conferir o material. Caso contrário, vamos mandar os nossos papéis pra esse homem, esse Elon Simpson, que não é seu patrão. E nossos papéis vão revelar a natureza exata de todos os passeios que você parece ter o hábito de fazer sozinho, regularmente, com a irmã dele sempre que ela visita a cidade. Tenho certeza que Simpson vai gostar muito de saber que você decidiu transformar o escândalo da família dele em trabalho.

Estava escuro demais para ver a expressão dele, mas Chalmers deu um passo para trás. Imaginei o que ele podia estar sentindo naquele momento, o impulso de fugir. Talvez estivesse com todos os seus pertences já arrumados. Talvez essa irmã já tivesse sido alertada. Ou talvez não, e ele simplesmente a deixaria sofrer as consequências do ocorrido. Talvez houvesse uma carruagem à sua espera que o levaria aos misericordiosos braços de sua família mais ao norte. Ou talvez ele fosse se aventurar pelo Oregon da minha imaginação, ou adotar a companhia livre dos marinheiros que eu adorava.

— Pense bem, Chalmers — falou Micajah Bland. — Você pode criar problemas com um cavalheiro de vastos recursos. Ou pode nos levar pra dentro. Ninguém precisa saber, pode ser tudo como um sonho. Ninguém precisa ter ideia disso, como eu disse. Fica entre nós. Podemos terminar agora mesmo. Rápido e fácil.

Chalmers hesitou por um momento e começou a voltar para a casa. Fomos atrás dele, subimos a escada, entramos no vestíbulo, passamos pela sala e chegamos aos fundos, onde ficava o escritório de Elon Simpson. Chalmers acendeu o lampião e Bland sentou à mesa para ler. Havia vários papéis no pacote e Bland os folheou rapidamente.

— Não — disse ele. — Nenhum serve. Nenhum.

— Disseram que você precisava de alguns papéis do sr. Simpson — falou Chalmers. — Me disseram que, fazendo isso, eu estaria livre.

— Não, acho que disseram muito mais coisas — respondeu Bland. — Você se deu ao trabalho de ver a quem esses papéis eram dirigidos?

— Disseram pra trazer esses papéis para você. E foi o que eu fiz.

— Bem — disse Bland —, vamos precisar de mais.

Bland fez um gesto de cabeça em minha direção, levantou-se e começou a inspecionar a sala com a ajuda do lampião. Como eu sabia o meu papel, sentei à mesa e comecei a olhar nas gavetas. Folheei um diário pessoal, examinei cartas a conhecidos, convites, mas não encontrei nada com endereço ou recibo de McKiernan. De repente, vi que Bland estava concentrado em um pequeno baú de carvalho no canto. Ajoelhado, ele esfregou o fecho de ferro com a mão. Depois ficou de pé, vasculhou o bolso e tirou um estojo pequeno e, do estojo, um arame. Ele trabalhou no fecho e olhou para Chalmers que, sentado em uma cadeira de espaldar alto, parecia agitado, nervoso. Bland mexeu no fecho durante um ou dois minutos, depois olhou para Chalmers e sorriu quando a tampa do baú se abriu com um rangido.

Bland tirou dali uma grande pilha bem arrumada de envelopes abertos e colocou-a sobre a mesa. Assim que comecei a separá-los, ficou claro que eram cartas de um tipo diferente de comunicação. Registros de transações, de compra e venda de pessoas. O volume de negócios era grande e deixava claro que esse comércio era a raiz da riqueza de Elon Simpson. Eu nunca tinha visto nenhum Simpson, nem pai, nem filho, mas não pude deixar de imaginar que o filho estava entre a ualidade do norte, apresentava-se como um homem de sociedade, de boa criação, com relações e negócios respeitáveis. Mas trancada na gaveta debaixo daquele baú estavam provas de sua vida escusa, provas de um grande crime, provas de sua filiação a uma sociedade suja, que subscrevia aquela casa opulenta que era, ela própria, construída sobre um vasto túmulo no coração de uma cidade pretensamente sem escravos.

Peguei todas as cartas a Simpson. Havia várias. Quanto mais amostras eu tivesse, melhor.

— Mas ele vai dar falta disso — protestou Chalmers.

— Só se você contar — disse Bland.

Chalmers nos acompanhou até a porta.

— Alguém vai entrar em contato com você na semana que vem. Sabemos de fonte segura que o sr. Simpson, que não é seu patrão, não vai voltar até lá. Essas serão devolvidas, então você vai recolocar todas no baú e trancar — disse Bland. — E aí estará quite conosco. Rápido e fácil.

Levei só dois dias para escrever os salvo-condutos e algumas cartas atestando as referências de Bland em algumas das regiões mais traiçoeiras por onde ele tinha viajado. Devolvemos os documentos para Chalmers um dia depois e nunca mais ouvimos falar dele. Mesmo quando aconteceram as coisas que aconteceram, nunca nada foi atribuído a Raymond, Otha ou qualquer outra pessoa da nossa estação. Bland foi para o Alabama logo depois e nem pude me despedir. Muito raramente tive o direito de me despedir, mas dessa vez me pareceu mais significativo, já que o plano todo me foi revelado por ele.

Seria o resgate mais ousado que qualquer um havia tentado na Filadélfia. O plano era enviar Bland para oeste, onde ele se abrigaria com um dos agentes mais capacitados de Cincinnati. Ele percorreria o rio Ohio em busca de algum porto adequado, fosse em Indiana ou Illinois. Quando tivesse encontrado, Bland então se aventuraria mais fundo na terra escrava, até o cerne do caixão: Florence, Alabama, onde faria contato com Hank Pearson, um velho amigo de Otha, ainda na propriedade de McKiernan. Hank então traria Lydia, que reconheceria Bland por um xale que ela deixara com Otha como lembrança. Posando de senhor, Bland levaria a família para a liberdade. Caso se separassem, os salvo-condutos garantiriam a Lydia e seus filhos o direito de seguirem viagem. Não apenas o passo a passo do plano era ousado, mas também seu ritmo. Era começo de agosto, ainda longe das noites de inverno que, parecendo infinitas, ofereciam muita cobertura a um agente da Clandestinidade. Só que ele precisava ser realizado de imediato, porque diziam que McKiernan estava passando por dificuldades e poderia, a qualquer momento, começar a vender mais gente. Se isso acontecesse, nossas informações e planos estariam perdidos.

ESTÁVAMOS NO FIM do verão, a estação mais lenta para resgates, de forma que tínhamos pouco a fazer além de esperar notícias da missão de Bland. Mas, para nossa sorte, o momento coincidiu com a reunião anual de todos que lutavam na guerra aberta e legítima contra a escravidão: cidadãos conscientes que, através de jornais, oratória e deliberações, combatiam em prol da abolição. Nós, da Clandestinidade, lutávamos uma guerra secreta, encoberta, mística, violenta, mas éramos secretamente aliados à guerra aberta, e a reunião de agosto era o único momento em que nossas duas facções, convocadas pelo país inteiro, podiam se encontrar. A perspectiva de uma reunião com a Virgínia, com Corrine, me deixava muito apreensivo. Depois da partida de Bland, começamos nossos preparativos, e, duas semanas depois, partimos — Raymond, Otha e eu — a bordo de uma diligência particular. Sendo assim, enquanto Bland seguia rumo ao sul, nós seguíamos mais para o norte, para a região montanhosa do estado de Nova York.

Eu começava a entender que Raymond e Otha lutavam em ambos os lados da guerra, que eram luminares entre os abolicionistas ao mesmo tempo em que também operavam os negócios mais sombrios para os quais eu fora convocado. Nenhuma estação a leste do Mississippi conduzia mais gente de cor para a liberdade do que aqueles levados via Filadélfia. Somada a essa fama estava a odisseia de Otha desde as profundezas do Alabama e da orfandade rumo aos braços esperançosos de sua família. Mas, na segunda noite de nossa viagem, juntou-se a nós alguém cuja estatura nos sobrepujava a todos. Moisés.

Eu agora a conhecia. Não apenas a criatura lendária, mas através de vários feitos detalhados nos arquivos de Raymond. Mesmo assim, quando embarcou na carruagem com a aura de todas as suas aventuras, fiquei tão assombrado que mal consegui cumprimentá-la. Ela trocou amenidades com Raymond, balançou a cabeça para Otha e depois pôs os olhos em mim.

— Como está indo, amigo? — perguntou.

Levei um minuto para me lembrar que, quando ela me viu pela última vez, eu estava me recuperando do ataque dos Cães.

— Bem — respondi.

Ela segurava uma bengala como na noite em que eu a tinha visto na floresta e agora, à luz do dia, vi que o objeto tinha uma série de entalhes e glifos. Ela viu que eu estudava a bengala e disse:

— Minha companheira fiel, tirada de um galho de liquidâmbar. Vai comigo onde eu for.

A carruagem seguia e para mim era difícil não encarar Moisés. Mesmo sem o seu poder de Condução, ela era a agente mais ousada da Clandestinidade. Eu tinha visto bastante do mundo, lido bastante os arquivos de Raymond, para saber que a alma daquela mulher tinha cicatrizes, mas, ainda assim, ela não se alquebrara ante ao pior da escravidão. E relembrei o tempo que passei enterrado no buraco, o tempo que passei na cadeia e aquelas noites em que fui caçado. Talvez eu tivesse precisado disso. Talvez eu tivesse de ver mais coisas assim para entender por mim mesmo como as coisas podiam ser realmente baixas e perversas. Raymond chamou essa mulher de Harriet, e ela disse que preferia ser chamada assim mais do que por qualquer um de seus outros títulos. Ele prestou a ela todo o respeito que um soldado deve prestar a um grande general, respondeu às perguntas dela e fez poucas por sua vez, atento o tempo todo, embora ela raramente solicitasse alguma coisa.

Um dia depois, chegamos na Convenção, um acampamento aninhado em uma clareia não muito distante da fronteira com o Canadá. A terra pertencia a um dos grandes benfeitores da Clandestinidade que dizia ter planos para estabelecer uma comunidade de gente de cor que trabalharia apenas em benefício próprio. A chuva tinha começado um dia antes da nossa chegada e, enquanto descarregávamos a carruagem, nossas botinas se encheram de água. Acampamos nos limites da campina, em um ponto mais elevado, e depois dispersamos, cada um para um lado.

Avistei barracas manchadas de lama até o limiar da floresta e depois, caminhando entre elas, vi os participantes em um debate bem-humorado. Nas barracas maiores, oradores de reforma pregavam sua causa em tablados improvisados. Esses homens adoravam espetáculo e pareciam competir entre si para trazer seguidores à sua causa. Passei pela multidão de ouvintes e parei diante de um homem branco com calça de lona e cartola que, naquele momento, chorava incontrolavelmente na manga do paletó. Em meio às lágrimas, ele

mantinha a plateia atenta com uma história sobre a maneira como o rum e a cerveja tinham tirado dele casa e família, até sobrar apenas a roupa que vestia naquele momento. Ele alegava estar decidido a se recuperar, a continuar vestido com aquele mesmo traje até a maldição dos espíritos ser purgada da terra.

Segui em frente e parei diante de outro grupo. Duas mulheres, ambas de macacão e cabeça raspada, pregavam sobre os direitos das mulheres virem a ser iguais aos direitos dos homens, em todas as esferas. O tom e o volume de suas vozes crescia até não poupar nem mesmo a plateia reunida, porque as duas agora afirmavam que, enquanto nós também não resolvêssemos assumir a causa do sufrágio naquela mesma assembleia, seríamos cúmplices naquela vasta conspiração de pilhar metade do mundo.

E ao avançar até outra barraca, onde um homem branco estava ao lado de um índio em roupa tradicional, me dei conta de que essa pilhagem continuava. O homem branco falava das grandes depredações que tinha visto, das iniquidades às quais se comprometiam georgianos, carolinianos e virginianos em nome da terra. E então entendi o que seria feito ali, como o pecado do roubo se multiplicaria pelo pecado da servidão.

Ainda mais longe avistei uma fila de crianças atrás de um homem que protestava contra as fábricas daquela região. As crianças haviam sido vendidas para trabalhar no lugar de pais que não tinham mais condições de sustentá-las, até serem beneficiadas pela sociedade que o homem representava. Unicamente através desses esforços de caridade, as crianças seriam levadas à escola e resgatadas dos males do capital. Esse argumento, descobri, era parente de outro proferido pelos sindicalistas, que insistiam que o provento de todas as fábricas fosse retirado de seus donos endinheirados e dado àqueles que trabalhavam por ele.

E, em um grupo ainda mais adiante, ouvi outro argumento relacionado, construído naquele mesmo dia, de que as fábricas deviam ser totalmente rejeitadas, que a sociedade virasse letra-morta e que homens e mulheres se organizassem em novas comunidades onde todos trabalhassem juntos e fossem donos de tudo em comum. Mas nem mesmo isso era o pináculo do radicalismo da Convenção. No limite mais extremo do acampamento, um solteirão insistia que eu e todo mundo recusasse os laços do matrimônio, que era em si uma espécie de propriedade, um tipo de escravidão, para nos aliar à doutrina do “amor livre”.

A manhã chegava ao fim. O sol brilhava no céu sem nuvens de agosto. Enxuguei a testa na manga do paletó e sentei por um momento no toco de uma

árvore, longe do burburinho dos participantes e das barracas. Era muita coisa para processar, toda uma universidade naquele gramado. Novas maneiras de ser, novas ideias de liberação agora parte de mim. Um ano antes eu teria rejeitado todas. Agora, no entanto, já tinha visto muita coisa, muito mais do que tudo que estava nos livros da biblioteca de meu pai. Onde iria terminar? Eu não sabia dizer, e esse fato ao mesmo tempo me doía e me enchia de alegria.

Quando ergui os olhos, vi uma mulher mais ou menos da minha idade parada junto ao acampamento de onde eu tinha acabado de sair. Ela me olhava com atenção. Quando nossos olhos se encontraram, ela sorriu e se aproximou diretamente. O rosto era de um marrom delicado, emoldurado por um denso cabelo preto que descia pelas faces e depois para os ombros.

Fiquei de pé por respeito e, nisso, o sorriso dela desapareceu. Ela me examinou dos pés à cabeça, como se quisesse se certificar de algo e depois disse a última coisa que eu esperava ouvir.

— Como vai, Hi?

Se tivesse ouvido isso em algum outro lugar, em outras circunstâncias, teria sido um alívio, pois eu me encheria de lembranças de casa. E eu estava cheio de lembranças de casa, a casa que eu gostaria que fosse acorrentada e puxada até ali. Na mesma hora várias questões me vieram à mente, a primeira das quais era onde aquela mulher tinha ouvido o meu nome.

— Tudo bem — disse ela. — Vai ficar tudo bem agora.

Ela então estendeu a mão e disse:

— Meu nome é Kessiah.

Não aceitei sua saudação, mas ela continuou, sem registrar meu silêncio como insulto.

— Sou da sua terra, do condado de Elm, na Virgínia. Lockless. Você não se lembra de mim. Se lembra de tudo, mas não de mim. Tudo bem. Eu cuidava de você quando era bebê. Sua mãe sempre deixava você comigo quando tinha que...

— Quem?

— Sua mãe, Momma Rose, a gente chamava. Ela deixava você comigo. E pelo que ouvi dizer, você conhece a minha mãe. Ela se chama Thena. Perdeu os filhos faz alguns anos. Todos os cinco vendidos na pista de corrida de Starfall, mandados pra Deus sabe onde. Mas agora eu estou aqui com a Clandestinidade e ouvi dizer que tinha alguém que também estava aqui, que veio do mesmo jeito que eu, e disseram que era você.

— Podemos caminhar? — perguntei.

— Claro que sim — respondeu ela.

Eu a levei para longe da Convenção, para a parte mais externa do gramado, em solo mais alto, onde tínhamos amarrado a carruagem e armado nossas barracas. Ajudei Kessiah a subir e então subi também e me sentei ao lado dela.

— É verdade — disse ela com o olhar à frente. — É tudo verdade. Posso contar como aconteceu, se quiser.

— Com toda certeza, quero sim — falei.

— Bem, é como eu disse, sabe? Sou filha de Thena, a filha mais velha. A gente morava na Rua e tenho algumas lembranças lindas daquela época. Meu pai era um homem importante naquele tempo, chefe de uma equipe do tabaco e isso quer dizer que ele era tão importante quanto um Tarefeiro pode ser.

“Nossa casa ficava no fim da Rua, separada das outras. Era maior também. Eu achava que isso era por causa do meu pai e da estima dos superiores por ele. Meu pai era um homem bruto. Eu me lembro que ele não falava muito, e também que, quando alguém da qualidade vinha falar com ele, se dirigiam com um respeito que não tinham por nenhum outro Tarefeiro.”

Kessiah fez uma pausa com um ar de compreensão e voltou a falar:

— Ou talvez seja tudo coisa da minha cabeça. Talvez seja a memória de uma criança tentando assimilar as coisas como eu gostaria que fossem. Não sei. Mas é assim que eu lembro, sabe? Eu me lembro das brincadeiras que a gente fazia. Das bolinhas de gude. Do bilboquê. De brincar de lenço atrás e Cavaleiro do Apito. Mas me lembro principalmente da minha mãe que era a mulher mais boa e amorosa que já conheci. Aos domingos ficávamos nós cinco deitados no colo dela, como gatinhos. Meu pai era um homem rude como eu disse, mas, mesmo naquela época, eu sabia que alguma coisa nele protegia a gente, que ele estava fazendo alguma coisa, ou tinha feito, pra gente ter aquela casa no fim da Rua. Tinha um jardim nos fundos, nossas próprias camélias. E minha vida era essa.

Kessiah olhava para as barracas que tínhamos acabado de deixar para trás, perdida em sua divagação. Eu estava perdido na minha, pensava em Thena, tantos anos atrás, dando baforadas do cachimbo, lembrando-se do homem que amava, Big John. Parecia incrível que aquela Kessiah pudesse ser filha deles, que pudesse estar bem ali.

— Mas eu cresci e logo me puseram para trabalhar, primeiro levando água para o pessoal no campo, depois nos campos mesmo. Mas eu não ligava, meus amigos todos também estavam lá e eu ficava perto do meu pai. Era trabalho duro, isso eu sabia, mas sempre gostei de trabalhar, foi isso que me trouxe aqui

pra Clandestinidade. Mas, naquela época, meu mundo era os campos e a Rua, e na Rua foi que eu conheci você, Hi, e também sua mãe e sua tia Emma. Nos fins de semana, o pessoal mais velho ia pra floresta pra fazer as dancinhas deles e me deixavam cuidando dos bebês. Você era um deles. Não é surpresa pra mim encontrar você aqui, sabe. Você sempre foi diferente. Ficava só observando tudo e, quando vi você aqui, pensei que não tinha mudado, continuava observando. Pra mim é uma bênção rever você aqui, tão longe da Tarefa.

“Era um tempo tão diferente. E me surpreende, me envergonha quase, dizer que fui feliz lá, mas acredito que fui durante um tempo e lembro quando a sensação mudou. Foi quando meu pai ficou doente. Febre, sabe? Isso pegou a minha mãe de jeito. Ela permaneceu carinhosa como sempre, mas estava muito injuriada com a situação. Chorava toda noite e chamava a gente: ‘Entrem, venham descansar com a mamãe’, ela dizia e então, nós todos, novinhos, deitávamos lá com ela e ela só chorava, e todo mundo chorava junto. Mas uma coisa eu digo, Hi, isso não era nada comparado com o que viria depois. Quando meu pai morreu, a gente pelo menos tinha um ao outro. Mas não demorou muito pra não termos nem isso, como se todo mundo tivesse morrido um para o outro, como se todo mundo estivesse morto, condenado a um inferno diferente.”

Kessiah então virou para mim e disse:

— Dizem que você conheceu um pouco a minha mãe.

Fiz que sim e não pretendia dizer mais nada, porque ainda não conseguia aceitar inteiramente a história. Mas vi que Kessiah me olhava com uma expectativa que eu conhecia bem.

— Ela não era exatamente como você diz — falei. — Mas acredito que seja a mesma mulher. E ainda mais, acredito que tinha razão para ser como era, como eu a conheci. Mas acho que isso não tem importância, porque o que interessa é que ela foi boa para mim. Para mim Thena era a melhor parte de Lockless.

Kessiah levou as mãos em concha ao rosto, para cobrir o nariz e a boca e chorou suavemente, baixinho.

E então disse:

— Então você sabe da pista de corrida?

— Sei — respondi.

— Imagine só. Todos nós, meus irmãos e minhas irmãs, levados e vendidos. Sabe que nunca mais vi nenhum deles? Sabe o quanto eu procurei? Mas tantos

deles já foram embora, Hi. Como água escorrendo por entre os dedos. Foram embora.

— Eu... eu sei. Antes não sabia de fato, mas agora sei. Sua mãe tentou me dizer. Eu nem sempre entendia porque ela me tratava daquele jeito. Mas agora faz sentido.

— Disseram que seu pai era um homem branco.

— Era — confirmei.

— Isso não salvou você, né?

— Não. Não salva nenhum de nós.

— Não, não salva. E eu estou aqui na sua frente só por acaso. A maior parte dos meus parentes foi levada pra Natchez, mas eu fui pra Maryland, me puseram pra trabalhar de lenhadora, e não muito depois conheci um homem, John, e a gente se gostou. John era liberto e trabalhava por salário. O plano dele era me comprar pra eu viver livre também.

“Lenhador era trabalho duro, mas encontrei uma família ali pra mim. Eu me reformei pra essa vida nova, me reformei em torno desse homem e cheguei perto de ser feliz. Eu sabia que nunca mais seria garota. Sabia que estava marcada de um jeito muito bruto por tudo que tinha acontecido antes. Mas encontrei uma coisa, e justo quando encontrei, Hi, eles fizeram de tudo para me colocar direto no cepo outra vez. Só que a essa altura eu tinha uma coisa pra eles, sabe? Eu tinha me casado com alguém de uma família especial, e entre esses parentes havia uma pessoa que você conhece como Moisés.”

E Kessiah agora ria para si mesma ao pensar nisso.

— Você devia ter visto. Eu e John, a gente tinha se despedido. Tinha sido muito difícil. E aí ele aparece no leilão e começa a dar lances. Meu coração fica doido porque a disputa é ele e um sujeito lá do Texas. A coisa vai e volta, até que John olha para mim com os olhos mais tristes do mundo, e eu entendo que ele perdeu e o Texas ganhou. O Texas paga e me tranca em uma cela. Você tinha que ouvir John e as intenções dele. Era tão altivo e poderoso. “O sol vai nascer”, ele me dizia. Ah! O sol. Ele não sabe de nada. O sol veio, é claro. Mas Moisés chegou antes.

Moisés, pensei. Condução.

Então Kessiah olhou para mim.

— Era um plano, sabe? Eles deram os lances mais altos que podiam. Fizeram o homem pagar e me levar. Mas, meu Deus, depois de ver isso, depois de ver o que Moisés tinha feito com eles, eu não podia voltar pra vida. Não depois de

todo o inferno que tinham feito comigo. Pensei em como foi bom dar o troco até certo ponto. Pensei em todas as minhas dores e em quantas mulheres como eu existiam. Depois disso, tudo que eu queria era estar na Clandestinidade.

“Estou com Moisés desde então. Foi assim que fiquei sabendo de você, Hi. Um rapaz, me disseram, que veio da Virgínia, do condado de Elm, *o meu condado*. Comecei a investigar, ouvi o seu nome. Eu não conseguia acreditar, mas, meu Deus, era mesmo verdade. Assim que vi você aqui andando e olhando, eu soube que era.”

Ela então se jogou em cima de mim e me abraçou. Quando fez isso, para minha grande surpresa, me senti enternecido. Eu estava longe de casa havia tanto tempo. E ali estava eu com lembranças, com outra pessoa que tinha feito o mesmo caminho. Estava ficando tarde e nós dois precisávamos encontrar nosso pessoal. Levantamos, nos abraçamos de novo e ela disse:

— Vamos ter mais tempo, você e eu. Vamos ter mais dias aqui.

Então olhou para mim e falou:

— Ah, nossa, não sei como pude me esquecer de perguntar, falei tanto de mim. Como está Momma Rose? Como está a sua mãe?

★ ★ ★

L de novo entre as barracas e vi que as pregações tinham dado lugar a diversões. Malabaristas jogavam frutas e garrafas uns para os outros. Equilibristas que tinham estendido um cabo fino no topo de duas árvores atravessavam uma vez e depois voltavam, dançando e cantando. Acrobatas se jogavam, se retorciam e saltavam no ar.

E como ia minha mãe? Como ia Momma Rose? Eu ainda não tinha lembranças dela, apenas histórias recolhidas de gente que, como Kessiah, a conheceram no passado, de forma que, quando eu pensava nela, era como uma cena esboçada de algum mito antigo, não era o mesmo jeito com que eu me lembrava de Sophia ou de Thena. Thena nunca foi mais viva para mim do que naquele momento com Kessiah, as lembranças da filha misturadas às minhas. E senti que eu agora entendia tanto que eu sabia por que Thena tinha sido tão dura comigo. Sua afirmação: *Eu sou mais sua mãe parada aqui agora do que aquele branco em cima do cavalo é seu pai.*

Nos reunimos para o jantar, Otha, Raymond, Kessiah, Moisés e eu, e depois, com o sol já baixo no céu, um grupo de gente de cor se reuniu em torno de uma fogueira. Começaram, com as vozes mais lentas e mais fascinantes, a cantar as canções que só podiam ser feitas no caixão. Eu nunca mais tinha ouvido aquelas canções desde que fui embora, e ali, naquele momento, senti que me puxavam, me senti oscilar no calor de agosto. Eram coisas demais para processar. Eu levantei e fui caminhar, sozinho com meus pensamentos, pelas passagens lamacentas entre as fileiras de barracas.

Então me sentei em um trecho de grama seca logo depois das barracas, de onde ainda podia ouvir as pessoas cantando ao longe. Estava tonto com aquele dia: Kessiah, as lembranças de Thena e Big John, as discussões e ideias sobre mulheres, crianças, trabalho, terra, família e riqueza. Analisar a Tarefa me revelava não apenas os males particulares da Virgínia, do meu velho mundo, mas também a grande necessidade de um mundo inteiramente novo. A escravidão era a raiz de toda a luta. Pois diziam que as fábricas escravizavam os braços das crianças, que dar à luz escravizava os corpos das mulheres e que o rum escravizava a alma dos homens. Naquele momento, através daquele torvelinho de ideias, entendi que a guerra secreta se travava contra algo maior que os senhores da Tarefa da Virgínia, que buscávamos não apenas melhorar o mundo, mas refazê-lo.

Fui arrancado desses pensamentos por um homem que vagava ali por perto. Esse mensageiro me saudou e entregou uma carta com um selo que reconheci de imediato como a marca de Micajah Bland. Meu coração deu um pulo. Meu maior desejo era abrir a carta, mas aquilo dizia respeito à família de Otha e ele devia ser o primeiro a entender seu destino. Encontrei-o com Raymond, ainda perto da fogueira, ainda enlevado pelas canções que ressoavam. Entreguei a carta a Raymond, que era melhor leitor. No rosto de Otha, aceso com o brilho da fogueira, vi todo o tremor que se poderia esperar. Mas então Raymond sorriu e disse:

— Micajah Bland já está com a Lydia e os filhos. Saíram do Alabama. No momento desta carta, estavam atravessando Indiana.

— Meu Deus — disse Otha. — Meu Deus.

Virou-se para mim e disse:

— Vai acontecer. Depois de todos esses anos, minha Lydia, meus meninos, todos, meu Deus, queria que Lambert tivesse vivido pra ver isso.

Otha então se virou para Raymond e caiu em prantos. Raymond rompeu sua costumeira máscara solene e abraçou o outro com força enquanto choravam. Eu me afastei. Tomados por um dia com mais assombros do que eu podia calcular, achei que precisavam de um tempo.

UM DIA SONHEI mandar em Lockless, como meu pai tinha feito, e é duro dizer isso, que era o meu sonho, mesmo que eu não pensasse assim totalmente. Mas eu havia encontrado a Clandestinidade, ou a Clandestinidade havia me encontrado, e por esse fato eu estava feliz finalmente. Na Clandestinidade, encontrei sentido. Em Raymond White, em Otha, em Bland, encontrei família. E agora em Kessiah, eu sentia ter encontrado uma parte perdida de mim mesmo.

Na manhã seguinte, depois de mais um dia de pregação e divertimento, resolvi caminhar pela floresta, até o alto do morro acima do campo, e foi lá que a vi Moisés sentada em uma grande pedra, de pernas dobradas. Estava imóvel, em paz, e achei que talvez devesse deixá-la com seus pensamentos. Quando comecei a me afastar, no entanto, ouvi a voz dela no ar tranquilo da noite.

— Noite — cumprimentou.

Virei-me e vi que ela, na verdade, vinha em minha direção, os olhos fixos na minha cabeça. Quando chegou perto, estendeu a mão para tocar o ponto onde eu tinha levado o golpe dos Cães. Depois se afastou sorrindo e disse:

— Eu sabia que a gente teria nosso momento de conversar e é bom que seja aqui, longe deles. Ouvi falar muito de você — disse ela. — E aí Kessiah me disse que ontem mesmo vocês conversaram.

— É — concordei. — Por acaso eu e ela somos do mesmo lugar.

— Uhum, ela me disse. Bom ver alguém da nossa terra, né? Dá uma sensação de raiz. Deve ser difícil pra você estar tão longe das suas raízes.

— E não estamos todos? — perguntei.

— Não — respondeu ela. — Eu vou para a minha terra quase sempre, mesmo que os senhores preferissem que fosse diferente. Trabalho nesse lugar que é o lugar que mais conheço, a costa distante de Maryland, a minha terra. Algum dia hei de voltar pra lá definitivamente, mas não assim, não como agente, mas ao sol claro, aberto. Enquanto isso, vou lá quase sempre e é bom voltar, é bom lembrar.

— Eu me lembro de muita coisa — falei.

— Sei que sim. Pelo que eu soube, seu talento é tanto que você trabalha tão bem na casa da Filadélfia quanto trabalhava nos campos da Virgínia. E ouvi cochicharem por aí que você, em especial, é capaz de trabalhar ainda mais.

— Ouvi dizer isso também. Mas sempre como cavalo, nunca como sela.

— Hum — disse ela. — Dê tempo ao tempo.

— Acho que não depende realmente de mim. Quero o meu povo livre, mas entendo. É tanta gente. E consigo ver todos agora.

— Ah, fico contente de ouvir isso — disse ela.

Moisés tinha um sorriso matreiro no rosto. Naquele momento eu senti, eu soube, na verdade, que tinha me vinculado a alguma coisa.

— O negócio é o seguinte, meu amigo, eu trabalho em pequena escala e sozinha. Sigo no meu próprio ritmo e conto apenas com a minha vigilância. Mas pra este trabalho, preciso de um homem que corra pelo menos tão bem quanto escreve, e me disseram que você é um dos poucos qualificados deste lado da Clandestinidade.

— Não sei como você poderia precisar da minha ajuda. Porque sei que chamam você de Moisés. E esse nome vem de um poder majestoso, não?

— Majestoso... Uma palavra grande pra uma coisa tão simples.

— Mas as histórias — falei. — Eu sei o que contam. Moisés amansava bois quando garota e arava o campo feito um homem. Moisés fala com os lobos. Moisés trouxe as nuvens para a terra. Facas derretem na roupa da Moisés. Chicotes viram cinza na mão do feitor.

Ela riu.

— É isso que dizem?

— Isso e muito mais.

— Bem, vou falar uma coisa: meus métodos não estão à disposição. É a Clandestinidade, não a Oficialidade. Isso não é um espetáculo. Não faço anúncios como Box Brown. Diante de alguma coisa que não conseguem entender, as pessoas têm a tendência de falar e também de aumentar aquilo que viram. Seja como for, entenda que falar não vem de mim. Eu não falo mais do que o necessário e deixo pras pessoas o floreado e as grandes histórias. Quanto a nomes, eu atendo por um: Harriet.

— Então, nada de Condução?

— Palavras grandiosas... — disse ela. — Eu só quero saber se você está pronto pra trabalhar. Eu vou voltar pra casa e me recomendaram você como

alguém capaz de aguentar bem o tranco. Então quer trabalhar ou quer passar o tempo me interrogando?

— Claro que quero trabalhar. Quando vamos embora e quem eu tenho que procurar?

Só então ouvi a ansiedade em minha própria voz, o desejo poderoso de trabalhar com aquela mulher sobre a qual eu tinha ouvido tantas histórias.

— Desculpe — falei. — Estou pronto a hora que quiser.

— Volte para o acampamento — disse ela. — Aproveite o espetáculo.

Ela então voltou para sua pedra e ao se afastar de mim disse:

— Nós iremos logo. Quem sabe até consiga fazer de você a sela.

★ ★ ★

Não sei exatamente, mas lembro-me com o som de uma grande comoção diante da barraca. Ouvi a voz de Otha em uma espécie de histeria. Então ouvi Raymond e alguns outros que não reconheci. Tentavam acalmá-lo e acho que naquele momento eu devo ter entendido, porque qualquer que fosse o problema, Otha não era dado a essas comoções. Alguma coisa horrível devia ter acontecido. Saí da barraca. Mal havia amanhecido, mas dava para ver claramente a cabeça de Otha enterrada no ombro do irmão. Ele cambaleava, mal conseguia ficar de pé.

Raymond me viu primeiro. Arregalou os olhos e sacudiu a cabeça. Otha talvez tenha sentido a minha presença, porque se afastou do irmão e virou-se para mim. Vi todo um funeral na minha frente.

— Você ficou sabendo? — perguntou ele para mim. — Ouviu dizer o que eles fizeram?

Não respondi.

— Hiram — disse Raymond. — Depois a gente pode explicar tudo. Temos que...

Com isso Raymond apenas balançou a cabeça, incapaz de acreditar, e tentou levar Otha embora.

— Vamos, Otha — disse ele. — Vamos...

— Vamos aonde? — perguntou Otha. — Aonde a gente pode ir, Raymond? Fazer o quê? Acabou. Você não entende que acabou? Ele estão com a Lydia no caixão. Aonde a gente pode ir? Bland está morto. Aonde qualquer um de nós pode ir?

Então Otha virou-se para mim.

— Ouviu, Hiram? — perguntou, e vi que seu rosto tinha passado da dor para a raiva. — Ouviu o que eles fizeram? Mataram ele. Acorrentaram, bateram na cabeça dele e jogaram no rio.

Otha caiu em prantos ao dizer isso e Raymond e vários outros o afastaram da barraca. A princípio, ele quis socar todo mundo. Gritou, uivou, chutou, até ser dominado por Raymond. Então o levaram quase carregado, seus gritos ecoando sem parar:

— Ouviu o que eles fizeram? Bland está na água! E o que a gente vai fazer agora?

Fiquei ali imóvel até perdê-los de vista. E continuei ali, completamente mudo. Momentos depois notei uma comoção ao meu redor. A notícia tinha se espalhado pelo acampamento. As pessoas conversavam em grupos, e esses grupos se espalhavam para propagar qualquer rumor ou informação que tivessem ouvido sobre o destino de Micajah Bland. Então olhei para baixo e vi uma bolsa, não longe de onde Otha e Raymond tinham estado. Por instinto, peguei-a e levei para a barraca. Dentro dela havia uma coleção de jornais detalhando a história de Micajah Bland e Lydia White. O primeiro exemplar contava a história: “Negros fugidos capturados.” O segundo confirmava que era de fato a família de Otha White. Minhas mãos tremiam quando li o terceiro: “Ladrão de negros devolvido ao Alabama.” Então, por fim, um despacho do agente de Indiana, escrito com grande tristeza, comunicava a notícia: o corpo de Micajah Bland dera à margem pela manhã. Cabeça afundada. Mãos acorrentadas às costas.

A essa altura, eu estava treinado para compartimentar o sofrimento. Então, naquele momento pensei não em Bland, mas na simples missão de entregar aqueles papéis para Raymond e Otha. Caminhei entre a multidão. Algumas pessoas, as que sabiam da minha filiação à estação da Filadélfia, tentaram me parar e perguntar o que eu sabia. Eu as ignorei e procurei entre as barracas algum indício de para onde podiam ter levado Otha. Avistei alguns agentes da Clandestinidade do oeste diante de uma barraca. Um deles acenou para mim:

— Aqui — disse ele.

Então um deles ergueu a lona e, quando entrei, vi Otha sentado com Raymond. Ele estava menos agitado, embora ainda fervesse de raiva. Alguns outros reconheci como claramente mais velhos dentro da vaga liderança da

Clandestinidade. Harriet também estava lá, mas, o mais chocante foi ver, calmamente sentada, Corrine uinn.

Não houve muito tempo para pesar sua presença. A conversa parou quando entrei.

— Desculpe interromper — falei e fui até Raymond —, mas achei que você podia precisar disto aqui.

Raymond me agradeceu e saí para que a reunião pudesse continuar. Fui para longe do acampamento, de volta à floresta onde havia encontrado Harriet no dia anterior. Fiquei lá sentado, na mesma pedra em que Harriet se sentara. Será que eu seria capaz de abrir uma porta bem ali na floresta? Será que conseguiria puxar os campos do Alabama para a floresta de Nova York? Mas nada aconteceu. Havia um poder dentro de mim, mas, enquanto não fizesse ideia de como acessá-lo ou controlá-lo, eu estava perdido.

Quando voltei, encontrei o acampamento ainda de luto. Era de tarde. Entrei na barraca e dormi. Quando acordei, Otha estava sentado em uma cadeira ao meu lado. Ele era um homem de sentimentos verdadeiros, mas nunca arrebatado em suas paixões ou explosivo em suas raivas. Até então eu nunca o vira alegre como estava dois dias antes, nem agoniado como estava naquela manhã.

— Otha — disse eu. — Sinto muito. Eu... eu nem sei o que dizer. Não conheci Lydia nem seus filhos, mas ouvi falar tanto deles que sinto que são minha família.

— Ele era meu irmão, Hiram — falou Otha. — Bland não era parente de sangue, mas era meu irmão a tal ponto que morreu por mim e pelos meus. Não tenho mais idade pra nada disso. Fui separado do meu sangue, fiz irmãos em todos os lugares onde vivi e lamentei cada vez que nos separamos. E éramos *sempre* separados. Mas nunca, nem por um instante, fugi das relações, do amor. Eu sinto muito por minha raiva hoje de manhã. Raymond não merecia aquilo e sinto por você ter me visto assim.

— Não precisa dizer nada, Otha.

Otha ficou calado por alguns minutos e eu também. Achei que era um momento íntimo dele.

— Quero contar uma história sobre sonhar. Quero contar pra você especificamente, porque sei que você lutou pra ver o seu lugar, lutou pra acessar esse poder que todo mundo diz que você tem. E se, com essa dor, eu puder oferecer alguma coisa, isso também consolaria a mim.

Sentei na cama de estrado e escutei.

— Eu conheci minha mulher, Lydia, pouco depois que Lambert morreu. Lambert era mais velho, mais forte, mais valente. Ele era meu coração, minha fé e, sempre que eu me desesperava, era a convicção inabalável dele que me equilibrava. Então quando Lambert desapareceu daquela forma, senti que nunca voltaríamos para casa, que Deus tinha nos mutilado. Uma torrente de feiura tomou conta de mim. Passei muitas noites no mesmo estado em que você me viu hoje de manhã. Talvez você conheça isso, uma dor que cai sobre o coração da gente como a noite.

“O único bálsamo que encontrei foi no trabalho, mesmo Tarefairo como eu era. Minha mente desaparecia quando eu usava as mãos, e os campos me tranquilizavam. Os brancos achavam que era por causa da minha moral elevada. Achavam que eu era elegante mesmo debaixo da chibata. Mas eu odiava todos eles, Hiram, porque tão certo como tinham me arrancado do berço, tinham também matado meu irmão.

“Foi nesse estado que conheci Lydia. Talvez por ter nascido no Alabama ela soubesse mais sobre o peso, estivesse mais preparada pra carregar o grande fardo de uma vida de servidão. Eu me enfurecia, ela ria e logo me vi rindo com ela. Depois ficava zangado de ela ter me reduzido ao riso. E ria da coisa toda outra vez. Íamos casar e eu me sentia como se retornasse ao mundo. Eu estava ligado a alguma coisa, entende?

“Poucos dias antes do casamento fui ver Lydia e ela estava com as costas machucadas. Ela era benquista e muito valorizada por todos da qualidade, nunca tinha sido condenada ao chicote. Então me contou que aquilo tinha sido obra do capataz do patrão. O sujeito tinha desejo por ela, mas ela não cedeu. Então ele chicoteou Lydia, acusando-a de ter sido insolente.

“Quando fiquei sabendo, meu sangue ferveu. Levantei sem dizer uma palavra. Ela perguntou o que eu estava planejando. ‘Matar ele’, eu disse. ‘Não ouse, Otha.’ ‘E por que não?’, perguntei. ‘Porque vão matar você e você sabe disso’, respondeu ela. ‘Veremos quando acontecer. Mas pela minha honra eu tenho que acertar isso.’ Lydia rebateu dizendo: ‘Dane-se a sua honra e que cada centímetro de você vá para o inferno se tocar um fio de cabelo daquele branco.’ Eu retruquei com: ‘Mas você é minha, Lydia. Meu dever é proteger você.’

“E você vai me proteger da morte também? Eu escolhi você por uma razão. Você me contou a sua história, e eu sei que você imagina um lugar além disso. Otha, tem que ser por mais do que isso. Tem que ser por mais do que raiva, mais

do que honra. A gente tem planos, eu e você. E isso não é o nosso fim. Não é assim que você e eu morremos.’

“Nunca esqueci essas palavras, entende, Hiram?” Eu sonho com elas: *‘Não é o nosso fim. Não é assim que você e eu morremos.’* Lydia tinha levado as chibatadas, mas era eu que me sentia ferido. Eu devia amar aquela mulher, mas eu só amava a mim mesmo.

“Eu sei que você é capaz de enxergar o horror que nós vimos na nossa união, o horror que, neste exato momento, a minha Lydia, os meus filhos ainda devem ver. Mas o que eu quero que você entenda é o que eu estou tentando salvar agora, o que levou a vida de Bland, e isso é tudo que minha Lydia e eu construímos juntos: as brincadeiras que são só nossas, nossos filhos que são uma honra para nós, uma sensação tão profunda que clama por esse continente inteiro. Lydia salvou minha vida, Hiram, e eu dou qualquer coisa pra salvar a dela.

“Bland sabia de tudo. E mataram ele por isso. Me entristece mais do que você imagina.”

Ele então se levantou e ergueu a entrada da barraca.

— Minha Lydia vai ser livre — disse ele. — Não é assim que nós morremos. Minha Lydia vai ser livre.

NA MANHÃ SEGUINTE era chegada a hora de levantar acampamento e depois de colocar minhas coisas na bolsa, caminhei e observei aquela cidade assombrosa — de novas ideias, de visões e futuros libertos, de homens e mulheres — que brotara no campo, desmanchando-se de novo no nada. Passeei pela floresta para aproveitar um pouco mais o ar do campo antes de descer para a fumaça e sujeira da cidade. Quando voltei, Raymond, Otha e Harriet terminavam os preparativos. Ali perto, Kessiah afivelava sua bagagem. Quando me viu, pôs a mão na boca, veio até mim, me puxou para um abraço e disse:

— Sinto muito, Hi, sinto muito mesmo.

— Eu agradeço — falei. — Mas não precisa se preocupar comigo. Não com a família do Otha ainda perdida.

— Eu sei. Mas sei também que Micajah era importante pra você — disse ela, agarrando meu braço com força, quase como uma mãe faria com um filho.

— Antes de você — contei —, ele era meu elo mais forte com a minha antiga casa. Não que eu desejasse isso nunca, mas é realmente significativo ele ter me deixado justo quando encontrei você.

— É verdade — disse ela. — Talvez tenha alguém olhando por você.

Ela sorriu e senti o afeto que havia entre nós. Eu conhecia Kessiah havia apenas três dias, mas já me sentia próximo dela. Era a irmã mais velha que nunca achei precisar, minha outra metade que nem sabia que existia.

— Obrigado, Kessiah — falei. — Espero ver você em breve. Na verdade, se tiver algum tempo, me mande umas linhas.

— Com certeza — disse ela. — Mas eu sou do campo, não posso dizer que tenha eloquência comparável com a sua. De qualquer forma, vou pra Filadélfia com vocês, eu e Harriet. Com Micajah Bland indo embora desse jeito, tudo mudou. É provável que a gente tenha que mudar também.

Nos abraçamos de novo. Peguei a mala dela e coloquei na carruagem. Quando olhei para trás, vi que Raymond, Otha e Harriet estavam

acompanhados por Corrine e, para minha surpresa, por Hawkins e Amy. Estavam todos concentrados em uma conversa, trocando abraços e palavras afetuosas com Otha. Nunca os tinha visto agindo com tanta delicadeza entre si, mas também nunca tinha visto a Clandestinidade de luto por um dos seus. Corrine estava diferente. Tinha despido a máscara da Virgínia, estava com o cabelo solto sobre os ombros. O vestido cor de marfim era simples. Não usava nem pó, nem ruge. Quando Hawkins me viu, balançou a cabeça e me lançou, na medida possível para os padrões dele, um olhar de preocupação.

Rodamos em uma caravana de três carruagens. Otha, Raymond e eu na primeira, Corrine, Hawkins e Amy na segunda, e por fim Harriet, Kessiah e o cocheiro, um rapaz conduzido recentemente por Harriet, que jurou fidelidade a ela. Passamos a noite em uma pequena hospedaria a uma hora ao norte da ilha de Manhattan. Mas o sono não me trouxe nenhuma paz, porque assim que fechei os olhos me vi perdido em pesadelos venenosos. Eu me via nas águas, do Goose, perfurando as ondas e, quando ia à tona, via tudo de novo: May se afogando na minha frente. Pensava em mim naquele momento e, ao ver a luz azul, sabendo que o poder estava em mim, decidia que dessa vez seria diferente. Mas, quando estendia a mão e May se virava, eu via que não era ele, mas Micajah Bland.

Acordei com um pensamento horrível. Eu tinha criado os salvo-condutos, tinha forjado as cartas de apresentação. A culpa por tudo aquilo só podia ser minha. Pensei em Simpson. Pensei em McKiernan. Pensei em Chalmers. Repassei todos os acontecimentos daquela noite. Pensei nos dias seguintes e em todas as falsificações praticadas. E me lembrei que, às vezes, era a perfeição que entregava o agente, que, às vezes, os salvo-condutos eram bons demais, limpos demais, e por isso despertavam suspeita. Tinha sido eu o culpado, estava convencido disso.

Eu tinha matado Micajah Bland. Quase tinha matado Sophia. Talvez tivesse condenado minha mãe, de alguma forma, e talvez por isso não conseguisse me lembrar dela. Senti um aperto no peito. Não conseguia respirar. Levantei da cama, me vesti e fui me sentar na varanda dos fundos. Ali, recurvado, respirei, respirei e respirei. Quando ergui o corpo, vi um jardim nos fundos. Ainda era noite fechada. Caminhei pelos arbustos e logo ouvi vozes conhecidas. Hawkins, Corrine e Amy estavam sentados em um círculo de bancos, cada um fumando um charuto. Trocamos um breve cumprimento e me sentei. Sob a luz do luar, Corrine inalou e soltou um longo fluxo de fumaça. Durante longos minutos só

havia a música noturna dos insetos. Então Corrine assumiu a responsabilidade de falar o que estava em nossas cabeças.

— Ele era um homem fora do comum — disse ela. — A gente se conhecia bem e eu gostava muito dele. Era muito fora do comum. Ele me encontrou muitos anos atrás. E me salvou. E me mostrou um mundo que eu nem desconfiava que existia. Eu não estaria aqui sem ele.

Mais um silêncio e vi nuances dos rostos iluminados pela brasa dos charutos. A culpa me dominou e falei:

— Ele me salvou também. Dos Cães e de todas aquelas ideias idiotas dos pântanos. Foi ele quem me apresentou os livros. Eu devo a ele mais do que consigo explicar.

Amy assentiu e pôs a mão na bolsa. Ofereceu um charuto para mim. Aceitei e agradei sem dizer nada, depois brinquei com ele entre os dedos. Então me inclinei para Hawkins, que acendeu um fósforo. Inalei profundamente e disse:

— Mas eu aprendi. Preciso dizer que aprendi algumas coisas.

— Todo mundo sabe, Hiram — disse Hawkins. — Disseram que você está indo para Maryland, com a Moisés. É o que dizem.

— Se ela ainda me quiser.

— Ah, vai querer — falou Hawkins. — A Moisés não pararia por causa do Bland, nem ele teria parado por ela. Ela pode até esperar um pouco, mas ela vai. É uma coisa horrível, de fato. Mas também é bem do jeito que ele gostaria. Bland era um homem fora do comum, como você diz, mas ele foi embora do jeito que todo mundo gostaria.

Eu me senti mal naquele momento. Me lembrei do meu sonho.

— E como foi? — perguntei.

— Tem certeza de que quer saber? — questionou Amy.

Ela falou suavemente e, de alguma forma, isso fez com que o golpe tivesse um efeito ainda maior. Só que eu realmente queria saber. Tanto quanto possível, eu queria, e a culpa que eu sentia me tirava toda a clareza. Por isso, comecei a tossir e a engasgar com a fumaça do charuto, o que provocou uma gargalhada de Hawkins, e então o grupo todo riu junto. Fiquei observando até o acesso passar. Quando sossegaram, falei calmamente:

— Os papéis. Eu fiz os papéis. Acho que fui eu que matei esse homem.

Isso foi motivo para mais risadas, mas desta vez só de Hawkins e Amy.

— Eu fiz os papéis — repeti. — De nenhum outro jeito pegariam um homem como Bland se não fosse pela minha mão.

— Como assim, de nenhum outro jeito?— perguntou Hawkins. — Tem muitos jeitos.

— Principalmente no Alabama — disse Amy.

— Os papéis — repeti. — Pegaram ele por isso.

— Não. Não foi nada disso que aconteceu — falou Corrine. — Não teve nada a ver com os papéis.

— O que aconteceu então?— perguntei.

— Ele estava bem perto — contou Corrine. — Muito perto. Tinha passado várias semanas explorando a costa ao longo do rio Ohio até encontrar o ponto de desembarque perfeito. Não sabemos exatamente como ele fez isso, mas ele achou Lydia e os filhos e remou Tennessee acima, se passando por proprietário deles até estar no território livre em Indiana. Mas então, pelo que entendi, um dos garotos ficou resfriado, e foi difícil continuar a viagem de noite.

— E foi assim que pegaram eles — disse Hawkins. — Um branco parou o grupo pra interrogar. Achou estranha a história de Bland, levou todo mundo pra uma prisão ali perto e esperou pra ver se tinha alguma notícia de fuga.

— E tinha — disse Amy.

— Bland podia ter ido embora — disse Hawkins. — Não tinham nada contra ele. Mas como ficamos sabendo pelos documentos e despachos dos agentes da área, ele continuou tentando chegar até Lydia e as crianças, até que prenderam ele também.

— A gente não sabe como ele acabou morto — falou Corrine. — Mas pelo que conheço dele, Bland continuaria procurando um jeito de escapar. Acho que foi preso porque perceberam que devolver os negros e cobrar uma provável recompensa ficaria mais fácil sem um agente decidido a levá-los embora.

— Meu Deus, meu Deus — gemi.

— E que desgraça vocês terem mandado ele pra lá — disse Hawkins. — Alabama? Existem mil maneiras de capturar fugidos por lá. Mandaram Bland direto pra dentro do caixão por causa de umas criancinhas?

Eu podia ter falado para Hawkins tudo que tinha aprendido. Podia contar sobre Otha White. Podia contar sobre o pão de gengibre. Podia contar sobre Thena e Kessiah. Podia contar que a Clandestinidade era muito mais do que matemática e ângulo, mais do que movimento.

Mas Hawkins estava sofrendo à maneira dele, eu sabia. Eu sentia isso ainda mais naquele momento, porque os sinais de dor e perda começavam a se desenrolar. Sophia, Micajah Bland, Georgie, minha mãe. Eu sequer sentia raiva.

Naquele momento, eu sabia que fazia parte do trabalho aceitar as perdas. Mas eu não aceitaria todas.

DE VOLTA À Filadélfia, retomei minha rotina, alternando entre a marcenaria e a Clandestinidade. Não havia muito tempo para ficar de luto. Já era setembro e a alta temporada de condução chegaria em breve. Havia certa preocupação de que Bland tivesse sido, de alguma forma, traído. Revisamos todo o nosso sistema. Os códigos foram alterados. Métodos de movimentação de campo revistos. Certos agentes foram submetidos a exame. As relações com a Clandestinidade do oeste nunca mais foram as mesmas porque achava-se que elas podiam ter, querendo ou não, desempenhado algum papel na morte de Bland.

Estive bastante com Kessiah naquele mês. Foi a única coisa boa para escapar daquele período, porque era de fato como ter descoberto algum parente perdido havia muito tempo. No início de outubro, Harriet me procurou. Ela sugeriu um passeio pela cidade, então fomos para as docas de Schuylkill, depois atravessamos a ponte da South Street até o limite oeste da cidade.

Era uma tarde fresca, clara. As folhas tinham começado a mudar e as pessoas vestiam casacos pretos compridos e cachecóis de lã. Harriet estava com um vestido longo marrom, um xale de algodão na cintura e uma bolsa cruzada ao peito. Nos primeiros vinte minutos, falamos apenas amenidades. Quando enfim nos afastamos e as pessoas começaram a rarear, a conversa tomou seu verdadeiro rumo.

— Como você está, meu amigo? — perguntou ela.

— Não muito bem — respondi. — Não sei como alguém resiste a isso. Bland não foi o primeiro, foi? Quer dizer, não é o primeiro agente que você perdeu. Não você.

— Não, meu amigo, não foi — disse Harriet. — E não será o último. É bom entender isso.

— Eu entendo — falei.

— Não, não entende. Isso aqui é guerra. Os soldados lutam na guerra por todo tipo de razão, mas morrem porque não suportam viver no mundo como

ele é. E isso retrata bem o Micajah Bland que eu conhecia. Ele não suportava viver. Não aqui, não assim. Então arriscou tudo: a vida, as conexões, o coração da irmã, porque sabia que essa é exatamente a linha na qual todo o resto de nós precisa viver.

Paramos de andar por um momento.

— Eu sei que não entende — falou Harriet. — Mas você vai ter que aceitar os fatos. Vai ter que aceitar porque vai acontecer de novo. Pode ser você. Pode ser eu.

— Não, você nunca — falei, e sorri.

— Um dia serei eu — disse ela. — Só espero que os únicos cães de caça pra quem eu tenha que responder sejam controlados pelo Nosso Senhor.

A conversa logo se voltou para as questões do momento.

— Então você está do meu lado, amigo — disse Harriet. — Não é o caixão, é verdade, mas Maryland ainda é terra de faraós. Sei o que falam de mim, mas fique sabendo que não é o que eu mesma acho de mim. Todo mundo é igual quando o cão fareja o rastro. Quando o machado balança, qualquer homem pode ser madeira. E com isso, tudo que aprendi não vale de nada, é só poeira na longa estrada. Você não vai me ver acreditando nos meus próprios milagres, mas, sim, nos princípios mais estritos da Clandestinidade.

Então ela deu um sorriso suave e disse:

— Mas são tantos milagres. Dizem por aí de um homem que não só tinha a Condução, como também ressuscitou do gelo, um homem que, perseguido pelos Cães, sentiu um desejo tão forte de estar em casa que piscou e lá estava.

— Dizem isso, é? — perguntei.

— Dizem — respondeu ela. — Eu nunca contei o que aconteceu comigo, contei?

— Você não conta muito sobre de você como um todo. Não é muito de contar histórias, como você mesma disse.

— É. Eu disse. Então, vamos esperar. Seja como for, não faz muita diferença. O que eu peço é que confie mais em mim do que em suas próprias falhas.

Demos meia-volta rumo à rua Bainbridge, de novo praticamente em silêncio. Quando chegamos em casa, sentamos na sala da frente.

— Então, Maryland — disse eu.

— Maryland — repetiu Harriet, então procurou na bolsa e tirou uma pasta de cartas. — Eu preciso de duas coisas: primeiro de um salvo-conduto, copiado à sombra desta caligrafia. Pra duas pessoas.

Comecei a rabiscar anotações.

— Depois preciso de uma carta com caligrafia de escravo. Mande pra Jake Jackson, de Poplar Neck, Dorchester, Maryland. Da parte do irmão dele, Henry Jackson. Beacon Hill, Boston. Mande pra ele todos os votos de amor que um irmão mandaria, do melhor jeito que conseguir. Mas preste atenção principalmente nesta parte: *Diga aos meus irmãos que não esqueçam a oração e, quando o bom e velho navio de Sião chegar, estejam prontos para embarcar.*

Concordei, ainda rabiscando.

— Mande pelo correio amanhã. Tem que dar tempo pra coisa assentar e fazer efeito. Estaremos a caminho enquanto isso. Partiremos em duas semanas. Uma noite de viagem.

Parei e lancei um olhar confuso.

— Uma noite? Não dá tempo de chegar a Maryland.

Ela apenas olhou para trás e sorriu.

— Nem de longe — disse eu.

★ ★ ★

D
, calada da noite, saí do escritório da rua Nove, desci a rua Market, enquanto tudo dormia, e encontrei Harriet nas docas do rio Delaware. Fomos para o sul, passamos pelo depósito de carvão, pelo píer da South Street, onde a balsa do Red Bank balançava no ancoradouro, até estarmos diante de uma série de cais mais antigos e maltratados, tábuas que gemiam e rangiam, pouco mais do que madeira apodrecida balançando no rio negro como a noite. Eram ruínas sombrias, reduzidas a meras estacas que se projetavam sobre a água.

O vento de outubro soprava do rio. Olhei para cima e vi que nuvens escureciam as estrelas e a lua que tantas vezes nos guiaram. Um nevoeiro rolou da água. Parada no píer, Harriet olhava a noite através da neblina, na direção das margens invisíveis de Camden, mas, na verdade, muito além delas. Apoiada em sua fiel bengala, a que usara por todo o caminho de Nova York, ela disse:

— Por Micajah Bland.

E começou a andar no píer quebrado diante de nós, direto para o rio.

O fato de eu ter seguido ela sem questionar diz exatamente quanta fé eu tinha em Harriet então. Ela era nossa Moisés e eu acreditava, mesmo com medo,

que, de alguma forma, ela dividiria a água que estava diante de nós. E então eu andei.

Ouvi Harriet dizer:

— Por todos aqueles que partiram para o porto de onde ninguém volta.

Ouvi a madeira molhada do cais gemer sob o meu peso, mas as tábuas pareciam resistentes. Olhei para trás, mas a névoa havia nos cercado de todos os lados e se adensou de tal forma que não dava mais para ver a cidade atrás de mim. Olhei para a frente e vi Harriet ainda caminhando.

— Não esquecemos nada, você e eu — disse Harriet. — Esquecer é realmente ser escravo. Esquecer é morrer.

E com isso Harriet parou. Na escuridão, uma luz crescia. A princípio, pensei que Harriet tinha acendido um lampião, porque a luz era tênue, fraca. Então vi que não era amarela, mas de um verde pálido, espectral, e vi que não vinha das mãos de Harriet, mas estava na própria Harriet.

Ela se virou para mim, e em seus olhos havia o mesmo fogo verde que brotara da noite.

— Pra lembrar, meu amigo — disse ela. — Porque a memória é o carro, a memória é o caminho, a memória é a ponte que liga a maldição da escravidão à bênção da liberdade.

Foi quando vi que estávamos na água. Não, não dentro dela, mas em cima. Deveríamos estar embaixo, porque eu sabia que o píer tinha desaparecido e que não havia mais nada deste mundo sob nossos pés. O rio Delaware é profundo a ponto de um navio entrar no porto, mas a água mal batia em minhas botas.

— Fique comigo, meu amigo — disse Harriet. — Não precisa de esforço algum. É como dançar. Fique com o som, fique com a história, e você ficará bem. E a história é como eu disse, ofertada a todos que foram entregues à boca do Demônio. Vimos isso a nossa vida inteira, vimos, sim. Começa quando você é jovem, quando ainda só tem uma vaga noção do mundo, mas pode ser que mesmo assim, você tenha aquela sensação de que está errado. Eu sei que eu tinha.

O que aconteceu então foi uma espécie de comunhão, um encadeamento de lembranças que se estendeu entre nós e que continha mais do que qualquer palavra que eu possa oferecer aqui. Era uma corrente forjada em algum lugar profundo, protegido, onde minha tia Emma morava, onde minha mãe morava, onde um grande poder morava, e essa corrente se estendia para esse mesmo lugar no âmago de Harriet, onde todos os perdidos tinham assumido sua vigília. E

então vi os fantasmas tremulando como naquele dia triste no rio Goose, e eu sabia exatamente o que eles eram e o que significavam para Harriet.

Então, quando vi o garoto ao nosso lado, na neblina, envolto em verde espectral, com menos de doze anos, eu sabia que o nome dele era Abe, e sabia que ele estava entre os que se foram para Natchez, enviados para o outro lado do “rio sem nome”. E ouvi a voz de Harriet outra vez, naquele lugar profundo onde a corrente estava ancorada e enraizada.

— Você não conhecia Abe — disse ela. — Mas à luz desta Condução, vai conhecer bem. Eu lamento que ele não vá voltar conosco. A tristeza por Abe foi que me levou para a Clandestinidade.

Então a luz de Harriet se abriu com alguma intensidade e vi um caminho diante de nós cortando a água que não era água. Não havia doca no horizonte, mas, dentro e fora da escuridão, vi os fantasmas da memória de Harriet dançando como deviam ter feito naquele tempo em que conviviam no mundo real. E à medida que nos aproximávamos e passávamos por eles, todos caíam.

— Você me conhece bem, meu amigo — disse ela. — Eu fui feita debaixo do chicote. Tinha só sete anos quando o sr. Broadus me mandou catar minhocas no pântano. Eu podia ter perdido um membro lá, mas voltei inteira, fora da jaula, mas não da selva. Quando eu tinha nove anos, me chamaram pra Casa Grande e recebi o encargo de todo o cuidado com a sala. Cometi muitos erros. Minha senhora me batia todo dia com uma corda. Comecei a achar que era a vontade de Deus. Que eu era mesmo a desgraçada que eles achavam que eu era e que não merecia nada além dos abusos que recebia.

“Mas apesar de todas as humilhações, fato é que houve alguns cantos do inferno pra onde, felizmente, não recebi convite. Estou falando da travessia dos sem nome, da longa caminhada até Natchez, da marcha triste pra Baton Rouge. Eu vi tudo, meu amigo. Meu tio Hark perdeu metade do braço só de pensar nos sem nome, só porque os homens brancos o pegaram observando tudo aquilo. Então, certa manhã, ele levantou e pensou em como era difícil vender um aleijado, aí ergueu o machado com uma das mãos e entregou a outra na mão do Senhor. ‘Eu posso ser aleijado, mas não vou ser partido.’

“Hark era fora do comum. A maioria simplesmente aceitava, deixava pra trás mulheres chorando, maridos arrasados, órfãos. E aí tinha Abe, nosso garoto, com aquele rosto largo, maravilhoso, que vejo na minha frente agora tão nítido quanto naquela outra vida, um rapaz educado que só fazia o que mandavam. A mãe dele morreu no parto e o pai tinha sido vendido havia muito tempo. Ele

nunca falou da dor que sentiu com essas separações. Só falava como criança fala, quando alguém mais velho pede pra falar, e esses anciãos, sabendo da sua dor, mesmo escondida, pegavam leve com ele.

“Mas pra quem pegava pesado, pra quem adorava o chicote, Abe era um alerta. Uma coisa eu digo, meu amigo, ninguém prendia aquele rapaz. Ele daria um agente dos infernos, porque corria com fôlego de leão. No momento em que o sr. Broadus pensava em algum castigo, o garoto voava.

“Às vezes, o capataz chamava a gente pra ajudar a segurar o garoto. A gente até podia obedecer, mas, no coração, estávamos com Abe. Sabe como é: o Tarefaíro tem que aceitar as vitórias que vierem. E se você visse Abe como a gente via, pulando no campo de trigo, atravessando o milharal, você entenderia nosso silêncio mais profundo: liberdade, amigo, liberdade. Naqueles momentos de corrida ele era livre, sem o peso das despedidas, imune ao chicote. E foi olhando pra ele que tive meu primeiro gosto da Condução, do grande poder que existe mesmo na menor fuga.”

Harriet fez uma pausa e voltamos a andar em silêncio. Fiquei emocionado com o que ela disse e pude ver os eventos de sua narrativa se desenrolando diante de mim. Era tão pleno o brilho que irradiava dela que todos os traços do nosso caminho se erguiam em verde.

— Eu estava na porta do empório da cidade, cuidando das minhas coisas. E, como um raio, vi esse rapaz, Abe, aparecer. Ele pulou um banco, se atirou debaixo de uma carroça, se recompôs e voou. E depois, logo atrás dele, veio o velho Galloway tropeçando nas próprias pernas, ofegante a cada passo.

“Galloway chamou um Tarefaíro: ‘Você aí, garoto! Vá pegar esse sujeito.’ Eles tentaram encurralar Abe, mas era o mesmo que tentar encurralar o ar. Ele saiu correndo, escorregou por baixo das pernas do velho Galloway, fácil como um barco debaixo da ponte, e Galloway gritou, amaldiçoou as próprias mãos. Eu devia ter ido embora, mas estava pregada na história que acontecia na minha frente. E quanto mais demorava, mais homens chegavam, até que vi o Tarefaíro, o branco de classe baixa e Galloway todos curvados, ofegantes, as cabeças baixas em humilhação.

“Galloway queria desistir da coisa, mas aí já tinha uma multidão e por orgulho ele precisava continuar. Um escravagista não pode deixar seus negros o desafiarem. Então Galloway se recompôs e seguiu em frente. Fiquei olhando eles dançarem um pouco mais, até que Abe virou na minha direção. Naquele tempo meus próprios sentimentos sobre a escravidão ainda não eram claros. Claro que

eu ia gostar de ser uma garota trabalhando por conta própria, mas era jovem. Não tinha religião, mas ainda assim sentia que Abe em fuga era meu próprio jubileu.

“Aí ele veio disparado na minha direção e ouvi Galloway gritar pra mim, como tinha gritado para os outros: ‘Pega!’ Eu não consegui. Não faria isso. Eu não era capataz de ninguém. E se fosse, não ia deixar minhas bolas de gude levarem as de um garoto como Abe. Ele se afastou, correu e depois voltou na minha direção outra vez. E por pura frustração, Galloway pegou um peso e jogou no Abe. Não sei o que ele estava pensando, porque Abe tinha olhos na nuca.

“Mas a jovem Harriet não tinha essa sorte.”

A essa altura, Harriet queimava com o brilho de vinte lanternas e o verde pálido se ampliou para um branco total. Não havia água. Eu não conseguia sentir minhas pernas. Não conseguia sentir de fato nenhuma parte de mim. Eu era apenas uma presença, uma essência seguindo uma voz.

— O peso passou direto por Abe e me acertou na cabeça. Esmagou meu crânio. E então a longa noite do Senhor baixou sobre mim.

“Quando acordei não estava em Dorchester, mas em algum outro tempo. Vi Abe correndo na terra e as pegadas dele incendiavam as árvores. A floresta queimou até virar cinza. A cinza foi ao chão. E depois subiu com o vento até tomar a forma de uma companhia inteira de negros vestidos de azul, negros com rifles nos ombros. E eu estava lá com eles, Hiram. E éramos uma multidão. Nos olhos desse exército reunido diante de mim, vi as humilhações da escravidão queimarem como fogo. E cada homem tinha a cara do jovem Abe.

“Eu estava em cima de um barranco alto, os soldados reunidos ao meu redor. Abaixo havia uma vastidão de nossa terra acorrentada, suas colheitas enraizadas na carne e regadas com sangue. E do meio dos homens, aquela legião enfileirada de Abes, se ergueu a canção que era aquela velha sensação transformada em hino. Ao meu sinal, caímos nessa terra pecaminosa, nosso grito de batalha tão poderoso quanto um grande rio correndo por um vale estreito e alto.

“Acordei. Vi minha mãe chorando. Eu estava sumida fazia meses. Todos achavam que eu estava perdida. Ninguém sabia que eu tinha me encontrado. Durante todo esse ano, meu corpo se recuperou. Semanas inteiras passaram e eu não falava mesmo tendo muitas palavras em minha cabeça. E eu sabia, mesmo naquela tenra idade, que algum dia a estação de fuga passaria, a gente colheria nossas vitórias do jeito que quisesse, não como eram dadas, e cairíamos sobre

essa terra no espírito de todos aqueles levados pelo sem nome. E Natchez seria assolada. E Baton Rouge queimada.”

A luz de Harriet começou a diminuir aos poucos, do mesmo modo com que tinha aumentado. Senti meu corpo voltar lentamente para mim, o coração acelerado, os pulmões trabalhando muito, as mãos, as pernas, os pés, tudo aterrissando não na água, mas em terreno sólido.

— Jovem Abe. Não esqueci você. Antes de Clandestinidades e Conduções, antes de agentes e órfãos, antes de Micajah Bland, quando eu era só uma menina, você me deu a primeira sensação do que podia significar ser livre. Ouvi dizer que pegaram você em Hampton’s Mark, não muito longe de Elias Creek. Dizem que você finalmente estava cansado, mas, mesmo assim, foi preciso uma cidade inteira pra pegar você. Não acredito. Todos mundo que viu sabe a verdade. Você podia estar aleijado, mas nunca estaria partido.

A luz agora tinha se reduzido a um verde mais pálido. Minha visão retornou e observei nosso entorno. As docas, a água, os píeres, tudo tinha sumido e onde antes havia nuvens, via-se um céu claro e a Estrela Polar brilhando. Eu estava em cima de uma pedra com um pequeno trecho de floresta atrás de nós e um grande campo vazio que descia à frente. Olhando para trás, para o caminho por onde tínhamos vindo, não havia nada além de floresta. E como não havia mais nuvens, vi a Lua. Ouvi Harriet gemer, curvada sobre a bengala. Com voz trêmula, ela disse:

— Cavalo... Sela...

Ela deu um passo para trás e caiu de costas na terra. Corri até ela e sustentei sua cabeça. Ela revirou os olhos e gemeu baixinho. Foi quando ouvi a corneta. Baixei Harriet de leve para o chão, olhei para o campo e os vi ali, mesmo que fossem apenas sombras: Tarefeiros indo embora. E eu sabia que não estávamos mais na Filadélfia. Uma porta se abriu. A terra dobrou-se como um pedaço de tecido. Condução. Condução. Condução.

EU ESTAVA EM uma terra nova: as árvores, os cheiros, os pássaros. Quando o sol surgiu, tudo ganhou vida. Eu não podia pegar a estrada. Os Cães estariam vigiando. E havia também Tarefeiros de lealdade incerta que podiam querer cobrar o grande prêmio eternamente pousado sobre a cabeça de Moisés. Fiquei ali por um momento, olhando para a pedreira abaixo. O sol começava a explodir amarelo no horizonte. Peguei Harriet e a coloquei com a maior delicadeza possível em meu ombro. Depois desci, de quatro, e peguei a bengala. Entrei na floresta e lenta, mas decididamente, fui afastando os ramos e galhos com a bengala. Depois de uma hora assim, com algumas pausas para descansar, encontrei uma vala seca debaixo de uns arbustos. Tinha espaço apenas para deitar Harriet. A segurança dela em primeiro lugar. Eu podia enfrentar o acaso. Entrei ainda mais fundo na floresta, pensando que, se eu fosse pego, preferia ser pego sozinho. Ao anoitecer, eu voltaria para Harriet, que esperava já ter acordado sozinha então.

No começo da tarde, ouvi lenhadores de um campo de corte vindo para a inspeção. Fiquei absolutamente imóvel, o que não era nada comparado ao tempo que tinha passado preso naquela cova na Virgínia. Mais tarde, vi dois brancos de classe baixa e seus cachorros, caçando. Eu tinha, no entanto, espalhado pó de cemitério ao meu redor para esconder o meu rastro. Vi um grupo de crianças brincando, algumas da qualidade, algumas Tarefeiras, e cheguei a me perguntar se aquele esconderijo onde eu estava seria deles, mas eles seguiram em frente. Então, depois do dia mais longo que jamais vivi, fiquei feliz quando a sombra da noite desceu sobre a terra. A lua subia alto e essa trajetória se deu tanto no firmamento quanto em meu coração nervoso.

Voltei para a vala, afastei o espinheiro e vi Harriet ainda deitada, como eu a tinha deixado, a bengala sobre o peito, como um faraó na tumba. Estendi a mão para tocar seu rosto como ela tantas vezes tinha feito comigo. Estava frio. Notei

que seus pulmões funcionavam com força e quando olhei para seu rosto de novo, a encontrei de olhos abertos. Ela sorriu e disse:

— Noite, meu amigo.

Minutos depois estava de pé, como se a coisa toda tivesse sido apenas um cochilo. Caminhamos algum tempo por uma estrada de terra dentro da floresta, assim poderíamos avistar qualquer patrulha muito antes que nos vissem.

— Me desculpe, meu amigo. Achei que tinha espírito suficiente para fazer isso sem um desses ataques — disse ela. — O salto se faz com o poder da história. Vem das nossas histórias pessoais, de todos os nossos amores e todas as nossas perdas. Somos movidos por esse sentimento evocado e pela força das nossas lembranças. Algumas ocasiões exigem mais do que outras, e nesses casos, bem, você viu o que acontece. Já fiz esse salto tantas vezes... Não sei por que fiquei tão esgotada.

Caminhamos e a floresta se abriu na clareira onde os lenhadores tinham trabalhado. Do outro lado do campo avistei uma cabana e, pela janela, o tremular de uma lareira acesa.

— Aquele ali é o nosso lugar — disse ela. — Mas acho que você deve ter perguntas. Não teremos muito tempo depois, então sugiro que pergunte agora.

Sentamos em dois tocos. A noite estava fresca. Um vento ligeiro soprava da floresta e pelos campos.

Na Rua, vivíamos em um mundo de histórias e lendas, de vodu e conjurações, de proibições: não se mata porco ao luar, não se anda no assoalho com um sapato só. Eu não acreditava nesse mundo. Mesmo sabendo o que tinha acontecido comigo, como eu tinha ido parar com Thena, como eu tinha saído do Goose, achava tudo explicável, compreensível graças aos livros. E talvez tudo seja mesmo explicável, talvez isso aqui seja aquele livro. Mas, mesmo assim, quando eu vivia a Condução, passava por uma revisão drástica do mundo e das maravilhas e poderes que ele continha.

— Minha avó era uma africana puro sangue. Se chamava Santi Bess — falei. — Diziam que ela conseguia contar uma história africana de tal jeito que, às vezes, a primeira geada parecia o calor da pradaria.

Sentada no toco, Harriet apenas escutava.

— E o dom de Bess para contar histórias era tão valorizado que a qualidade a levava para as reuniões sociais, e Bess punha as histórias em música e ritmos que eles nunca tinham ouvido. Eles se divertiam com ela, jogavam moedas. E Bess

sorria e recolhia todas em seu avental, mas nunca ficava com elas. Dava para as crianças, dizia que não precisava daquilo e acho que agora eu sei o motivo.

“Segundo ouvi dizer, certa noite Bess foi ver minha mãe e disse que precisava ir para um lugar onde minha mãe não podia ir junto. Disse que as duas tinham nascido em mundos diferentes, que minha mãe estava aqui, mas que minha avó era de longe. Então Bess precisava contar uma história, a história mais antiga que ela conhecia, uma história que ia dobrar o tempo sobre si mesmo e levá-la de volta para onde seus pais estavam enterrados com honrarias e suas mães colhiam o próprio grão. Nessa noite, no meio do inverno, Bess foi até o rio e desapareceu.

“E não desapareceu sozinha. Naquela mesma noite, quarenta e oito Tarefairos deixaram as plantações e nunca mais foram vistos. Eram todos puro sangue, exatamente como a Santi Bess.

“Eu nunca soube o que achar dessa história, Harriet. Minha mãe ficou sem contato com ninguém. O pai dela foi vendido e depois ela mesma foi vendida. Eu achei que tivesse superado tudo isso. Mal consigo ver o rosto dela porque não tenho lembranças dela. Mas essa história, e Santi Bess...”

Eu me calei, fugindo das palavras que se formavam na garganta. Olhei para Harriet, perplexo.

— Como você fez isso?

— Parece que você já sabe, meu amigo — respondeu ela. — Imagine as ilhas em um grande rio. Imagine que as pessoas comuns precisam nadar de uma até a outra... imagine que esse é o único método. Mas você, meu amigo, você é diferente. Porque, ao contrário dos demais, você consegue ver uma ponte que atravessa esse rio, muitas pontes até, ligando todas as ilhas, cada uma feita de uma história diferente. E você não apenas vê as pontes, como pode andar nelas, guiar por elas, conduzir por elas, levando passageiros com a mesma segurança com que um maquinista conduz um trem. Isso é a Condução. As muitas pontes. As muitas histórias. O caminho sobre o rio.

“Era uma prática conhecida entre os mais velhos. E ouvi dizer que mesmo no navio negreiro, o pessoal pulava no mar e era conduzido de volta para casa, para a África.”

Harriet suspirou, balançou a cabeça, disse:

— Mas cá estamos nós agora. Esquecemos muitas das antigas canções, perdemos muitas das nossas histórias.

— É tanta coisa — disse eu. — Tanta coisa que eu não consigo lembrar.

— Parece que você lembra bastante — falou Harriet.

— Lembro. De tudo. De cada detalhezinho, mas existe essa falha, uma falha em mim, uma falha onde minha mãe deveria estar. Quando olho para trás, vejo a minha infância como uma peça de teatro bem na minha frente, mas a personagem principal é a neblina.

— Hum — disse ela, que se apoiou na bengala e ficou de pé. — Já pensou que talvez você não queira ver de verdade?

— Não — respondi. — Não pensei. Mas sinto que é o contrário. Que eu faço força para ver.

Harriet concordou, depois me entregou a bengala. Girei-a na mão, olhei os glifos de todos os lados.

— Essas marcas não vão dizer nada para você. Estão escritas em uma língua que só eu escuto. E o importante não são as marcas, mas a bengala em si. Tirada do liquidâmbar. Ela me faz lembrar dos dias em que me puseram com os lenhadores. Os piores da minha vida, mas que me fizeram ser quem sou.

Quando penso neles, quando penso em tudo que aconteceu lá, eu caio no choro. É uma coisa dolorosa o que eles fizeram com a gente. E uma parte de mim gostaria de esquecer. Mas, quando pego esse galho aqui, não consigo.

“Não sei dizer o que aconteceu com você, Hiram. Mas, se arriscasse um palpite, eu diria que uma parte de você quer esquecer, que tenta com toda força apagar a lembrança. E o que você precisa é de alguma coisa externa, alguma coisa além do seu eu, uma alavanca pra destravar isso aí que você trancou. Só você sabe o que pode ser essa coisa. Mas eu acho que, se encontrar a alavanca, então vai conseguir encontrar sua mãe e, quando isso acontecer, vai encontrar a ponte.”

— Foi assim com você? Você colocou a mão nesse galho de liquidâmbar e estava tudo lá?

— Não. Não foi assim. Mas eu não sou como você. Kessiah me contou algumas coisas. Nós dois fomos Tarefeiros, mas não do mesmo jeito. Veja, quando eu saí daquele sono profundo, eu não apenas lembrava, eu ouvia cores, eu via música, sentia na pele os vários cheiros do mundo. Vozes me atacavam de todo lado, lembranças antigas como ancestrais não perdiam seu brilho, ardiam como tochas. Elas se desenrolavam diante de mim, e pra todo lugar que eu ia era bem como você disse, todo um palco de lembranças vinha comigo.

“Diziam que eu tinha sido tocada. Então aprendi a controlar o poder, a invocar certas vozes e fazer outras diminuírem. Às vezes ela eram muito fortes e

me derrubavam, como aconteceu na outra noite. Mas, quando eu levantava, estava em uma terra diferente. Era a ponte, Hiram.”

— Conjurada? — perguntei.

— Não. A história é sempre real. Não sou eu que faço, é o povo. E a história encaixa em certos pontos, como a base de uma ponte que nem eu, nem Santi, nem você, podemos alterar.

— Não sei — disse eu. — Parece instável. Como se essa coisa pudesse me levar para qualquer lugar: o estábulo, uma ponte de verdade, um campo. Qualquer lugar.

— Tinha uma calha naquele estábulo? — perguntou Harriet.

— Tinha, sim. Cheia de água. Parecia que me sugava bem lá pra dentro.

— Aposto que sim. Não tem nada de instável em nada disso.

— Não estou entendendo.

— Como não, meu amigo? Você estava parado na rampa da ponte. Em cada história dessas, de Santi no rio, de você no Goose, de nós dois no píer...

Fiquei mudo. Ainda não entendia.

Harriet riu.

— Água, Hiram. A Condução precisa de água.

Devo ter ficado de queixo caído porque Harriet riu ainda mais. E tinha o direito de rir. Parecia óbvio agora. Toda vez que senti a força da coisa, que senti o rio da Condução correndo — na água da calha do estábulo, no Goose que puxou Maynard e eu ponte abaixo, no Schuylkill perto da casa de Bland —, a água sempre tinha estado por perto. Então pensei em todos os esforços absurdos de Corrine para ter acesso a esse poder e nem uma única vez notamos esse elemento que agora parecia tão óbvio.

— Por que a gente não usa isso para resgatar Lydia? — perguntei enquanto seguíamos para a cabana.

— Porque pra contar uma história, você precisa saber como ela termina — disse Harriet. — Eu nunca estive no Alabama. Não posso pular pra um fim que nunca vi. E mesmo sabendo o fim e o começo, tenho que saber alguma coisa de quem estou conduzindo pra poder levar a pessoa comigo. Nem sempre tenho esse privilégio. Por isso é que normalmente meus meios são os mesmos que o de qualquer outro agente. Mas, dessa vez, estamos falando de gente que eu conheço.



F e encontramos aquelas pessoas. A porta se abriu quando nos aproximamos e um calor irradiou lá de dentro. Era noite fechada, mas a cabana fervilhava. Fomos recebidos por um grupo heterogêneo de quatro homens, todos com roupa de Tarefaíro. Dois eram tão parecidos com Harriet que eu soube que eram parentes. Um terceiro cuidava do fogo que eu tinha visto aceso pela janela. Meus olhos se demoraram no quarto, em que senti que faltava algo, então me dei conta de que era uma mulher com a cabeça quase totalmente raspada. Pensei nas duas brancas da Convenção que pregavam a igualdade em todos os aspectos, mas eu sabia que aqui o esquema era de outra natureza.

— Hiram, este é Chase Piers — disse Harriet, indicando o homem que cuidava do fogo. — Ele é que está nos recebendo e somos gratos pelo papel dele nisso.

Depois, com um sorriso para os outros dois, que eu tinha achado serem parentes, ela disse:

— Nada de gentileza com esses dois patifes.

Ela abraçou os dois e todos riram.

— Esses são meus irmãos Ben e Henry — explicou Harriet. — Até que enfim, botamos alguma coragem nesses rapazes, demorou muito. Mas acho que se o Henry não tivesse ficado na servidão, não teria encontrado a mulher dele.

Ela então foi até a mulher de cabelo raspado, afagou sua cabeça em formato de ovo e riu.

— Cada milímetro disso é obra sua — falou a mulher, que sorriu, embora parecesse aborrecida. — Eu bem sei que o Criador deve estar tirando a gente do caixão, porque ele não faria uma moça dar a maravilha de um cabelo como o meu pra mais uma corrente.

— Funcionou, não foi? — disse Harriet.

A moça concordou e sorriu de novo, menos aborrecida.

— Esta é Jane — disse Harriet. — Esposa do Henry.

Jane sorriu para mim. A ausência de cabelo colocava todo o foco em seu rosto marcante, os ângulos fortes dos malaras, os olhos pequenos, as orelhas grandes. E havia nela uma convicção, um ar impetuoso, algo que estava presente em todos reunidos diante da lareira. Mas eu já tinha participado de suficientes resgates para saber que aquilo não era normal. Normal era o medo. Normal eram os

sussurros. Mas esse grupo ria como se já estivesse no norte. Não era nada parecido com o que eu tinha visto na Virgínia ou entre aqueles que foram pela estação da Filadélfia. A diferença era Harriet que, através da Condução, tecendo as histórias, constituía sua própria guerra solitária para pôr fim à Tarefa e, em particular, contra a terra que havia legado a ela essa missão. Mesmo depois de ter visto a Condução, foi diante disso que resolvi que as histórias realmente deviam ser verdadeiras. Harriet devia mesmo ter sacado o revólver para o covarde. Ela de fato tinha conduzido pelo rio durante o inverno. O chicote havia derretido na mão do capataz. Ela era a única agente que nunca falhou em nenhum resgate, nunca perdeu um passageiro na ferrovia. E embora isso fosse a história, era uma história conhecida até por aqueles abrigados no calor daquela cabana. Porque quando falavam da partida, falavam como direito divino. Ali estavam no vértice de uma profecia cumprida e, diante deles, estava a profetiza, Moisés, enchendo-os de certeza.

Harriet então desfiou o plano.

— Um resgate deve ser simples e pequeno por costume, e não apenas por isso, mas também por sensatez. Só que vocês são bem conhecidos por mim, todos, e concordei com os seus termos, assim como vocês concordaram com os meus, que são bem simples: *ninguém volta*.

Senti, nesse momento, talvez mais do que na Condução em si, que todos os apelidos de Harriet eram merecidos. Seus modos, sua calma férrea já seriam o suficiente. Mas, além disso, havia o efeito que tinha sobre os outros. Ninguém disse nada. A própria noite parecia ter congelado e só havia Harriet prendendo nossa atenção. E quando ela pronunciou sua lei, *ninguém volta*, não nos encheu de medo, porque não pareceu uma ameaça, mas uma profecia.

— Jane e Henry, vocês vão ficar aqui na casa de Chase. Não saiam até amanhã de noite. Por ser domingo deve demorar um pouco pra eles perceberem que vocês fugiram. Ben, sei que você não estará trabalhando, mas me faça o favor de ser visto, só pra garantir. A gente não quer que o velho Broadus e o pessoal dele veja os fios até a teia estar em volta deles. Mais ou menos neste horário amanhã de noite, vamos nos encontrar na casa do meu pai, descansar um pouco e aí vamos embora.

Ela fez uma pausa, se recompôs e se levantou com ajuda da bengala.

— Agora vem a parte mais complicada, Hiram. Está faltando alguém aqui hoje. Meu irmão Robert está esperando o filho nascer e não gostaria de ir de jeito nenhum, a não ser pelo fato de que Broadus está pronto pra levá-lo a leilão.

Robert precisa fugir, mas insisti em ficar com a mulher até o último segundo. Não era o que eu queria, deixar a coisa assim, mas o sangue tem amarras no coração da gente e quando elas começam a repuxar... Bem, o resultado quase nunca é bom.

“Mas eu concordei com a condição de manter todo o nosso plano no escuro. Vou dizer isso a ele como estou dizendo a vocês, assim que ele estiver na minha frente. Então alguém vai precisar pegar Robert, e você, Hiram, é que vai fazer isso, meu amigo.”

Era um encargo novo, embora não inteiramente inesperado. Harriet tinha se empenhado em fazer rodeios na descrição do que tínhamos pela frente. Talvez para me impedir de pensar demais e ficar apreensivo. Não estávamos na Virgínia e eu iria sozinho.

— Gostaria de ir eu mesma — disse ela. — Mas Robert está na plantação da casa e desconfiam muito de mim lá. Vão estar à minha espera. É menos provável que desconfiem de você e, se desconfiarem, você tem os salvo-condutos. Isso deve garantir o direito de seguir viagem com Robert.

Concordei.

— Quando eu devo ir, então?

— Agora mesmo, amigo. Agora mesmo. Você precisa chegar na casa do Robert antes do amanhecer. Chegando lá você vai esperar fora de vista, e, assim que cair a noite, vai levar o Robert até a casa do meu pai. Robert sabe o caminho.

— Deixa comigo — falei.

— Mais uma coisa, Hiram. — Harriet se virou para Chase Piers e disse: — Chase, dê aquele negócio a ele.

Chase foi até um armário pequeno, pegou alguma coisa embrulhada em tecido e entregou para Harriet. Quando ela desembalhou, vi o revólver brilhando à luz da lareira.

— Leve isso — disse ela, e me entregou o negócio. — É para eles, mas é mais pra você. Se tiver que usar, então é provável que seja tarde demais e você vai querer pelos dois motivos.

★ ★ ★

E a floresta, seguindo de acordo com as instruções. Sinais secretos orientavam meu caminho. Embora fosse noite, eles eram visíveis ao luar, mais ainda porque eu sabia o que procurar: uma estrela entalhada na casca de um carvalho negro; cinco ramos cortados amarrados no chão, dois virados para o leste; uma pedra grande com o desenho de uma lua crescente em cima e uma pá embaixo. Perdi alguns, precisei voltar um pouco, mas, mesmo assim, cheguei à casa de Robert antes do nascer do sol e não tinha tempo a perder. A plantação de Broadus não era tão exuberante como a da minha Lockless, e os abrigos eram pouco mais que barracos espalhados ao acaso na floresta. Ele sequer se dera ao trabalho de remover as árvores em volta. Se essa organização caótica dava alguma ideia de como era trabalhar ali, eu entendia muito bem porque Harriet queria esquecer.

Era domingo de manhã, o que significava que não havia Tarefa, e não haver Tarefa significava não haver contagem, de forma que o capataz não perceberia a partida de Robert até o dia seguinte. Quando isso acontecesse, já estaríamos na Filadélfia, com Raymond e Otha, conspirando o próximo passo para o Canadá ou Nova York. O plano, pelo que eu sabia, era que Robert saísse do barraco logo antes de o sol nascer, assobiasse uma vez e depois entrasse na floresta onde a gente se encontraria. Quando ele tivesse se aproximado, eu precisaria dizer uma frase para ele saber minhas intenções e ele teria que responder com a frase dele. Se alguma coisa não saísse assim, eu saberia que algo tinha dado errado e voltaria imediatamente para a cabana de Chase Piers. Então esperei a certa distância, até ver um vulto sair e olhar em torno. Ouvi o assobio e o vulto se encaminhou da cabana para a floresta. Caminhei na direção dele e disse:

— O trem de Sião está na sua frente.

— E eu gostaria de embarcar — disse Robert.

Era um homem de tamanho mediano, com expressão tristonha, sem nada da alegria e da segurança dos outros parentes de Harriet. Ele carregava um peso, e poucas vezes vi um homem tão angustiado com a perspectiva de ser resgatado da Tarefa.

— Partimos ao anoitecer — avisei. — Prepare tudo e me encontre aqui.

Robert assentiu de novo e voltou para o barraco.

Eu voltei para o meio da floresta. Embora não houvesse Tarefa naquele dia, não queria chamar nenhuma atenção. Então caminhei até o terreno começar a se elevar e, no alto do morro, encontrei uma caverna onde me abriguei até a noite. Perto da hora marcada, voltei ao local de encontro, mas Robert não apareceu.

Esperei mais, mas, como ele não veio, me perguntei se teria entendido a hora errado, porque eu não tinha. Pensei em ir embora sem ele, porque Harriet não abriria exceção, e pensei que se estivesse na Virgínia, era isso o que faria. Mas os meses tinham me modificado e naqueles dias desde a Convenção de Nova York pensei muito em como Micajah Bland tinha morrido, como ele podia ter deixado Lydia e voltado. E pensei que ele preferiria encarar Otha na outra vida a encontrar nesta por ter feito uma coisa dessas. Eu ainda tinha meus salvo-condutos se precisasse deles. Então decidi sozinho que voltaria com o irmão de Harriet ou não voltaria. Saí da floresta e fui checar o barraco.

Quando me aproximei, ouvi gritos de mulher e pela porta aberta vi a mulher andando de um lado para o outro e Robert na cama com a cabeça entre as mãos. Observei de fora por um momento enquanto a mulher investia contra Robert com um misto de raiva e dor.

— Eu sei que você vai me deixar pra se encontrar com aquela menina, Jennings — disse ela. — Eu conheço você, Robert Ross. Sei que você vai me deixar e é melhor você ter a honra de me contar.

— Mary, eu já disse. Estou indo ver meu irmão, minha mãe e meu pai. Hoje é domingo. Você sabe disso. Olhe Jacob aí. — E com isso Robert apontou para mim, fora da porta. — Eu falei dele. Da casa dos Harrison. Tenho parentes lá também, não é verdade, Jacob?

Mary se virou para mim, parado ali fora, me olhou de cima a baixo, revirou os olhos.

— Nunca vi Jacob nenhum — disse ela.

— Pois olha ele bem aí — disse Robert.

— Você nunca precisou de parceiro para passear — falou ela. — O que mudou? Nunca vi esse homem antes. Sei que ele não é daqui. Que tal eu ir com você em vez dele? Sei o que você está fazendo, Robert Ross. Sei tudo sobre essa garota, essa Jennings.

Eu estava na soleira da porta do barraco. Então entrei e vi Mary melhor: uma mulher pequena, coberta de raiva justificada. Ela realmente conhecia Robert, mesmo sem saber para que lado ele estava indo agora. Ela olhou para mim de novo e disse:

— Jacob, é? Que tal se eu for até a casa dos Jennings e perguntar sobre você?

— Nós não vamos fazer isso — falei.

— Não tem “nós”. Eu mesma faço isso sozinha, agora.

— Não. Não vou deixar.

— Ah é? Vai me impedir?

— O que eu desejo, minha senhora — falei —, é que a senhora mesma se impeça.

Mary me lançou um olhar incrédulo. Eu precisava agir depressa.

— Tem razão — disse eu. — Não tem nenhum Jacob por aqui. Mas se a senhora fizer o que está dizendo, vai trazer muita dor para você e para todo mundo que ama de um jeito que vai muito além do que simplesmente descobrir se Robert está andando por aí com outra moça.

Atrás de mim, ouvi Robert gemer e dizer:

— Amor...

— Sra. Mary — falei. — Me parece que não contaram para a senhora exatamente qual é o negócio. Tem razão. Robert vai embora. Ele precisa ir e não tem nada que vá querer fazer a respeito.

— uem foi que disse que não?

— Não, a senhora não vai — repeti. — Realmente acho que não deve. Sei que ele não tem sido sincero, mas vou ser direto. Broadus está para pôr esse homem no toco. E quando fizer isso, vai ser mais fácil a senhora andar em cima da água do que ver seu marido de novo.

— Ele trabalha nesse negócio faz um ano — disse ela —, e Broadus não fez nada. Robert trabalha muito, não vão querer vender ele.

— Robert trabalhar muito é a primeira razão para quererem vender. Um homem desses gera uma boa quantia. E qual negro já se salvou porque trabalha muito? A senhora tem tanta fé assim nessa gente? Eu dei uma boa olhada neste lugar. Está por um triz. Já vi muita fazenda assim antes. Vendem o pessoal por necessidade. Já vi como é. Estou falando para a senhora agora, muito francamente, que o seu Robert só tem duas chances: o leilão com Broadus ou ir embora comigo.

Se existisse um manual oficial da Clandestinidade, eu estaria violando os artigos mais primordiais. Os agentes trabalhavam duro para serem vistos apenas pelos que estavam conduzindo e nunca identificavam seu verdadeiro negócio, optavam sempre por contar qualquer outra história. Mas eu tinha desistido de tudo com a esperança de, tendo o tempo contra nós, convencer Mary a ir conosco.

— A Clandestinidade oferece uma chance de reunião — expliquei. — Odeio separar vocês. Eu sei o que é isso, acreditem, eu sei. Eu mesmo estou separado. A cada minuto de cada hora de cada dia, penso na garota que tenho na Virgínia.

Fui afastado dela à força, mas melhor ser forçado a ir para o norte pela Clandestinidade do que ser forçado a ir mais fundo no caixão. É o único jeito, acredite em mim.

“Disseram que vocês dois estão para ter bebê e sei o quanto isso deve pesar. Eu sou órfão, sra. Mary. Minha mãe foi vendida e meu pai não valia nada. Sei que vocês devem estar com medo de essa criança chegar sem pai e eu sinto por isso mais do que podem imaginar.

“Mas a senhora precisa entender que Robert vai ser levado. Seja por nós ou por eles. A senhora sabe quem nós somos. Sabe o que a gente faz. E sabe o nosso sinal. Nós somos gente honrada. E dou a minha palavra que não vamos descansar enquanto a senhora e Robert não se reunirem.”

Ela ficou ali, perplexa e deu um passo atrás.

— Não, não — gemeu ela, sacudindo a cabeça.

Naquele momento me lembrei dos gemidos de Sophia quando os Cães foram chegando. Mas também de outra coisa: na Virgínia, em Bryceton, antes de a gente partir para resgatar Parnel Johns. Eu me lembrei como desconfiava de tudo naquele tempo e como Isaiah Fields se transformou em Micajah Bland, como a confiança dele em mim me fez confiar em tudo que veio depois. Foi esse o espírito que eu invoquei então.

— Meu nome... — disse eu. — Meu nome é Hiram, senhora. Robert Ross é o meu passageiro e eu sou o condutor dele. Juro pela minha vida que ele não vai se perder. Nem a senhora.

Uma lágrima suave desceu pelo rosto de Mary. Ela se recolheu um momento e depois passou por mim.

— Eu juro, Robert, que se for uma mulher, eu encontro você e estou dizendo que esse homem, esse Hiram com esse palavrorio todo, não vai salvar você.

Senti que eu devia desviar o olhar. Que eles mereciam um momento porque, por algum tempo, não haveria outro. Pensando em tudo que tinha falado, pensando na Virgínia, em Sophia, fiquei ali paralisado.

Robert a puxou para perto. Deu um beijo quente e delicado na esposa.

— Não estou fugindo com mulher nenhuma, Mary. Estou fugindo *por* uma mulher, e essa mulher é você.

A briga de Robert e Mary nos atrasou um pouco. Sem ela teríamos atravessado a floresta e chegado à casa dos pais de Harriet bem a tempo de partir, mas agora tínhamos que pegar as estradas, o que não era o ideal. Harriet, profeta

que era, previra o contratempo e por isso eu tinha os salvo-condutos. Pelas estradas, então. Confiei em Robert que agora nos conduzia para a casa da mãe e do pai, Rit e Ross. Harriet tinha mantido cada parte do plano no lugar de forma que, se qualquer um de nós fosse pego, nenhum, por mais espancado e chicoteado que fosse, conseguiria delinear o plano completo.

Robert seguiu em silêncio no primeiro trecho da viagem, reservando as palavras apenas para a orientação. Deixei o sujeito quieto. Por maior que fosse a curiosidade, a partida já tinha sido bem dura e eu não tinha intenção de pedir que a revivesse. Mas então aconteceu o que sempre acontece comigo: Robert simplesmente começou a falar.

— Você sabia que o plano era deixar ela, não sabia? — disse ele.

— Sabia. E foi exatamente o que aconteceu — respondi.

— Não foi o que eu quis dizer — disse Robert. — O plano era deixar Mary pra sempre. Eu ir sozinho e encontrar outra esposa no norte.

— E seu filho?

— Não tem filho... ao menos não meu. Eu sei disso. E ela sabe também.

Ficamos quietos um minuto.

— Broadus — falei.

— Dele mesmo. Ele e a Mary têm mais ou menos a mesma idade. Brincavam juntos quando pequenos. Depois separaram, como acontece com todo mundo. Acho que ele tinha uma queda por ela desde aquele tempo. E, agora homem, achou que podia se valer desse sentimento, por mais firme e honesta que Mary seja. Mas talvez ela sentisse a mesma coisa, porque com certeza não tentou impedir.

— E como ela poderia fazer isso? — perguntei.

— Rapaz, eu não sei — disse Robert, frustrado. — Como as pessoas conseguem fazer qualquer coisa por aqui? Eu sei lá. Mas uma coisa eu digo: eu que não ia criar filho de branco.

— Então você decidiu fugir.

— Então decidi fugir.

— Broadus não estava mesmo para vender você, estava?

— Estava. Isso ele estava sim. Não sei quando, mas era a intenção. Por um tempo, achei que seria um alívio. Nunca tive nenhuma vontade de ver Natchez, mas, se me ajudasse a esquecer Mary e a minha humilhação, talvez fosse melhor.

— Um homem ser vendido nunca é para melhor.

— É, eu sei — disse Robert. — Mas aí Harriet e a família me estenderam a mão, me tiraram do desespero. Disseram que uma outra vida ainda podia estar à minha espera no norte. Perguntaram da Mary e do bebê, claro, e falei que de jeito nenhum ia ficar com o filho de outro homem. Ela não é desse jeito, não é nem um pouquinho, mas eu disse que ou seria uma vida nova com tudo, ou eu simplesmente arriscaria a sorte com Broadus.

“Mas, quando chegou a hora de ir embora, quando eu tive que realmente enfrentar o que significava deixar minha Mary eu... não sei. Só posso dizer que fraquejei e comecei a pensar que talvez a vida de antes não fosse tão ruim. Aí você veio e fez a promessa...”

— Eu peço desculpas, achei que...

— Não precisa se desculpar por nada. O fato é que você falou o que eu sentia. Não posso viver sem Mary. Não quero nenhuma liberdade que não seja em algum lugar com ela... É só a questão do filho, de criar o filho de outro homem. Isso pega a gente de um jeito...

— É, pega mesmo — concordei.

E senti. Entendi. Tinha começado a entender mais porque pensava não só em mim e em Sophia, não só em Robert e Mary, mas, naquele dia, no norte do estado, em que conheci Kessiah. Pensava naquela grande universidade de escravidão e Tarefa, nas mulheres de macacão, na vasta conspiração para pilhar metade do mundo. Pensava no meu papel nisso, nos meus sonhos, na Lockless que eu tinha construído em minha cabeça, principalmente baseada na *minha* Sophia.

— A gente nunca consegue ter nada puro — disse Robert. — Tudo é sempre meio mal arrumado. Essas histórias de cavaleiros e donzelas nunca são pra nós. A gente não recebe nada puro. Não recebe nada limpo.

— É — falei. — Mas eles também não. É uma coisa e tanto, uma coisa suja, ruim, botar o próprio filho ou a própria filha na Tarefa. Pelo que eu entendo, não existe pureza e a gente é que é abençoado, porque a gente ao menos sabe disso.

— Abençoado, é?

— Abençoado porque a gente não leva o peso de fingir que é puro. Fique sabendo que levei um bom tempo pra entender isso. Precisei perder parentes para entender de verdade o que perda quer dizer. Mas como estive lá no fundo e tive a chance de ver quem está por cima, digo uma coisa, Robert Ross, prefiro viver aqui embaixo no meio das minhas perdas, no meio da lama e da confusão,

do que entre aqueles que estão também no meio da lama, mas tão cegos que acham que são puros. Não existe pureza, Robert. Não existe estar limpo.

NO FIM DA tarde chegamos a um caminho pequeno que levava a uma clareira e à casa dos Ross. Avistei a casa e um estábulo atrás. Lembrei então que os pais de Harriet eram livres, mas seus filhos não.

— Não consigo encarar minha mãe — disse Robert.

— Por que não? — perguntei.

— Ela fala tudo na cara. Se me encontrar, se ela souber, vai chorar feito um bebê e, quando os brancos vierem perguntar o que aconteceu, ela jamais vai conseguir mentir. Harriet foi embora daqui faz dez anos. Eu estive com ela desde então, mas, com a mãe, ela não falou. Não porque ela não quis. Mas como falar?

Então Robert assobiou. Depois de alguns minutos, um homem mais velho, que entendi que era seu pai, já que o chamava de Pop Ross, saiu e sem olhar para nenhum lado específico, acenou para os fundos da casa. Demos a volta, escolhendo o caminho pela floresta. No meio do trajeto, avistamos pela janela da casa Rit varrendo o chão. Robert deu uma parada, consciente de que talvez nunca mais a visse, depois continuou andando. Abrimos a porta do estábulo e encontramos lá todo o grupo sentado em silêncio. Ninguém disse nada. Harriet emergiu de um canto. Os olhos pregados em Robert. Pegou-o pela lapela, sacudiu-as e o puxou para um abraço forte. Ficamos ali sentados, à espera da segurança da parte mais profunda da noite. Alguns subiram para o mezanino e dormiram. Ross trouxe comida. Quando abriu a porta, no entanto, virou o rosto e estendeu o braço direito, à espera de que alguém viesse pegá-la.

Duas vezes vi Rit se aventurar à entrada que dava para a estrada, olhar ao longe e voltar para dentro. Fiquei me perguntando se ela fazia ideia de que Robert viria.

Começou a chover ao pôr do sol. Ben e Robert espiaram por uma fresta do estábulo que dava para a janela de trás da casa grande, e por ela viram Rit acender a lareira, um cachimbo na boca e o peso do desamparo da saudade dos

filhos por todo o rosto. Harriet, que não via a mãe havia anos, não quis vê-la naquele momento. Não olhou pela fresta. Não arriscou uma despedida, mesmo distante.

Por fim, Rit apagou o fogo e foi para a cama. Vi que uma névoa pesada tinha baixado. Harriet inspecionou cada um de nós. Estava na hora. Saímos. Vi Ross na porta, de olhos vendados.

— uando me perguntarem se eu vi algum de vocês — disse ele —, vou poder responder que não sem ofender a Deus.

Atravessávamos a névoa. Jane estava de braço dado com o velho. Henry o pegou pelo outro lado e entramos na floresta lamacenta. O pai de Harriet cantarolava baixinho para si mesmo, depois cantou a velha canção de despedida e, um a um, todo o grupo começou a cantar em um murmúrio suave.

*Casa grande da fazenda chama a gente
Vou embora, porque a gente é maltratada
Ah Gina, o dia é tão curto, a noite tão demorada.*

uando a floresta enfim se abriu avistamos uma grande lagoa, cuja extensão não dava para divisar por causa da névoa e do escuro. As vozes ficaram mais baixas, até o único som ser da chuva batendo nas folhas e da água que escorria para a lagoa parada.

— Bem, meu velho — disse Harriet ao pai —, chegou a hora de eu assumir.

Acho que eles deviam ter alguma ideia do que estava para acontecer, porque assim que Harriet disse isso, Jane e Henry soltaram o abraço e todos entraram na água. Henry, Robert e Ben formaram uma fila à frente na direção do centro da lagoa. Jane pegou a minha mão e me puxou. Olhei para trás e vi Ross lá parado, de olhos vendados. Harriet veio até ele, deu a volta ao redor dele como se para memorizar cada centímetro do pai e deu-lhe um beijo suave na testa. Então tocou o rosto dele e vi a luz verde da Condução brilhar em sua mão. As lágrimas escorriam pelo rosto de Ross.

Os dois ficaram assim por alguns segundos, então Harriet se virou, assumiu seu lugar à frente dos irmãos e começou a caminhar para o fundo. Todos a seguiram em silêncio, Jane e eu logo atrás. Só eu olhei para trás. Ross ainda lá, de olhos vendados. Ao avançarmos, vi que ele deslizava para longe, como as lembranças deslizam à vezes para a névoa, para a escuridão.

Como da outra vez, a água não era água. Harriet brilhava. Ela olhou para os irmãos e disse:

— Não tenham medo de um encantamento. Dessa vez, eu tenho um coro comigo. E o coro tem a mim.

A cada passo ela ficava mais brilhante, rompia a névoa à nossa frente como a proa de um navio rompe o mar. Quando parou, a pequena procissão atrás dela parou também. Harriet disse:

— Esta viagem é toda feita em nome de John Tubman.

— John Tubman! — gritou Ben.

— Eu, pra minha eterna tristeza, não pode vir conosco. Esta é por Ross e Rit, que eu bem sei que logo, logo estarão conosco.

— Logo, logo! — gritou Ben.

— Nós estamos em uma estrada de ferro.

— Logo, logo!

— Nossas vidas são a estrada, nossas histórias, o trilho, e eu, o maquinista que vai guiar esta Condução.

— Condução! — gritou ele.

— Mas essa não é uma história amarga.

— Vá em frente, Harriet, vá em frente.

— Porque faz muito tempo que eu já deixei minhas mágoas.

Então os outros irmãos de Harriet passaram a responder:

— Vá em frente. Vá em frente! — gritavam.

— John Tubman, meu primeiro amor, o único homem que achei que valia a pena seguir.

— Assim que se diz.

— Pus aí o meu nome de fato: Tubman.

— Assim que se diz! Assim que se diz!

— Começou quando eu era pequena, porque a escravidão transformou minhas mãos de crianças em pedras de moinho.

— Dureza, Harriet! Dureza!

— Um toque de varíola quase acabou comigo.

— Dureza! Dureza!

— O peso me esmagou. E veio a vigilância.

— Condução!

— Entrei na floresta. Comprovei. Vi o caminho.

— Condução!

— Mas não podia seguir enquanto não fosse adulta.
— Logo, logo! Logo, logo!
— Fiz trabalho de homem.
— Bem, vá em frente, Harriet, vá em frente!
— Arrumei uma parrelha de bois.
— Harriet tem um boi!
— Aceitei trabalhar pra quem quisesse. Rasguei os campos.
— Harriet tem um boi! Harriet rasga a terra!
— O Senhor pôs dificuldades no meu caminho. Fiquei tão dura como Moisés
diante do Faraó.
— Vá em frente, Moisés, vá em frente!
— Mas eu canto por John Tubman.
— Tubman!
— Homem não gosta de ser superado por mulher.
— Moisés rasga a terra!
— John Tubman não era desse tipo.
— Isso!
— Minha força era honra pra ele. Ele me admirava pelos meus trabalhos.
— Vá em frente, Moisés, vá em frente!
— E eu amo Tubman porque sei que uma mulher tem que amar quem a ama.
— Moisés tem um boi grande e feroz!
— John Tubman ama a minha força. Ama o meu trabalho.
— Força, Moisés! Força!
— Então sei que ele me ama.
— John Tubman!
— Planejamos a liberdade na batalha lenta e constante do trabalho.
— Dureza, Moisés! Dureza!
— Tínhamos planos. Nossa terra. Nossos filhos. Pelo boi.
— Moisés tem um boi!
— Mas tinha alguém que me amava mais que John Tubman.
— Assim que se diz. Assim que se diz!
— O Senhor me deu Vigilância. O Senhor me deu o caminho.
— Condução!
— O Senhor me chamou à Filadélfia.
— Condução!
— Mas o meu John não podia ir.

— Dureza! Dureza!
— Do norte me movimenter. Vi coisas novas.
— Moisés tem um boi!
— E quando voltei, não era a mesma mulher.
— Moisés rasga a terra!
— Mas estava firme na minha palavra.
— Força, Moisés.
— E voltei pelo meu John.
— É, você voltou!
— E descobri que ele estava com outra.
— Dureza, Moisés! Dureza!
— Sofri com isso. Pensei em encontrar os dois e acabar com a história.
— Moisés tem um boi!
— Não me importava gritar. Não me importava que Broadus me ouvisse em fúria.
— John Tubman!
— Não me importava voltar pra baixo da corrente da escravidão.
— Dureza! Dureza!
— Mas um homem me deteve.
— Força, Moisés!
— Meu pai, Big Ben Ross. Me pegou e disse: “Harriet tem que amar quem ama Harriet.”
— Vá em frente, Ross! Vá em frente!
— E irmãos, digo pra vocês como Ross disse pra mim: a gente tem que amar quem nos ama.
— Vá em frente!
— E foi Nosso Senhor quem sempre mais me amou.
— Em frente!
— Meu John me deixou, irmãos. Mas eu sei que fui eu que deixei ele primeiro.
— John Tubman!
— Minha alma é cativa do Senhor, porque foi Ele que, acima de tudo, me amou mais.
— Moisés tem um boi.
— John Tubman.
— Força, Moisés.

- Onde eu estiver.
- Força, Moisés, força.
- Conheço o seu coração e você conhece o meu.
- Força, Moisés.
- ue nenhum mal abata você. ue suas noites sejam tranquilas.
- Força.
- ue você encontre a paz, mesmo no caixão.
- Logo, logo.
- ue encontre um amor que ame você, mesmo neste tempo de correntes.
- Assim que se diz.

E LÁ ESTÁVAMOS, NA manhã seguinte logo cedo, antes de o sol nascer, nas docas da avenida Delaware, na outra ponta da Condução. A neblina rolava da água e escondia a cidade. Olhei para o grupo atrás de mim e vi uma Harriet enfraquecida, com os braços por cima dos ombros de Henry e Robert. Assumi o comando e orientei o grupo para o nosso ponto de encontro, um armazém a menos de dois minutos do ponto onde tínhamos surgido. Otha e Kessiah estavam à nossa espera. Henry e Robert deitaram Harriet em uma fileira de caixotes. Ela disse:

— Agora não fiquem agitados por minha causa, ouviram? Falei que vou ficar bem contanto que esteja com a minha gente. Está bom pra mim, não acham?

— Foi uma beleza, Harriet — falei. — Nunca vi nada parecido.

— Mas vai ver de novo, meu amigo — disse ela com os olhos fixos nos meus. — Vai ver de novo.

Kessiah acariciou delicadamente a testa de Harriet por um momento e olhou para mim. Sorrii em silêncio, balançou a cabeça e, naquele momento, percebi a dimensão de tudo aquilo que tinha acontecido, caindo sobre mim como uma grande onda de mágoa e alegria. Coisa que eu procurava havia muito, uma necessidade que eu sentia, mas cujo nome nunca tinha ouvido e agora estava clara diante de mim. Era Harriet, seus irmãos, seu pai, uma família inteira batalhando para existir como tal. E senti então que não podia haver guerra mais santa, mais justificada do que aquela. Ao olhar para Kessiah, que era a minha ponte com a Virgínia, minha ponte com minha mãe, minha ponte com Thena, senti que ela era família. Foi natural, portanto, fazer o que fiz naquele momento: pegá-la pelos ombros, puxá-la para mim e abraçá-la com força, sentir o aroma floral do seu cabelo e a maciez da sua face contra a minha. Era tudo tão novo. E eu estava tão novo. Um peso desaparecia e ele não era meramente a Tarefa, com sua labuta e suas condições, mas os mitos além: meu pai como meu salvador, minha conspiração para deixar a Rua, a ideia de que Lockless podia ser

redimida através da minha mão por ela ser especial. Meu esquecimento. Apaguei minha mãe. Fui para a casa de Lockless como se não tivesse uma. Depois fui conduzido, levado para fora do caixão, para fora da escravidão. E agora sentia que eu havia me livrado das mentiras, como quem deixa uma pele velha, emergindo assim um Hiram mais verdadeiro, mais lustroso.

Kessiah disse:

— Tudo bem, Hi. Vai ficar tudo bem.

Senti que ela dava tapinhas e alisava as minhas costas, do jeito que se acalma uma criança. O gosto de sal nos lábios me fez perceber que eu estava chorando, chorando nos braços dela e, percebendo isso, senti vergonha. Quando ergui o rosto, no entanto, vi que todos à minha volta, o grupo inteiro que Harriet trouxera, Otha e Kessiah, todos se abraçavam e choravam.

Fomos em turnos, a cavalo e de carroça, para o escritório da rua Nove, para não despertar atenção desnecessária. Ao nascer do sol estávamos todos reunidos. Tudo tinha sido coordenado perfeitamente. Raymond serviu café e pãezinhos de centeio, pão preto e tortas de maçã da padaria de Mars. Nós todos estávamos com fome, e mesmo nos esforçando para manter as boas maneiras, comemos até ficarmos cheios.

— Então é isso, né? — disse Robert.

Ele estava parado em um canto da sala, junto à janela e olhava os outros comerem.

— Isso e mais — eu disse. — Coisas boas. Coisas ruins.

— Mas, no geral, melhor do que o cativo, né?

— No geral, sim — falei. — Mesmo assim, tem partes da vida das quais a gente não consegue escapar, e tive que aprender aqui que, no fim, estamos todos presos de algum jeito. Só que aqui dá pra escolher por quem e por quê.

— Acho que posso lidar com isso — disse Robert. — E acho também que tenho que me encontrar de novo com a minha Mary.

— Amar quem ama você — falei.

— Parece que sim.

— Falou com a Harriet?

— Não. Não sei como perguntar...

— Eu pergunto. Fui eu que prometi.

★ ★ ★

R dos passageiros. Eu fiz as anotações. Durou o dia inteiro. À noite, todo mundo foi despachado para casas diferentes na cidade ou nos arredores, em Camden. Foram aconselhados a ficar dentro de casa, porque, a essa altura, sua fuga já seria conhecida e Harriet seria a principal suspeita. Até o fim da semana a Filadélfia estaria vigiada pelos Cães, mas então eles também teriam ido mais para o norte. Nessa noite, fiquei sentado na sala. Harriet estava no andar de cima, em meu quarto, dormindo profundamente, como estava desde a nossa chegada ao escritório da rua Nove.

Raymond estava indo com Jane e Henry para deixá-los em segurança no abrigo, mas antes de sair me entregou uma carta e disse:

— Achei que isso podia esperar até a sua volta, mas, Hiram, quero que você entenda que não deve mais nada a ninguém. Nem a mim. Nem a Corrine.

Fiquei na sala, com a carta na mão. Tinha o carimbo da estação da Virgínia e por isso sabia o que dizia antes mesmo de abrir. Estavam me chamando de volta para a lama. Agradei as palavras de Raymond, mas de jeito nenhum deixaria de voltar. A essa altura, sentia que pertencia realmente à Clandestinidade. Era quem eu era e eu não fazia ideia do que seria a minha vida sem isso. Apenas um ano antes eu tinha feito uma promessa, embora parecesse ter sido há dez, a de libertar Sophia. E, mesmo sem Bland, eu começava a pensar em um jeito de fazer isso.

Mais ou menos uma hora depois que Raymond saiu, Harriet desceu a escada com sua bengala. Sentou-se no sofá e respirou fundo.

— Então isso é tudo? — perguntei.

— É — respondeu ela. — É isso.

— Bem, tudo não.

— Como assim?

— Eu não contei, mas só consegui trazer seu irmão porque fiz uma promessa a Mary. Ela não queria deixar ele ir, então eu contei tudo para ela.

— Tudo?

— Eu sei. Não foi sensato.

— Não. Não mesmo — disse Harriet.

Ela então desviou os olhos e deu um suspiro profundo. Ficamos ali sentados em silêncio por um momento.

— Eu disse o que tinha que ser feito, mas eu não estava no seu lugar. Então o jeito que você fez é o jeito que foi feito. E eu agradeço. É isso que o Robert quer? — perguntou ela.

— É.

— Esse rapaz é um perigo.

— E tem mais uma coisa também.

— O que é agora? Vai me dizer que você quer conduzir o estado inteiro?

Eu ri. E falei:

— Não. Quero que saiba que vou sair, Harriet. Vou voltar para casa.

— Hum. É, eu já desconfiava. Principalmente agora que você viu o poder.

— Não é isso. Eu ainda não tenho o poder completo.

— Tem o suficiente. O bastante pra eu dizer o seguinte: quero que lembre que revelei tudo isso pra você e só pra você. Fiz isso porque você é o portador, ninguém mais. Não esqueça isso. Assim que você botar esse trem nos trilhos, e você vai botar, muita gente vai querer falar sobre como você deve conduzir. Você sabe do que eu estou falando. Eu adoro a estação da Virgínia, porque lá os corações estão realmente apontados na direção do Senhor, mas não deixe eles puxarem você pra dentro dos esquemas deles, Hiram. Eles vão tentar puxar você pra todo tipo de malandragem, mas lembre que isso tem um preço, sempre tem. Você viu em mim. Viu hoje mesmo, até. Existe uma motivação que a gente acaba esquecendo. E pra quem lembra, bem, é duro. Hoje mesmo, eu só consegui fazer o que fiz com a ajuda dos meus irmãos.

“Se precisar falar sobre isso, se estiver inseguro, escreva umas linhas para Kessiah. Eu nunca vou estar longe dela. Se precisar de alguma coisa, se estiver pra baixo, fale comigo antes de tentar resolver tudo sozinho. Um homem pode se perder nesse mundão e não dá pra dizer pra onde a história pode levar a gente. Então me procure, entendeu Hiram?”

Assenti e reclinei na cadeira. Conversamos amenidades até ela ficar cansada e pedir licença para subir. Peguei no sono no sofá. No dia seguinte, quando acordei, havia uma alegre mudança. Encontrei Otha, Raymond e Kessiah à mesa da sala de jantar.

— Acabei de saber de uma coisa — disse Otha com alegria.

Eu não o via tão esperançoso desde a captura de Lydia e a morte de Bland.

— O quê? — perguntei.

— Lydia e as crianças, Hiram. Acho que encontramos um jeito.

— Como? — perguntei.

— McKiernan — respondeu Raymond. — Ele quer vender. Estamos em contato com ele através de um intermediário.

Kessiah tirou um livro pequeno de uma mala.

— Não é o nosso jeito — disse ela. — Mas temos que contar nossas histórias.

Na capa do livro se lia *O sequestrado e o resgatado*. Folhei suas páginas e descobri que era a história da fuga para a liberdade de Otha White.

— Que coisa incrível — falei, devolvendo o livro a ela. — Então, qual é o plano?

— Otha e alguns outros vão fazer uma excursão pelo norte — disse Raymond. — Vão vender o livro aos abolicionistas e usar os lucros pra comprar Lydia e a família.

— E McKiernan vai esperar? — perguntei. — Depois do que a gente tentou fazer com ele?

— Você quer dizer depois do que ele fez com a gente, né? — perguntou Otha. — Bland está morto. Bem dentro do caixão. A gente não vai desistir de Lydia e aquele sujeito sabe disso. Eu odeio pagar resgate por minha própria gente, mas acho que não é hora de empinar o nariz.

— Não — concordou Kessiah. — Não é. Se você tiver um jeito de tirar eles de lá, Otha, tire. Faça a sua parte e deixe a justiça com o Senhor.

— De fato — eu disse. — Por conta disso, tenho uma coisa que preciso dizer...

— Hora de voltar, né? — disse Otha.

— É — respondi. — Eu... Não sou mais quem eu era.

Não sei se eles entenderam. Talvez Kessiah. Mas mesmo que não tivessem, eu quis dizer, quis que soubessem que eu tinha sido transformado pela Filadélfia, por Mars, por Otha, por Mary Bronson, por todos. Quis que soubessem que eu entendia. Mas todos aqueles anos calado, ouvindo, ainda pesavam sobre mim, então tudo o que podia registrar desse sentimento era “eu não sou ele. Eu não sou ele”.

— Nós sabemos — disse Otha, que ficou de pé e me abraçou.

ANTES DE VOLTAR para o caixão, eu tinha promessas a cumprir. Em uma manhã fresca de domingo de novembro, eu andava com Kessiah na direção do passeio ao longo do Schuylkill. O vento soprava pela Bainbridge, essa rua adorável. Adorável, sim, eu passara a achar, porque onde antes percebia caos, agora via uma sinfonia na cidade, nas coisas rasteiras pelas vielas, no odor abominável, na variedade de pessoas que transbordava de suas casas de tijolos, empilhadas em transportes coletivos, ofegantes nas lojas de peltre, discutindo nos armarinhos, pechinchando nas quitandas.

Fomos contando as ruas numeradas até chegarmos ao rio. Percorremos sua margem caminhando pelo passeio, quase vazio naquela manhã. Kessiah enrolou o xale com força nos ombros e disse:

— Não nascemos pra isso aqui, sabe? Somos gente dos trópicos, é o que dizem.

— Minha estação preferida — disse eu. — O mundo fica tão bonito nesta época do ano. É como se uma paz baixasse sobre tudo, mesmo aqui. É como se o verão deixasse o mundo cansado e, em outubro, todo mundo estivesse pronto para tirar uma soneca.

— Não sei — disse Kessiah, que balançou a cabeça, deu um breve sorriso e fechou mais o xale. — Esse vento que vem do rio assim? Eu quero a primavera. Eu quero os campos verdes. Eu quero as flores.

— A estação da vida, né? Bem, prefiro essa estação de perda, de morte, acho que é o mundo em sua forma mais verdadeira.

Nós nos sentamos e ficamos em silêncio por um momento. Kessiah pegou minha mão e segurou, deslizou até ficar bem perto de mim e me beijou no rosto.

— Como você está, Hi? — perguntou.

— Com um monte de sentimentos — respondi.

— É, eu sei — disse ela. — Essas idas e vindas, meu Deus, eu sinto isso toda vez que deixo o meu Elias lá na minha terra, sinto o coração arrancado de mim.

— E ele?

— Elias? Bem, eu acho que ele não gosta muito que eu saia. Mas eu também não pergunto. E saiba que sempre fui o tipo de mulher difícil de amarrar. Poucos homens conseguem suportar isso. Mas meu Elias é diferente. E acho que é principalmente por causa da Harriet. Temos o mesmo entendimento. Quando Elias veio para mim, não me estranhou nem um pouco. Pode bem ser essa a razão de ele ter se apaixonado por mim desse jeito. Eu era o que ele sabia que eu era. Eu era como uma mulher deve ser.

“Mas nós precisamos mesmo de ajuda na nossa terra. Temos muito trabalho. E eu não ajudo. Ele fica falando de arrumar uma mulher. Eu disse que pode fazer isso se quiser, mas que vai perder uma também.”

Demos risadas, e falei:

— Talvez não.

— Garanto que sim — disse ela. — Não deixe aquela palestra do “amor livre” convencer você.

— Não estou falando de amor livre. Estou falando da sua mãe.

Kessiah olhou para o rio e não disse nada.

— Não está certo — disse eu. — Não está certo o que fizeram aqui.

— Não está certo pra ninguém, Hi — disse Kessiah. — Você também está com planos de guerra com a Virgínia? — perguntou ela.

— Promessas foram feitas — respondi. — Antes de Bland morrer.

— Não pra Thena.

— Não. Não pra Thena. Eu ainda não entendo tudo, mas acho que devo alguma coisa. Estou feliz por ser da Clandestinidade, feliz por tudo isso ter acontecido. Mas não foi um convite, foi uma convocação. Não acho que seja pedir demais que a Virgínia liberte a mulher que salvou minha vida tantos anos atrás.

— Não, não é. Aqui, apenas com Raymond e Otha, ou mesmo com Harriet em Maryland, teria acontecido. Mas na Virgínia... eles são diferentes.

— Eu sei — falei. — Vivi enrolado com eles quase metade da minha vida. Mas pode ter certeza, estou determinado a tirar Thena. Não sei dizer como. Não sei dizer quando. Mas vou tirar.

Kessiah reclinou no banco e olhou para o rio. Um bando de pardais voou das árvores. Vi quando um gavião mergulhou no meio deles.

— Bem, não posso dizer que não adoraria ter ela aqui — disse Kessiah. — Mas você me perdoe se não fico entusiasmada. Eu me despedi já faz muito

tempo, Hi, e é duro dizer adeus a própria mãe, sabe?

— Eu sei — respondi.

— Se você conseguir chegar até lá e trazer ela pra cá, bem... A gente tem lugar. Uma fazenda linda a oeste daqui. Na direção de Lancaster. Uma pintura, eu diria. Basta ela vir.

★ ★ ★

Não, me vesti ao estilo dos Tarefeiros que tinha observado ali, os que usavam trajes bem acima da sua condição: calça boa, colete adamascado e cartola. Ainda era cedo, o sol tinha acabado de nascer, mas, quando desci, Raymond, Otha e Kessiah já estavam lá. Tivemos uma conversa agradável durante alguns minutos. Raymond tinha contratado um coche de aluguel para nos levar à Estação Ferroviária Gray, uma vez que o grupo todo insistia em se despedir de mim. Quando o coche chegou, embarcamos e nos preparamos para a viagem pela Bainbridge, mas vi Mars correndo na nossa direção, aos berros. Estava com um saco na mão e acenava com a outra.

— Olá, pessoal! — disse ao chegar a nós, e eu o cumprimentei com um sorriso e um toque na cartola. — Ouvi dizer que você vai deixar a gente por um tempo — disse para mim. — Quereria dar uma coisinha para você.

E me entregou o saco. Um garrafa de rum e pão de gengibre embrulhado em papel.

— Não esqueça — disse ele. — Família.

— Não vou esquecer — falei. — Até logo, Mars.

Quando chegamos à estação, chovia, e os passageiros faziam os últimos preparativos para embarcar. Avistei meu contato na multidão, um agente branco que me substituiria se alguma coisa desse errado. Eu me virei para eles e disse:

— Bem, acho que esse é o meu trem.

Abracei um por um, depois me juntei à multidão, apresentei meu bilhete e embarquei. Meu lugar no vagão era bem afastado, para não enxergar mais aquela minha nova família, porque eu temia o que poderia acontecer se os visse desaparecendo no horizonte. Então pensei em Sophia, pensei no quanto eu gostaria de trazê-la para cá, para conhecer aquelas pessoas, ouvir suas aventuras, comer pão de gengibre caminhando pelo passeio e ver homens brancos acenando

de seus monociclos. Então ouvi o grito do maquinista, o grande vagão rugiu e começava a minha descida à bocarra sulista.

★ ★ ★

M a fronteira, antes de Baltimore, antes de avistar o funcionário vindo pelo corredor para inspecionar cada pessoa de cor, antes das montanhas do oeste de Maryland irromperem Virgínia adentro, eu senti a mudança. Estar na Tarefa é usar uma máscara, e o que eu via com clareza naquele momento era que sentiria saudades da Filadélfia. Naquela cidade de fumaças tóxicas, eu tinha sido a versão mais verdadeira de mim mesmo, sem me curvar aos desejos e rituais dos outros. A mudança que eu então sentia tomar conta de mim (um aperto no peito, os olhos baixos, as mãos abertas e soltas, o corpo todo mole no banco) era como uma abnegação total de mim mesmo, uma mentira completa. E quando desembarquei na estação de Clarksburg, senti as correntes se fecharem nos meus pulsos, o garrote apertar meu pescoço. Tendo vivido como vivi, tendo experimentado a liberdade verdadeira, tendo visto sociedades inteiras de gente de cor livre, o peso que eu sentia era maior do que qualquer outra coisa que eu conhecia.

Na noite seguinte, uma terça-feira, eu estava de volta a Bryceton, instalado na minha velha cabana. Corrine me ofereceu um dia sozinho. Passei-o quase inteiro caminhando pela floresta, me imaginei andando na Filadélfia como tinha feito tantas vezes. Pensei de novo no quanto desejava levar Sophia para lá e mais, no quanto gostaria de levar Thena, e me ocorreu naquele dia que eu estava feliz de ter voltado, porque não queria nunca mais respirar ar livre com as duas ainda acorrentadas.

Bland tinha me prometido que convenceria Corrine a libertar Sophia, mas ele estava morto. Eu teria que, de alguma forma, convencer sozinho Corrine a libertar ambas. Havia obstáculos além da morte de Bland. Sophia era propriedade de Nathaniel Walker, propriedade pessoal, de forma que qualquer resgate despertaria sua ira e levantaria suspeitas sobre a Clandestinidade. Thena tinha tanta idade que os membros da Virgínia provavelmente se oporiam ao seu resgate. Eles achavam que uma vida de liberdade devia ser dada em primeiro lugar para os que fossem capazes de fazer melhor uso dela. Mas eu tinha dito a Kessiah que conseguiria e estava decidido a fazer isso.

Logo cedo na manhã seguinte, encontrei Corrine e Hawkins na sala da casa grande e, ao entrar, fui tomado por lembranças. Minha primeira visita a Bryceton, o desvendar de segredos incríveis. Vi meu antigo tutor, meu sr. Fields, meu Micajah Bland, dando risada quando Hawkins contou alguma história, vi quando voltava para mim o olhar mais grave que se pode imaginar e em seus olhos estava todo aquele terrível conhecimento que logo seria passado para mim.

— Hiram — disse Corrine quando nos sentamos nas poltronas. — Quando você caiu no rio com Maynard, você produziu dois efeitos. O primeiro foi alívio: me salvou da união com aquele homem e de todo o horror que você pode imaginar que viria com isso. E por isso sou grata a você.

— Não tive nenhum prazer nisso — falei. — Mas pelo menos melhorou a sua vida.

— Dois, rapaz — disse Hawkins. — Ela disse dois.

— Infelizmente — falou Corrine —, você privou esta estação de entrar no mais alto escalão da sociedade do condado de Elm.

— Não tinha nada de alto em Maynard — falei.

— É, mas você entende o que quero dizer — disse ela. — Agora estou condenada a ser uma solteirona, sem contato com as damas do condado. Se a união com Maynard tivesse acontecido, teria sido útil para fortalecer a Clandestinidade e nossa inteligência. Acho que você entende isso.

— Entendo.

— Então, com a morte de Maynard, perdemos um investimento. Meses de planejamento se desmancharam e fomos forçados a contar com o que restou.

— Ela está falando de você — disse Hawkins, ressentido. — Teve que contar com você.

— E mesmo sem nos oferecer o que acreditamos que Maynard poderia, você fez a sua parte. Nós sabemos o que você fez na Filadélfia e em Maryland. Agora você reconhece os poderes que um ano atrás mal percebia?

Eu não disse nada. Eu de fato reconhecia, mas faltava alguma coisa, algo que destravaria a memória mais profunda e me permitiria conduzir o trem pelos trilhos, como eu desejava. Mesmo tendo entendido tudo, o alerta de Harriet ainda era claro e eu acreditava no que ela dissera: que o poder era para mim, não para eles.

— Não deixamos de sentir gratidão ou admiração, Hiram. Mas, mesmo assim, dificilmente isso acerta as nossas contas.

— Eu estou aqui — falei. — Na medida do possível, por vontade própria. É só dizer o que precisam. Podem pedir e eu faço.

— Bom. Muito bom — disse Corrine. — Você se lembra de Roscoe, criado do seu pai?

— Claro — disse eu. — Ele me criou muito bem.

— Bem, Roscoe faleceu. Estava na hora.

— Sinto ouvir isso.

— Assim que ele começou a ir embora — disse Hawkins —, seu velho Howell mandou uma carta pra Corrine. Ele quer você de volta, no lugar de Roscoe.

— Toda a informação a que teríamos acesso com a minha união a Maynard — disse Corrine, — talvez você queira ser a fonte por onde ela vem. Queremos saber a situação do seu pai e o futuro de Lockless. Você nos ajudaria?

— Ajudo — respondi.

Minha prontidão os chocou, porque eu estava me propondo a voltar para o homem que era o meu dono, mesmo que ele também fosse meu pai.

— Mas preciso de uma coisa de vocês — falei.

— Diria que você já teve muitas — respondeu Corrine.

— Não mais do que eu mereço — disse eu.

Corrine sorriu para mim e concordou.

— De fato. O que você quer?

— Ainda tem duas pessoas aqui... uma mulher e uma garota... quero elas livres.

— Creio que a garota é aquela que fugiu com você, Sophia — disse Corrine. — E a mulher deve ser aquela que cuidou de você nos seus primeiros anos na casa, Thena.

— Isso, as duas. Quero as duas conduzidas para a Filadélfia através da estação da rua Nove e de Raymond White.

— Pode esquecer — cortou Hawkins. — Mais provável que você consiga botar os Cães em cima da gente. A garota que fugiu com você sumindo de novo assim que você volta? E depois a mulher que é como a sua mãe? Não, não tem como.

— E essa mulher, Thena — disse Corrine. — Ela já passou da idade em que se possa justificar a viagem.

— Sei dos perigos e sei dos problemas — falei. — E não precisa ser agora. Mas quero isso registrado. Quero que me prometam que, quando chegar a hora

certa, vamos tirar as duas. Olha, eu não sou mais o mesmo homem. Sei o que essa guerra significa e estou com vocês, mas não posso fazer um resgate em cima de um símbolo. Elas são minha família, a única que eu já tive. E quero as duas fora. Não vou conseguir dormir enquanto elas não estiverem livres.

Corrine me avaliou por um momento.

— Eu entendo. Vamos fazer isso. Na hora certa, mas vamos fazer. Agora se prepare. Você parte amanhã. Já informei seu pai para esperá-lo.

★ ★ ★

E , dia seguinte, acordei, me lavei, vesti minhas velhas roupas de Tarefa e, quando o tecido áspero arranhou minha pele, foi como um portão negro se fechando com ruído diante de mim. Então era isso. Eu agora estava realmente no fundo outra vez. Senti um alívio estranho; o atrito da roupa me colocava em contato com todos aqueles que viviam no atrito de ser submetido à Tarefa. Eu sabia que Corrine tinha queimado meu documento de posse, o documento da minha alma, mas isso não tinha sentido em um lugar onde toda a sociedade me considerava escravo. E me lembrei então de Georgie Parks, cuja liberdade ilusória estava ligada em mandar para a prisão qualquer outra pessoa de cor que aspirasse subir como ele. Eu não era Georgie. Eu não podia queimar o documento que me prendia enquanto a própria Tarefa não queimasse.

Encontrei Hawkins no estábulo e levamos os cavalos para a casa grande. Esperamos Corrine em silêncio, e, quando ela saiu com Amy, entendi de verdade como era majestoso o empenho da estação da Virgínia. Eu agora tinha visto duas versões diferentes de Corrine, tão distantes uma da outra a ponto de não parecerem ser a mesma pessoa. Havia a Corrine da Clandestinidade da Virgínia e da Convenção de Nova York, o cabelo solto nos ombros, a risada louca, livre. E havia esta Corrine, afetada, que andava à nossa frente como se fosse da realeza, o rosto impecavelmente pintado, emanando aquele brilho rosado que toda mulher da ualidade procurava. Mas ela ainda estava com roupa de luto, embora agora o conjunto fosse mais elaborado, com anquinhas pretas na parte de trás e um véu negro tão comprido que quando erguido e jogado para trás chegava até a cintura. Corrine deve ter percebido minha

surpresa e não conseguiu deixar de rir. Então, com a ajuda de Amy, ela afastou o véu por cima da cabeça e o jogo começou.

Era engraçado ver minha terra de novo por aquele ângulo. Ver a floresta por onde eu tinha corrido e toda a geografia pela qual eu navegara durante os rigores do treinamento. Vi todas as bétulas, paus-ferro e carvalhos acesos com seus belos leques de vermelho e dourado. As montanhas atrás de nós, com suas saliências e clareiras nas quais o mundo se abria e de onde dava para ver claramente, por quilômetros, a riqueza daquela estação mortífera. Mas, em meu coração, eu sentia ter retornado à terra escrava e que esse mundo agora tinha seus olhos sobre mim.

Ao fim da tarde, havíamos chegado a Starfall e eu soube, quase instantaneamente, que o declínio já em curso antes, agora estava a toda. Estava tudo muito quieto. Era quinta-feira, um dia de trabalho, mas quando entramos na cidade, só quem nos saudou foi o vento que chicoteava as folhas da rua Principal. Passamos pela praça que em outro tempo tinha sido um lugar de muita atividade; o palanque de madeira, de onde os grandes homens da ualidade outrora se dirigiram à cidade, tinha rachado e apodrecido, abandonado. Construções que um dia anunciavam comerciantes de peles, oficinas e empórios estavam agora vazios. Passamos pela pista de corrida e vi que a cerca de pinho de onde eu um dia assisti às corridas tinha caído e o campo verde começava a invadir o terreno.

Olhei para Hawkins que guiava a carruagem a meu lado e perguntei:

— Dia de corrida?

— Este ano, não — disse ele. — Talvez nunca mais.

Acomodamos os cavalos no estábulo e atravessamos a rua até a hospedaria. Quando entramos, o que vi foi o seguinte: uma grande sala ocupada por dez homens sentados esparsamente, brancos de classe baixa pela aparência. Ninguém conversava, todos preferindo ficar sozinhos aninhando suas cervejas ou seus pensamentos. No extremo direito, confinado a uma pequena antessala, um atendente cuidava de seu livro de registros. Ninguém deu atenção à nossa chegada. Havia algo estranho ali, embora eu não conseguisse identificar o quê. Fiquei atrás de Corrine e a segui até o atendente, que não levantou a cabeça.

Então ela perguntou:

— Como vai o cometa Kentucky?

Então o rapaz ergueu os olhos, fez uma pausa e disse:

— Descarrilou esta manhã.

Corrine então olhou para Hawkins e assentiu. Ele foi depressa até a porta e a trancou. Dois dos homens sentados às mesas levantaram a cabeça, se puseram de pé e foram até as janelas para fechar as venezianas. E aquela era a segunda vez no mesmo dia que eu entendia a genialidade de Corrine Winn. Eu estava em um momento da minha vida em que tinha visto tanta coisa que estava pronto para acreditar que ela mesma tinha acabado com os campos de tabaco da Virgínia. Porque o que eu via ali ao nosso redor era que aqueles homens, aqueles brancos de classe baixa, não eram desconhecidos. Na verdade, eram os mesmos que eu tinha visto no meu treinamento em Bryceton e assim entendi exatamente o que tinha acontecido: bem ali, no coração do antes famoso condado de Elm, Corrine Winn tinha aberto a estação Starfall.

Dentro de uma hora, estavam todos em reuniões. Fui dispensado delas porque minha missão começaria na manhã seguinte. Fui até os fundos da hospedaria, depois dei a volta até estar na rua por onde tínhamos entrado. Ergui a lapela do paletó para esconder o rosto, baixei o chapéu. Uma curiosidade maníaca tinha me dominado apenas minutos antes: e Freetown? E Edgar e Patience? E Pap e Grease? E Amber e o bebê? Podia facilmente ter perguntado a Hawkins ou a Amy, mas acho que sabia as respostas que me dariam, porque, no fundo do coração, eu não estava nem iludido nem confuso quanto ao que viria a seguir. Eu sabia muito bem o preço que colocamos em Georgie Parks.

Ali à sombra da Prisão de Ryland, que parecia conter metade da vida deixada em Starfall, encontrei o que esperava encontrar. Freetown estava em ruínas, mas não do tipo que agora afetava o restante de Starfall. Os barracos estavam quase destruídos e o que restava eram tábuas enegrecidas por causa do fogo, cinzas e, entre as estruturas ainda de pé, portas penduradas das dobradiças, como se arrombadas por alguma força imensa. Assim estava a casa de Georgie Parks. Estava tudo destruído ali dentro: a cama quebrada, o gaveteiro aberto ao meio com golpes de machado, cacos de cerâmica, uma armação de óculos. Fiquei alguns minutos na casa, absorvendo o fruto dos meus atos, a colheita da terrível vingança da Clandestinidade que se abatera não apenas sobre Georgie Parks, mas sobre toda Freetown. Senti uma vergonha profunda, penetrante. Foi quando vi, em um canto, o cavalinho de brinquedo que pertencera a Maynard, o cavalinho que eu dera a Georgie no aniversário do filho dele. Peguei o brinquedo e saí para o fim da tarde. A Prisão de Ryland pairava a um quarteirão em um silêncio pétreo. O sol se punha sobre as ruas ao longe. Senti uma névoa ameaçadora

soprando pela rua abandonada. Coloquei o brinquedo no bolso do casaco e segui em frente.

III

Nesse meio-tempo, os negros que saltaram
continuavam dançando entre as ondas e gritavam
com toda força o que me pareceu um canto de
triunfo...

A

F

NA TARDE SEGUINTE, tirei do estábulo o cavalo e a carruagem e me dirigi para fora de Starfall. Virei para a ponte de pedra, para a estrada Dumb Silk e para a rotatória do Falling Creek, no caminho de volta a Lockless. Uma hemorragia de sentimentos me afogava e o que sangrava mais não era a ideia de encontrar meu pai, não era a vergonha das minhas últimas palavras para Thena ou sequer a visão de Sophia. Essas coisas estavam ali, mas acima de tudo, havia uma esperança profunda e juvenil de que a decadência que eu via tomar conta do condado de Elm de algum modo pudesse ter poupado minha Lockless.

uem sabe por que amamos o que fazemos? Por que somos o que somos? Posso dizer que naquele momento eu estava penhorado à Clandestinidade. Tudo que eu sabia sobre a verdadeira humanidade, sobre lealdade e honra, tinha aprendido naquele último ano. Acreditava no mundo de Kessiah, Harriet, Raymond, Otha e Mars. Mesmo assim, o menino em mim não estava morto. Eu era o que era e não podia escolher a minha família — mesmo a que me tinha sido negada — assim como não podia escolher uma terra que, do mesmo modo, nos renegava.

Um vestígio de esperança vinha dos pomares de maçã, mais próximos da casa grande. Pareciam perfeitamente cuidados e não exalavam cheiro de fruta apodrecendo no chão. Ainda melhor do que eles era o jardim de ásteres diante da casa grande. Levei a carruagem para o estábulo, amarrei o cavalo e notei que havia agora apenas dois ali dentro. Meu cavalo estava com sede, ofegante. Levei o bebedouro até a fonte, enchi de água, instalei no estábulo vi que a água cintilou um pouco. *Logo virá*, pensei. Então comecei a caminhar para o palácio branco de Lockless.

Eu o vi antes que ele me visse. Eu estava parado no fim do caminho, diante da casa grande. Ele estava sentado na varanda, atrás de um mosquiteiro, com roupa de caça, o rifle de um lado e o drinque da tarde do outro. Eu carregava um

caixote de presentes de Corrine. Era quase noite, o sol do outono tinha começado a se pôr. Fiquei ali, olhando por um momento e depois falei:

— Boa tarde, senhor.

Vi que ele despertou, piscou e quando entendeu o que via, seus olhos ficaram grandes como luas cheias. Ele meio que correu, meio que nadou pelo caminho em um abandono bizarro, os braços batendo no ar como se fosse água. E aí me puxou para perto em um abraço, aos olhos de qualquer um, e seu velho odor selvagem me envolveu.

— Meu menino.

Deu um passo atrás para me examinar enquanto me segurava pelos ombros, as lágrimas correndo suavemente pelo rosto.

— Meu menino — repetiu, e sacudiu a cabeça.

Não sei que tipo de recepção eu esperava ao voltar para a casa do meu pai. Meu poder era a memória, não a imaginação. Mas ali estava ele em pessoa e, quando me levou para a varanda e nos sentamos, pude avaliá-lo. Parecia transformado em uma Starfall em miniatura. Eu tinha ido embora havia apenas um ano e, nesse tempo, era como se meu pai tivesse envelhecido dez. Estava mais fraco. Os traços severos estavam mais brandos e seu corpo inteiro parecia afundar na cadeira. Tinha olheiras no rosto pálido e enrugado. Senti que seu coração fazia um esforço a cada batida.

Mas havia algo mais: uma espécie de alegria pela minha volta, uma que eu tinha vislumbrado naquele homem tantos anos antes quando peguei a moeda sem afastar os olhos dele.

— Meu Deus — disse ele, olhando para mim. — Podemos vestir você bem melhor. Dignidade, filho. Você se lembra do velho Roscoe? Brilhante como um piano, que Deus tenha a sua alma triste.

— Sim, senhor — respondi.

— Bom ver você, filho. Faz muito tempo, tempo demais.

— Sim, senhor.

— O que achou da casa da srta. Corrine?

— Achei ótima, senhor.

— Não boa demais, espero?

— Como assim?

— Ela não contou, filho? Você está de volta a Lockless. O que acha?

— Acho que parece muito bem.

— Bom, bom. Vamos ver o que tem aqui.

Eu o ajudei a remexer no que Corrine havia mandado: várias guloseimas e doces e muitas outras coisas, entre elas um volume de sir Walter Scot. Era hora do jantar, então ajudei meu pai a subir e a vestir a roupa para a ocasião.

— Muito bem. Muito bem — disse ele. — Você tem jeito para isso. Mas vá se trocar. Acho que o velho Roscoe era menor do que você. Quem sabe possa usar algumas roupas do Maynard. Aquele garoto tinha mais roupas do que era capaz de vestir. Mas eu sinto falta dele, viu? Droga, aquele garoto só me dava problema.

— Um bom homem, sim, senhor.

— Era, sim. Mas não faz sentido deixar as roupas estragarem. Suba e vista alguma coisa distinta, meu rapaz. Pode ficar com o quarto que era do seu irmão aqui na casa, não naquele túnel lá embaixo.

— Sim, senhor.

— Outra coisa. Muito mudou aqui desde que você foi embora. Esse velho lugar não é mais o que era, perdemos muita gente. Mas fiz o que pude e o que fiz diferente não dava para evitar. Estou velho, filho. Mas neste momento só penso em garantir algum herdeiro bondoso para este lugar e para a nossa gente. Quero que saiba que isso é uma preocupação grande para mim, entendeu?

— Sim, senhor.

— Não foi certo eu deixar você ir embora, rapaz. Eu estava de luto e aquela moça, Corrine, bem, ela ficou falando no seu nome. Mas desde que você se foi, eu fiquei em cima dela para trazê-lo de volta para onde você quer ficar. E por Deus, consegui. Você está aqui, não é? E sei que vai ocupar muito bem o lugar do velho Roscoe, como fez com o meu pequeno May. Mas preciso que faça mais do que isso. Você antes era um braço trabalhador, filho. Mas desses eu tenho muitos. O que preciso agora é do seu olho. Tem que estar tudo em ordem. Posso contar com você para isso, rapaz?

— Sim, senhor — disse eu.

— Bom. Bom. Eu sou um homem em conflito, não consigo evitar. Dois erros eu cometi na vida. Primeiro deixar sua mãe ir embora. Segundo deixar você ir embora. E tudo isso foi feito em um impulso horrível. Mas agora não mais. Estou velho, mas sou um novo homem.

★ ★ ★

E me vi instalado no quarto de meu irmão morto, usando as roupas que foram dele. Na hora do jantar, entrei na cozinha e não reconheci ninguém. Eram dois trabalhando em vez da equipe de cinco de antes. E eram ambos velhos, o que, em si, dizia alguma coisa sobre as águas em que Lockless navegava agora. Como não rendiam filhos, nem muitos anos de trabalho, escravos velhos eram os mais baratos de comprar. Tinham, por esperteza própria, ouvido falar “daquela história dos Cães”, mas pareciam estranhamente satisfeitos com o fato do meu pai estar muito feliz comigo e falaram longamente sobre o orgulho e o remorso dele apesar de eu ter fugido. Agora penso que os dois achavam, talvez rezassem, para que eu viesse a ser uma espécie de força estabilizadora da casa.

Servi o jantar, sopa de tartaruga e costeletas, arrumei tudo com o pessoal da cozinha e depois levei meu pai para o escritório com seu drinque da noite. Feito isso, cabia a mim então encarar a vergonha. Deixei meu pai sentado ali, de camisa e colete xadrez, perdido em sonhos e lendas de Lockless, e deslizei para fora do escritório até a escada secreta que levava ao Labirinto. Tantos tinham ido embora que, onde antes havia vida, encontrei um vazio, sombras em todos os quartos abandonados, as portas abertas e vários objetos esquecidos, bacias, bolinhas de gude, óculos. Ao caminhar por ali à luz do lampião, ao passar a mão pelas teias de aranha nas portas de gente que conheci — Cassius, Ella, Pete —, senti muita raiva, não apenas por saber que tinham sido levados, mas por saber como tinham sido levados, separados uns dos outros, como essa grande separação havia me feito nascer e me formar. Mais do que antes, entendi a dimensão toda do crime, a totalidade do roubo — os pequenos momentos, a ternura, as brigas e os castigos —, tudo roubado para que homens como meu pai vivessem como deuses.

Meu antigo quarto estava exatamente como eu deixara, bacia, jarra e cama. Mas eu não estava muito no espírito de inspecionar nada daquilo porque ouvi na porta vizinha uma voz de mulher. Eu conhecia aquela voz, então saí devagar do quarto e empurrei a porta entreaberta do quarto ao lado. Thena, cantarolava para si mesma com dois alfinetes entre os dentes e, no colo, uma peça que estava cerzindo. Esperei alguns momentos até ela perceber a minha presença, mas, como não aconteceu, me aproximei, puxei uma cadeira e sentei na frente dela, que estava sentada na cama.

— Thena — falei.

Ela continuou cantarolando, mas não levantou a cabeça. A essa altura, eu já havia aprendido o preço do meu silêncio, o custo de controlar as palavras para usá-las como um escudo para o coração. Eu sabia o que era sentir que alguém que amamos profundamente foi embora e que nunca mais vamos poder dizer tudo o que a pessoa significa. Mas ali, sentado com Thena, que eu pensava ter perdido, cuja proporção e caráter só haviam aumentado depois do meu contato com Kessiah, senti que tinha uma segunda chance e resolvi não desperdiçá-la.

— Eu estava errado — soltei de repente.

Não fiz rodeios. Não sabia agir de outro jeito. Os sentimentos do ano anterior eram todos tão novos e eu ainda era, sob muitos aspectos, um rapaz que não sabia como conduzi-los. Mas sabia que muita coisa tinha ficado por dizer. E nosso tempo juntos não podia mais ser desperdiçado.

— Vim aqui confessar que não foi bom o que falei para a senhora da última vez que nos vimos, que tratei mal a senhora que é a minha única família, mais família do que qualquer um que tenha vivido nesta casa.

Diante disso, Thena levantou a cabeça por um momento, depois baixou de novo, ainda cantarolando. E embora não houvesse compaixão nos seus olhos, porque na verdade ela estava fria como gelo, tomei mesmo esse olhar cético como um sinal de progresso.

— Não é fácil para mim dizer isso. A senhora me conhece da vida inteira. Sabe que não é fácil. Mas eu sinto muito. E durante muito tempo tive medo de que aquelas palavras fossem as últimas que eu diria à senhora. Mas ver a senhora aqui de novo... ver... Escute. Eu estava errado. Sinto muito.

Ela parou de cantarolar. Ergueu a cabeça de novo e pôs a roupa, que vi ser uma calça, em cima da cama. Então, com os alfinetes ainda na boca, pegou minha mão direita com as duas dela, apertou com força, o tempo todo sem olhar para mim e ouvi que inspirava e expirava. Depois soltou minha mão, pegou a roupa e disse:

— Me dê aquele pedaço de veludo.

Fui até a cômoda, peguei o pedaço de tecido e dei a ela. Ao fazer isso, senti algo assentar no meu interior. Minha mãe estava perdida para mim, verdade. Mas diante de mim havia alguém que tinha perdido coisas como eu, que tinha se juntado a mim por causa dessa perda, por necessidade, e assim se tornado meu único parente infalível em Lockless, exatamente como ela havia dito. E, em vez do meu temor de que ela se ressentisse das palavras que eu havia deixado, o que eu de fato via em seus gestos mais contrários era alegria pela minha volta. Eu não

precisava que ela sorrisse. Não precisava que ela desse risada. Não precisava nem que me dissesse o quanto me amava. Só precisava que ela, por acaso, segurasse minha mão.

— Bem, eu agora moro em cima — falei. — No quarto que era de Maynard. Não gosto, mas foi o que o sr. Howell mandou. Se precisar de mim, é só gritar.

A única resposta dela a essa nova informação foi voltar a cantarolar. Mas, quando fui até a porta, ouvi Thena dizer:

— Você perdeu o jantar.

Virei para ela.

— Perdi mais que isso.

★ ★ ★

V e peguei alguns pertences meus: a bacia, meus livros, minhas roupas velhas e até a minha moeda enferrujada estava lá, intocada no aparador. Coloquei tudo na bacia e subi a escada secreta até o escritório, onde meu pai ainda cochilava. Levei minhas coisas para o quarto de Maynard e desci de novo para acompanhar meu pai até a cama. No quarto dele, ajudei-o a se despir, entrar embaixo das cobertas e lhe dei boa-noite.

Na manhã seguinte, vesti e cuidei do meu pai outra vez, depois levei a carruagem até Starfall para pegar Corrine, Amy e Hawkins. Corrine e meu pai almoçaram e caminharam só os dois pela propriedade. Quando voltaram, uma hora depois, servi o chá. À noite, quando o grupo de visitantes partiu, servi o jantar de meu pai e desci até o Labirinto para ver Thena.

Em outro tempo, aquele lugar era um formigueiro humano, com Tarefeiros de um lado ao outro, cantando, reclamando, trocando histórias. O Labirinto era quase um mundo em si e, com algum esforço, quase dava para esquecer que estávamos presos ali. Mas todo aquele calor humano dos primeiros anos havia se escoado, e o Labirinto revelava o que sempre tinha sido: um calabouço sob o castelo, abafado e cinzento, um aspecto que os lampiões havia muito sem conservação enfatizavam, além de deixarem longos trechos do Labirinto no breu.

Quando cheguei, Thena não estava. Resolvi sentar e esperar. Ela chegou minutos depois, olhou para mim e disse:

— Noite.

— Noite — falei.

— Comeu lá em cima?

— Não.

Então eu e ela comemos verduras, toucinho e pão de milho. Jantamos em silêncio como sempre tínhamos feito quando eu era criança. Depois de arrumar tudo, dei boa-noite a Thena e voltei para o meu quarto. Continuamos essa rotina por uma semana. Então, em uma noite excepcionalmente quente, por sugestão minha, levamos nossos pratos para a entrada do túnel por onde eu tinha chegado com ela tantos anos atrás. Nos sentamos ali, olhamos o sol se pôr sobre o campo.

Thena disse:

— Então já viu Sophia?

— Ainda não — falei. — Acho que ela deve passar quase todo o tempo na casa do Nathaniel agora.

— Não — disse Thena. — Ela está lá, na Rua. Nathaniel agora quase sempre viaja pra resolver coisas no Tennessee. Não tem muito por que ela ir pra lá. Mas ele, Howell e Corrine fizeram algum arranjo com ela. Não posso dizer que sei o que é, mas sei que ela fica lá cuidando das coisas dela.

— Das coisas dela? — perguntei

— Até resolverem o que vão fazer com ela, acho. Eles não contam essas coisa pra mim, você sabe.

— Vou lá ver Sophia então — disse eu.

— Só se estiver pronto — disse Thena. — Melhor não correr com essas coisas. Muita coisa mudou por aqui.

Dia seguinte era domingo, meu dia. Eu me controlei até a tarde. Depois, entendi que precisaria ir vê-la em algum momento, que nunca estaria pronto, então segui o caminho da Rua, até o lugar do meu nascimento. E bem como eu esperava, tudo ali tinha caído em desleixo. Não havia galinhas ciscando e tudo que um dia foi jardim estava cheio de mato. Eram os últimos dias do vasto Império Sulista que tinha a Virgínia como centro ancestral. E como já foi dito, essa decadência era culpa dos seus senhores, porque, se a qualidade tivesse mantido suas ocas virtudes de outrora, talvez aquele império durasse mil anos. A queda, no entanto, era fatal, porque a escravidão transformava os homens em desperdiçadores e libertinos em sua preguiça. Maynard era grosseiro e esse era seu maior crime. Na verdade, nisso ele refletia a qualidade, só não tinha a malícia de escondê-lo.

O primeiro ar mordente de inverno cobriu o condado de Elm e senti saudade dos domingos de verão e daquele tempo em que todos os meus amigos estariam brincando de pega-pega ou bolinhas de gude. Thena me disse que Sophia tinha ocupado a mesma casa distante no fim da Rua, onde ela e eu tínhamos morado nos dias seguintes à partida da minha mãe. Uma mulher saiu de uma daquelas casas com uma criança pequena à tiracolo. Ela balançou o menino algumas vezes, depois levantou a cabeça e me viu. Seu olhar era de dúvida, ela parecia intrigada. Então assentiu como se me reconhecesse e voltou para dentro. Fiquei ali parado por um segundo, então a mulher saiu de novo, sem o bebê, e só então me dei conta de que aquela mulher era Sophia.

Quando voltou sem a criança, ela estava diferente. Ficou parada a alguns metros, no fim da rua, Sophia, a minha Sophia, sem sorrir. Eu não entendia o que nada daquilo queria dizer. Será que estava zangada comigo por tê-la levado direto para os Cães? Eu teria sonhado toda aquela noite em que nós dois estivemos lá, em sintonia? Teria sido tudo um flerte infantil? Ela agora amava outro homem? E que bebê era aquele?

— Vai ficar aí parado o dia inteiro? — gritou ela para mim.

Sophia então voltou para dentro andei até a porta da cabana que tinha sido de Thena. Fui tomado por lembranças de mim mesmo surgindo diante dela apenas com meus víveres. Mas não havia muito tempo para essas coisas. Dentro da casa, Sophia estava com o bebê no colo de novo, embalando-o como tinha feito do lado de fora, e cantarolava.

— Oi — disse eu.

— Bem, oi, Hiram.

Sophia estava com um ar presunçoso e eu não sabia dizer ao certo se era seu jeito provocativo de sempre ou algo mais profundo. Ela se sentou em numa cadeira junto à janela e me convidou a sentar na cama. O bebê era marrom, mais ou menos da minha cor, e arrulhava baixinho nos braços dela. Só então comecei a fazer as contas. Tanta coisa tinha mudado. Devo ter dado algum indício de que estava pensando nisso, talvez erguido a sobrancelha, ou arregalado os olhos, porque Sophia inspirou ruidosamente, revirou os olhos e disse:

— Não se preocupe. Não é sua.

— Não estou preocupado — falei. — Não estou preocupado com nada, não mais.

E quando disse isso, vi que ela relaxou um pouco, embora tentasse manter a mesma distância fria que tinha revelado à minha chegada. Ela se levantou e foi

até a janela, o tempo todo aninhando a criança.

— Qual é o nome dela? — perguntei.

— Caroline — respondeu, ainda olhando pela janela.

— É um nome bonito.

— Eu chamo de Carrie.

— Bonito também.

Ela então se sentou diante de mim, mas não olhou em meus olhos. Estava focada na criança, mas eu sabia que era um pretexto para não me encarar.

— Não achei que você fosse voltar — disse ela. — Ninguém nunca volta pra cá. Fiquei sabendo que Corrine Winn tinha encontrado você. Alguém disse que você estava em algum lugar nas montanhas. Nas minas de sal, disseram.

— Quem disse isso? — perguntei, rindo baixinho.

— Não tem graça. Eu estava preocupada com você, Hiram. Fiquei com muito medo, fique sabendo.

— Bem, eu não estava nem perto de mina nenhuma. É verdade que eu estava nas montanhas, em Bryceton. Mas lá não tem mina. Não foi nem ruim, na verdade. É um lugar bonito. Você deveria conhecer.

Sophia riu então e disse:

— E voltou piadista, é?

— A gente tem que rir, Sophia — falei. — Aprendi que a gente tem que rir nessa vida.

— É, tem mesmo. Se bem que acho cada dia mais difícil. Mas sei que a gente precisa pensar em coisas boas, em tempos melhores. Sabe que eu falo de você, Hi?

— Ah é? Para quem?

— Pra minha Carrie. Conto tudo pra ela.

— Hum — disse eu. — Mas parece que não tem muita coisa a dizer. Está tudo tão vazio agora.

— É — disse Sophia. — Muita gente se perdeu. Muita gente foi embora pra Natchez. Tuscaloosa. Cairo. Todo mundo puxado pra dentro daquele grande nada. E cada dia fica pior. Long Jerry, aquele de MacEaster Place, veio aqui faz duas semanas. Eu tinha certeza de que ele era velho demais pra ser levado. Ele esteve bem aqui, trouxe inhame, truta e maçã pra nós. Thena veio. A gente fritou o peixe e tivemos um bom jantar juntos. Faz só duas semanas. E agora ele foi embora.

“Foram tantos, Hi. Tantos. Não sei como eles conseguem manter isso aqui funcionando. Uma mocinha chamada Milly veio aqui faz uns meses. Linda, o que foi exatamente a perdição dela. Não durou uma semana. Natchez. Comércio de luxo.”

— Mas você ainda está aqui — disse eu.

— É verdade, é verdade.

Nesse momento Caroline começou a se mexer e se retorcer no colo da mãe até conseguir virar a cabeça e olhar bem para mim. E a criança manteve um olhar da mais profunda intenção, me observando do jeito que as crianças fazem quando estão diante de um desconhecido. Eu não sabia o que fazer com aquele olhar. Era desconcertante. Mas havia mais nele, porque em toda a sua intensidade, ele era a herança do olhar da mãe. Talvez fossem todos os momentos que eu tinha passado invocando aquele rosto, recriando suas particularidades. E havia também alguma coisa a mais agora, mais cálculos. Caroline tinha os mesmos olhos ensolarados da mãe, mas a cor, um cinza-esverdeado, vinha de outro lugar. Eu sabia disso porque meus olhos eram daquela cor, a cor de uma herança fortuita dos Walker, dada não só a mim, mas a meu tio, Nathaniel.

Mais uma vez, a expressão em meu rosto deve ter me traído porque Sophia suspirou, apertou mais Caroline, levantou-se e me deu as costas.

— Eu já disse. Não é sua.

Sei agora como é sentir uma coisa que você não tem o direito de sentir. Mesmo naquele momento eu sabia, embora não soubesse como descrever. O que lembro é que metade de mim queria se afastar de Sophia, nunca mais falar com ela, desaparecer na Clandestinidade e cortar os laços com aquela que não seria a *minha* Sophia. Mas outra parte de mim, uma concebida na própria luta da minha mãe, depois alimentada na Clandestinidade, a parte deslumbrada por aquela “universidade” do norte do estado, a parte que encontrara a sabedoria de dizer a Robert que nada é puro e que, graças a Deus, era a parte chocada por descobrir esse ressentimento ainda aninhado dentro de mim.

Observei Sophia olhar o bebê por um momento, então me afastei e perguntei:

— quantos foram embora?

— Não sei. Pra começar eu nunca soube com certeza quantas pessoas tinha aqui. E, pra proteger meu coração, parei de contar quantos iam embora. Com

certeza estamos vivendo os últimos dias de Lockless. Estão matando a gente, Hi. E não só aqui. No condado inteiro. Estão matando todos nós.

Ela se sentou com Caroline.

— Mas você voltou. E parece muito bem. É uma bênção pra mim ver você voltar pra nós, renascer duas vezes na vida: você saiu do Goose e agora dos dentes dos Cães. Isso deve ter um significado poderoso, porque a gente não está em Natchez, mas bem aqui, um na frente do outro. Algum significado em nós, eu acho. Algum muito, muito poderoso.

★ ★ ★

M significado teria que esperar. Voltei naquela noite, cuidei do meu pai e servi o jantar. Depois desci para o Labirinto e jantei com Thena. Não havia nenhum movimento fora da porta nem na casa de cima. A sensação é de que estávamos sozinhos em algum canto distante do mundo e entendi um pouco como Lockless devia ter sido nos primeiros tempos, quando havia só o progenitor e sua equipe de Tarefeiros, cercados pela natureza.

Quando terminamos, caminhamos lá fora e nos sentamos na saída do túnel do Labirinto.

Thena olhou para mim e disse:

— Então você foi ver ela.

Olhei para o chão e fiz que sim.

— Você podia ter me contado — falei.

— Do mesmo jeito que você podia ter me contado?

— É diferente — disse eu.

— Não, é a mesma coisa. Você achou que eu não tinha nada a ver com isso. Eu não concordei. Mas estou aqui me perguntando como dizer pra você que aquela moça é viúva de marido vivo faria de mim nada além de uma fofqueira. Tem coisas entre vocês dois que não tenho nada a ver.

Thena tinha razão. Pensei naquele momento em que a vi pela última vez antes de fugir, me lembrei da dureza das minhas palavras e entendi que podia me desculpar pela dor que eu tinha causado, mas que o rompimento era real. O filho tinha ido embora de casa. Não podia voltar.

— Não estou bravo com ela — falei. — Ela nunca foi minha de verdade.

— Não.

Pelas minhas contas, Caroline teria talvez quatro meses, o que significava que, quando fugi com Sophia, ela já estava grávida. Como conhecia o intelecto e a independência dela, e pensando em todas as nossas conversas, entendi que ela não estava simplesmente grávida quando fugimos, mas provavelmente fugiu comigo exatamente por isso.

— Thena, sinto que Sophia tinha razões para fugir, razões que ela não me contou.

— É.

— E isso me deixa... sentido. Eu me abri inteiro para aquela mulher. E quando fugi, fugi mostrando tudo o que tinha em mente. De verdade.

— De verdade, é?

— É.

— É, tudo bem. Olhe, fique sabendo... ninguém fala tão de verdade, Hi. Muito menos dois jovens como vocês dois eram. Um ardendo pelo outro como vocês estavam.

— Mas eu não menti — falei.

— Hum. De verdade? — disse Thena, sacudindo a cabeça. — Tem certeza mesmo? Tem certeza de que contou tudo? Confesso que eu não sei se sinto que ouvi a verdade toda. E que um raio caia em cima de mim se Sophia não sente também.

O OUTONO DEU LUGAR ao inverno e nossos dias ficaram cinzentos e frios, nossas noites solitárias e azuis. Naqueles primeiros dias depois da minha volta, trabalhei como Roscoe tinha trabalhado, embora meus deveres fossem mais leves por conta da diminuição do número de convidados que recebíamos. Os velhos dias da realeza do condado de Elm, de sombrinhas e rostos empoados, de bolos e jogos de cartas, os velhos dias em que eu deslumbrava grupos inteiros com a magia da minha memória, esse dias estavam no passado. De quando em quando, amigos mais velhos, tão velhos quanto meu pai, vinham visitá-lo. Passavam horas denunciando os membros mais jovens da qualidade que, encantados com histórias sobre terras sem fim no oeste, abandonavam seu berço virginiano. Havia ainda meu tio, Nathaniel Walker, que detinha Sophia e, de alguma forma, conservava a si mesmo e a toda a sua terra. Mas todos os seus Tarefeiros tinham ido para oeste, a não ser por uma pequena equipe de manutenção. Harlan ainda estava em Lockless, forçando os Tarefeiros a extrair tudo o que pudessem da terra moribunda. Mas sua esposa, Desi, não mandava mais na casa, porque a casa tinha diminuído tanto que não precisava mais de seu braço. A companhia mais constante de meu pai era Corrine que, mesmo depois da morte de Maynard, ele ainda considerava como a filha que nunca teve. Ela chegava com seu traje de luto completo, trazida por Hawkins. Confortava meu pai. Deixava que ele a distraísse com histórias sobre a era anterior à terra infértil e sonolenta, quando o tabaco que sempre fluía enriquecia as propriedades.

Porém, os deveres de companhia diária cabiam a mim, sobretudo. Então toda noite, ao preparar o jantar dele e fazer a minha refeição com Thena, eu cuidava do fogo na sala, servia a cidra aquecida e ouvia até o fim o verdadeiro senhor de Lockless desfiar seus remorsos. Caímos em uma rotina das mais estranhas, uma que tinha sido meu desejo secreto nos meus primeiros anos. Eu trabalhava para ele, mas a natureza da nossa relação mudou tanto que, naquelas noites azuis, à luz do abajur Argand que lançava longas sombras sobre os bustos da família, ele

me convidava para sentar com ele e beber. E nesses momentos, o mundo inteiro parecia despencar, cair no fosso de Natchez, deixando apenas eu como testemunha. Em noites assim, mergulhado na cidra, meu pai falava de seu maior remorso: Maynard Walker.

De início, parecia fazer isso quase sem objetivo, mas então suas palavras ganhavam foco e delas vinha um lamento maior do que o próprio Maynard.

— Meu pai nunca me amou — disse ele certo dia. — Era outro tempo, rapaz. Nada igual a hoje, quando se vê os jovens, farreando abertamente. A única preocupação dele era com a posição social. Então todos os meus atos tinham que honrar minha linhagem. Claro que eu casei com uma dama bem bonita, que Deus a tenha. Mas ela nunca foi a mulher que eu desejava e sabia disso. Então, quando Maynard chegou, decidi nunca deixar meu filho nessa situação.

“ ueria que ele obedecesse à própria natureza. Então criei o menino com rédea solta até demais. Ele não tinha controle. Não servia para a sociedade, e eu, que nunca gostei da sociedade, não fiz nada para encorajar o menino. Quando a mãe dele morreu, bem... Era meu filho.”

Ele fez uma pausa. Estava com a cabeça entre as mãos e senti que fazia todo o possível para não cair em prantos. Passou longos momentos observando o fogo.

— É quase como se May tivesse sido aliviado da sua desgraça. Sei que eu me aliviei da minha. É uma coisa horrível de dizer, eu sei, mas aqui não tinha nada para ele, sabe? Não criei o menino para esta vida. Eu mesmo mal fui criado para isso. E agora todos os jovens estão indo para oeste. Se estivesse aqui, acabaria escalpelado por um índio ou teria perdido tudo em trapaças. Mas ele não estava preparado, e a culpa era minha.

“Não sou um bom homem, Hiram. Você, acima de todos, sabe disso. Eu não esqueci o que fizeram com você.”

Eu lembro que ele ainda olhava para o fogo quando disse isso. Estava o mais próximo que conseguia de fazer uma confissão, de pedir desculpas por um ato que eu conhecia, mas que na hora não lembrava. E mesmo ali sentados, com nossas cidras, tão próximos quanto poderiam ser um homem da qualidade e um Tarefeiro da Virgínia, ele não conseguia olhar para mim e falar com sinceridade. Meu pai era pouco preparado para o arrependimento assim com Maynard para ser senhor. Seu mundo, o mundo da Virgínia, estava construído sobre uma fundação de mentiras. O colapso delas naquele momento, na idade dele, poderia de matá-lo.

— A terra, a administração dos negros, exigem um cuidado especial — disse ele. — Está sempre além do meu alcance. E o estranho é que sempre senti que você tinha isso. Você sempre foi mais frio do que todos nós, mais do que Maynard, mais do que eu. Talvez por causa do que fizeram com você. Mas você tinha a habilidade e acredito que, em outro tempo, poderíamos trocar de papel e talvez eu fosse o negro e você o branco.

Para mim, foi como um velho que ouve seu amor não correspondido de tantos anos antes dizer que houvera sentimento verdadeiro no passado: uma mistura de trivialidades e nostalgia, uma ferida antiga despertada pela chuva, o fantasma de um sentimento que um dia fora profundo, mas que agora era apenas uma lembrança solta de uma época que parecia outra vida.

Na vida presente, notei que meu pai começava a cochilar. Peguei meu copo de cidra até a metade e subi para o estúdio no segundo andar. O gabinete de mogno, o mesmo que eu tinha reformado um ano antes, estava no canto. Coloquei o copo de cidra no peitoril da janela e abri as gavetas. Dentro, encontrei três livros de registros volumosos encadernados. Durante a hora seguinte, me debrucei sobre eles e guardei tudo na memória. Juntos, pintavam um quadro sombrio, mas que me ajudaria a cumprir a missão, segundo Corrine, de avaliar a situação de Lockless.

Quando terminei, devolvi os livros para o gabinete. Pensei em Maynard, quando éramos jovens, revirando as coisas do nosso pai. Ri de mim mesmo e abri uma segunda gaveta. Encontrei uma caixinha de madeira ornamentada. Pensei em abri-la, mas lembrei de Maynard outra vez, da vergonha que eu sentia quando ele surrupiava alguma coisa dali. Então fechei a gaveta e descii. Meu pai roncava ligeiramente. Acordei-o para levá-lo para a cama.

Ele disse:

— Tenho planos para você, rapaz. Planos.

Assenti e comecei a tentar ajudá-lo a levantar da poltrona. Nesse momento, ele olhou para mim como um homem condenado à morte, como se temesse dormir e nunca mais acordar.

— Me conte uma história — pediu. — Por favor, qualquer história.

Então eu me afastei e sentei na minha poltrona. De repente, me senti envelhecer ali mesmo, porque vi a sala ficar viva com os espectros dos Caulley, Mackley e Beacham e todas as famílias da qualidade que um dia me pediram para ouvir uma história, uma canção. Não, pensei. Não tão longe assim. E eu, com as minhas palavras, levei meu pai pela mão, de volta a eras anteriores, de

volta ao monumento de pedra no campo, de volta às facas Bowie, ao gato-domato e aos ursos, aos Tarefeiros carregando pedras, abrindo riachos, de volta ao tempo do nosso progenitor.

★ ★ ★

N , H levou Corrine para uma de suas visitas a Starfall, que era onde ela ficaria instalada por um período. Bryceton foi deixada em grande parte aos cuidados de Amy e de alguns outros agentes que podiam manter a cobertura. Nessa visitas, eu me reunia com Hawkins e transmitia qualquer informação que tivesse. E foi o que aconteceu naquele dia. Caminhamos pela Rua, onde as cabanas estavam quase todas abandonadas, achando que assim teríamos a privacidade necessária. Eu torcia para ver Sophia, embora tivesse começado a me manter afastado. Estava dividido. O sentimento intenso de apenas um ano atrás não tinha esmorecido, crescera, na verdade, de forma que saber que ela estava em Lockless, mas não comigo, me deixava doente. E essa sensação me assustava porque me fazia ver que parte do meu bem-estar se encontrava nas mãos de alguém que tinha motivos e intenções secretas.

— Então o que você acha? — perguntou Hawkins.

Estávamos sentados em uma das cabanas abandonadas mais próxima da casa grande e mais longe da de Sophia. Dava para ver os campos de tabaco, agora quase totalmente abandonados.

— Não sei — respondi. — Não sei mesmo.

— É, eu entendo — disse Hawkins, olhando para o horizonte. — Parece tudo morto.

— A terra toda parece morta. Ninguém vem ver o meu pai. Não tem chá da tarde. Nem grandes jantares. Nada social.

— É, não sei o que a Corrine acha que vai acontecer. Quem sabe foi bom ela não ter casado com aquele rapaz.

— Olha, fique você sabendo que ela teria casado com uma montanha de dívidas.

Hawkins olhou para mim.

— De que tamanho? — perguntou ele.

— Bem, não foi possível recolher muita informação com a sociedade simplesmente porque não há nenhuma — contei. — Mas dei uma olhada nos

livros ontem à noite. Ele está afundado em dívidas. Tem hipoteca em quase todo metro quadrado desta propriedade. Ele está adiando, esperando algum alívio.

— Bem, eu também estaria — comentou Hawkins. — Faz sentido, acho. O solo era a riqueza, mas virou poeira. Meu pai contava histórias da terra, de como era vermelha. Mas tiraram daqui todo tabaco que podiam. Uma vergonha, sabe? Tiraram desta terra tudo o que puderam e agora, depois de esgotar tudo, o bando inteiro vai para o oeste.

— E os braços Tarefaíros com eles — acrescentei.

— É.

— E o irmão dele? Nathaniel? Deu alguma mão?

— Pelo que vi nos livros, deu várias. Mas não recebeu nada de volta. Acho que ele prefere dinheiro sujo do que dinheiro ruim.

— Hum — disse Hawkins. — Nathaniel é esperto como são os homens desse negócio. Ele está no Tennessee agora. Mudou quando a mudança era boa. O jogo é esse, sabe? Esgotar a terra e seguir em frente. Mas um dia vão ficar sem terra e aí não sei o que vão fazer.

Voltamos para casa para encontrar Corrine. Na frente do caminho principal, Hawkins parou.

— Mas tem uma coisa que você disse que está queimando na minha cabeça. O homem abandonou o próprio irmão, é?

— É o que parece.

— Continue olhando nos livros. Talvez tenham alguma resposta.

★ ★ ★

M com esse novo arranjo das maneiras mais diversas. Thena agora trabalhava para fora, pegava roupa para lavar, não apenas em Lockless, mas em várias propriedades vizinhas que tinham vendido suas lavadeiras. E tinha feito um trato com meu pai, de repartir os pagamentos com ele e, dessa forma, algum dia comprar a própria liberdade.

— Para onde a senhora vai? — perguntei.

Estava indo com ela para o estábulo porque eu havia sido chamado para participar dessa parceria, como cocheiro.

— Pra mais longe que você — disse ela com um sorriso irônico.

Embarcamos em uma das carruagens velhas, sólida, mas do tempo da juventude de meu pai e pegamos a estrada. Na confluência com a estrada principal de Locklesse, vi Sophia parada, envolta em um xale do pescoço para baixo. Dava para ver a cabecinha de Carrie olhando para fora. Quando Thena me mandou parar, obedeci e desci da carruagem.

— Ela vai? — perguntei a Thena.

— Não fique tão contente — disse Sophia.

— Vai, sim — disse Thena e pegou Carrie de Sophia que, sem esperar ajuda, subiu na parte de trás.

Voltei ao meu lugar, puxei as rédeas para atizar o cavalo e perguntei:

— Quanto tempo faz que vocês estão fazendo isso?

— Começamos depois que você foi embora, já faz um tempo — contou Sophia. — Quando voltei, senti que precisava ser útil de algum jeito. Comecei a ajudar a Thena com a roupa, mas Caroline começou a exigir mais de mim e aí não pude mais ajudar.

— Acertou umas coisas — disse Thena. — Conversamos bastante.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Sobre você.

Sacudi a cabeça e soltei o ar entre os dentes, incrédulo. Tudo ficou quieto um instante, até eu virar na rua Hookstown e as lembranças começarem a brotar para Thena.

— Eu tinha muitos parentes por aqui — falou ela. — Tios, tias, primos. Tinha que saber com quem eu podia casar e com quem não podia, porque era tanto parentesco... Os velhos tinham isso na memória, sabiam quem era parente e quem não era.

— Pra isso que eles existem — comentou Sophia. — Pra guardar as histórias. Manter o sangue limpo.

— Mas agora não sobrou ninguém — disse Thena. — Todo mundo que sabia de alguma coisa já foi embora e a gente agora precisa concluir essas coisas olhando um nariz, uma sobrancelha, um trejeito. Mas acho que não importa muito. Sobrou tão pouca gente. Mais um ano igual a este e Elm vai virar pó.

Seguimos adiante, buscando roupa para lavar nas velhas mansões. As árvores estavam desfolhadas e essas folhas agora se depositavam no chão da floresta em camadas de marrom. A luz da estação lançava um brilho fantasmagórico naqueles casarões que, apenas um ano antes, ofegavam com suas últimas energias e sentimentos. A maioria estava como Lockless, reduzida à criadagem mais

básica, e senti que aquele inverno marchava não apenas sobre a Virgínia, mas sobre Elm em particular, e que não iria embora.

Carrie começou a ficar mais inquieta, então Thena me mandou parar e ficamos observando Sophia ninar a menina em um campo próximo, cantarolando. Thena desembalou um pouco de carne de porco salgada e repartiu comigo.

Sophia voltou com Carrie, ainda ninando e cantarolando:

*uem esteve aqui desde que eu fui para o sul?
Uma linda menina de vestido azul.*

Retomamos o curso, e Thena, suas reminiscências.

— Esse caminho aqui dava direto na casa do Phinny — disse ela. — Tinha um monte de gente minha aqui. Tinha uma tia que cozinhava na casa do primeiro Phinny em pessoa. E, quando vocês todos eram pequenininhos, eles davam as maiores festas da região.

— Ouvi dizer — falei. — No meu tempo, Phinny Segundo era conhecido principalmente como mau. Disseram que ele deu um tiro no Pap Wallace e depois cortou em pedaços porque ele não abaixava a cabeça para corretivos.

— uem disse isso? — perguntou Thena.

— Meu tio Creon — respondi.

Ficamos quietos por um momento, seguindo viagem. Era o fim da tarde agora e tínhamos mais uma coleta na casa dos Granson antes de voltar para Lockless.

— Era seu tio? — perguntou Thena.

— Com certeza — respondi.

— Ele aparecia lá na Rua, de noite. Ficava perto da casa da sua mãe esperando qualquer resto que ela tivesse. Não estava nos melhores dias. Eu me lembro bem dele.

— Eu também — falei. — Mas daquele tempo só me lembro dele mesmo. Vejo a imagem dele na porta e o resto é neblina.

— Pode ser bom — comentou Sophia. — Não ter como saber o que pode estar rondando atrás dessa neblina.

— Não tem nada de bom nisso — falei.

Paramos na casa dos Granson. Caroline agora dormia enrolada no xale da mãe. Sophia tinha aberto um espaço para a menina no meio das trouxas de roupa

para lavar. Ela pegou uma que ainda estava no chão para colocar na carruagem.

— Eu pego — disse eu.

— Deixe eu ajudar — falou ela.

— Você já ajudou muito — respondi, mas meu tom foi mais acalorado do que eu pretendia.

Sophia arregalou os olhos, mas não disse nada. Voltou para a carruagem e terminamos de carregar as roupas.

Voltamos com o sol ainda pendurado acima das árvores. Ela desceu, se despediu de Thena e virou-se para mim. Só então percebi que algo estava errado.

— Então agora vai ser assim, é? — disse ela.

Carrie estava presa em suas costas, amarrada pelo xale.

— O quê? — perguntei, indignado.

— Esse é você? É assim que você voltou?

— Não sei do que...

— Não ouse mentir pra mim. Não ouse, não depois de ter voltado. Não ouse. Era pra você ser superior. Eu disse que você era superior. Eu disse que não trocava homem branco nenhum por outro de cor. E agora olhe só você, esquentando a cabeça com o que não é seu, com o que não devia ser de ninguém. Era pra você ser superior.

Ela seguia pela estrada, a raiva manifesta na maneira como se sacudia ao caminhar para longe.

Quando voltamos para a casa, descarreguei a roupa enquanto Thena começava o jantar. Depois fui à cozinha, peguei a refeição do meu pai e fui servi-lo. Ele queria companhia para jantar, então fiquei ali enquanto ele me interrogava sobre o dia. Mergulhei em mim mesmo até meu rosto ser uma máscara servil. Depois, desci a escada secreta até o quarto de Thena e, à mesa dela, comemos em silêncio, como sempre. Quando terminamos, ela olhou para mim e disse:

— Você está castigando a moça.

— Eu...

Thena me interrompeu:

— Está sim.

Voltei para cima e encontrei meu pai na biblioteca folheando um livro. Fui para a sala de jantar e arrumei tudo. Depois aqueci a cidra, servi e me retirei para o quarto. O cavalinho de brinquedo que eu tinha esculpido para o filho de

Georgie estava no aparador. Alisei aquele objeto. Pensei nas palavras de Sophia, na ordem de *ser melhor*. Deixei o quarto, passei pelo escritório, onde meu pai já cochilava, pelo Labirinto e saí, enfim, pelo túnel. Segui o longo caminho que passava pelos pomares até a floresta e então estava na Rua. Ao final dela encontrei Sophia sentada no degrau da cabana, sozinha.

Ela me lançou o olhar mais frio que se pode imaginar e entrou. Fui até a porta e olhei para dentro. Carrie dormia na cama. Sophia permaneceu de costas para mim. Sentei-me ao lado dela.

— Desculpe — falei. — Eu sinto muito mesmo. Por tudo o que fiz você passar, sinto muito.

Deslizei os dedos pelo dedos dela. Todos os dias que passei sonhando com ela, todas as horas que passei pensando em Sophia perdida por aí, todo meu deslumbramento por saber que ela ainda estava em Lockless, todas as dúvidas sobre o que tinha acontecido, sobre quem ela amava e quem a amava, todas aquelas horas de sonhos, fantasmas, sussurros tristes, tudo isso era real naquele momento e estava bem ali, entre os meus dedos.

— Eu quero ser melhor — falei. — Estou tentando ser.

Sophia levou minha mão aos lábios, a beijou, então virou-se para mim e disse:

— Você quer ser que eu seja sua, eu entendo. Sempre entendi. Mas o que você precisa entender é que, para eu ser sua, não posso nunca ser sua. Entende o que estou dizendo? Não posso ser nunca de homem nenhum.

Sophia, minha Sophia, as ideias que eu tinha, as vidas que pensava que podíamos construir, coisas da minha cabeça, todas construídas apenas por minhas ambições solitárias. Fiquei ali sentado, observando seus grandes olhos ensolarados. Ela era tão bonita, tanto quanto diziam que sua mãe tinha sido. E eu sabia, ao olhar para ela naquele momento, que aquelas ideias, aquelas vidas, nunca tinham levado em consideração o modo com que Sophia sabia ser. Porque a *minha* Sophia não tinha sido uma mulher para mim. Tinha sido um emblema, um ornamento, um signo de alguém perdido havia muito tempo, alguém que eu agora vislumbrava apenas na neblina, alguém que eu não podia salvar. Ah, minha querida mãe negra... Os gritos. As vozes. A água. Você estava perdida para mim, perdida, e não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-la.

Mas nós temos que contar nossas histórias, não sermos enganados por elas. Era nisso que eu pensava naquela noite, naquela velha cabana na Rua. E por isso

coloquei a mão no bolso, tirei o cavalinho de brinquedo e coloquei na mão de Sophia.

— Para Carrie — falei.

Então Sophia riu baixinho e disse:

— Ela é um pouco nova pra isso, Hi.

— Estou tentando — disse eu, sorrindo. — Juro.

NO FIM, NÓS, Thena, Sophia, Carrie e eu éramos tudo o que havia de estável em Lockless. A força do sangue nos unia. Sophia era a escolhida de Nathaniel, e Carrie era filha dela. Eu era filho do meu pai e quanto a Thena... Bem, para meu pai, Thena era o símbolo de uma era passada. Ele tinha vendido os filhos dela, um ato que, na minha cabeça, era uma curva na estrada que marcava o fim da Virgínia que eu conheci. Ele nunca disse isso exatamente, mas meu pai evitava falar com Thena e, se estava andando pela propriedade e a via, mudava de direção. Acho agora que sua ideia com a história da lavagem de roupa era, de alguma forma, para amenizar a culpa de ter vendido os filhos de uma mulher na pista de corrida.

Culpa ou não, isso poupava Thena e, naqueles dias cinzentos, nós quatro juntos formávamos uma espécie de unidade. Entramos em uma rotina. Fazíamos as refeições juntos. Depois, eu cuidava do meu pai e ia com Sophia e Caroline de volta para a cabana. Uma dessas noites, acompanhando Sophia até em casa, ela falou a respeito de Thena:

— Você sabe que ela está ficando velha.

— Sei, sim — disse eu.

— É uma vida dura pra uma mulher, Hi. Lavar roupa, estender, cerzir, alvejar. Eu ajudo como posso, mas é difícil. Estou contente que você tenha voltado. Ela precisa de uma folga. Fala pra ela ficar quieta amanhã. A gente pode lavar a roupa, eu e você. E fazer a ronda na segunda-feira também.

Quando voltei, contei a Thena a nossa ideia. Ela olhou para mim e protestou um pouco, cedendo só depois de insistir em cuidar de Caroline enquanto trabalhávamos. O dia seguinte era domingo. Corrine vinha para levar meu pai à igreja. Hawkins foi com eles, então pude fazer o trabalho extra. Naquela noite, fiquei na cama pensando em Thena e seus planos. Ela ainda se apegava à esperança de que o dinheiro da lavagem de roupas compraria a liberdade dos seus últimos dias. Eu não me apegava ao plano dela, mas ao meu, o plano da

Clandestinidade. O inverno chegou, as noites ficaram mais longas. Eu pensava em Kessiah, na cara que ela fazia quando descobrisse que a mãe tinha sido libertada. E mesmo então eu já achava que, nessa expressão, veria não apenas uma promessa cumprida, mas a cura de alguma velha ferida em mim mesmo.

Lavar roupa não era trabalho fácil. Encontrei com Sophia cedinho pela manhã, o céu ainda escuro, iluminado por estrelas que pareciam furos de alfinete e por uma fatia de lua. Passamos a primeira hora puxando água do poço para encher os caldeirões. Depois, enquanto eu recolhia lenha e acendia o fogo, Sophia separou as peças e procurou por furos. Levou essas poucas para Thena cerzir, porque não tínhamos conseguido convencê-la de tudo a não trabalhar. Com o fogo aceso, enquanto os caldeirões esquentavam, penduramos as roupas e os lençóis e batemos para tirar a sujeira. Sophia terminou essa função enquanto fui buscar no Labirinto três bacias grandes. Deixei todas na lateral da casa, onde estávamos esquentando a água. As estrelas tinham se apagado e vimos a pálida lua se dissolver no azul profundo daquelas últimas horas da noite. Com tudo no lugar, nós dois já com as luvas de trabalho, erguemos os caldeirões e despejamos a água quente. Durante as horas seguintes, esfregamos, enxaguamos, torcemos e depois esfregamos, enxaguamos e torcemos mais duas vezes.

Terminamos muito depois do pôr do sol. Depois de pendurar todas as roupas, fomos até o gazebo, como fazíamos em um tempo que parecia ter sido outra vida. Nossos braços e nossas pernas doíam. As mãos estavam esfoladas. Ficamos em silêncio por vinte minutos. Depois voltamos para jantar com Thena.

— Não é fácil — disse ela.

Nosso silêncio exausto era a afirmação mais audível que se poderia imaginar. Eu e Sophia voltamos para a Rua e esperei enquanto ela banhava e vestia Caroline para dormir. Do lado de fora, fui batendo com o nó dos dedos nas tábuas da casa. Um pedaço lascou.

— O reboco está soltando em alguns lugares. Qualquer hora dessas eu posso dar um jeito — falei a Sophia.

Ela enfaixava Carrie com um pano e cantava baixinho. Quando parou, disse:

— Ela é um problema pra você?

Eu ri, nervoso.

— Exige uma adaptação.

— E você vai se adaptar?

— Essa é a ideia — falei.

Avancei e sentei na cama ao lado de Sophia.

— Lembre aonde suas ideias nos levaram da última vez — disse ela.

— Eu não esqueci de nada. Mas o que eu me lembro não é dos Cães nem do que aconteceu depois. O que eu me lembro é de você. O que eu me lembro é de ser amarrado naquela cerca, de como me senti pronto para morrer. E de não ter visto nenhum resquício de morte em você, apesar do que Georgie tinha feito conosco.

— Georgie — repetiu Sophia, e senti a raiva dela. — Ele tinha ido embora quando voltei pra cá. Sorte dele. Nem posso contar os pensamentos maus e vingativos que eu tive por aquele homem.

— Talvez tenha sido melhor, então — comentei.

— Pra ele — falou ela. — Pra ele.

Ficamos calados. Sophia segurava Caroline sobre o ombro, esfregava delicadamente suas costas.

— Hiram, por que você foi embora?

— Não fui por mim. Eles me carregaram e me levaram embora. Você viu.

— Assim mesmo, é? Levaram você embora?

— Você viu — repeti. — Você sabe como aconteceu. Nós não fomos os primeiros. Os Cães pegam a gente e levam embora.

— Bem, eu tenho a sensação de que era mais do que isso. Coisas que talvez você não possa falar, coisas que não podem ser faladas. Talvez por você ser da família Walker. Mas não sinto que isso seja tudo, porque eu conheço aquela gente, homens que acreditam na Tarefa, como Howell Walker... Bem, eles vendem os parentes em um piscar de olhos só pra não precisar mais olhar para o fruto dos próprios pecados.

— Mas eu sou Tarefaíro assim como você. O sangue não muda isso. É tão simples quanto parece. Corrine tinha uma necessidade. Howell se sentia mal por causa da morte de Maynard e me mandou como consolação. O fato de nós dois fugirmos até facilitou as coisas.

— Bem, essa é a outra parte. Enquanto você estava fora, eu vi bastante Corrine, até mais do que vi Nathaniel. Ela vinha aqui a cada poucas semanas. E não entendo que razão ela tinha pra me ver. E não entendo por que eu mesma não fui mandada pra Natchez. Por que estamos aqui, Hiram? Por que ficamos?

— Parece que é uma pergunta para o Nathaniel.

— Hi, acho que ele nem sabe que fugimos. Das vezes que estive com ele desde então, e não foram muitas, ele nem se deu ao trabalho de mencionar isso.

— Eu não sei. Não estou dentro da cabeça dos outros.

— Não estou dizendo que está.

— É. Bem, você está sempre dizendo alguma coisa.

Com a mão livre ela me deu um tapa no ombro e franziu a testa. Ficamos calados por um tempo. Eu estava pensando em Corrine e por que ela teria sentido que devia ficar de olho em Sophia. Eu estava pensando a respeito do que tinham me dito. Então olhei para Sophia, que estava com Carrie no colo, cantando algo suave e tranquilizador. A bebê batia as mãos no ar, lutava contra o sono, contra os próprios olhos.

Eu me vi de volta a Filadélfia, com Mars, e me lembrei de como ele tinha se aberto comigo, de como toda a família White se abriu e o que isso significava para mim. Como Bland tinha sido receptivo, como suas palavras tinham me libertado da culpa pela morte de Maynard. E senti então que devia parte daquilo a Sophia.

— Eu sei que uma criança não é apenas alegrias. Já vi como funciona. Mas muitas vezes vi mulheres que não queriam filhos, a vida inteira girando em torno disso. E vejo que você formou sua vida em torno dessa pequena, fez isso antes mesmo de ela vir. Você fugiria por ela. Você mataria por ela. Eu vejo como você olha para essa menina e me lembro. Me vem na cabeça o que você me disse. “Está vindo, Hiram, e eu vou ver minha filha ser levada como eu fui levada.” Ninguém pode dizer que não foi dito. E embora eu me lembre de tudo, não posso dizer que sempre dou ouvidos. Mas, nesse momento, eu escuto você e escuto muito mais.

“E sei que os homens colocam coisas terríveis e infelizes sobre um filho que não seja do próprio sangue. Pode ser que eu seja um desses homens. Talvez eu já esteja há tanto tempo pensando só em mim, na minha própria raiva que eu...” Sacudi a cabeça. “O que estou dizendo é que ela não é problema, você não é problema, o problema sou eu.”

Então me calei um momento e Sophia apertou minha mão.

— Estou querendo dizer que entendi quem é o pai dela no momento que vi o bebê. Era a regra. Eu volto e vejo você aqui com Caroline, que não é sangue...

E juro que nesse momento, foi como se Caroline escutasse minhas palavras porque me olhou e estendeu a mão para mim. Tirei minha mão da mão de Sophia e peguei a mãozinha dela, que agarrou meu dedo mínimo.

— Só que ela é meu sangue — falei. — Negra de pele clara como eu, olhos verde-cinza como os meus... mas não só meus. São os olhos de Walker e esse

cabelo é de Walker também. E isso vem desde o primeiro da família, porque vi todas as descrições deles na história do condado de Elm.

“E é uma coisa engraçada. Porque esse olho verde-cinza pulou Maynard. Pulou Nathaniel. Mas está aí muito claro em Caroline.

“E há uma dor nisso. Não é algo puro. É sujo. Eu disse exatamente isso para outros homens, e agora estou aqui provando do meu próprio remédio. Quero que você saiba o que eu vi, os homens que conheci desde que fui embora. Os homens que precisaram decidir o que eles amam mais: o todo que está bem ali na frente deles, com suas coisas boas e ruins, ou viver pensando só em si e na própria raiva. E eu escolho a lama deste mundo, Sophia. Escolho o todo.”

Agora havia lágrimas nos olhos dela.

— Posso segurar a menina? — perguntei.

Ela riu entre as lágrimas e disse:

— Cuidado. É capaz de ela segurar você.

Então sorriu, tirou Caroline do colo e, segurando-a com a mão direita por baixo e a esquerda perto do pescoço, estendeu-a para mim. Caroline olhou para cima com aqueles olhos verde-cinza e a mesma obsessão infantil. Tentando imitar Sophia da melhor maneira possível, coloquei as mãos bem no lugar onde as delas haviam estado. Puxei a menina para perto até sua cabeça estar na curva do meu braço. Ela então se acomodou, não chorou nem gemeu, e quando senti sua sujeira quente nos meus braços, pensei em meu pai, em como ele nunca tinha me carregado assim, nem de fato, nem simbolicamente. E me lembrei de como eu tinha, durante toda a juventude, o perseguido em busca desse momento. Pensei na mulher que me deu este momento, porque é o que todo mundo me diz: que minha mãe me amava mais do que tudo, que ela moldou a própria vida em torno de mim até ser levada. A minha mãe, de quem eu não conseguia lembrar.

C L , com o Labirinto assombrado, cinzento, e aquela estação moribunda agora se transformando em inverno, Caroline era uma luz em nosso mundo. Foi Thena, na ausência de outra pessoa com disposição, quem fez o parto de Carrie e assim, por esse sentimento, Thena, às vezes, cuidava dela, para aliviar Sophia. Foi o que ela fez no domingo seguinte, quando fui reformar

o reboco da casa. Trabalhei cerca de uma hora. Quando entrei, vi que Sophia acendera a lareira. Estava toda enrolada, sentada diante do fogo com as mãos voltadas para as chamas.

Ela olhou para mim e disse:

— Não está com frio?

— Estou — falei. — Não dá para perceber?

Coloquei as mãos no seu rosto e desci para o pescoço. Ela riu e gritou:

— Rapaz, para com isso!

Eu corri atrás dela pela casa e depois pela Rua durante alguns minutos, até cairmos no chão de tanto rir.

— Tudo bem, agora estou com frio mesmo — falei.

— Estou tentando falar uma coisa — disse ela.

Entramos e sentamos diante da lareira.

— Em dias assim, eu bem que gostaria de uma garrafa de vinho. O meu Mercury, lá na Carolina, sabe? Ele sempre tinha uma — disse ela, e então olhou para mim e acrescentou: — Desculpe, Hi, eu não devia falar das coisas do passado.

— Para ser minha, você não pode ser minha — repeti. — Além disso, você me deu uma ideia. Volto já.

Voltei para a casa, entrei no Labirinto. Ao passar pela porta entreaberta do quarto, vi Caroline dormindo no peito de Thena, como Kessiah me contou que ficava quando era pequena. Entrei no meu quarto e peguei a garrafa de rum que Mars me deu quando fui embora. Quando voltei, Sophia estava sentada de braços cruzados. Mostrei a garrafa.

— Sei que tem alguma coisa em você, alguma coisa sobre os lugares onde você esteve.

Abri a garrafa e ela disse:

— Você não é o mesmo homem que foi embora. Pode tentar me enganar o quanto quiser, Hi, mas você não é o mesmo, e isso está claro. Não dá pra esconder de mim.

Sophia levou a garrafa à boca, inclinou a cabeça para trás como se tentasse receber a chuva no rosto e bebeu.

— Hummm — disse, enxugando a boca na manga. — É, você andou por aí.

— Mas agora estou aqui — falei e tomei um gole. — E você?

— O que tem eu? — perguntou ela. — O que você quer saber? Eu conto tudo.

Tomei outro gole e coloquei a garrafa no chão.

— O que aconteceu? — perguntei. — Depois daquela noite que prenderam a gente?

— Ah — disse ela. — Bem, eles me deixaram naquela jaula, como eu achei que deviam ter deixado você. Eu achei que fosse o meu fim, juro mesmo. Pra mim eu estava a caminho de Natchez. E uma mulher como eu, com bebê ou sem, eu sabia que seria usada pra dar prazer. Estava apavorada, juro. Eu sei que tentei ser forte aquela noite, Hi, e fui, porque tinha você, senti que eu precisava pensar em você e, enquanto eu pensasse em você, não sobraria tempo pra me preocupar.

“Mas naquele dia que os Cães me prenderam na jaula tudo voltou, todo o mal que estava pra cair em cima de mim. Eu queria chorar, mas sabia que precisava ser forte. O tempo todo eu só falava com a minha Caroline. Eu falava com ela e ela me acalmou, pode acreditar. Porque eu senti que não estava mais tão sozinha. É como você disse, eu não pedi pra ter uma filha, mas, naquele momento, fiquei muito feliz de saber que ela estava dentro de mim, mesmo sendo só uma coisinha crescendo.

“Acho que foi nessa hora que eu virei uma mãe pra ela. Eu estava brava com o que Nathaniel tinha feito comigo. Pelo que ele tinha colocado dentro de mim. E mesmo sendo grata por ela, nunca vou ser grata a ele. Caroline é minha e do meu Deus. Coloquei nela o nome da minha terra perdida, a minha Carolina, a terra de onde me arrancaram contra a minha vontade. E isso é tudo: naquela jaula, com a faca de Natchez no pescoço, Caroline, minha terra, me salvou.”

Ela bebeu mais um gole e estremeceu:

— Hummm.

Então ficou quieta e eu simplesmente fiquei ali, olhando para ela em silêncio. Quando Sophia se virou para me passar o garrafão, senti que ela estava diferente, como se a própria textura de sua história estivesse gravada em seu rosto.

— Mas isso não é tudo — disse ela. — Tarde, naquela mesma noite, quando eu estava encolhida no canto da jaula, quase dormindo, os ratos correndo em volta, um vento frio soprando, ergui os olhos e vi uma sombra olhando pra mim. Depois ela se afastou um pouco e fiquei pensando que tinha sido um sonho. Mas aí a sombra voltou com um dos Cães, que abriu a porta da jaula e disse: ‘Saia’.

“Não precisou falar duas vezes, sabe? Eu levantei e aí vi que não era sombra nenhuma. Era Corrine vindo com sua roupa de luto. Quando eu saí, a

carruagem estava lá com o pessoal dela. Eu fui sentada atrás, junto com ela, e ela me disse que sabia onde eu ia parar e o que ia acontecer comigo se Nathaniel ficasse sabendo que eu fugi. E aí me garantiu que ele não precisava saber de nada. Ninguém precisava. Disse que eu podia voltar e que tudo seria como antes. A única coisa que ela pediu foi passar na Rua de vez em quando pra falar comigo.”

— Sobre? — perguntei.

— Principalmente sobre as coisas daqui. Como eu disse, ela para aqui de vez em quando e pergunta quem ainda está aqui e quem foi pra Natchez. Eu achava bem esquisito, sabe. Mas, depois que Caroline chegou, a única coisa que eu queria era ter minha filha em segurança. Nada mais importa.

“Mas eu perguntei de você pra ela”, disse Sophia, dando o braço para mim ao dizer isso. “Perguntei o que iam fazer com você e ela falou pra eu não preocupar. Que você ia ficar longe por um tempo, mas que ia voltar. Disse que você ia voltar. Mas não posso dizer que acreditei, Hi. Você sabe o quanto já perdi nessa vida. Aprendi que o que foi, foi, e que a verdade é só essa... Menos com você. Porque você voltou.”

Com olhos penetrantes, Sophia olhava para mim e através de mim. Senti a sala girar.

— Eu mal posso acreditar, mas você voltou. Voltou pra mim.

Naquele momento parei de pensar. E então senti as vigas, as traves e o reboco da casa entortando e eu entortando junto, as vigas, as traves e o reboco do mundo inteiro nos cercando, nos encerrando juntos. Toda a natureza parecia envolvida, de forma que, quando senti o gosto do rum em sua boca, senti a própria doçura da vida.

Só então entendi de fato que eu não me lembrava de tudo, que havia coisas além de minha mãe que eu tinha escolhido esquecer: não as imagens, mas os sentimentos por trás delas. Tinha me esquecido do quanto eu sentira falta de Sophia, do quanto a desejava; tinha me esquecido daqueles dias na Filadélfia, quando tudo o que eu queria era que Raymoind e Otha me deixassem sozinho para que eu pudesse ficar com a lembrança dela, dançando junto àquela grande fogueira nas Festas. Eu tinha me esquecido da dor grave e profunda do desejo correndo por mim como um trem nos trilhos. Tinha me esquecido de como eu aceitara essa dor, como uma tosse que não conseguia conter. Tinha me esquecido dos dias em que, sozinho, me abraçava com força, recurvado na cama, sendo consumido pela solidão. Eu a amava e talvez sabendo, mesmo naquele tempo, o grande perigo desse sentimento na Tarefa e mesmo na

Clandestinidade, tinha me esquecido o tanto quanto possível, embora o sentimento não tivesse esquecido de mim. E ali estava eu, conosco, entre nós e quando ela tocou meu rosto, quando segurou meu braço, não foi com suavidade, mas com firmeza, com desejo, e entendi que tudo o que eu sentia, todo o desejo em mim, todo esse sentimento cego e violento da juventude, toda a compulsão violenta de expressá-lo, não era apenas minha.

★ ★ ★

H , mezanino, olhando para o teto. O braço dela em meu peito, sua mão tocando meu ombro como se eu fosse um piano.

— Meu Deus, é você — disse ela. — Suas mãos. Seus olhos. Seu rosto.

Tinha escurecido havia muito e eu sabia que a manhã logo nos alcançaria. As vigas do mundo logo cederiam, nos devolveriam aos nossos lugares de sempre, com nossas tarefas de sempre em Lockless. Mas algumas coisas não voltariam para o lugar e entre elas estava a sensação de uma nova certeza, a mesma que impulsionara Otha White, a mania que tomara conta dele, de que nunca poderia dormir de verdade sem Lydia. Pela primeira vez entendi a Condução, entendi aquilo como uma retransmissão de sentimento, estruturada a partir de momentos tão marcantes que se tornam reais como pedra e aço, reais como a locomotiva de ferro roncando como um gato sobre os trilhos, caçando os pássaros pousados sobre o toldo.

Enquanto me vestia e Sophia observava do mezanino, vi em cima do aparador o cavalinho de brinquedo que eu tinha recuperado da casa de Georgie Parks e juro que ele quase brilhava. Sophia desceu, parou atrás de mim, envolveu minha cintura com os braços e apoiou a cabeça nas minhas costas enquanto eu analisava o brinquedo em minhas mãos.

— Anda — disse ela. — Pode levar. Eu disse que ainda é muito cedo pra dar essas coisas pra ela.

— É — concordei. — Acho que sim.

Então, segurando o cavalinho, me virei para Sophia e uma última vez, ali no escuro, o mundo levou meus lábios aos dela e nos abraçamos como se abraçássemos o mastro de um navio durante uma grande tempestade.

— Tudo bem — falei. — Acho que é melhor eu ir embora.

— Também acho.

Lá fora o mundo era diferente e saí de costas para preservar a visão dela naquelas horas azuis, querendo conservá-la o máximo possível.

Tudo teria sido mais fácil se eu simplesmente voltasse para o Labirinto, engraxasse minhas botinas e me limpasse. Mas essa nova compreensão, ter acessado ideias antigas, até então trancadas, me dominou. Então o que fiz foi seguir um caminho que me guiava pela escuridão rumo à estrada Dumb Silk. Eu agora arriscava encontrar os Cães, que mesmo então patrulhavam aquelas estradas em busca do que seriam os últimos fugitivos do reduzido condado de Elm. Mas ao caminhar, eu revirava o cavalinho na mão e sabia que, mesmo que os anos bons já tivessem passado, os Cães não poderiam de fato me ameaçar.

Vinte minutos depois, eu estava lá outra vez, de volta ao rio Goose, que parecia não um rio, mas uma vasta massa negra a se estender pela terra. Caminhei em sua direção até ouvir o rio lambe suavemente suas margens. Estava nublado, então não havia lua para iluminar nada. Mas ali na margem, ergui a mão que segurava o cavalinho, e vi rebrilhar a luz azul da Condução.

Quando olhei de novo para o rio, avistei a névoa agora familiar rolando até mim.

Ninguém precisava me ensinar o que vinha a seguir. Agi quase que por instinto animal, com o mais simples movimento: uma pressão firme no cavalinho. E então a névoa do rio se estendeu como os tentáculos de alguma fera mítica e fui arrebatado para dentro de sua boca aberta.

A INVOCAÇÃO DE UMA história, a água e o objeto que tornava a lembrança real como um tijolo: isso era a Condução. Minha preocupação imediata não era o que eu podia fazer com esse poder, mas sim ser capaz de suportar aquele dia. A fadiga caiu pesada sobre mim, a mesma que eu tinha sentido antes, a mesma que vira em Harriet. Consegui, sabe-se lá como, cumprir meus deveres, mas, quando terminaram, dormi depois do jantar até o dia seguinte. Ao acordar, vesti Howell, servi sua refeição matinal e o ajudei com os rigores leves de seu dia.

Quando chegou a hora do jantar, uma parte de mim rebrilhava como a própria Condução, porque eu sabia que veria Sophia. Quando chegou a hora, senti que entrava em algum outro mundo e me perguntei se teria sonhado tudo aquilo. Mas ela estava bem ali, com Thena e Caroline, e, quando me viu, abriu um sorriso e disse simplesmente:

— Você voltou.

Passamos as semanas seguintes juntos e felizes. De início, tentamos esconder os novos acontecimentos. Depois do jantar, Sophia fingia ir embora com Caroline e depois de servir a cidra ao meu pai, ficar um pouco com ele e colocá-lo na cama, eu ia para a Rua. E então, nas últimas horas da noite, eu voltava para a minha cama, ficava lá por uma meia hora e levantava para começar meus trabalhos. Não era tão estranho quanto parece. Para muitos Tarefeiros de Lockless, com esposa e filhos em outras casas, esse ritual era comum. Minha versão era bizarra, no entanto, porque parecia depender da cegueira de Thena. E ela não era cega. Então imagine a surpresa quando uma noite, depois do jantar, com Caroline no colo, ela disse:

— Estou contente por você. — Nada mais foi dito.

Mas não era só Thena que me preocupava. Nathaniel Walker ainda tinha direito conhecido e particular sobre Sophia e Caroline, e eu sabia muito bem o que acontecia com Tarefeiros que interferiam nesses direitos. Corrine podia ter nos salvado uma vez, mas nada salvaria nenhum de nós dois da ira orgulhosa

daquele Walker. Foi um lindo momento, um dos melhores da minha longa vida, mas construído sobre o solo instável da Tarefa e nós sabíamos que, mais cedo ou mais tarde, este chão mudaria outra vez.

No começo de dezembro, soubemos da chegada de Nathaniel e, uma semana depois, da inevitável convocação de Sophia. Meu pai, ainda sem saber o que acontecia em torno dela, me mandou levá-la. Não posso dizer que gostei, mas já tinha absorvido bem a lição: para Sophia ser minha, ela nunca poderia ser minha. O que havia entre nós não era posse, mas uma promessa de estar um na companhia do outro por tanto tempo quanto possível. Preservar a ilusão era nossa intenção naquele dia de inverno em que a levei para a casa de Nathaniel Walker.

Partimos cedo. Sophia dormiu na primeira parte da viagem. Na segunda, conversamos.

— Então, como era com a Corrine? — perguntou ela. — Uma banheira elegante? Cinco criadas nuas como vieram ao mundo?

Demos risada.

— Não estou ouvindo você negar.

— Eu não nego nada, Sophia.

— Nada além de informação sobre o tempo que passou fora — disse ela. — Rapaz, em nome de Deus, o que fizeram com você?

— Nada mesmo. Quer dizer, não tem muito o que contar.

— Não é em você que eu estou interessada, Hi. Estou interessada no interesse dela por mim. Ainda não entendo, por tudo que é mais sagrado, porque ela não me deixou ser levada pra Natchez.

— Não sei. Talvez ela goste de você.

— Uma branca gostar da escrava de outro homem? Quando você ouviu falar disso?

Eu não respondi.

— Soube que ela viaja bastante. Ouvi dizer que está sempre enchendo a cabeça do seu pai com histórias das coisas escandalosas que ela viu no norte. Acho que ela nunca ia levar alguém de cor junto com ela em uma viagem dessas.

— Talvez. Não sei.

— Claro que sabe, Hi. Você esteve lá ou não?

Fiquei olhando para a estrada em frente.

— Sei lá. Não tente isso comigo. Você nunca esteve fora daqui desta terra, muito menos no norte. Se tivesse estado, tenho certeza de que eu nunca mais

veria você.

— Por quê?

— Porque se você estivesse lá com o pessoal livre, precisaria ser mais idiota do que uma pedra pra voltar pra cá. Se eu algum dia pisar em um grão de solo livre, você nunca mais vai ouvir falar de mim, pode acreditar.

— Hum, aí seria o fim para nós, acho.

— Bem, agora você sabe que não foi feito de jeito nenhum pra fugir. Tentou uma vez, mas está preso em Lockless. O simples fato de você ter voltado é a prova.

— Não foi escolha minha. Não foi.

Chegamos à casa de Nathaniel Walker no fim da manhã e pegamos a estrada lateral, onde esperamos o mensageiro que ia nos cumprimentar e sumir com Sophia. Eu devia deixá-los para cuidarem de seus assuntos. O que senti ali? Certamente existem missões mais elevadas do que entregar para outro homem a mulher que você ama. Mas eu tinha anos de prática em esconder as coisas e, sabia que qualquer que fosse a minha agonia, a de Sophia devia ser duas vezes maior. Eu agora era mais velho. Entendia coisas que nem podia imaginar meses antes, de forma que, naquele momento, meu maior desejo era aliviar a situação dela. Então, quando notei um silêncio áspero entre nós e nada da alegria natural de Sophia, perguntei:

— Como você vinha para cá quando eu não estava?

— A pé — disse ela.

— Até aqui?

— Vinha. Com a roupa completa e tudo. Graças a Deus por Thena. Ela cuidou da Caroline naquele fim de semana. Só tive que fazer isso uma vez e quando veio o chamado, eu obedeci, mas fiquei péssima. Cuidei do rosto, da roupa e de outras coisas que não se fala ali mesmo, no meio no mato.

— Meu Deus...

— De tudo o que eu fiz, isso era o que me deixava mais amargurada. Eu tinha que tirar a roupa e ficar como Deus me fez, no mato, com medo de que alguém chegasse e do que podiam fazer. Tudo que me restava era cantarolar pra mim mesma, baixinho, pra ganhar coragem.

Sophia então respirou fundo, pesado e disse:

— Não duvide nunca que detesto eles. Não tenha a coragem de duvidar.

Ao dizer isso, o rosto dela mudou para a máscara de um carrasco. Não havia testa franzida nem sobrelancelha levantada. Nenhum esgar na boca. Nenhuma luz

nos olhos castanhos. Seu rosto espelhava a verdade do ódio que ela agora externava. Ela sacudiu a cabeça e disse:

— As coisas que eu faria com eles, Hi. As coisas que eu seria capaz de fazer. Você está me vendo aqui agora, neste corpo pequeno... Mas se minhas mãos, meus braços, fossem de homem, o que eu não faria com a minha energia... Eu pensei nisso, sabe? Pensei, mesmo com este corpo, meu Deus, as coisas que eu poderia fazer quando ele estivesse dormindo, com uma faca de cozinha, ou uma tintura no chá, ou um pó branco no bolo... Pensei nisso muitas vezes e, bem, aí tive minha Caroline e pronto. Eu sou uma mulher boa, Hi, pode apostar que sou. Mas o que eu faria com eles, no tempo certo, o que eu faria com eles...

Ela então deslizou para dentro dos próprios pensamentos. Depois de uns vinte minutos, um Tarefeiro bem vestido apareceu no caminho arborizado. Veio até a carruagem e olhou pra nós com um ar severo de reprovação.

— Ele não pode receber você hoje. Ele mandou avisar.

Deu meia-volta e foi embora pelo caminho.

— Ele disse mais alguma coisa? — gritou Sophia.

Mas o homem não se voltou, e, mesmo que tivesse ouvido Sophia, estava claro que não tinha intenção nenhuma de responder.

Ficamos ali sentados por alguns minutos, sem saber o que fazer. Então Sophia deu um sorriso amargo e disse:

— Você ficou feliz, não é?

— Infeliz não fiquei — disse eu. — Além disso, pelo que você estava falando, acho que você sentiu o mesmo.

— Senti. Senti. Mas é estranho. Nunca aconteceu assim.

Ela se calou por um momento, pensando, ponderando alguma teoria recente.

— O quê? — perguntei.

— Provavelmente foi você que fez isso — disse ela. — De algum jeito, aposto que isso é obra sua.

Dei uma risada breve, sacudi a cabeça e disse:

— Incrível pelo que você me toma, como se eu tivesse poderes sobre os brancos. Ou como se fosse um mágico.

— Você é alguma coisa, tenho certeza.

Demos risada. Puxei as rédeas da carruagem e virei na direção de Lockless.

— Desculpe, Hiram — disse Sophia. — Você sabe que eu não quero voltar aqui. Quero ficar o mais longe possível. Mas, se eu tenho que fazer o trabalho, quero acabar logo com ele. Detesto essa coisa pendurada em cima da minha

cabeça. Eu sou uma escrava com ele, mas, desde que você voltou, eu me sinto mais livre do que nunca. Eu sei que isso não é verdade, mas é alguma coisa. E eu quero.

Ela então se inclinou e me beijou de leve no rosto.

— uero ter disso o quanto eu puder.

Ah, estar de volta ali, ser jovem de novo. Estar sentado no alvorecer da minha vida, o sol de tudo irrompendo no horizonte e todas as promessas e tragédias à minha frente. Estar ali naquela carruagem, com um salvo-conduto e uma mulher que eu amava mais do que tudo naqueles últimos dias dolorosos da velha e desolada Virgínia. Ah, estar ali com tempo livre, com tempo para sonhar com cavalgar até onde aquela estrada do condado de Elm chegava, até o destino nos abandonar.

Seguimos caminho. Fomos falando dos velhos tempos e de todos os perdidos do condado de Elm: Thurston, Lucille, Lem, Garrison. Falamos sobre como tinham ido, como Natchez os recebeu. Alguns quietos. Alguns cantando. Alguns dançando.

— O que aconteceu com Pete? — perguntei.

— Foi mandado pra além da ponte mais ou menos um mês antes de você voltar — contou Sophia.

— Achei que Howell nunca abriria mão dele — comentei. — O sujeito tinha a mão boa para os pomares.

— Foram todos pra Natchez — disse ela. — Igual a todo o resto. Como eu e você também, não demora muito. Foram todos embora. Todos.

— Não — disse eu. — Acho que nós somos sobreviventes, você e eu. Mesmo que por meios diabólicos, não passamos muito disso. Somos sobreviventes.

O inverno ainda não chegara com força total e a manhã era clara e fresca. A estrada subia e dava para ver o Goose, dava para ver do outro lado até Starfall e, no horizonte, a ponte pela qual eu tinha me conduzido para esta outra vida.

— Mas e se não for isso, Sophia?

— O quê?

— E se não foram todos embora? E se não estão todos acabados? E se houver algum jeito de fazer a gente superar todo o sofrimento que vimos aqui?

— Isso é mais um dos seus sonhos baseados em fato nenhum? É só perda de tempo. Você lembra onde isso deu, certo?

— Lembro bem. Mas nós estamos ligados, como você disse. Somos mais velhos do que as nossas idades. Este lugar nos fez assim por causa de tudo que

Passei o braço dela em volta do meu pescoço e coloquei-a de pé. Sophia voltou pelo túnel.

— Ela está bem. Dormindo, como Thena falou — disse ela. — Mas ela colocou Caroline na sua cama e... eu entendo por quê.

Sophia então começou a chorar e disse:

— Hiram, eles pegaram. Eu sei o que eles estão fazendo. Eles pegaram.

Demos alguns passos, mas Thena começou a se arrastar e precisei carregá-la. Passamos pelo quarto de Thena primeiro e o que eu vi foi metade de uma cadeira no chão e lascas por toda parte. Segui em frente até meu antigo quarto e vi que Caroline começava a se mexer. Sophia afastou as cobertas e pegou a menina. Deitei Thena em sua cama e a cobri.

Virei-me para Sophia:

— ue diabo aconteceu?

Ela sacudiu a cabeça. Ainda estava chorando.

Fui para o quarto de Thena. Parecia que alguém tinha baixado o machado em tudo: a cama, o aparador, a única cadeira, tudo destruído. Então vi o verdadeiro objetivo: a caixa trancada de Thena, partida ao meio. Ajoelhado, vi algumas lembranças: contas, óculos, algumas cartas de baralho. Mas o que não vi foi o dinheiro da lavagem de roupas que Thena tão fielmente depositava ali toda semana, seu pagamento para a liberdade. Fiquei ali parado por um momento, pensei em quem faria uma coisa dessas. Tinha ouvido histórias sobre antigos senhores que faziam tratos e depois renegavam, ficavam com o dinheiro. Mas não fazia sentido com Thena, que era velha e estava disposta a compensar Howell por sua liberdade, aliviá-lo de seu cuidado. E aquela violência, o uso do machado, falava de alguém sem nenhum outro meio de convencer Thena. Imediatamente entendi que o responsável tinha que ser Tarefairo.

Nunca se sabe o quanto a própria gente é necessária até todos terem ido embora. Nessa altura, Lockless estava reduzida a talvez vinte e cinco pessoas. Mas não era como antigamente, quando, embora houvesse mais pessoas, todos nos conhecíamos. Agora eu só conhecia uns poucos da Rua e menos ainda do Labirinto. Nos velhos tempos, havia homens, escravos médicos que poderiam cuidar de Thena. Mas todos tinham ido embora, tinham sido mandados embora e só podíamos contar conosco. Pensei na Filadélfia e na segurança de saber que sempre haveria alguém por mim e sentia que uma espécie de ausência de lei havia baixado sobre Lockless. A quem eu contaria sobre o ataque a Thena? Ao

meu pai? E qual seria a resposta dele? Mandar mais gente para lá da ponte? Dava para ao menos acreditar que o responsável por aquele crime seria expulso?

Fizemos diversas alterações na semana seguinte. Mudamos, todos nós, do Labirinto para a antiga casa de Thena. Era onde nos sentíamos mais seguros e para mim significava apenas que precisava levantar um pouco mais cedo de manhã para chegar ao meu pai a tempo dos meus deveres. Não deixávamos Thena sozinha. Sophia assumiu a lavagem de roupas e eu ajudava como podia aos domingos; trazia água, recolhia lenha, torcia a roupa lavada. Uma semana depois, Thena estava quase recuperada, mas o terror daquele ataque a transformou, e, pela primeira vez desde que a conheci, vi um medo verdadeiro em seu rosto, medo pelo que poderia acontecer ao ficar ali em Lockless. Foi quando pensei em Kessiah e entendi que tinha chegado a hora de cumprir promessas.

★ ★ ★

T minha única preocupação. Eu soube depois, através do meu pai, que Nathaniel não tinha voltado do Tennessee, apesar do chamado por Sophia, retido por algum negócio urgente. Eu não tinha como saber o que era, mas talvez as intenções dele quanto a Sophia pudessem ir além do que eu tinha concebido antes. E eu não era o único a pensar assim.

Sophia disse:

— Já pensou se eu tiver que ir pra lá?

Estávamos no mezanino, olhando para as vigas no escuro. Caroline dormia entre nós, enquanto ali embaixo, no térreo, Thena ressonava.

— Já — respondi. — Principalmente agora.

— Sabe o que ouvi dizer?

— O quê?

— ue as coisas são diferentes no Tennessee. ue é bem longe dessa sociedade aqui e que tem costumes diferentes. Lá existe homem branco que casa com mulher de cor, vivem como marido e mulher. Estive pensando em Nathaniel e nas exigências dele, como por exemplo ele querer que eu me arrume como...

Sophia se calou como se elaborasse um pensamento e disse:

— Hiram, será que esse homem está me arrumando pra alguma coisa? Será que ele quer me tirar daqui e acabar me instalando como esposa dele no Tennessee?

— É isso que você quer? O Tennessee? — perguntei

— É isso que você acha que eu quero? — perguntou ela. — Você ainda não sabe a resposta? O que eu quero é a mesma coisa que eu sempre quis, o que sempre disse que queria. Quero minhas mãos, minhas pernas, meus braços, meu sorriso, que todas as partes preciosas de mim sejam só minhas.

Ela se virou na minha direção e, embora eu ainda olhasse para o teto, podia sentir que Sophia olhava direto para mim.

— Se eu sentir necessidade, se eu sentir vontade de entregar tudo pra alguém, então vai ser por minha vontade, por um desejo próprio. Você entende, Hiram?

— Entendo.

— Não entende. Não tem como entender.

— Então por que você fica me dizendo?

— Não estou dizendo pra você, estou dizendo pra mim mesma. Estou me lembrando das promessas que fiz pra mim mesma e pra Caroline.

Ficamos ali deitados em silêncio até pegar no sono, mas não esqueci nada da nossa conversa. O momento era com certeza aquele. Eu tinha desempenhado bem as minhas funções, mantido Hawkins informado. E mais, tinha revelado para mim mesmo o segredo da Condução e sentia que havia chegado o momento de Corrine Winn cumprir a parte dela do acordo.

As festas de fim de ano chegaram. Seria um momento solitário. O clã Wlaker não voltaria aquele ano e, sem Maynard, meu pai se deparava com a perspectiva de passar uma data sagrada sozinho. Mas Corrine Winn, que ficava cada vez mais próxima dele, aliviou sua solidão vindo a Lockless com sua comitiva, dessa vez muito maior do que meramente Hawkins e Amy. Ela trouxe cozinheiros, criadas e outras pessoas de confiança. Trouxe também uma coleção de primos e amigos para entreter meu pai, que agora estava idoso. Esse conjunto o agradou muitíssimo, porque havia diante dele uma plateia ávida por ouvir as histórias da antiga Virgínia.

Era uma armação, é claro. Todos aqueles cozinheiros, criados e primos eram agentes: alguns que eu conhecera durante meu treinamento em Bryceton e outros que trabalhavam fora da estação de Starfall. O plano agora estava claro para mim. Com o condado de Elm em decadências, com a qualidade

abandonando a terra, no espaço deixado para trás a Clandestinidade poderia agir, expandir a sua guerra. Olhando em retrospecto, com a perspectiva dos anos acumulados, confesso que me encho de admiração. Corrine era ousada, implacável, engenhosa, e enquanto a Virgínia vivia com medo de outro profeta Gabriel ou Nat Turner, o que deviam temer estava bem ali, em casa, vestida de dama da sociedade, um modelo de boa educação, elegância, refinamento e graça infinita.

Eu não conseguia ver a genialidade daquilo na época porque estávamos, mesmo que unidos pelo nosso objetivo, muito comprometidos com rotas opostas. Os Tarefairos eram para mim gente, não armas, não carga, mas pessoas com vidas, histórias, linhagens das quais eu me lembrava bem, e quanto mais eu servia à Clandestinidade, mais essa sensação crescia em vez de diminuir. Então foi nesse dia, no encerrar do ano, quando insisti no que devia ser feito, que nos vimos em extremos opostos.

Estávamos na Rua. A desculpa que inventamos era simples: Corrine queria fazer uma excursão pelas velhas cabanas e eu seria seu guia. Então a escoltei da casa grande, conversando banalidades, até passarmos pelos jardins e pomares e nos vermos no caminho para a Rua.

— Quando aceitei voltar para perto de Howell, foi com a promessa de que uma família seria conduzida ao norte — falei. — Chegou a hora.

— E por que agora? — perguntou ela.

— Aconteceu uma coisa aqui duas semanas atrás — contei. — Alguém veio atrás de Thena. Bateram com o cabo do machado na cabeça dela e destruíram o quarto. Levaram todo o dinheiro que ela economizava da lavagem de roupas.

— Meu Deus — disse Corrine, e um ar verdadeiro de preocupação rompeu a máscara da dama. — Você descobriu quem fez isso?

— Não — respondi. — Ela não lembra quem foi. Além disso, do jeito que as pessoas entram e saem daqui atualmente... é difícil dizer. Eu conheço mais gente desse grupo que você trouxe do que entre as pessoas que trabalham aqui todos os dias.

— Devemos investigar?

— Não — respondi. — Precisamos tirar ela daqui.

— Mas não só ela, certo? Tem a sua Sophia.

— Não minha — falei. — Só Sophia.

— Tudo bem — disse Corrine com um breve sorriso. — Como você cresceu nesse ano, Hiram. É realmente uma maravilha. Você de fato é um de nós.

Desculpe, mas é uma coisa a considerar.

Ela olhava para mim surpresa, embora eu ache agora que não era tanto eu que ela via, mas sim o fruto do seu próprio empenho; não era eu que assombrava Corrine, mas seus próprios poderes.

— Você ainda não lembra? — perguntou ela.

— Não lembro?

— Da sua mãe. Suas lembranças ainda não voltaram?

— Não — respondi. — Mas tenho outras preocupações.

— É claro, me desculpe. Sophia.

— Estou preocupado que Nathaniel Walker faça uso dos direitos dele e leve Sophia para o Tennessee.

— Ah, não precisa se preocupar com isso — disse Corrine.

— Por quê?

— Porque fiz um acordo com ele faz um ano. Daqui a uma semana, eu terei a posse dela.

— Não entendi — falei.

Corrine me lançou um olhar de divertido interesse.

— Não? — disse ela. — Ela teve uma filha dele, não foi?

— Teve — respondi.

— Então você entendeu — disse ela. — Afinal de contas, você também é homem, uma criatura simples, de interesses severos, mas breves, sujeito a temporadas de luxúria que aumenta e diminui. Tal e qual seu tio, seu homem da ualidade, Nathaniel Walker. Ele agora está no Tennessee, tem todo um campo para desbravar suas paixões. Por que precisaria de Sophia?

— Mas ele mandou chamar Sophia — falei. — Não faz nem duas semanas que ele mandou chamar.

— Claro que sim — disse ela. — Como uma lembrancinha, talvez?

Corrine uinn era uma das agentes mais fanáticas que encontrei na Clandestinidade. Todos os fanáticos eram brancos. Consideravam a escravidão um insulto ou afronta pessoal, uma mancha ao seu bom nome. Tinham visto mulheres serem levadas para ser objeto de prazer, ou um pai nu sendo chicoteado na frente dos filhos, tinham visto famílias inteiras empilhadas como porcos em trens, barcos, cadeias. A escravidão os humilhava porque ofendia um sentido básico de bondade que acreditavam possuir. E quando seus primos perpetravam esses atos baixos, isso servia para lembrá-los de que era muito fácil fazerem o mesmo. Desprezavam seus irmãos bárbaros, mas continuavam sendo

irmãos. Então sua oposição era uma espécie de vaidade, seu ódio à escravidão superava qualquer amor pelo escravo. Corrine não era diferente, era capaz de casualmente me condenar ao buraco, condenar Georgie Parks à morte, caçoar do ultraje cometido contra Sophia.

Naquele momento, eu não tinha entendido isso ainda. O que eu sentia não era racional, era raiva, e não pela difamação de algo que eu possuía, mas de alguém que me sustentara durante a noite mais escura da minha vida. Mas não revelei esse sentimento. Eu vinha praticando a máscara muito antes de conhecer Corrine. Eu simplesmente disse:

— uero as duas fora. As duas.

— Não precisa — disse Corrine. — Eu tenho a posse da moça, portanto ela está salva.

— E Thena?

— Não é hora, Hiram. Tem muita coisa em jogo e precisamos tomar cuidado para não colocar nada em risco. Os poderes do condado de Elm diminuíram e estamos mais fortes, mas ainda é preciso ter cuidado. E eu já fiz muita coisa que pode despertar suspeitas. Tem o que nós fizemos em Starfall. A fuga de vocês dois, a fuga de Sophia. Ela contou que eu cuidei dela?

— Contou.

— Então você precisa entender. São muitas coisas para resolver ao mesmo tempo. Se nos descobrirem, muita gente vai sofrer.

Ela havia abandonado o tom de zombaria e estava a ponto de implorar.

— Hiram, escute o que eu digo. Seu serviço para a Clandestinidade foi de grande valor. Os relatórios sobre seu pai abriram possibilidades que sequer tínhamos considerado. Mesmo dominando a Condução, você se mostrou mais do que digno dos riscos que assumimos para tirar você. Só que são muitas coisas para equilibrar e ponderar. Que impressão passaremos se eu receber a posse da consorte de Nathaniel Walker e ela desaparecer? Thena criou um empreendimento com a lavagem de roupas. Será que as pessoas não vão fazer perguntas se ela deixar de aparecer? Precisamos tomar muito cuidado, Hiram.

— Você fez uma promessa — falei.

— Sim, eu fiz. E minha intenção é cumpri-la, mas não agora. Vamos precisar de tempo.

Olhei para Corrine com severidade. Era a primeira vez que olhava para ela sem o respeito que a Virgínia exigia. Ela estava sendo bastante razoável. Na verdade, estava certa. Mas eu estava bravo por ela ter zombado de Sophia e, além

disso, eu me sentia envergonhado por ter lançado Sophia à infâmia daquele tempo, por ter abandonado Thena para fugir e depois por permitir que ela fosse roubada, por minha mãe, a que eu não pude proteger, que não pude vingar, ter sido vendida. Tudo isso me perturbava e apareceu no olhar que lancei a Corrine.

— Você não pode fazer isso — disse Corrine. — Vai precisar de nós e não vamos permitir que você exponha a todos ao fio da espada por conta de suas paixõezinhas. Você não pode fazer isso.

Então um olhar de reconhecimento se espalhou e cobriu o rosto dela inteiro de horror quando enfim entendeu.

— Ou talvez possa... — disse Corrine. — Hiram, você vai trazer o inferno para nós todos. Pense. Pense além das suas emoções. Além da sua culpa. Você não tem o direito de pôr em perigo tudo o que pode ser resgatado. Pense, Hiram.

Mas eu estava pensando. Estava pensando em Mary Bronson e nos filhos que perdeu. Estava pensando em Lambert, sob o jugo do boi no Alabama, e em Otha, ainda percorrendo o país inteiro em busca de libertar sua Lydia. Em Lydia, que enfrentou todo tipo de ultraje pela chance de ter uma família.

— Pense, Hiram.

— Você me disse que a liberdade é senhora. Disse que ela é o maquinista. Disse que ninguém pode voar porque estamos presos ao trilho. ‘Eu sei’, você me disse. ‘E porque eu sei, tenho que servir’.

— Você sabe que eu não deixo de ter solidariedade — falou Corrine. — Sei o que aconteceu com você.

— Não, não sabe — falei e me levantei. — Você não tem como saber.

— Hiram — pediu ela —, prometa que não vai nos condenar.

— Prometo que não vou nos condenar — respondi.

Mas o jogo de palavras não era insensato da parte dela, e quanto menos for dito sobre o restante de nossa conversa, melhor, porque tenho por ela, tantos anos depois, o maior respeito. Ela falava com total convicção e sinceridade.

E eu também.

EU AGORA ESTAVA sozinho e se fosse preciso realizar a Condução seria pela minha mão apenas. Pelo visto, não havia mais como evitar minha partida. Eu teria que falar com ambas: Sophia e Thena. Resolvi que contaria a elas separadamente, porque minha confissão a Thena envolvia questões bem maiores do que a Clandestinidade. Então eu começaria com o que pensei ser a confissão mais simples: Sophia.

Thena começara a ter pesadelos que achávamos que era por causa do ataque. Então, nas noites difíceis, passamos a deixar Caroline embaixo com ela, para dormir em seu peito e acalmá-la. E foi em uma noite dessas que senti que tinha chegado a hora.

— Sophia — falei —, estou pronto para dizer para que e estou pronto para dizer como.

Ela olhava para o teto, então virou de lado, puxou a coberta de algodão cru e olhou para mim.

— É sobre onde eu estive — disse eu. — Sobre onde eu estava e o que aconteceu quando eu estava lá.

— Não era em Bryceton? — perguntou ela.

— Era. Mas isso é só o começo.

Mesmo no escuro, eu via seus olhos e aquilo era demais para mim. Rolei para ficar de costas. Respirei fundo e expirei.

Então contei a ela que, no tempo que passei fora, eu tinha visto outra terra, absorvido o ar simples do norte, que eu acordava a hora que queria e ia aonde bem entendia, que tinha treinado em Baltimore, passeado pelo carnaval da Filadélfia e rodado pelas terras altas de Nova York, que tinha feito tudo isso por conta da minha filiação àquela agência de liberdade conhecida por ela apenas através de sussurros e lendas: a Clandestinidade.

Contei como tinha acontecido, como Corrine uinn tinha me encontrado, como me treinaram em Bryceton, como Hawkins e Amy faziam parte da trama.

Contei que Georgie Parks tinha nos traído. Contei que ele tinha sido destruído e que eu fizera parte disso. Contei sobre a família White, sobre como tinham me amado, como tinham salvado Mary Bronson, como Micajah Bland dera sua vida. Contei que tinha conhecido Moisés, que Kessiah sobrevivera à pista de corrida, que se lembrava da mãe, que eu prometera conduzir Thena e que agora planejava conduzi-la também.

— Prometi tirar você daqui. E pretendo cumprir essa promessa.

Quando voltei a me virar, encontrei aqueles olhos à minha espera. Havia neles algo mortiço, nenhum choque ou surpresa, nenhuma emoção à mostra.

— Por isso você voltou — disse ela. — Pra cumprir sua promessa.

— Não. Voltei porque me mandaram.

— E se não tivessem mandado? — perguntou ela.

— Sophia, pensei em você o tempo todo — respondi, estendendo a mão e acariciando seu rosto. — Me preocupei com você, me preocupei com o que podiam ter feito com você...

— Mas enquanto você se preocupava — disse ela —, eu estava aqui. Sem saber o que ia acontecer. Sem saber o que tinha acontecido com você. Sem a menor ideia das intenções dessa Corrine.

— Ela conseguiu sua posse — falei. — Você não vai para o Tennessee.

Sophia sacudiu a cabeça e disse:

— E o que eu devo pensar disso tudo? Você volta com essa história e eu acredito, acredito mesmo, mas, Hiram, eu conheço você, só que não conheço eles.

— Mas você *me* conhece — falei. — Sinto muito pelo jeito que aconteceu, mas você ouviu o que eu disse, e eu ouvi tudo o que você disse desde o começo. E entendo que não é só você, tem Caroline. Mas vou tirar você. E Thena também.

— E você? — perguntou ela.

— Eu vou estar aqui até me mandarem embora. Eu sou parte disso agora. É maior do que eu e os meus desejos.

— Maior do que eu também — observou ela. — Maior do que essa menina que você disse que é sangue seu.

Houve um longo silêncio e Sophia ficou novamente de barriga para cima, olhando para o teto.

— Você ainda não disse como — disse ela. — Eu disse que precisava de um como.

— O como? — perguntei.

— É, isso.

— Vem comigo.

— O quê?

— Você disse que quer saber como. Bem, quer ou não quer?

A essa altura eu já descia a escada. Na porta, calcei as botinas e me enrolei no casaco. Olhei para trás e vi que Sophia olhava para Caroline, ainda ressonando de leve no peito de Thena.

— Vamos — falei.

Seguimos aquela rota que tinha se tornado sagrada para mim. Eu vinha praticando, experimentando como podia os poderes e o alcance da memória, de forma que, minutos depois, quando chegamos à margem do Goose, senti que estava no controle.

Eu olhei para Sophia e perguntei:

— Está pronta?

Ela revirou os olhos e assentiu. Segurei a mão dela e na outra apertei o cavalinho de madeira.

Então levei Sophia para a margem e enquanto caminhávamos falei daquela noite, daquele último dia de Festas em que estávamos todos juntos e quanto mais eu falava, mais eu sentia que era real para mim: Conway e Kat, Philipa e Brick, Thena cheia de raiva na frente do fogo ‘Terra, negrada, terra’, dissera. E me lembrei então de Georgie Parks, Amber e o menino deles. Me lembrei dos libertos: Edgar e Patience, Pap e Grease. E assim que pensei neles, senti que Sophia se assustou, porque apertou a minha mão e então entendi que tinha começado.

Uma barra de névoa cobria o rio e, acima dela, lá estavam eles, os fantasmas, voejando diante de nós naquele azul espectral. O grupo inteiro que estivera ali naquela noite das Festas. Georgie Parks com sua gaita, Edgar com o banjo, Pap e Grease cantando bem alto e todo o resto em círculos, dançando em volta do fogo. Nós escutávamos não com os ouvidos, mas em algum lugar profundo, debaixo da pele. A barra de névoa parecia viva, porque era como se seus dedos se movessem no ritmo da música, se estendessem para nós e, delicadamente, nos induzissem a participar.

Era simples aceitar aquele convite, bastava apertar o cavalinho de madeira.

Quando fiz isso, aqueles mesmos dedos se projetaram, nos dominaram, nos lançaram à frente e nos soltaram. Senti Sophia cambaleiar e agarrei sua mão.

quando ela se recuperou, olhou para mim completamente confusa. Então, quando olhamos à frente, vimos que a floresta estava ali, o rio, a névoa e os fantasmas atrás. E aí entendemos o que tinha acontecido: fomos conduzidos para a outra margem do rio.

Os tentáculos de névoa então se afastaram de nós e ouvimos a música subir de novo, cada vez mais alta, Georgie ainda com a gaita, Edgar com o banjo, enquanto o resto cantava e dançava. E então de novo os dedos de névoa vieram para nós, nos chamando com o ritmo. Tirei o cavalinho de madeira do bolso. Ele brilhou, azul, na minha mão. Olhei para Sophia e apertei de novo. A névoa nos arrebatou e levou para a outra margem. Quando nos soltou, Sophia cambaleou e caiu. Ajudei-a a se levantar, viramos de novo, ouvimos a música crescer e vimos, de novo, os dedos de névoa chamarem.

— É igual dançar — falei.

Apertei de novo, mas dessa vez Sophia se lançou à névoa com todo seu peso, entregou-se, montou o vento e, por fim, pousou firme nos pés. Apertei de novo e de novo fomos conduzidos. Apertei de novo e fomos conduzidos. Apertei de novo e fomos conduzidos. Então, pensei em minha antiga casa com Thena, em todos os meus dias lá, como tinha sido a vida para mim durante todos aqueles anos, então apertei de novo, e os tentáculos azuis nos arrebataram e, dessa vez, quando nos soltaram, nos vimos de volta na Rua. E quando a névoa recuou, a última imagem diante de nós foi de uma mulher fazendo a dança da água com seu jarro, até que, com toda a graça, ela inclinou a cabeça, o jarro deslizou, ela o pegou pelo gargalo, riu, bebeu dele, ofereceu a alguém invisível e desapareceu.

Ao voltarmos para a casa, Sophia subiu para o mezanino. Tentei acompanhar, mas despenquei e caí com tamanho ruído que acordei Thena.

— Que diabo vocês estão fazendo? — gritou ela.

— Saímos pra tomar um ar — disse Sophia.

— Um ar, é? — repetiu Thena, cética.

Sophia estendeu a mão, me ajudou a subir e em pouco tempo, mergulhei em um sono sem sonhos. Acordei cedo na manhã seguinte e me arrastei para as minhas tarefas.

Na noite seguinte, estávamos deitados no mezanino como sempre, com nossas conversas noturnas.

— Quando você viu a dança da água pela primeira vez? — perguntei.

— Nem me lembro — disse Sophia. — Na minha terra, todo mundo dança. Algumas pessoas têm mais talento, mas a gente aprende desde cedo. Faz parte do

lugar, sabe?

— Não sei — respondi. — Nunca soube de onde vem.

— Existe a história de um grande rei que veio da África em um navio negreiro com todo o seu povo. Mas, quando chegaram perto da costa, eles assumiram o controle, mataram todos os brancos, jogaram no mar e tentaram voltar pra casa. Só que o navio encalha e, de repente, um exército de brancos está atacando com canhões e tudo. Então o rei manda o seu povo andar pra dentro d'água, cantando e dançando enquanto andam, porque se a deusa da água tinha levado eles até ali então a deusa da água também levaria eles de volta.

“E quando a gente dança assim, com o jarro d'água equilibrado na cabeça, é em homenagem aos que dançaram nas ondas. Somos um povo que reverteu, entende? Como temos que fazer com tudo, sempre achar uma saída pra cada situação. Não foi o que você fez ontem de noite? Não é isso que você disse que faz? Reverte. Não é o que Santi Bess fazia também? Eu só conseguia pensar nela quando a gente voltou daquilo ontem de noite. Nesse rei. Na dança da água. Em Santi Bess. Em você.

“É igual dançar.’ Não foi isso que você disse? Foi o que Santi Bess fez. Ela não entrou na água. Ela dançou e passou essa dança pra você. E foi por isso que pegaram você, a Clandestinidade.”

— É — falei. — Eu tinha feito antes, mas nunca por escolha minha. Ficaram sabendo de mim, estavam me vigiando. Então depois que Maynard, bem...

— Foi isso que aconteceu, né? Foi assim que você saiu do Goose. É assim que você vai tirar a gente de Lockless.

— É assim. Mas tem um problema que eu ainda não resolvi. A coisa funciona com a memória. Quanto mais profunda a lembrança, mais longe ela pode levar a gente. Minha lembrança daquela noite de Festas está ligada ao Georgie, está ligada a esse cavalinho que foi presente meu para o filho dele. Mas, para levar a gente tão longe, preciso de uma lembrança mais profunda, preciso de outro objeto ligado a essa lembrança para ser meu guia.

— Que tal aquela moeda que estava sempre com você?

— Eu já tentei, mas ela não me leva muito longe. Uma coisa é atravessar um rio. Outra muito diferente é atravessar um estado. Precisa ser ainda mais profunda.

Sophia ficou calada por um momento, depois disse:

— É um poder e tanto. Deve ser por isso que você é importante pra essa Clandestinidade.

— É o que Corrine diz.

— E por isso que ela não libera você.

— É mais do que isso — falei. — Mas, sim, em grande parte.

— Então, Hiram. Qual é a sua intenção comigo, com Caroline? Como vai ser a nossa vida?

— Não sei. Pensei em instalar vocês em algum lugar. E aí poderia ir ver vocês de vez em quando.

— Não — disse ela.

— O quê? — perguntei.

— Nós não vamos.

— Sophia, é isso que a gente queria. Foi por isso que nós fugimos.

— “Nós”, Hiram — disse ela. — “Nós”, entende?

— Não tem nada que eu queira mais do que ir com você, deixar tudo para trás, mas você precisa entender o que me impede. Depois de tudo o que eu disse, depois de tudo que eu passei nessa guerra que existe em cima da gente, você precisa entender por que eu não posso ir embora.

— Não estou dizendo pra você ir embora. Estou dizendo que nós, a minha Carrie e eu, a gente não vai sem você. Vivi aqui tanto tempo vendo essas famílias se desmancharem. E agora eu formei uma com você, com um homem que, como você mesmo disse, tem o sangue da minha Caroline. Ela é sua família e eu sei que é uma coisa horrível de dizer, mas vou dizer assim mesmo: você é o pai dela, o melhor pai que essa menina vai ter na vida.

— Você sabe o que está dizendo? — perguntei. — Sabe do que você está se afastando?

— Não — disse Sophia. — Mas um dia vou saber e aí vou saber junto de você.

Nesse momento, senti uma coisa profunda e bonita. Uma coisa nascida ali na Rua e em todas as Ruas da América. Alguma coisa alimentada e nascida fora do Labirinto. Era o calor daquela lama. Era o alívio dos mal nascidos. Era encarar os fatos, fugir da realidade, da gravidade e do excremento do verdadeiro mundo onde todos vivemos.

Virei-me para dormir e senti Sophia chegar mais perto, passar o braço por baixo do meu, até sua mão encontrar minha parte quente e macia.

— Você sabe que está se acorrentando em uma coisa aqui.

Durante um momento, a única resposta foi o suave alento quente em minha nuca e ela disse:

— Não é prisão se é escolha minha.

★ ★ ★

Não, Thena e eu saímos em nossa ronda, recolhendo a roupa para lavar. Passamos o dia seguinte cuidando da água e das bacias, batendo os paletós e as calças e pendurando na sala de secagem do Labirinto. Sophia não estava conosco, tinha alegado doença por conta de Caroline. Mas não era doença, era parte do nosso plano, plano mal pensado por ora, no fim do dia, com as mãos raladas e os braços exaustos. Thena estava intratável.

— O que tem de errado com ela, Hi? — perguntou Thena.

Voltávamos pela Rua. O sol tinha se posto há tempos e nos movíamos como sombras pelo caminho, passando pelos pomares e pela floresta.

— Quereria que você tivesse escolhido uma moça com mais peito. Essa Sophia não sabe nada de trabalho.

— Ela trabalha muito bem — falei. — Trabalhou para você quando eu estava fora.

— Se é isso que você acha — disse Thena. — Para mim ela só começou a trabalhar mesmo depois que você veio. Como é que você vai se virar com uma mulher dessas, Hi? Tudo o que acontece na vida de um homem, como você vai conseguir com uma mulher que só trabalha pra que os outros vejam? Quando eu era moça trabalhava mais do que qualquer homem na minha terra, mais do que todos, até do que o meu homem. Eu era o terror dos campos de tabaco e ainda cuidava da casa. Claro que, às vezes, eu me pergunto o que foi que tudo isso me valeu além de uma pancada na cabeça e ter as economias da minha liberdade roubada. Então talvez essa moça sabe alguma coisa que eu não sei.

— Eu estive com a Kessiah — falei.

O dia inteiro eu tinha tentado puxar esse assunto de algum jeito, no meio da conversa. Sem conseguir falar com sutileza e sabendo que tinha que ser feito, escolhi o rumo mais direto.

Thena parou e olhou para mim.

— Quem?

— Sua filha — disse eu. — Kessiah. Estive com ela.

— Você tá falando isso porque ficou bravo com o que eu disse?

— Eu estive com ela, Thena — falei, com toda a firmeza que consegui.

— Onde?

— No norte — respondi. — Ela mora perto da Filadélfia. Foi levada para Maryland quando tiraram ela de você. De lá, ela escapou para o norte. Tem família. Um marido que é bom para ela.

— Hiram...

— Ela quer que você vá encontrar com ela — contei. — Quer que você vá para lá. Thena, não é brincadeira. Quando eu me despedi dela, prometi que levaria você. Prometi, e agora pretendo cumprir a promessa.

— Cumprir? Como?

E ali na floresta, igual tinha feito com Sophia, expliquei o que havia acontecido comigo, no que eu me transformara.

— Então é a Clandestinidade? — perguntou Thena.

— É — respondi. — E não é.

— Bem, qual das duas?

— Sou eu — falei. — Sou eu. E minha pergunta é se você aceita.

— Kessiah? — perguntou ela para ninguém em particular. — Da última vez que vi Kessiah ela era uma coisinha tão pequena. Teimosa pra diabo. Adorava o pai, sabe? E ele era tão duro. A gente tinha camélias. Era outro tempo... Kessiah ia nos fundos da casa e colhia as flores até eu...

Ela fez uma pausa, o rosto assumiu um ar confuso.

— Kessiah... — disse ela baixinho.

E então vieram as lágrimas, lentas, silenciosas, sem gemido ou soluço. Repetiu várias vezes o nome da filha, virou-se para mim e perguntou:

— Viu algum dos outros?

— Sinto muito — disse.

Foi então que veio o lamento, grave, profundo, roufenho, e ela gemeu para si mesma:

— Ah, meu Deus, ah meu Deus — repetia, scaudindo a cabeça. — Por que você me lembrou disso? Por que está fazendo isso? Você e a sua Clandestinidade? Que diabo me interessa? Eu me conformei, Hiram. Por que você está lembrando disso?

— Thena, eu...

— Não, você falou, agora vou falar. Sabe o que eu fiz? Você devia saber. Você que eu criei, me lembrar de uma coisa dessas! Fazer isso comigo!

“Nesta casa em que eu recebi você, quando você não era nada, e você vem aqui e faz isso comigo? Sabe o quanto me custou pra aceitar isso?”

Ela se afastou de mim, se afastou da cabana.

— Thena...

— Não, fique longe de mim. Você e a sua mulher, fiquem longe de mim.

Ela saiu correndo pela noite e fui atrás dela, tentei pegar seu braço. Ela se soltou, me acotovelou, me socou e conseguiu se soltar.

— Fique longe de mim, já falei! — gritou ela. — Longe! Como você tem coragem de me lembrar dessas coisas? Fique o mais longe possível de mim, Hiram Walker! Pra mim você morreu!

★ ★ ★

E surpreender. Eu já sabia o quanto o passado pesa. Sabia mais do que ninguém. Sabia de homens que tinham segurado as próprias esposas para serem chicoteadas. Sabia de crianças que tinham visto esses homens segurarem suas mães. Sabia de crianças que chafurdavam na lama com os porcos. Mas, pior de tudo, sabia como a lembrança dessas coisas nos transformava, como não conseguíamos escapar delas, como se tornavam uma parte horrível de nós. E devia saber disso desde muito cedo. Por que mais a lembrança da minha mãe teria sido arrancada, trancada?

Então quem era eu, naquele momento, ao ver Thena desaparecer na noite, para censurar o desejo dela de esquecer? Ah, eu entendia tudo. Voltei para casa, fiquei sentado lá por muitas horas, sabendo o quanto entendia a raiva de Thena. Durante toda a noite revirei isso, até que, deitado com Sophia, a pequena Caroline entre nós, entendi o que precisava ser feito. Kessiah seria sempre uma lembrança do que Thena perdera, do que fora tirado dela, de forma que, para ver a filha de novo, Thena precisava lembrar. Eu sabia que de jeito nenhum podia pedir isso a ela se não estivesse eu mesmo preparado para tal.

NA MANHÃ SEGUINTE, bem cedo, eu me levantei, puxei água para a lavagem, me limpei. Ao me dirigir ao palácio branco naquelas primeiras horas, pensei em todas as peças reunidas diante de mim, as migalhas de pão ao longo do caminho. Pensei naquele antigo rei africano que tinha revertido a situação e dançado nas ondas, como minha avó tinha feito e, com a bênção da deusa da água, conduzira seu povo de volta para casa. E o que significava eu ter visto minha mãe naquela noite com Maynard, dançando na ponte, pisando a *juba*, dançando acima e debaixo d'água, revertendo?

Mesmo que Thena concordasse e resolvesse ir, seria preciso uma lembrança poderosa para isso. Então, naquela manhã, depois de servir o café da manhã a meu pai e levá-lo para uma vistoria da propriedade, deixei que descansasse na sala e subi até o escritório, onde ele mantinha sua correspondência. Escrevi algumas linhas aos cuidados da Clandestinidade da Filadélfia. Eu tinha que tomar cuidado, é claro. Fiz uso de um pseudônimo local e enderecei a carta a uma das nossas casas seguras nas docas sul do Delaware e, por meio de código e desorientação, informei a Harriet o que eu tentaria. Não sei o que eu esperava naquele momento. E mais do que isso, eu não sabia, mesmo com a família em jogo, de que lado Harriet ficaria nessa luta. Mas ela dissera que, se eu precisasse de ajuda, devia avisar. E foi o que fiz.

Feito isso, fui buscar meu pai e juntos conferimos várias cartas, quase todas agora vindas do oeste. Seus olhos e mãos tinham ficado muito mais fracos, de forma que as li em voz alta, anotei suas respostas e preparei todas para serem enviadas. Feito isso, fomos para o quarto dele, ajudei-o a colocar uma roupa de trabalho. Em seguida, desci para o Labirinto, vesti meu macacão e o encontrei no jardim nos fundos da casa. Com pá e forcado, trabalhamos até o sol começar a baixar. Entramos, trocamos de roupa outra vez, servi o drinque da tarde ao meu pai e, como era sua tradição, ele logo adormeceu. A hora havia chegado.

Subi, entrei no quarto dele, olhei o gabinete de mogno e pensei de novo, envergonhado, em Maynard remexendo em coisas que não eram suas. Era uma vergonha absurda: nada naquela casa, nada na propriedade, nada na terra, podia ser chamado devidamente de propriedade de Howell Walker. No entanto, sendo da qualidade, sendo um pirata, isso nunca o impediu de alegar propriedade. Era apenas natural que Maynard fizesse o mesmo. Talvez eu devesse agir assim também.

Quando puxei a gavetinha de baixo, vi a caixa de pau-rosa ornamentada, os fechos brilhantes de prata, e não sabia dizer o que havia dentro. Passei a mão pela tampa da caixa e senti que, se escolhesse abri-la, as coisas nunca mais seriam as mesmas. E assim foi.

O que vi foi um colar de conchas e em um instante tive a certeza de que era o mesmo que eu tinha visto na noite em que meu irmão morreu, balançando no pescoço da dançarina, balançando no pescoço de minha mãe. E o que fiz então foi passar pelo pescoço para usá-lo e quando o fecho em forma de anzol se encaixou como um quebra-cabeça perdido, uma onda tremulou nos meus dedos, atravessou meu pulso e braços, até a parte mais profunda de mim, e caí para trás.

Quando me recuperei, soube que a onda, que só então diminuía, era a força da memória. A lembrança da minha mãe. E então, tudo o que eu sabia através das palavras dos outros tomou forma de retrato e imagem. A névoa e fumaça dos meus anos se dissiparam e pude ver minha mãe plenamente, sua imagem em todos os nossos breves anos juntos e vi também exatamente como o fim chegara a ela e quem o tinha provocado.

Confesso que precisei de todo autocontrole para não descer correndo aquela escada até o jardim onde pá e forcado ainda estavam plantados no chão frio, tirá-los dali e aliviar meu pai da breve faísca de vida que ainda restava em seu invólucro mortal. E não fazê-lo foi um testemunho do que eu senti estar em jogo, por aqueles que eu amava, que eu sabia contarem comigo para ter memória, e porque, para lembrar, eu tinha que viver.

Fechei a caixa e joguei de volta dentro do gabinete. Então enfiei o colar de conchas debaixo da camisa. Desci a escada. Meu pai estava acordado e pela janela vi que já era noite. Percebi que o que pareceram segundos tinha sido um tempo muito mais longo. Fui à cozinha, vi que preparavam a refeição de meu pai e me lembrei de que ele não ia jantar sozinho aquela noite. Levei para cima o primeiro prato, pão e sopa de tartaruga, e à mesa junto com meu pai, estava Corrine

uinn. Ela nada revelou nessa noite, mas, no final, quando voltaram à sala para o chá, mencionou para mim que achava que Hawkins queria falar comigo.

Desci até o estábulo, já prevendo o que ele teria a dizer. Hawkins estava ligado à Clandestinidade da Virgínia e, portanto, à palavra de Corrine uinn. Ela havia entendido, sem dúvida, que se não fosse capaz de me deter, talvez alguém que um dia vira o mundo como eu fosse. Já era tarde da noite. O ar estava claro e frio. A lua brilhava alta no céu. Encontrei Hawkins sentado dentro da carruagem, fumando um charuto. Quando me viu, ele sorriu e estendeu a mão para me oferecer um lugar.

— Sei por que você está aqui — falei. — Nada do que disser pode mudar o que vai acontecer.

— Hum — disse ele, e então pôs a mão no bolso. — Eu só queria oferecer um charuto.

— Não é só isso — falei.

— Não, não é.

Ele me deu o charuto.

— Eu sinto que fui duro com você, Hiram. Em parte por conta da minha posição, mas também pelas coisas que vi e como cheguei a essa posição. Você sabe que eu e minha Amy fomos tirados pela Corrine, não sabe?

— Sei.

— E sabe que a gente estava em Bryceton antes de ela chegar.

Fiz que sim.

— Então quero que você saiba o inferno que aconteceu naquele lugar. Não era aquela dancinha de sempre. Não era só a Tarefa. Edmund uinn era o branco mais perverso que o mundo já viu, tenho certeza. E você viu como estão as coisas agora? Viu como Bryceton veste uma máscara sempre que a realidade está por lá? Parece com a Virgínia de antigamente, não parece? E quando eles vão embora, a gente volta ao normal.

“Bryceton sempre foi assim, duas caras, mas o negócio de Edmund uinn era diferente. Durante muitos anos, vi o sujeito fazer pose de homem de Deus e de honra, brindando nas festas, dando dinheiro aos asilos, dinheiro que ganhava nas nossas costas. Me desculpe, Hiram, mas não consigo contar o que ele fez. O que posso dizer é que era tão mau que eu era capaz de qualquer coisa pra me livrar dele, pra salvar eu e os meus da raiva daquele homem. E essa chance veio com Corrine.

“Sou grato à ela. Sou mesmo, grato pelo que ela fez por minha irmã e por mim, por todos e cada um dos que saíram pela Clandestinidade da Virgínia. Nada é demais no serviço que presto pra ela, porque foram as tramas dela que livraram a gente daquele demônio e, mais, que botaram a gente na nova tarefa de afastar o Demônio maior a quem ele servia.”

Hawkins recostou, puxou a fumaça do charuto, cuja ponta brilhou, alaranjada no escuro e soltou fiapos de fumaça branca.

— Então quando ela me procurou e falou que um dos nossos, que tiramos da Tarefa como tantos outros, planejava agora ir contra ela, ir contra a gente, e me pediu pra falar com ele e fazer ele entender o que é verdadeiro e sensato, eu só pude obedecer.

— Não adianta. Você não sabe o que eu vi.

Mas ele continuou falando como se eu não tivesse dito nada.

— Vi muita gente sair pela estação da Virgínia e, meu rapaz, essas pessoas sempre, sempre traziam os problemas com elas. Nada sai como tem que sair em um resgate. Você mesmo viu. Bland no Alabama. Aquele sujeito que levou a filha com ele ano passado. Você sabe do que estou falando. Nunca acontece do jeito que a gente planejou. E, aqui no campo, pode ser difícil quando as pessoas não fazem como a gente precisa que elas façam.

“Veja você, por exemplo. O que a gente ouviu é que você é essa pessoa. Se você abrisse a porta. Estalaria o dedo, enrugaria o nariz e plantações inteiras desapareceriam.”

Hawkins riu para si mesmo.

— Não é bem assim que funciona.

— Eu tentei — falei. — Tentei...

Mais uma vez Hawkins me interrompeu.

— Mas pense que essa é a lição disso tudo. Às vezes, a gente esquece: é à liberdade que a gente serve, é contra a Tarefa. E liberdade é o direito de um homem fazer o que bem entende, não o que a gente acha que ele deve. E se você não foi como a gente achou, você foi o que tinha que ser.

Hawkins então se calou por um momento e ficamos ali sentados, fumando, o vento fresco soprando por nós.

— Eu não sei o que você viu, Hiram. Não sei o que aconteceu com as pessoas que você quer tirar daqui. E gostaria de dizer, gostaria muito, que o que você quer fazer não é o que eu faria. Mas não posso falar como se fosse dono da verdade, porque quem pode dizer o que eu faria pra sair, pra tirar minha Amy?

mês. Fiquei com tanto medo do que iam fazer com você. Mal podia acreditar. Tinha perdido mais um, e nem era pra Tarefa. Então devia ser eu. Alguma coisa em mim empurrava embora tudo o que eu amava. Aquilo me machucou, foi uma coisa horrível. Aí você voltou, só que não voltou sozinho. Voltou com histórias, histórias daquele quarto onde me violaram e me invadiram. E agora você me diz que tenho que voltar.

“O que eu vou dizer pra ela, Hi? O que eu vou ser? O que vou fazer quando olhar pra ela e enxergar todos que eu perdi?”

Ela levava as mãos à cabeça e chorava baixinho, suavemente. Puxei-a para mim, encostei sua cabeça em meu peito. E ali, abraçados na manhã, começou a contagem de nossas últimas horas em Lockless.

★ ★ ★

D ter ficado, não em Lockless como estava, nem em Lockless como a gente acreditava que logo ficaria. Sophia agora estava protegida sob a asa de Corrine que, apesar de qualquer demérito, sempre foi fiel à sua palavra. Mas quanto a Thena, a idade avançada e o ataque que sofrera aceleraram as coisas na minha cabeça. Meu pai, a essa altura, estava muito mergulhado em seus negócios e no comércio de seu povo, fazia tudo que podia imaginar para se manter à tona e escapar dos credores que pareciam um enxame ao seu redor. Não podia continuar assim, e não continuaria, embora eu não soubesse ainda. Mas mesmo que soubesse, havia a promessa que eu tinha feito a Kessiah e estava determinado a cumprir.

Esperei duas semanas por alguma resposta de Harriet. Mas como não recebi nenhuma, deduzi que não podia esperar ajuda, fato pelo qual eu não podia sentir nem raiva nem inquietação. Estava com a Clandestinidade fazia só um ano e sabia da intensidade do trabalho, compreendia a necessidade de preservar alianças. Então eu estava sozinho, uma estação da Clandestinidade em mim mesmo. Tinha atuado de um jeito mínimo na margem do Goose, mas conduzir como o velho rei africano, como Santi Bess, como Moisés, parecia fantástico. Eu tinha minhas lembranças. Todas elas. E um objeto com o qual esperava concentrar as energias daqueles anos perdidos-encontrados.

Nossa última noite juntos foi a mais fria daquela estação. Era um sábado, escolhido porque me daria um dia para me recuperar e voltar aos meus deveres

na segunda-feira sem levantar suspeitas. Reunimos o que achei que considerávamos um banquete: pão de milho, peixe, carne de porco salgada e couve. Comemos juntos, em silêncio, depois ficamos sentados na cabana para onde Thena tinha voltado. Ela entreteve Sophia com histórias da sua juventude e muita risada se deu por conta disso. E então chegou a hora. Houve uma despedida apressada. Falei a Sophia para me esperar no quarto e que, se eu não voltasse ao amanhecer, ela deveria me procurar na margem do rio.

Fora da casa, observei a noite vasta e clara, a lua brilhante como uma deusa, as estrelas suas descendentes, todos os seus fados, dríades e ninfas espalhados pelo cosmos. Então peguei a mão de Thena e seguimos pelas trilhas da floresta, a terra estalando e crepitando sob nossos pés, até chegarmos à margem do Goose. Eu não tinha contado a Thena o que esperar. Não sabia como fazer isso. Tudo que ela sabia era que eu tinha encontrado o caminho de Santi Bess e que Sophia havia testemunhado que era verdade. Então foi compreensível que ali, apertando minha mão, Thena tenha parado e olhado para cima. Ao fazer o mesmo, vi que o céu da noite, tão grande e claro momentos antes, tinha ficado coberto de nuvens. Fiapos de névoa subiam do rio, evidenciados pelo ruído que a água fazia ao bater na margem. O colar de conchas estava quente.

Continuamos a caminhar para o sul, ao longo da margem, e a névoa do rio começou a se adensar. Acima de tudo isso, pairava no escuro a ponte que havia levado tantos de nós para Natchez. Tínhamos seguido por dentro para evitar os Cães, que, mesmo com sua capacidade diminuída e infiltrada, ainda assolavam o campo. Demos a volta até estarmos no acesso à ponte e vi que a névoa tinha se adensado tanto que parecia que as nuvens tinham baixado e envolvido tudo. Mas não exatamente tudo porque ao longe, erguendo-se de onde a água devia estar, ou de onde a água costumava estar, a luminosidade azul brilhava em halos, retinindo como a memória. As conchas ardiavam embaixo da camisa, brilhantes como a Estrela Polar. Puxei o colar para fora.

Estava na hora.

— Por minha mãe — disse eu. — Por todas as muitas mães levadas por esta ponte da qual não há volta.

Olhei para Thena e vi que ela estava sob a luz azul suave que emanava do colar.

— Por todas as mães que ficaram — falei com uma das mãos na dela e a outra no seu rosto. — ue seguem em frente em nome das que não voltam.

uando me virei para a ponte e comecei a andar, os tentáculos de névoa lambeiram a estrutura e luzes azuis dançaram suavemente no que seria a outra extremidade, embora eu soubesse naquela noite que não era ela o nosso destino.

— Thena — disse eu. — Minha querida Thena. Eu falei muito de mim, mas nunca revelei a essência de tudo que me guiou, porque ficou tudo tanto tempo guardado, escondido em uma névoa tão densa como essa que nos cerca. Tinha que ser assim, porque eu era muito jovem para suportar o que aconteceu, muito jovem para sobreviver com a lembrança.

“Você sabe que minha mãe era Rose. E meu pai Howell Walker. Sou o produto dessa união abusiva. Eu não estava sozinho. Meu irmão, Maynard, nasceu dois anos antes de mim, filho da senhora de Lockless, e acreditavam que o sangue dele levava tudo o que havia de bom e nobre daquele velho lugar e que, algum dia, ele seria um herdeiro sábio e cuidadoso, porque o sangue era magia, ciência e destino. Mas eu desafiei esse sangue, e assim desafiei o destino, e acho que agora, sabendo tudo o que sei, que foi minha mãe perdida que fez tudo desse modo.

“Durante muito tempo não consegui ver, não consegui lembrar, mas agora vejo tudo. Os olhos brilhantes e alegres dela, o sorriso, a pele escura e avermelhada. Eu me lembro de suas histórias sobre como era o mundo, histórias trazidas pela água, histórias que ela só podia contar à noite, antes de dormir, se eu tivesse sido um bom menino naquele dia. Eu me lembro de que as histórias rebrilhavam na minha cabeça, enchiam minhas noites de cor. Eu me lembro de Cuffee, que escondeu o tambor em seus ossos. De Mami Wata, que viveu naquele paraíso debaixo do mar, onde todos nós chegaríamos depois da Tarefa e receberíamos a nossa recompensa.”

A névoa se fechou em torno de nós e senti a ponte desaparecer sob nossos pés. Thena ainda segurava a minha mão e eu sentia o calor se expandir do colar de conchas, as ondas que antes marcavam o rio agora calmas e baixas.

— Mas Cuffee, com o tambor escondido, estava no agora, no meio da Tarefa. Minha mãe tinha o bater do tambor em cada osso do próprio corpo. Havia histórias quando ela dançava, talvez mais verdadeiras do que as histórias de suas palavras. Eu me lembro de vê-la sapateando a *juba* com a irmã, Emma, do colar de conchas balançando, do jarro de água fixo na cabeça dela. Foram bons anos na Tarefa, bons anos. Mas a Tarefa é a Tarefa e me lembro de que minha mãe e minha tia Emma dançavam como dançavam porque sabiam que o que era bom não ia durar.

Então, eles vieram, os fantasmas que eu tinha visto voando naquela noite fatídica. Estavam à nossa volta e eu via que era o dia de Festas, um dia de Festas que eu tinha realmente vivido, quando tinha cinco anos, ainda nos bons tempos do condado de Elm, tanto que Howell Walker tinha mandado garrações de vinho para nós da Rua. Em torno da fogueira, minha mãe e minha tia Emma dançaram. Eu me lembro de que parei e observei, porque, embora o momento fosse evocado por mim, eu queria saboreá-lo. Quando tentei, no entanto, a lembrança começou a se apagar como uma vida mortal, como uma lembrança mortal, e entendi que tinha que continuar contando a história.

— O mundo mudou. O tabaco declinou. Eu me lembro de homens estranhos com seus rostos preocupados. E do solo ficando duro e das velhas moradias ao longo do Goose abandonadas aos gambás e ratos do campo. Eu me lembro de que havia menos tios; que os primos estavam em longas excursões sem fim. Éramos conduzidos pela ponte, para Natchez. E lembro porque eu estava lá.

Então, onde os fantasmas haviam dançado diante de nós, eu e Thena vimos que esses mesmos homens e mulheres caminhavam à nossa frente e no lugar dos seus olhares de grande alegria havia tristeza e uma angústia mais profunda do que o próprio rio. Em vez de seus braços e suas pernas dançando, eu vi que dos tornozelos aos pulsos estavam acorrentados.

— Me lembro de minha mãe ajoelhada ao lado da cama, me acordando e me levando para o luar. Durante três dias e três noites, vivemos na floresta entre os animais, dormíamos de dia e fugíamos de noite. Tudo que ela me dizia era que tínhamos que ir antes que a gente terminasse como a tia Emma, e embora eu fosse novo, entendi que tia Emma tinha sido vendida. Tínhamos que chegar ao pântano, esse era o objetivo, e de lá ir além, porque minha mãe não conseguia correr na água como a mãe dela.

“Mas eles nos alcançaram, os Cães. Nos pegaram e trouxeram de volta. Ficamos na prisão deles em Starfall. Eu estava lá com minha mãe e não conseguia entender direito. Eu estava tão perdido que, quando meu pai veio, acreditei de verdade que ele trazia a salvação. Ele era tão carinhoso, Thena. Pôs a mão no meu rosto e, quando olhou para minha mãe, vi que sofria.

“Por que você fugiu?”, perguntou para ela. ‘O que eu fiz pra empurrar você assim?’

“Mas da parte de minha mãe ele recebeu apenas silêncio e, quando perguntou de novo, ela ainda assim não falou. Vi então que o ar dolorido dele se deformou em raiva e entendi que a dor de meu pai não era por minha mãe, não era por

mim, mas por ele mesmo. Porque minha mãe via como ele era, via por trás de toda a fachada nobre e sabia como ele era, e era exatamente esse o sentido daquela fuga. Minha mãe entendia, tinha certeza de que ele a venderia, tinha certeza de que ele venderia a irmã dela e certeza de que ele venderia o próprio filho.

“Meu pai foi embora e minha mãe entendeu. Tirou o colar de conchas do pescoço, me entregou e disse: ‘Aconteça o que acontecer, você agora vai se lembrar de mim. Não se esqueça de nada do que viu porque logo, logo eu vou ser um fantasma pra você. Tentei ser a melhor mãe que eu pude. Mas a nossa hora chegou.’

“Então meu pai voltou com os Cães e me arrancaram dela, gritando, chorando, me arrancaram da minha mãe e ela ficou lá para ser vendida, enquanto eu seria levado de volta para Lockless.”

★ ★ ★

E , em nossa viagem, senti Thena pesar em meu braço. Era uma coisa estranha, como se alguma força tentasse arrancá-la e arrastá-la de volta para o buraco. As palavras que eu falava eram um poder. Nós não andávamos de fato, mas flutuávamos na névoa. Senti o calor em meu peito e o brilho azul da luz sendo irradiado. Eu não conseguia soltá-la.

— Voltamos a Lockless a cavalo, pelo qual ele tinha trocado Rose. Ele tinha tirado minha mãe de mim. Mas não bastava. Ele tirou também minha lembrança dela, porque, quando partimos, meu pai, com mais raiva do que eu já tinha visto, tirou de mim o colar de conchas. Eu fugi dele. Na manhã seguinte, corri para o estábulo, onde vi o mesmo cavalo pelo qual ele havia trocado minha mãe e ali, junto ao bebedouro, senti a primeira inclinação para o que está acontecendo agora, a Condução.

“Sentei ali e chorei. Uma dor tomou conta de mim até minha pele rachar, meus ossos se desarticularem, meus pequenos músculos romperem os tendões. Precisei me encolher, mas ainda assim uma onda me atravessou, me levou para fora do estábulo, pelo pomar, pelo campo, de volta à minha casa.

“A dor da lembrança, da minha memória tão aguda e clara, era mais do que eu podia suportar. Naquele momento esqueci, embora não me esquecesse de nenhuma outra coisa. Esqueci o nome de minha mãe, esqueci a justiça de minha

mãe, esqueci o poder de Santi Bess, de Mami Wata e voltei os olhos para a casa grande de Lockless.”

Então uma sensação dilacerante dominou o meu corpo e Thena era um peso tamanho que senti como se meu braço estivesse sendo arrancado. À minha volta, tudo era névoa e luz azul.

— Tanta gente... tanta gente me deu palavras... mas não podiam me dar a lembrança. Não podiam me dar a história...

Minhas palavras oscilavam. Senti que afundávamos para trás em... em alguma coisa, na névoa.

— Mas eu preciso ficar... e Sophia precisa ficar... Aquela criança, Caroline, ela precisa conhecer a Estrela Polar que...

Então, fiquei sem palavras. O calor em meu peito as expulsou e eu me sentia lançado de um rochedo. Ao cair, um feixe de lembranças também caiu à minha volta como folhas de um setembro amarelo. Estou comendo biscoito de gengibre debaixo do salgueiro. Sophia me passa o garrafão. Georgie Parks me diz para não ir. Estou caindo.

Então, da neblina veio uma voz, porque, quando a luz se apagou em mim, vi uma outra, verde, brilhante, chamando ao longe.

— ... que diz que nenhum homem deve estender sua rede à vista das aves, que somos nós, Hi, pois fomos tirados do nosso ninho e instalados no vale dos grilhões.

Eu flutuava de novo. Thena segurava minha mão.

— O que é isso? — gritou ela em meio à névoa.

A luz verde se aproximou e respondeu:

— É a Condução, minha amiga. É uma coisa antiga, que deve e vai permanecer.

Quando olhei para dentro da luz, ali estava ela, Harriet, agarrada à sua bengala, e com a outra mão, meu Deus, segurava a mão de Kessiah.

— Desculpe pela hora tardia, Hiram Walker — disse Harriet. — Mas foi difícil.

Eu não conseguia falar. Sentia as palavras como uma corda na qual estava pendurado. Olhei na direção de onde Harriet tinha vindo. As docas do Delaware surgiam em meio à névoa.

— Tudo bem, meu menino — disse Kessiah. — Volte. Estamos com ela agora. Tudo vai ficar bem.

H , . M não consigo descrever a fadiga e a dor que eu sentia. Gostaria de delinear uma ideia definitiva, uma descrição do rosto de Thena ao encontrar a filha recuperada dentre os perdidos. Mas eu estava caindo de novo, rolando em meio às lembranças da minha vida, rolando pelos anos, por Micajahs Bland e Marys Bronson, rolando por minhas muitas vidas, por casais livres e escravos nas fábricas, rolando pelos irmãos White, rolando de volta para o mundo.

ACORDEI EM UMA cama desconhecida, e como na manhã de um ano antes, quando fui conduzido para dentro do rio com Maynard, sentia todos os músculos pesados. Vi a luz do sol espiando entre as persianas fechadas. Estava naquele estado abalado e confuso em que muitas vezes nos vemos ao acordar, mas aos poucos as lembranças da noite foram voltando. Thena tinha ido embora.

Fiquei de pé. Queria saber a hora, então cambaleei até a persiana, puxei a barra e trouxe o sol para dentro. Era uma manhã de janeiro muito clara, luminosa. Quando me virei, caí no chão e teria ficado ali se Hawkins não tivesse entrado.

— Levou ela embora, não foi? — perguntou ele.

Hawkins me ajudou a voltar para a cama. Consegui sentar e senti a vida voltar às minhas pernas.

— Levou ela embora — repetiu.

Esfreguei os olhos, estiquei o pescoço para Hawkins e perguntei:

— Como?

— Você deve saber do melhor que eu — disse ele.

— Não, como? — perguntei de novo. — Como eu cheguei aqui?

— Sua mulher chamou a gente — disse ele. — A sua Sophia. Disse que encontrou você na porta da casa ontem de manhã, tremendo no chão frio, com febre, balbuciando. Mandou chamar a gente em Starfall. A gente sabia. Falamos com Howell. Dissemos que precisávamos levar você pra ser tratado na cidade, claro.

— Claro.

— Você sabe. A gente não sabia o que você podia falar naquele estado, com quem podia falar e a quem podia chegar. Então pensamos em ficar com você aqui. O que foi uma boa ideia, porque Thena foi embora e, mesmo que Howell não saiba exatamente tudo o que está acontecendo, ele logo vai perceber. E é uma coisa bem estranha como o desaparecimento dela combina com a sua febre.

Mas a gente não sabe de nada, não é? Nem aqui. Porque de jeito nenhum você teve alguma coisa a ver com isso. De jeito nenhum você faria alguma coisa pra contrariar Corrine. De jeito nenhum você colocaria a Clandestinidade da Virgínia em perigo.

— De jeito nenhum — repeti.

— Foi o que pensei. Assim que você melhorar, tem que se vestir e ir contar isso pessoalmente pra Corrine, entendeu?

À noitinha, eu me sentia quase normal. Me vesti e desci para a sala comunal da Hospedaria Starfall. Em uma mesa distante, havia três homens, agentes, tomando cerveja. Na extremidade da sala, um barman conversava com Corrine, que ria de alguma piada ou história. Estava com sua roupa de dama da sociedade: o rosto pintado, vestido bufante e bolsa. Fiquei parado na beira da sala, junto à escada, observei por um momento, pensei por que ela, o quê na Virgínia ou no norte tinha despertado o espírito de revolução? E o que fazia essa mulher, essa dama, que tinha tudo, arriscar tudo? Olhei para a sala, maravilhado com o que Corrine conseguira ali mesmo, no coração de Starfall, enraizado bem ali no cerne da escravidão.

Quando ela se virou e me viu, seu olhar de alegria desapareceu. Ela indicou uma mesa junto à lareira. Fomos até lá e quando estávamos nos sentando, ela disse:

— Então, você fez mesmo.

Eu não respondi.

— Nem precisa responder. Nós sabíamos o que você era, e a possibilidade disso já era aventada desde as histórias da sua avó. Hawkins sabia.

— Nada disso — respondi. — E não funcionou exatamente como eu queria.

— Mas ela foi.

— Ela foi — disse eu.

— Não gosto disso — falou Corrine. — É um problema. Eu preciso poder contar com os meus agentes. Tenho que saber o que eles pensam.

Sacudi a cabeça e ri.

— Você alguma vez ouviu a si mesma?

Ela se calou por um minuto, depois sorriu.

— Ouço, sim — disse. — Ouço. Mas preciso que me lembrem de vez em quando.

— Não duvido — falei. — Mas minha avó, Santi Bess, existiu antes de tudo isso, e a Condução faz parte de uma coisa mais antiga do que a Clandestinidade.

E assim como tenho certeza de que tenho que ser leal a você, tenho que ser leal a isso.

— E a outra moça, Sophia? Vai conduzir ela também?

— Vou ser leal a ela — falei. — Só posso dizer isso. Leal ao que ela fez por mim. É a segunda vez que ela me salva. Não posso esquecer por que eu estou trabalhando, e não pode haver nenhuma distância entre o tipo de trabalho e para quem eu trabalho.

O barman trouxe duas cidras quentes. Os agentes ainda conversavam. Tomei um gole da minha e disse:

— Elas não são um peso para mim, elas são a minha salvação. Elas salvaram a minha vida e se aparecer na minha frente qualquer situação em que eu sinta que devo salvar essas pessoas, eu vou salvar.

— Bem, então vamos precisar garantir que nada desse tipo aconteça — disse Corrine.

— E como fazer isso? — perguntei. — Estamos aqui no coração da coisa, na boca da fera. Mesmo que você tenha a posse de Sophia, o que mais se pode fazer?

Era a vez de Corrine se calar e foi o que ela fez, tomou sua cidra e observou a sala, deslumbrada com a própria obra.

★ ★ ★

Fano para entender o significado enigmático de Corrine, mas agora acho que o tempo todo vi os seus contornos. Meu pai morreu no outono seguinte e na sindicância ficaram claros os fatos de seus últimos dias. Ele havia levado Lockless a dívidas imensas, mas fora resgatado por Corrine uinn com a condição de que toda a propriedade e todos que permaneciam em seus limites passassem a pertencer a ela.

Um mês depois de sua morte, começamos uma transformação que deixava Lockless parecida com Bryceton em forma e função, o que significava, na aparência, uma propriedade da antiga Virgínia, mas em seu interior, uma estação da Clandestinidade. Arranjamos para que os poucos Tarefairos restantes fossem discretamente dispersos no norte do estado de Nova York, Nova Inglaterra e algumas áreas do noroeste, onde homens da Clandestinidade tinham suas terras.

E cada um que era mandado embora era substituído por um agente, que continuava seu trabalho por todo o estado e mesmo além, nos estados limítrofes.

Mas a administração da propriedade coube a mim. Não como eu imaginava. Mas lá estava eu, senhor putativo da mansão, agente da estação de Lockless.

★ ★ ★

Durante a partida de Thena, Hawkins me levou de volta para Lockless. Era noite quando chegamos e serviam o jantar do meu pai. Olhei para ele, que sorriu.

— Está melhor? — perguntou.

Inclinei-me para perto dele, e o colar de conchas que eu ainda usava balançou um pouco e apareceu por baixo da camisa.

— Estou — respondi ao meu pai.

Não me dei ao trabalho de olhar para ele quando disse isso. Não estava interessado em sua réplica. Mas queria que ele estivesse ciente de que eu agora sabia tudo que ele sabia, que perdoar era irrelevante, mas esquecer era como a morte.

Então fui para a Rua. Encontrei Sophia na cabana, ao fogão, preparando o jantar. Carrie estava na cama, puxava suavemente as cobertas e emitia vários sons infantis. Quando Sophia me viu, sorriu, veio até mim e me beijou delicadamente. Enquanto ela terminava o jantar, brinquei com Carrie. Comemos juntos, no mesmo canto onde comíamos com Thena. Coloquei Carrie no colo e limpei migalhas de pão dela. Sophia ficou ali, olhando para nós por um momento, sorriu, depois voltou a comer.

Dormimos todos no mezanino essa noite, porque embora Thena tivesse ido embora, havia a sensação de respeitar o lugar como casa dela. No meio da noite, ainda estávamos acordados. Sophia olhava para o teto, com Carrie adormecida em seu peito. Meus dedos estavam no denso cabelo de Sophia, torcendo suavemente as mechas em nenhuma forma específica.

— E a gente? — perguntei. — O que vai ser da gente agora?

Sophia tirou Carrie do peito, colocou entre nós dois e virou de lado, até ficar de frente para mim.

— Vamos ser o que a gente sempre foi — disse ela. — Clandestinos.

NOTA DO AUTOR

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA White foi inspirada na saga de William e Peter Still. Para saber mais sobre essa jornada — e conhecer as histórias de ex-escravos coletadas por eles —, recomendo a nova edição do livro de William Still, *The Underground Railroad Records* (Modern Library).

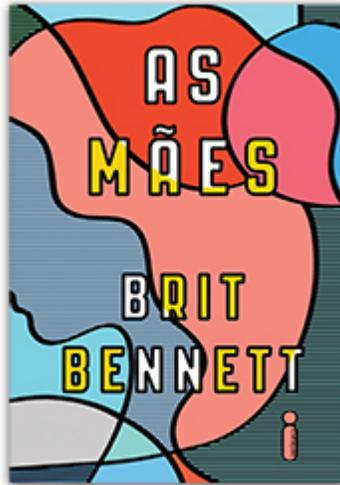
SOBRE O AUTOR



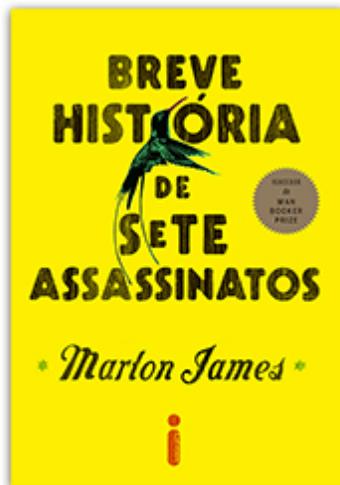
© GABRIEL A DEMCZUK

Ta-Nehisi Coates é escritor em residência no Arthur L. Carter Journalism Institute, na NYU. É autor dos *best-sellers* *The Beautiful Struggle*, *We Were Eight Years in Power* e *Entre o mundo e eu*, este último vencedor do National Book Award, em 2015. Ta-Nehisi é um beneficiário do MacArthur Fellowship e, atualmente, também autor dos quadrinhos da Marvel *Pantera Negra* e *Capitão América*.

LEIA TAMBÉM



As mães
Brit Bennett



Breve história de sete assassinatos
Marlon James



Ruby
Cynthia Bond



Território Lovecraft
Matt Ruff